UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO:
PROCESSOS MIDIÁTICOS E PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS

MATHEUS RAMALHO ORLANDO

# FUTEBOL, FASCISMO E JORNALISMO PARA A CULTURA DE PAZ: DO CONFLITO À MOBILIZAÇÃO, ENQUADRAMENTOS SOBRE TORCIDAS ANTIFASCISTAS

BAURU
2024

MATHEUS RAMALHO ORLANDO

# FUTEBOL, FASCISMO E JORNALISMO PARA A CULTURA DE PAZ: DO CONFLITO À MOBILIZAÇÃO, ENQUADRAMENTOS SOBRE TORCIDAS ANTIFASCISTAS

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus Bauru, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Comunicação, sob a orientação do professor doutor Carlo José Napolitano.

BAURU
2024

O71f

Orlando, Matheus Ramalho

Futebol, fascismo e jornalismo para a cultura de paz : do conflito à mobilização, enquadramentos sobre torcidas antifascistas / Matheus Ramalho Orlando. -- Bauru, 2024

206 f.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientador: Carlo José Napolitano

1. Torcidas antifascistas. 2. Futebol. 3. Fascismo. 4. Jornalismo para a cultura de paz. 5. Análise de enquadramento. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru.
Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

## Impacto esperado relacionado os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 16 - Paz, Justiça e Instituições Eficazes

A tese analisa a cobertura das torcidas antifascistas, destacando a necessidade de um jornalismo comprometido com a paz e a justiça. Alinhada ao ODS 16, a pesquisa defende uma mídia que promova sociedades inclusivas e combata a violência e a divisão, contribuindo para instituições mais eficazes, responsáveis e inclusivas. Essa abordagem reforça o papel do jornalismo na construção de uma sociedade democrática e igualitária.

---

## Expected impact related to the Sustainable Development Goals (SDGs)

Sustainable Development Goal 16 - Peace, Justice, and Strong Institutions.

The thesis examines the coverage of anti-fascist fan groups, highlighting the need for journalism committed to peace and justice. Aligned with SDG 16, the research advocates for media that promotes inclusive societies and combats violence and division, contributing to more effective, accountable, and inclusive institutions. This approach reinforces the role of journalism in building a democratic and egalitarian society.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE MATHEUS RAMALHO ORLANDO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.**

Aos 28 dias do mês de março do ano de 2024, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de MATHEUS RAMALHO ORLANDO, intitulada **Futebol, fascismo e jornalismo para a cultura de paz: do conflito à mobilização, enquadramentos sobre torcidas antifascistas**. A Comissão Examinadora foi constituida pelos seguintes membros: Professor Associado CARLO JOSÉ NAPOLITANO (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista, Professor Associado JOSE CARLOS MARQUES (Participação Presencial) do(a) Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista , Professor Associado MAXIMILIANO MARTIN VICENTE (Participação por Parecer Circunstanciado) do(a) Departamento de Ciências Humanas / UNESP/Câmpus de Bauru, Prof. Dr. LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Ciencias Sociais / Universidade Federal de São Carlos, Professor Doutor FELIPE TAVARES PAES LOPES (Participação Virtual) do(a) Faculdade de Educação Física / Universrsidade Estadual de Campinas . Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professor Associado CARLO JOSÉ NAPOLITANO

Dedicado a todos que acreditam e lutam por paz,
justiça social, democracia e direitos humanos,
ainda que pareça inalcançável e utópico.

## AGRADECIMENTOS

Para a Bianca, uma mensagem simplesmente para repetir o que já se sabia: obrigado pelo amor, pela amizade e pelo companheirismo, antes, durante e depois da produção desta tese.

Aos meus pais, Edilson e Lívia, e à minha irmã, Isabela, agradeço pelo sólido e eterno alicerce e pelo apoio incondicional ao longo de toda a jornada até aqui. Cumprimentos que estendo ao Joseney Rigon e à Rosa Polo, dois dos amigos mais presentes e interessados no desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço também a Henrique Ignácio da Costa, Marcelo Takabata de Campos, Silvana Unterrichter Rechtenthal, Pedro Henrique do Amaral e demais amigos e familiares que contribuíram, de alguma forma, nesta trajetória.

Obrigado ao professor Carlo José Napolitano por uma orientação competente, sensível e dedicada nos quase sete anos de parceria na pós-graduação.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão de bolsa (processo número 88887.601011/2021-00).

Amar es ir a ciegas
El corazón despega, mientras todo arde
Odiar es mucho más sencillo
El odio es el lazarillo
De los cobardes

¡Armémonos!
Armémonos de valor
¡Armémonos!
Armémonos de valor, hasta los dientes
El miedo salió de su fosa y hoy
Amar es cosa de valientes

¡Amémonos!
Amémonos porque sí
¡Amémonos!
Ahora mismo y aquí
Haciendo historia
Soltemos al aire nuestras octavillas
De la guerrilla de la concordia

Amar es ir a ciegas
El corazón despega, mientras todo arde
Odiar es mucho más sencillo
El odio es el lazarillo
De los cobardes

¡El odio es el lazarillo
De los cobardes!

¡Armémonos!
Armémonos de valor
¡Armémonos!
Armémonos de valor, hasta los dientes
El miedo salió de su fosa y hoy
Amar es cosa de valientes

Amar es cosa de valientes
Amar es cosa de valientes
Amar es cosa de valientes
Amar es cosa de valientes

Soltemos al aire nuestras octavillas
De la guerrilla de la concordia

Cuerpo a cuerpo, verso a verso
(¡Amar es cosa de valientes!) Es una guerra de guerrillas
Y hay un comando de poetas suicidas
rimando en las alcantarillas
Diciendo armémonos, armémonos de valor
hasta los dientes
Porque amar
¡Amar es cosa de valientes! (¡Amar es cosa de valientes!)

*La Guerrilla de la Concordia*, de Jorge Drexler.

## RESUMO

Esta tese de doutorado tem o objetivo principal de analisar a forma como as torcidas antifascistas foram retratadas pela imprensa e também o modo pelo qual esses coletivos se manifestaram em suas próprias páginas nas redes sociais, estabelecendo relações entre os dois tipos de posicionamento. A pesquisa é desenvolvida em um contexto de ascensão do autoritarismo e do conservadorismo no Brasil, o que tem impactado diversos setores da sociedade, incluindo o esporte. Nesse cenário, as torcidas antifascistas de futebol surgem com demandas que extrapolam os domínios futebolísticos, com pautas que dizem respeito à sociedade como um todo: clamam por justiça social, igualdade e democracia. Parte-se da hipótese de que os veículos de comunicação convencionais costumam fazer uma cobertura limitada e nem sempre aprofundada e questionadora quando os fatos fogem da normalidade, como é o caso da atuação das torcidas antifascistas no contexto brasileiro. O problema de pesquisa que orientou essa perspectiva foi: com base no caso das torcidas antifascistas, a imprensa esportiva tradicional pode melhorar e aprofundar sua cobertura? Na tentativa de responder a esse questionamento, a tese faz uso de pesquisa bibliográfica para conceituar e discutir três tópicos: a questão do fascismo e da viabilidade do uso deste termo nos dias atuais; as relações entre futebol e política, com destaque para a apresentação do que são as torcidas antifascistas; o jornalismo para a cultura de paz, com a defesa do uso dessa corrente comunicacional em coberturas esportivas. Em seguida, o trabalho se volta à análise propriamente dita: compõem o *corpus* do trabalho os jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* e as páginas de Facebook dos grupos de torcedores Palmeiras Antifascista e Coletivo Democracia Corinthiana, e são avaliadas, com o método da análise de enquadramento, publicações e postagens do período entre 2018 e 2022. Verificou-se que os jornais empreenderam uma cobertura limitada temporalmente, fiando-se mais pelo caráter de acontecimentos e focalizando questões de conflito, enquanto as torcidas abarcaram grande número de temas em seus posts, que foram, na maioria das vezes, direcionados para o objetivo de suscitar mobilização. A tese defende que se pode falar em fascismo na atualidade, sem cometer anacronismo: trata-se de ideologia calcada na violência e na divisão da sociedade, de maneira que o jornalismo para a cultura de paz é, nas coberturas em geral e também no esporte, uma corrente válida para que a mídia seja mais democrática, diversa e comprometida com a igualdade e a justiça social. Também se defende que todo o jornalismo adote uma postura comprometida com o antifascismo.



**Palavras-chave:** Torcidas antifascistas; Futebol; Fascismo; Jornalismo para a cultura de paz; Análise de enquadramento.

## ABSTRACT

This doctoral thesis aims to analyze how antifascist football fan groups have been portrayed by the media and how these collectives express themselves on their own social media pages, establishing connections between these two forms of representation. The research is conducted in a context of rising authoritarianism and conservatism in Brazil, impacting various sectors of society, including sports. In this scenario, antifascist football fan groups emerge with demands that go beyond the realms of football, advocating for social justice, equality, and democracy. The hypothesis is that conventional media often provides limited and not always in-depth coverage when events deviate from the norm, such as the actions of antifascist fan groups in the Brazilian context. The research problem guiding this perspective was: based on the case of antifascist fan groups, can traditional sports media improve and deepen its coverage? In attempting to answer this question, the thesis uses literature review to conceptualize and discuss three topics: the issue of fascism and the viability of using this term in contemporary times; the relationships between football and politics, with a focus on the presentation of antifascist fan groups; journalism for a culture of peace, advocating for the use of this communicational approach in sports coverage. Subsequently, the study turns to the analysis itself: the *corpus* includes the newspapers *Folha de S.Paulo* and *O Estado de S. Paulo*, and the Facebook pages of the fan groups Palmeiras Antifascista and Coletivo Democracia Corinthiana. Using the framing analysis method, publications and posts from the period between 2018 and 2022 are evaluated. It was found that newspapers provided temporally limited coverage, focusing more on the character of events and highlighting conflict issues, while fan groups addressed a wide range of topics in their posts, primarily aimed at mobilization. The thesis argues that it is possible to speak about fascism today without committing anachronism: it is an ideology based on violence and the division of society. Therefore, journalism for a culture of peace is a valid approach in general and in sports coverage, making the media more democratic, diverse, and committed to equality and social justice. It is also advocated that all journalism adopts a stance committed to antifascism.



**Keywords:** Antifascist fan groups; Football; Fascism; Journalism for a culture of peace; Framing analysis.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de postagem de autoria própria da página Palmeiras Antifascista.....120
Figura 2 – Exemplo de postagem que não é classificada como de autoria própria da página Palmeiras Antifascista.....121
Figura 3 – Imagem da postagem "O time que poderia ter sido".....122
Figura 4 – Palmeiras Antifascista enaltece postagem de Moisés.....124
Figura 5 – Exemplo de postagem com teor apenas torcedor.....126
Figura 6 – Postagem em repúdio à ditadura militar.....126
Figura 7 – Postagem sobre abandono parental.....127
Figura 8 – Postagem em apoio aos refugiados.....127
Figura 9 – Postagem em apoio à causa LGBTQIA+.....128
Figura 10 – Palmeiras Antifascista comenta sobre relação entre negritude e torcida pelo Palmeiras.....132
Figura 11 – Palmeiras Antifascista se manifesta contra o modelo das Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs).....133
Figura 12 – Exemplo de postagem compartilhada pelo Coletivo Democracia Corinthiana.....137
Figura 13 – Coletivo Democracia Corinthiana se manifesta contra a prisão de Lula.....139
Figura 14 – Lula e Sócrates: coletivo exalta lado corintiano do petista.....140
Figura 15 – Coletivo Democracia Corinthiana recepciona Lula.....141
Figura 16 – Em oposição a Jair Bolsonaro, Coletivo Democracia Corinthiana exalta "cultura da paz".....142
Figura 17 – Postagem com o subtema "Aniversário do Corinthians" sobre Alessandra Negrini.....145
Figura 18 – Postagem com o subtema "Aniversário do Corinthians" sobre Celso Unzelte.....145
Figura 19 – Postagem com o subtema "Aniversário do Corinthians" sobre Dom Paulo Evaristo Arns.....146
Figura 20 – Coletivo Democracia Corinthiana divulga encontro do grupo.....147
Figura 21 – Coletivo Democracia Corinthiana entrevista autor de livro sobre sequestros de crianças pela ditadura militar.....148
Figura 22 – Postagem em lembrança ao título da Libertadores do Corinthians.....150
Figura 23 – Publicação no Twitter do *Estadão* sobre o editorial *Uma escolha muito difícil*.....166
Figura 24 – Publicação no Twitter da *Folha* sobre o editorial *Na direção correta*.....167
Figura 25 – Postagem da Palmeiras Antifascista em solidariedade à causa indígena.....170

Figura 26 – Postagem do Coletivo Democracia Corinthiana em solidariedade à causa indígena.....170
Figura 27 – Palmeiras Antifascista promove campanha antirrascista e relembra Djalma Santos.....171
Figura 28 – Coletivo Democracia Corinthiana apoia Junior Urso contra o racismo.....172
Figura 29 – Palmeiras Antifascista se manifesta em apoio ao direito ao aborto.....172
Figura 30 – Coletivo Democracia Corinthiana celebra engajamento de torcedoras de times rivais.....173
Figura 31 – Palmeiras Antifascista explica o conceito de antifascismo.....174
Figura 32 – Palmeiras Antifascista relaciona o antifascismo aos protestos contra Bolsonaro.....175
Figura 33 – Palmeiras Antifascista relaciona antifascismo e futebol.....175
Figura 34 – Coletivo Democracia Corinthiana produz material histórico sobre a origem do clube e do movimento operário.....176
Figura 35 – Palmeiras Antifascista protesta contra o cerco nos arredores do estádio.....177
Figura 36 – Palmeiras Antifascista protesta, no estádio, contra preços dos ingressos.....177
Figura 37 – Coletivo Democracia Corinthiana pede “o povo” nas arquibancadas.....178
Figura 38 – Coletivo Democracia Corinthiana se envolve na política do clube.....178

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro comparativo entre os elementos que compõem o jornalismo para a paz e o jornalismo de guerra/violência.....78
Tabela 2 – Distribuição temporal dos textos sobre torcidas antifascistas na *Folha de S.Paulo*.....105
Tabela 3 – Nível de contextualização dos textos sobre torcidas antifascistas na *Folha de S.Paulo*.....106
Tabela 4 – Gênero dos textos sobre torcidas antifascistas na *Folha de S.Paulo*.....107
Tabela 5 – Tema dos textos sobre torcidas antifascistas na *Folha de S.Paulo*.....107
Tabela 6 – Enquadramento principal dos textos sobre torcidas antifascistas na *Folha de S.Paulo*.....109
Tabela 7 – Distribuição temporal dos textos sobre torcidas antifascistas no *O Estado de S. Paulo*.....112
Tabela 8 – Nível de contextualização dos textos sobre torcidas antifascistas no *O Estado de S. Paulo*.....113
Tabela 9 – Gênero dos textos sobre torcidas antifascistas no *O Estado de S. Paulo*.....114
Tabela 10 – Tema dos textos sobre torcidas antifascistas no *O Estado de S. Paulo*.....115
Tabela 11 – Enquadramento principal dos textos sobre torcidas antifascistas no *O Estado de S. Paulo*.....116
Tabela 12 – Distribuição temporal das publicações da página Palmeiras Antifascista.....118
Tabela 13 – Nível de contextualização das publicações da página Palmeiras Antifascista.....119
Tabela 14 – Gênero dos textos das publicações da página Palmeiras Antifascista.....119
Tabela 15 – Tema das publicações da página Palmeiras Antifascista.....123
Tabela 16 – Enquadramento principal das publicações da página Palmeiras Antifascista.....129
Tabela 17 – Distribuição temporal das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana.....134
Tabela 18 – Nível de contextualização das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana.....135
Tabela 19 – Gênero dos textos das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana.....135
Tabela 20 – Tema das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana.....138
Tabela 21 – Enquadramento principal das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana.....149

Tabela 22 – Quantidade de publicações dos jornais e das torcidas.....152
Tabela 23 – Nível de contextualização das publicações dos jornais e das torcidas.....153
Tabela 24 – Gênero textual das publicações dos jornais e das torcidas.....153
Tabela 25 – Tema das publicações dos jornais e das torcidas.....155
Tabela 26 – Enquadramento principal das publicações dos jornais e das torcidas.....156

**SUMÁRIO**


**1 INTRODUÇÃO....17**

**2 FASCISMO E ANTIFASCISMO....22**

**2.1 Fascismo: um olhar histórico....22**

**2.2 Fascismo nos dias de hoje....26**

2.2.1 O passado mítico....30

2.2.2 Propaganda....32

2.2.3 Anti-intelectualismo....34

2.2.4 Irrealidade....35

2.2.5 Hierarquia....38

2.2.6 Vitimização....39

2.2.7 Lei e ordem....40

2.2.8 Ansiedade sexual....41

2.2.9 Sodoma e Gomorra....42

2.2.10 Arbeit macht frei....43

2.2.11 O fascismo como uma ameaça constante....44

**2.3 Antifascismo....45**

**3 FUTEBOL E TORCIDAS ANTIFASCISTAS....50**

**3.1 Futebol e política se misturam....50**

**3.2 O futebol no século 21: mercantilização e arenização....53**

**3.3 O que são as torcidas antifascistas....59**

**4 JORNALISMO PARA A CULTURA DE PAZ E POSSIBILIDADES DE CONEXÃO COM O ESPORTE....69**

**4.1 O jornalismo para a cultura de paz....69**

**4.2 Jornalismo para a cultura de paz e jornalismo esportivo: uma aproximação possível e necessária....83**

**5 ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO: COBERTURAS JORNALÍSTICAS E O POSICIONAMENTO DE TORCIDAS ANTIFASCISTAS....94**

**5.1 A análise de enquadramento como método de pesquisa....95**

5.1.1 Definição do objeto....98

5.1.2 Observação....98

5.1.3 Descrição....104

5.1.4 Interpretação.....105
**5.2 Análise dos textos da *Folha de S.Paulo* sobre torcidas antifascistas.....105**
**5.3 Análise dos textos do *O Estado de S. Paulo* sobre torcidas antifascistas.....112**
**5.4 Análise das publicações da página Palmeiras Antifascista.....118**
**5.5 Análise das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana.....134**
**5.6 Relações entre as coberturas dos jornais e as postagens das páginas de torcedores.....151**
**5.7 Discussão dos resultados: uma articulação em prol do jornalismo esportivo para a cultura de paz.....159**
**6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UM JORNALISMO ANTIFASCISTA.....180**
**REFERÊNCIAS.....186**
**APÊNDICES.....201**
**APÊNDICE A - Links de acesso às planilhas que contêm as análises realizadas nos jornais e nas páginas de torcedores.....201**
**APÊNDICE B – Entrevistas.....202**

# 1 INTRODUÇÃO

O cenário político e social brasileiro tem sido marcado por uma ascensão do autoritarismo e da extrema-direita, o que tem impactado diversos setores da sociedade, incluindo o esporte. As torcidas antifascistas de futebol aparecem, nesse contexto, como grupos de torcedores que têm demandas que extrapolam os domínios futebolísticos, com pautas que dizem respeito à sociedade como um todo.

Esta tese tem o objetivo principal de analisar a forma como as torcidas antifascistas[1] foram retratadas pela imprensa e o modo pelo qual esses coletivos se manifestaram em suas páginas nas redes sociais.

A pesquisa aqui proposta surge a partir de uma dupla inquietação. A primeira tem relação com todo o contexto político brasileiro dos últimos tempos, de recrudescimento do reacionarismo e exaltação da violência, o qual não foi ignorado pelo meio do futebol e do esporte. Atletas, dirigentes, jornalistas e torcedores se envolveram, de inúmeros modos, nessa discussão central, que mobilizou toda a sociedade.

Um dos grupos mais atuantes e que mais chamaram a atenção nesse turbilhão talvez tenha sido o das torcidas antifascistas. Se o debate público a respeito de torcidas sempre esteve pautado, primordialmente, pela relação entre torcidas organizadas e violência, as torcidas antifascistas subvertem essa máxima ao abordarem assuntos além do futebol, como direitos humanos, democracia, preconceito, racismo, machismo, homofobia e outros, e também ao trazerem à tona, em sua própria denominação, ao chamarem a si mesmas de antifascistas, o conceito de fascismo.

Portanto, a primeira inquietação que dá origem a esta tese está associada à polêmica, instigante e controversa atuação das torcidas antifascistas, que se mobilizaram nas ruas e nas redes em prol de determinadas causas e, em ação que para muitos poderia ser inconciliável, também para simplesmente manifestar apoio e paixão por seus times de futebol. Como entender as dinâmicas que explicam a existência e o campo de ação das torcidas antifascistas?

Já a segunda inquietação está apoiada na questão da comunicação midiática, área do conhecimento em que se insere esta pesquisa. Diante do já citado aumento do autoritarismo e do protagonismo da extrema-direita, boa parte da mídia tradicional brasileira pareceu

[1] Esta tese opta por fazer uso do termo “torcidas antifascistas” para se referir aos grupos de torcedores de futebol que se reúnem para torcer e para discutir e realizar ações de cunho político, sempre com teor progressista e de esquerda. Há a possibilidade do uso de outros vocábulos: Lopes (2023), por exemplo, propõe a denominação de coletivos ativistas de torcedores (CATs), conforme este trabalho mostra a partir da página 61.

permanecer em compasso de espera, como se estivesse na expectativa de que agentes ao mesmo tempo intrínsecos e externos ao sistema político, "as instituições", resolvessem um problema que só crescia. Houve, na mídia, uma inação e um estado de choque diante do palanque dado a determinadas figuras e frente a certos acontecimentos que abriram caminho para que vozes antidemocráticas se espalhassem e chegassem a múltiplos espaços de poder, inclusive por força do voto. Ademais da inoperância de boa parcela do aparato jornalístico brasileiro, setores da mídia atuaram, intencionalmente ou não, no sentido de impulsionar o crescimento da extrema-direita.

Esta pesquisa foi desenvolvida, então, com o intuito de mesclar as duas inquietações, unificando, em um mesmo estudo, aspectos sobre futebol e torcidas antifascistas e também sobre o papel do jornalismo frente a situações limítrofes. Pensou-se, então, no já mencionado objetivo do trabalho: verificar como foi a cobertura da imprensa a respeito das torcidas antifascistas e examinar como as torcidas antifascistas se portaram em seus espaços de manifestação. O problema de pesquisa que orientou essa perspectiva foi: com base no caso das torcidas antifascistas, a imprensa esportiva tradicional pode melhorar e aprofundar sua cobertura?

Partiu-se da hipótese de que os veículos de comunicação convencionais, excessivamente habituados ao noticiário "comum" do dia a dia futebolístico (resultados, treinamentos, contratações, campeonatos etc.) costumam entregar uma cobertura limitada e nem sempre aprofundada e questionadora quando os fatos fogem da normalidade – um exemplo é justamente a atuação das torcidas antifascistas no conturbado Brasil dos últimos anos. Por outro lado, as mídias independentes tendem a ser mais incisivas, e, ao usufruírem da liberdade de expressão do pensamento, costumam abordar pontos negligenciados pela imprensa convencional – e, nesse caso, as torcidas antifascistas, ao fazerem uso de aparatos comunicacionais, se comportaram como agentes midiáticos independentes.

A fim de estruturar o trabalho, a tese foi dividida em capítulos, que ao longo do presente texto também são referidos como seções – de modo que as divisões internas dos capítulos podem ser chamadas de subcapítulos, subseções, subitens ou subtópicos. São, no total, seis capítulos, em contagem que inclui esta introdução e as considerações finais.

O capítulo 2, *Fascismo e antifascismo*, busca fazer uma conceituação do termo fascismo e de seu antagonista léxico, o antifascismo. Sentiu-se a necessidade de promover essa discussão pelo fato de as torcidas que ensejam este estudo chamarem a si mesmas de antifascistas; valia a pena, portanto, mergulhar nesse conceito a fim de entender se a palavra fascismo é pertinente para os dias atuais e para o cenário brasileiro.

Nesta tese, defende-se que, sim, é válido falar em fascismo como uma ameaça à democracia e aos direitos humanos nos tempos contemporâneos. Baseado principalmente em textos de Jason Stanley, estudioso sobre o tema, o capítulo 2 enxerga o fascismo não somente como aquele fenômeno histórico da Itália na primeira metade do século 20, mas como uma ideologia capaz de transfigurar para penetrar e se moldar aos mais variados contextos políticos. Trata-se de uma corrente apoiada na divisão e no conflito, em que parcela da sociedade precisa se submeter aos ditames de outra.

Na sequência, o capítulo 3, *Futebol e torcidas antifascistas*, aborda como o futebol é impactado pela política e vice-versa. Sustenta-se o ponto de vista de que, ao contrário do que pode ditar o senso comum, o futebol e a política não são campos isolados entre si, mas aspectos da vida humana que apresentam pontos em comum, sobreposições e relações profundas.

O capítulo 3 também introduz o tema das torcidas antifascistas propriamente ditas, a partir de contextualização a respeito dos fatos na história do futebol que possibilitaram o aparecimento desse tipo de coletivo. Também são expostos pontos de vista, demandas e modos de atuação desses grupos. O objetivo é o de contextualizar o lugar do futebol em meio à ascensão da extrema-direita no Brasil, traçando paralelos com o cenário internacional.

Depois, o capítulo 4, intitulado *Jornalismo para a cultura de paz e possibilidades de conexão com o esporte*, traz conceitos e definições sobre o jornalismo para a cultura de paz, corrente teórica que pretende apresentar parâmetros diferentes do convencional na cobertura de conflitos. Ancorado principalmente em estudos de Johan Galtung, o texto discorre sobre os conceitos de violência e paz, aborda os estudos para a cultura de paz e preconiza o jornalismo para a paz como um modo de fazer comunicacional viável e fundamental no enfrentamento ao fascismo, o qual se apoia em diversos tipos de violências e conflitos para se impor.

É ainda o capítulo 4 que propõe uma conexão dos preceitos do jornalismo para a cultura de paz com a mídia esportiva. Quando se fala em violência no esporte, a cobertura tende a focalizar aspectos mais nítidos e facilmente identificáveis, como brigas entre torcedores. Contudo, a tese enxerga a violência, inclusive a violência no esporte, como um fenômeno mais amplo e multifacetado, de maneira que a mídia esportiva poderia lançar mão de estratégias diferentes para cobrir a violência e, consequentemente, entregar um trabalho mais democrático, plural, diverso e respeitoso em relação aos direitos humanos.

Os capítulos 2, 3 e 4 conduzem ao capítulo 5, A*nálise de enquadramento: uma comparação entre coberturas jornalísticas e o posicionamento de torcidas antifascistas*, que se detém de modo mais claro e direto no objetivo da tese. A partir do método da análise de enquadramento, ou *framing*, é feita uma avaliação sobre como a *Folha de S.Paulo* e o *O Estado*

*de S.Paulo*, dois dos jornais mais importantes de São Paulo e do Brasil, cobriram a atuação das torcidas antifascistas entre 2018 e 2022.

Além disso, a tese verifica de que modo se deu o posicionamento, em suas *fanpages* no Facebook, de duas das mais relevantes torcidas antifascistas paulistas, Palmeiras Antifascista e Coletivo Democracia Corinthiana, no mesmo período.

Por fim, o capítulo final da tese, *Considerações finais: por um jornalismo antifascista*, formula os últimos apontamentos a respeito da pesquisa. São apresentadas conclusões e os objetivos e hipóteses inicialmente propostos são retomados.

O entendimento que se tem neste trabalho, diante de todos os estudos realizados, é o de que o fascismo é uma realidade dos dias atuais e uma ameaça constante a todos que valorizam a democracia, os direitos humanos, a liberdade de expressão, a civilidade, a pluralidade de ideias, a diversidade de mentes e corpos e a possibilidade da existência pacífica.

Assim, o jornalismo para a cultura de paz seria a base para um jornalismo antifascista: não necessariamente um jornalismo que apoie determinados políticos ou partidos e não restrito a mídias alternativas, mas disseminado e praticado por todos os veículos enquanto postura ética fundamental ao exercício do jornalismo. Não se tem aqui a esperança utópica de que toda a mídia vá aderir a essa proposição de ideias, tampouco a crença de que somente o jornalismo, de modo isolado, conseguirá lidar com o fascismo e os problemas dele decorrentes.

Contudo, cabe à pesquisa científica colaborar para o debate e para o desenvolvimento pacífico e democrático da sociedade – e é nesse sentido que esta tese pretendeu contribuir. Este objetiva ser, portanto, um estudo que parte do esporte para dialogar com questões fundamentais da sociedade e da atualidade.

O tema e a pesquisa aqui propostos se justificam pois, no Brasil e em todo o mundo, a liberdade de expressão e os direitos humanos são colocados em xeque diariamente. Essa situação também se dá no esporte, mas o que acontece no mundo do futebol nem sempre é tratado com a mesma seriedade, tanto por imprensa quanto pela sociedade, como se os espaços esportivos fossem um mundo à parte. A mídia precisa ser atuante no combate a desigualdades e ilegalidades, e é papel central da academia se inserir nesse debate para cobrar mudanças, refletir, debater e propor ideias.

Pode-se citar, entre as dificuldades durante a elaboração do trabalho, o desafio de chegar a um *corpus* que fosse, ao mesmo tempo, factível de ser analisado e representativo o suficiente para originar bons parâmetros de análise. E, ao passo que o tema fascismo é amplamente estudado, com inúmeras possíveis fontes, o antifascismo, especialmente o antifascismo

torcedor, tem menos opções de bibliografia – tentar encontrar um equilíbrio entre esses dois pontos foi fundamental.

De todo modo, acredita-se que a presente pesquisa possa contribuir para o debate sobre a politização torcedora e, principalmente, para o desenvolvimento do jornalismo. Outra intenção é que a presente pesquisa possa incentivar e colaborar no desdobramento de novos estudos.

# 2 FASCISMO E ANTIFASCISMO

Se o tema desta tese envolve torcidas antifascistas no futebol paulista, é preciso, antes de tudo, conceituar fascismo e antifascismo. Afinal, o que seria esse fascismo contra o qual determinados grupos antifascistas protestam e lutam? Este capítulo se debruça sobre as concepções de fascismo e antifascismo, notadamente no contexto brasileiro, e propõe que esses são termos que podem ser empregados na atualidade sem cometer qualquer tipo de anacronismo.

## 2.1 Fascismo: um olhar histórico

Ainda que "fascista" tenha se tornado uma espécie de palavra genérica, uma acusação usada desde o fim da Segunda Guerra Mundial em variadas situações, por pessoas e organizações de diferentes perfis contra indivíduos ou grupos bastante diversos, é necessário situar o termo dentro de um quadro mais específico, estabelecendo limites.

Em parâmetros históricos, pode-se remeter o surgimento do fascismo, enquanto palavra e também enquanto ideologia, à Itália. De acordo com Finchelstein (2019), foi no país peninsular europeu, em 1919, que nasceram o termo e o movimento fascismo, criados por Benito Mussolini, ainda que as origens ideológicas do fascismo tenham raízes anteriores. Para o autor, o fascismo começou a ser gestado como uma reação às revoluções inauguradas com a Revolução Francesa, em 1789 (sob influência do Iluminismo e seguida por acontecimentos similares em várias partes do mundo), antes de ganhar contornos explícitos como um movimento organizado – ou movimentos organizados, no plural, já que o fascismo não se restringiu somente à península italiana.

Naquele momento, as ideias fascistas ganharam adeptos por toda a Europa, Ásia Oriental e do Sudeste, Oriente Médio e América Latina. Em determinados aspectos, o fascismo não tinha preceitos rígidos e fechados, de modo que seus ideais eram adaptáveis para diferentes situações (Finchelstein, 2019). Contudo, qualquer fascismo surgido no pós-Primeira Guerra Mundial tinha algumas características básicas: autoritarismo, racismo, discriminação contra determinados grupos, anticomunismo, antiliberalismo, práticas antidemocráticas, repressão e violência. Desde que dentro desse arcabouço ideológico, havia certa fluidez conceitual que permitia que o fascismo se adaptasse a diversas realidades, fator que permitiu o espalhamento desse tipo de corrente ideológica por muitos países.

A Itália e a Alemanha são os casos mais famosos de países em que políticos fascistas de fato chegaram ao poder no período entre as duas guerras mundiais, mas Espanha e Portugal também podem ser mencionados. Em outros locais, o fascismo ganhou muitos adeptos, porém sem efetivamente ocupar os cargos políticos mais relevantes: Reino Unido, França, Estados Unidos e até mesmo o Brasil. Finchelstein (2019, p. 62) explica que, para Mussolini, os diferentes fascistas partilhavam uma "alma única". Ou seja, o fascismo tinha um denominador comum, um núcleo, mas era também aberto a variações.

Os princípios mais básicos do fascismo eram, conforme Finchelstein (2019): um conjunto de tropos (metáforas) dominantes; valores pervertidos e sentimentos sobre a violência; a guerra; a trindade de líder, povo e nação; o mito; o sagrado; e o abjeto. Além disso, os fascistas também tinham como matriz alguns binários, tais como "nós contra eles", "civilização contra barbárie" e "o povo contra seus inimigos".

> A minha definição histórica do fascismo como uma ideologia mítica mundial com movimentos nacionais distintos destaca as ligações entre esses binários e os elementos modernos, contrarrevolucionários, ultranacionalistas, antiliberais e antissocialistas do fascismo que ganharam forma na tempestade perfeita dos anos entre as duas guerras mundiais: as crises duplas do capitalismo e do liberalismo. Nesse contexto, o principal objetivo do fascismo era destruir a democracia a partir de dentro e criar uma ditadura totalitária. A destruição da democracia, por sua vez, destruiria a sociedade civil, a tolerância política e o pluralismo. A nova legitimidade da ordem fascista baseava-se no poder do líder, do povo e da nação. O fascismo foi formulado com base numa ideia moderna de soberania popular, mas uma soberania na qual a representação política era eliminada e o poder era totalmente delegado ao ditador, que agia em nome do povo. (Finchelstein, 2019, p. 64)

O fascismo agia a partir das entranhas da democracia com o intuito de destruir a própria democracia e instaurar uma ditadura. O fascismo enaltecia o totalitarismo, se apegava a valores nacionalistas, cerceava a imprensa e as liberdades, destruía o Estado de Direito e silenciava as pluralidades e diversidades, sendo que perseguições violentas eram comuns. A violência enquanto instrumento político era naturalizada, pregada e efetivamente posta em prática – o nazismo, na Alemanha, foi a modalidade de fascismo que levou a violência aos níveis máximos. A versão brasileira do fascismo, naquele momento, foi chamada de integralismo. Os fascistas propunham que o líder da nação deveria ser uma forma divina, messiânica e carismática: o ditador representaria, automaticamente, os desejos da nação.

Alguns historiadores defendem que fascismo seria um termo restrito ao contexto histórico original. Ou seja, consistiria na ideologia e no regime iniciados na Itália e derrotados na Segunda Guerra Mundial. Situações análogas, movimentos parecidos ou pensamentos similares, bem como desdobramentos socioculturais e políticos do fascismo registrados nas

décadas seguintes e na atualidade receberiam outras nomenclaturas, a depender da corrente acadêmica ou da autoria envolvida: neofascismo, pós-fascismo, populismo, entre outras.

Traverso (2019) atesta o crescimento, nos últimos anos, de uma extrema-direita radical, nacionalista e xenofóbica como um acontecimento global e reconhece que esse fenômeno desperta a memória do fascismo "original", mas prefere apontar algumas diferenças terminológicas e chama o momento atual de pós-fascismo.

> Qualquer tentativa de definir este novo fenômeno nos faz comparar com os anos do entre guerras. Em resumo, o conceito de fascismo parece ser inapropriado e indispensável para se compreender esta nova realidade. Portanto, chamarei o momento atual de um período de pós-fascismo. Este conceito enfatiza sua particularidade cronológica e o localiza em uma sequência histórica marcada tanto pela continuidade quanto pela transformação; certamente ele não responde a todas as questões que foram abertas, mas ele enfatiza a realidade da mudança. (Traverso, 2019, p. 13)

Traverso (2019) considera o termo fascismo um obstáculo para a análise do atual momento. Segundo ele, poucos grupos considerados fascistas por terceiros de fato se assumem como tal e há diferenças entre os atuais movimentos e aqueles dos anos 1920 e 1930. Traverso (2019, p. 14) também cita o fato de algumas expressões com a palavra fascismo, como "fascismo islâmico", em referência ao terrorismo islâmico, não constituírem uma analogia adequada, posto que o fascismo está inserido em um debate historiográfico ainda em aberto, "mas define um fenômeno cujas fronteiras cronológicas e políticas são bastante claras".

Outro argumento para diferenciar fascismo e pós-fascismo seria o fato de que as novas forças da direita radical apresentam características diferentes em cada país, apesar da existência de pontos em comum. Traverso (2019) ainda separa o conceito de pós-fascismo, o qual representaria o momento atual, do entendimento de neofascismo, que seria a tentativa de resgatar e restaurar o velho fascismo.

Ele não ignora que o movimento que chama de pós-fascismo remete e tem semelhanças com o fascismo clássico, mas argumenta que os processos atuais não são uma continuidade ideológica do fascismo original. Ou seja, o autor reconhece que a extrema-direita da contemporaneidade de algum modo deriva do fascismo do período entre guerras, mas com diferenças tão significativas que justificam a adesão por uma nova definição, o pós-fascismo. Traverso (2019, p. 15) sintetiza: "O pós-fascismo pertence a um regime particular de historicidade – começo do século 21 – o que explica seu conteúdo ideológico errático, instável e contraditório, no qual se misturam filosofias políticas antinômicas".

Finchelstein (2019) também faz uma separação histórica: prefere situar o termo fascismo no passado e considera que a derrota do Eixo na Segunda Guerra Mundial resultou em um enfraquecimento do fascismo e criou condições para o surgimento do populismo, o qual, para o historiador, nasceu do fascismo.

Segundo ele, o populismo não deve ser confundido com situações de ampla participação cívica, reivindicações e conquistas sociais e populares. Finchelstein (2019) vê o populismo como uma adaptação do fascismo: uma remodelação do legado de Mussolini e Hitler para se encaixar a uma ordem democrática, com uma rejeição aos aspectos mais autoritários do fascismo, em uma forma autoritária e plebiscitária de democracia.

Finchelstein (2019) pontua que o populismo se torna um regime pela primeira vez na Argentina, em 1945, com Juan Perón; a segunda fase do governo de Getúlio Vargas no Brasil, entre 1951 e 1954, seria outro exemplo. Os populistas, aponta Finchelstein (2019), quase nunca destroem completamente a democracia, embora enfraqueçam o Estado de Direito e a separação de poderes.

Enquanto o fascismo seria uma direita levada ao ultrarradicalismo, inclusive com mote fortemente antiesquerda, o populismo registra experiências pendulares, da extrema-direita à extrema-esquerda. Finchelstein (2019) divide o populismo pós-Segunda Guerra em quatro fases: populismo clássicos (com os já citados Perón e Vargas); populismo neoliberal, com Carlos Menem na Argentina (1989-1999), Fernando Collor de Mello no Brasil (1990-1992) e Alberto Fujimori no Peru (1990-2000); populismo neoclássico de esquerda, representado pelos governos Kirchner na Argentina (2003-2015), Hugo Chávez (1999-2013) e Nicolás Maduro (desde 2013) na Venezuela, Rafael Correa no Equador (2007-2017) e Evo Morales na Bolívia (2006-2019); e populismo neoclássico de direita e extrema-direita, do qual seriam exemplos contemporâneos Recep Tayyip Erdoğan na Turquia e Viktor Orbán na Hungria. Os governos petistas (Lula da Silva, 2003-2010 e Dilma Roussef, 2011-2016) não são citados pelo autor.

Algumas das características do populismo seriam, conforme Finchelstein (2019): uma democracia antiliberal, eleitoral e autoritária sem constituir, na prática, uma ditadura; forma extrema de religião política; visão de sucessos eleitorais como pontos revolucionários e fundantes ou refundantes da sociedade; líder carismático e messiânico; visão dos adversários como traidores; nacionalismo radical; aversão ao pluralismo e à tolerância; repulsa ao jornalismo independente; e outros fatores.

Nessa definição de Finchelstein (2019), os populistas não suprimem totalmente os direitos de minorias políticas e sociais, mas a legitimidade e a relevância desses grupos são constantemente atacadas e diminuídas. Por outro lado, os populistas relacionam as maiorias

eleitorais, ainda que temporárias, à totalidade do povo e da nação. “O populismo, em suma, é uma forma autoritária de democracia” (Finchelstein, 2019, p. 138).

Fica claro que Finchelstein (2019) propõe uma separação entre fascismo e populismo, já que o segundo seria um filho, uma continuidade menos brutal do primeiro. O populismo teria, segundo essa concepção, se inspirado em imaginários fascistas, contornos mais democráticos, mesmo que essa democracia fosse colocada à prova a todo momento. Apesar disso, o próprio autor tem, em outros textos, constatado que as divisões entre fascismo e populismo têm se tornado menos claras.

Em entrevista concedida em julho de 2020 ao *Estado da Arte*, um braço multimidiático do jornal *O Estado de S. Paulo*, Finchelstein declara que existe nos dias de hoje um novo caminho do populismo em direção ao fascismo e aponta que o então presidente brasileiro, Jair Bolsonaro (2019-2022), de fato se empenhava em uma tentativa fascista (Coppe, 2020).

O próprio historiador faz essa mesma constatação em artigo publicado por ele em agosto de 2021 (Finchelstein, 2021). Nessa análise, o autor indica que o ex-presidente americano Donald Trump (2017-2021) e Bolsonaro incorporaram um elemento fundamental do fascismo: se para o populismo os resultados eleitorais sempre foram importantes, Trump e Bolsonaro, ao modo fascista, demonstraram, várias vezes, almejar uma perpetuação no poder, independentemente dos resultados das urnas.

Em livro, Finchelstein (2020, p. 13) também indica a aproximação de Bolsonaro com o fascismo: “No Brasil, uma ideologia com propagandas golpistas, muito próxima do fascismo, tem se intercalado com o nacionalismo e o messianismo mais extremo a fim de ignorar a pandemia e o bem-estar da população”.

Até aqui, o presente trabalho procurou situar a história e a concepção de fascismo, inclusive citando autores que não estão de acordo ou oscilam sobre o uso da palavra para os contextos globais atuais.

Esta tese sustenta que o uso do termo fascismo é adequado para definir, nomear, representar e se referir a diversos cenários de extremismo de direita pelo mundo, estejam esses movimentos no poder ou não. Um desses movimentos fascistas é justamente o brasileiro, que chegou ao poder quando Jair Bolsonaro assumiu a Presidência da República, em janeiro de 2019. No próximo subcapítulo, essa ideia é defendida, amparada principalmente em Eco (2020) e Stanley (2020a, 2020b).

## 2.2 Fascismo nos dias de hoje

É evidente que o mundo atual é, sob inúmeros aspectos, diferente de quando o fascismo surgiu. Se o próprio planeta mudou, é normal que o fascismo também tenha passado por releituras. Qualquer conceito ou termo está sujeito a novos olhares, usos e abordagens. A palavra democracia, por exemplo, é enxergada hoje – e maciçamente utilizada – de maneira diferente em relação a quando surgiu na Grécia Antiga.

Para além de discussões semânticas e lexicais, esta tese se apoia em Eco (2020) e Stanley (2020a, 2020b) para considerar adequado o uso da palavra fascismo em contextos além do original, a Itália da primeira metade do século 20.

Eco (2020) explica que o fascismo se tornou um termo genérico porque os ideais de Mussolini não tinham uma filosofia própria, mas eram guiados principalmente por uma retórica. O próprio Mussolini foi partidário de diversas vertentes políticas antes de chegar ao poder e mudou de opinião sobre temas como religião, raça e o papel do Estado. O fascismo italiano foi, prossegue Eco (2020), a primeira ditadura de direita a assumir o governo em um país da Europa naquele cenário histórico.

Pouco depois, movimentos análogos em outros locais encontraram "uma espécie de arquétipo comum no regime de Mussolini" (Eco, 2020, p. 29), convencidos de que o fascismo tinha a capacidade de, ao mesmo tempo, fornecer uma alternativa à ameaça comunista e promover reformas sociais. Tanto que movimentos parecidos com o fascismo apareceram por toda a Europa, nos Estados Unidos e na América do Sul.

Mas, para Eco, o pioneirismo de Mussolini não é suficiente para explicar por que a palavra fascismo foi convertida em uma sinédoque[2], um termo que pode ser empregado para definir diversos tipos de movimentos totalitários.

> Não adianta dizer que o fascismo continha em si todos os elementos dos totalitarismos sucessivos "em estado quintessencial", por assim dizer. Ao contrário, o fascismo não possuía nenhuma quintessência e nem sequer uma só essência. O fascismo era um totalitarismo *fuzzy*. O fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições. É possível conceber um movimento totalitário que consiga reunir monarquia e revolução, exército real e milícia pessoal de Mussolini, os privilégios concedidos à Igreja e uma educação estatal que exaltava a violência e o livre mercado? (Eco, 2020, p. 32-34)

[2] Segundo o Dicionário Michaelis (https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sin%C3%A9doque/):
Figura de linguagem, considerada uma espécie de metonímia, que se baseia na relação quantitativa entre o significado usual da palavra e seu conteúdo criado na mente, mais abrangente e extenso; os casos mais comuns são: a) o gênero pela espécie: O homem destrói a natureza (homem por raça humana);
b) a parte pelo todo: Andei nas asas da extinta Panair (asa por avião);
c) o singular pelo plural: É preciso ajudar o necessitado (necessitado por todas pessoas pobres), ou vice-versa, o todo pela parte: O Brasil jogou bem na Copa de 82 (Brasil por time brasileiro) etc.

Eco (2020) evidencia, portanto, as contradições do fascismo. O movimento tinha seus ideais totalitários e extremistas sobre nação, raça e comportamento, era intolerante de modo geral e rejeitava o comunismo e o socialismo. Contudo, era controverso o suficiente para abarcar apoiadores de inúmeros matizes. Se dizia revolucionário, mas foi financiado pelos conservadores proprietários rurais; era republicano, mas proclamava lealdade à família real.

O fascismo italiano seguia, nas palavras de Eco (2020, p. 39), um "desconjuntamento político e ideológico. Mas era um 'desconjuntamento ordenado', uma confusão estruturada". Não havia uma filosofia rígida, mas uma forte vinculação emocional a alguns modelos. Essa incoerência proposital garantia, de acordo com o autor, uma grande capacidade de adaptação: o fascismo tinha algumas características, mas não seguir um ou outro aspecto não deixa a pessoa (ou o agrupamento) menos fascista.

Em virtude dessa flexibilidade, Eco (2020, p. 44) usa o termo "fascismo eterno" (ou "Ur-fascismo") para se referir às habilidades de reinvenção e reaplicação do fascismo. Eco salienta que os seguidores desse fascismo eterno nem sempre são abertos e honestos sobre seus pensamentos, mas há 14 características que podem ajudar a identificá-los:

1) Culto da tradição: fascistas são adeptos do tradicionalismo e contrários ao avanço do saber.
2) Recusa da modernidade: o Iluminismo dá início à depravação moderna e deve ser debelado; nesse sentido, fascistas são irracionais.
3) O culto à ação pela ação: fazer é mais importante do que refletir. A cultura e as universidades são colocadas em xeque.
4) Desacordo é traição: críticas não são aceitas.
5) Rejeição às diversidades: o fascismo teme as diferenças e não aceita os intrusos. Por consequência, é racista.
6) Apelo às classes médias frustradas: o fascismo se apoia nos anseios da classe média, que se vê desvalorizada diante de crises econômicas ou ascensão de outros grupos sociais.
7) Obsessão da conspiração: para fortalecer identidades nacionais, os fascistas precisam se sentir sitiados; por isso, são xenófobos.
8) Os inimigos são, ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais: os fascistas apontam a grandeza dos inimigos para justificar a aniquilação dos oponentes. Por outro lado, os adeptos do fascismo precisam ser convencidos de que têm capacidade de derrotar os inimigos; essa supervalorização das próprias virtudes seria o motivo pelo qual os fascistas estariam condenados a perder suas guerras.

9) Pacifismo é conluio com o inimigo: é necessário haver batalhas finais e soluções finais. Contraditoriamente, vencer essas lutas implicaria, ao final, ausência de inimigos.
10) Desprezo pelos fracos: característica que tem relação com o culto às elites e à hierarquização. Mas não existe dominante sem dominado, então o líder fascista despreza os subordinados, que foram fracos demais para impedi-lo de chegar ao poder.
11) Cada um é educado para tornar-se um herói: o fascismo adota um culto ao heroísmo e à morte.
12) Machismo: questões sexuais aparecem com frequência entre os fascistas, que desdenham das mulheres e condenam hábitos sexuais que não correspondam aos padrões, como a homossexualidade.
13) Populismo qualitativo: a voz do grupo que apoia o líder fascista é considerada a "voz do povo".
14) O fascismo eterno fala a 'novilíngua': em referência ao livro *1984*, de George Orwell, Eco aponta que os fascistas produzem livros didáticos com vocabulário pobre com o objetivo de cercear o raciocínio complexo e crítico.

As características do "fascismo eterno" de Eco (2020) são identificáveis no Brasil de Bolsonaro, conforme aspectos que serão esmiuçados ainda neste capítulo, e têm muitas similaridades com os apontamentos feitos por Stanley (2020b). Este autor, estadunidense e professor da Universidade de Yale, adotou o termo fascismo para se referir ao fenômeno do nacionalismo de extrema-direita que vem acometendo diversos países, como Rússia, Hungria, Polônia, Índia, Turquia e Estados Unidos.

O Brasil não é citado por Stanley (2020b) no livro *Como funciona o fascismo*. Originalmente publicada em 2018, ano da eleição de Jair Bolsonaro, a obra não se detém especificamente sobre o contexto brasileiro, embora o autor tenha, posteriormente, em entrevistas, palestras e contribuições à imprensa no Brasil, reconhecido o quanto Bolsonaro e o Brasil se encaixam nas ideias do livro. Stanley (2020a) diz que Bolsonaro é, inclusive, o mais radical dos líderes mundiais de extrema-direita.

Stanley (2020b) verifica que o fascismo de hoje não tem a mesma aparência que tinha quando foi gestado, mas usa o termo fascismo para rotular qualquer tipo de ultranacionalismo (étnico, religioso, cultural) no qual a nação tem um líder autoritário, que julga poder falar em nome de todos. A política fascista, diz o autor, não leva, necessariamente, a um Estado obviamente fascista, mas é perigosa de qualquer maneira por desumanizar e excluir

determinados grupos, podendo resultar em supressão de liberdades, desrespeito aos direitos humanos e, em casos mais extremos, genocídio.

*Como funciona o fascismo*, de Stanley (2020b), enumera, em dez eixos, as características fundamentais do fascismo. Esses dez pontos, que constituem os capítulos da obra, são:

1) O passado mítico.
2) Propaganda.
3) Anti-intelectualismo.
4) Irrealidade.
5) Hierarquia.
6) Vitimização.
7) Lei e ordem.
8) Ansiedade sexual.
9) Sodoma e Gomorra.
10) Arbeit macht frei.

Nas próximas subdivisões dentro do presente subcapítulo, esses dez aspectos serão pormenorizados e relacionados com o contexto brasileiro.

### 2.2.1 O passado mítico

Assim como Eco (2020) fala em "culto da tradição", Stanley (2020b) aponta que os fascistas invocam um passado mítico e glorioso da nação, uma época em que as dificuldades de hoje não existiam. O saudosismo é uma característica fundamental do fascismo, mas trata-se de uma nostalgia alimentada por fantasias e por desinformação: o que se diz sobre o passado nem sempre – ou quase nunca – está ancorado em fatos, mas em uma ilusão sobre o que foi o ontem da sociedade.

Fascistas se apegam a um passado irreal para criar uma identidade e construir uma narrativa que lhes seja favorável. Dizem que tudo era mais simples e que a sociedade era mais regular e uniforme, mas que esse cenário foi corrompido pela chegada de novos valores (globalistas, liberais, cosmopolitas etc.). Assim, é preciso restaurar antigas tradições e retomar os velhos costumes. "Com a criação de um passado mítico, a política fascista cria um vínculo entre a nostalgia e a realização dos ideais fascistas" (Stanley, 2020b, p. 21).

Para criar um passado glorioso, fascistas apagam realidades inconvenientes e estabelecem uma hierarquia de fatos própria. Segundo Stanley (2020b), os nazistas retomaram antigas noções sobre ocupação da terra na Europa e velhas guerras germânicas para justificar incursões militares e a própria ideologia do *Reich*. Na Hungria atual, Viktor Orbán fez uso da experiência do país na luta contra o Império Otomano nos séculos 16 e 17 para colocar a nação em um histórico papel de defensor da Europa cristã. Nos Estados Unidos, a história do Sul foi constantemente adulterada para amenizar a escravidão e recusar o acesso de negros a direitos civis.

Se o Brasil não tem uma história medieval ou campanhas bélicas de destaque para enaltecer, a opção dos atuais fascistas brasileiros sempre foi louvar a ditadura militar (1964-1985). O discurso é de que o período em questão foi livre de corrupção e de criminalidade, uma época de respeito à família.

Militar de carreira do Exército, Jair Bolsonaro sempre elogiou a ditadura militar – embora ele próprio tenha sido um oficial indisciplinado (Valente, 2017). Negou crimes cometidos pelos militares (Folha De S.Paulo, 2019), elogiou publicamente o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra (Carta Capital, 2019), reconhecido torturador, zombou de vítimas da ditadura (Mazui, 2019) e chegou a falar sobre a necessidade de matar cerca de 30 mil brasileiros, um "trabalho que o regime militar não fez" (Estado de Minas, 2018). Bolsonaro também jamais escondeu a admiração por ditadores de outros países, como o chileno Augusto Pinochet (Carneiro, 2019) e o paraguaio Alfredo Stroessner (Carneri, 2019).

A ideia de passado mítico de Stanley (2020b) pode ser relacionada também com a característica de recusa da modernidade proposta por Eco (2020). O ideário fascista, autoritário e hierárquico por natureza, está sempre permeado por papéis de gênero tradicionais e patriarcais idealizados, em um passado no qual alguns poucos homens conseguiam levar a nação ao sucesso. Nesse imaginário, as mulheres têm pouco a contribuir e não ocupam postos importantes de tomada de decisão na sociedade.

Toledo (2019, p. 276) constata a capacidade bolsonarista de "requentar" a história, inclusive com o uso de símbolos ligados ao esporte, para encaixá-la em algum objetivo específico. O autor narra que, em 2018, durante a campanha eleitoral daquele ano – que terminaria com a vitória de Bolsonaro –, participou de um simpósio sobre futebol no Museu do Futebol, que fica nas dependências do Estádio do Pacaembu, em São Paulo.

Na saída do evento, o próprio Toledo e demais pesquisadores se depararam com militantes bolsonaristas, muitos dos quais vestiam a camisa amarela da seleção brasileira de futebol, que participavam de um comício nas proximidades. O intuito do uso do símbolo do

chamado “esporte-nação” (Toledo, 2019, p. 254) seria erigir o “grande futebol pátrio como signo de uma mudança política restauradora, uma ‘história retrospectiva’” (Toledo, 2019, p. 276).

Tratava-se da adesão a um discurso político, capitaneado pelo próprio Bolsonaro, de recuperar o país e restaurar a nação que fora grande anteriormente. Para isso, além de ignorar fatos históricos, os militantes idealizavam um futebol do passado, pois a camisa verde-amarela invariavelmente remete ao período futebolístico vencedor do Brasil entre 1958 e 1970, quando três Copas do Mundo foram vencidas pela equipe.

Paralelamente, conta Toledo (2019), os pesquisadores de futebol, muitos identificados e militantes com o campo da esquerda, haviam passado os dias do referido simpósio discutindo um multiplicidade de futebóis (ativistas, indígenas, de deficientes, feminino), em uma grande crítica que indicava, ao menos para aquele grupo, uma crise da hegemonia do esporte-nação, o papel do futebol como “alegoria política e acadêmica” (Toledo, 2019, p. 256).

### 2.2.2 Propaganda

Como a ideologia fascista carrega em seu cerne a intenção de prejudicar diretamente um grande grupo de pessoas, é necessário recorrer à propaganda para ocultar os objetivos políticos reais (Stanley, 2020b). Deste modo, a propaganda política faz uso de uma linguagem que valoriza ideais virtuosos – e o combate à corrupção é o carro-chefe dessas estratégias.

Segundo Stanley (2020b), corrupção, para o político fascista, é a corrupção da pureza, não da lei. Denúncias apresentadas por fascistas de mau uso do dinheiro público, desvios, superfaturamentos e fraudes soam como uma acusação de corrupção política, mas na realidade pretendem trazer à tona a corrupção como a ideia de subversão da ordem tradicional. Outro ponto é que por trás da propaganda fascista sempre há uma intenção não democrática, aspectos que podem ser enxergados no bolsonarismo.

Na esteira da Operação Lava Jato, a campanha de Bolsonaro apostou forte no discurso anticorrupção. O então candidato se dizia contra a “velha política”, em referência às negociações com partidos e formações de alianças, comuns no presidencialismo de coalizão a fim de que se tenha governabilidade, e dizia que acabaria com a corrupção, ainda que jamais tenha apresentado propostas concretas. O presidenciável sempre falava em “fim da mamata”.

Para reforçar esse viés, depois de eleito, Bolsonaro ainda trouxe para seu governo, para ocupar o cargo de ministro da Justiça e Segurança Pública, o ex-juiz Sérgio Moro, que havia se notabilizado durante a já citada Operação Lava Jato. Posteriormente, uma série de reportagens

publicadas pelo portal The Intercept Brasil mostrou que toda a operação apresentava vícios jurídicos e problemas do ponto de vista constitucional, inclusive com colaboração entre o então juiz Moro, o julgador, e procuradores, os acusadores (Martins; Santi; Greenwald, 2019).

Foi também quando Bolsonaro já havia sido eleito que veio à tona o caso das rachadinhas, a denúncia de que o senador Flávio Bolsonaro, filho do presidente, recolhia partes dos salários de seus funcionários (Albuquerque; Nogueira, 2020). O próprio Jair também já teria comandado o esquema (Borges, 2022), além de ter sido acusado de superfaturar notas fiscais de combustíveis na época de deputado federal (Castro, 2020).

Apesar das contradições, o combate à corrupção sempre foi uma plataforma eleitoral de Bolsonaro, inclusive durante o exercício do mandato. A campanha de Bolsonaro se baseou na disseminação de mensagens via redes sociais. Com pouco tempo de TV e rádio, Bolsonaro usou a internet para se promover e fez disparos em massa de notícias falsas via WhatsApp para atingir um grande volume de usuários.

Carlos Bolsonaro, segundo filho de Jair, foi o principal articulador na área da propaganda digital (Mello, 2020). Ao observar a atuação de políticos de extrema-direita de outros países na internet, Carlos percebeu que as redes sociais seriam cruciais em estratégias eleitorais, tanto que na campanha de 2018 a presença digital de Bolsonaro era superior às dos concorrentes. Além de as contas oficiais de Jair Bolsonaro nas redes sociais terem mais seguidores, Carlos já havia organizado no WhatsApp e no Facebook grupos de apoiadores dispostos a contribuir na disseminação da propaganda política, inclusive notícias falsas e ataques aos adversários, a jornalistas e a opositores, o que ajudou a dar propulsão a Bolsonaro na corrida eleitoral.

A lógica propagandista gestada nas redes sociais não se limitou à internet. Na condição de candidato, quando concedeu entrevista ao *Jornal Nacional*, Bolsonaro mostrou livro que seria parte do suposto “kit gay” (termo criado pelos ultraconservadores para se referir a projeto educacional que pregava a igualdade de gênero e orientava sobre educação sexual), mas a publicação não tinha sido adquirida pelo governo federal (Coletta, 2018).

A estratégia da propaganda se manteve após Bolsonaro tomar posse como presidente. Em diversas ocasiões, grupos ligados a Jair movimentaram as redes sociais de acordo com o interesse do momento. Na pandemia da covid-19, por exemplo, o presidente foi contrário às restrições de circulação e dificultou as campanhas de vacinação, ideias que foram, de maneira reiterada, propaladas online (G1, 2021; Behnke; Barbosa, 2021).

Ainda de acordo com Stanley (2020b), é comum o político fascista corroer o sistema democrático a partir de dentro. O fascista chega ao poder após eleições democráticas, mas, em

nome de agir contra a corrupção, articula ataques contra o Poder Judiciário e órgãos de controle, fiscalização e transparência, minando a atuação de instituições independentes. Afinal, os propósitos antidemocráticos são centrais na propaganda fascista.

Bolsonaro fez repetidas críticas contra o Supremo Tribunal Federal (STF), além de ter se indisposto com governadores (Soares, 2022b; Peixoto, 2021; Pereira, 2022a). Além disso, o próprio presidente se engajou em atos públicos com teor golpista (G1, 2020).

Toledo (2019, p. 274) vê como "políticas do medo" a profusão de metáforas de extermínio e violência durante a campanha e cita o constante discurso marcado pelo embaralhamento dos fatos para estabelecer uma mitologia política autoritária, o que acabou ganhando forte adesão popular.

> As *fake news* e as opiniões embasadas em frequentes releituras excêntricas da histórica dos historiadores foram marcas de uma nova modalidade de campanha publicitária política que alcançou grande capilaridade. Tais trapaças na historiografia incumbiram-se de ampliar e "esquentar" o embaralhamento das versões e das ações políticas, bem como misturar os fatos e a inventar relações que, do ponto de vista da racionalidade histórica acadêmica, mostraram-se incongruentes e fantasiosas, mas que se revelaram reacomodações bricoladas dos fatos que acabaram, por fim, fabricando um mito ou um herói político, dando-lhe novos sentidos e muita ressonância social, (Toledo, 2019, p. 274-275)

Quando confrontado sobre esse tipo de postura, Bolsonaro sempre alegou liberdade de expressão. Esta prática, segundo Stanley (2020b), é comum entre os políticos fascistas, que usam as liberdades da democracia contra a própria democracia.

### 2.2.3 Anti-intelectualismo

A educação é um dos alvos preferidos da política fascista. Stanley (2020b) demonstra que minar a educação tem o objetivo de impedir a realização de debates inteligentes, deixando caminho aberto apenas para o poder e a identidade tribal. Assim, as escolas e universidades são precarizadas e têm liberdades científica, criativa e discursiva tolhidas: devem apresentar aos alunos a cultura dominante e o passado mítico da sociedade.

O autor aponta que as universidades têm sido, nas últimas décadas, um polo de protestos contra injustiças e abuso de poder. Como uma educação livre representa uma ameaça aos intentos fascistas, é preciso representar as universidades como "algo violento e opressivo (um protesto, portanto, vira 'baderna')" (Stanley, 2020b, p. 49). No contexto brasileiro, a palavra escolhida para atacar as universidades foi "balbúrdia", proferida pelo ex-ministro da Educação

Abraham Weintraub, mesma pessoa que declarou que os *campi* abrigavam plantações de maconha (Ker, 2020).

Olavo de Carvalho, que não chegou a assumir cargos públicos na gestão de Jair Bolsonaro, mas era tido como um guru e um ideólogo da extrema-direita brasileira, foi outro a associar as universidades brasileiras a drogas, prostituição e formação de analfabetos funcionais. Isso tudo não impediu que Carvalho procurasse atendimento médico em um hospital gerido pela Universidade de São Paulo (USP) (Castro, 2021).

No contexto de ataques às universidades, aponta Stanley (2020b), determinados docentes, demasiado politizados e críticos, são os mais visados pelos políticos fascistas. Áreas inteiras de estudo, como questões de gênero, são postas em descrédito, e as universidades e escolas são acusadas de promover "doutrinação marxista".

> Usada normalmente sem qualquer conexão com Marx ou com o marxismo, a expressão é empregada na política fascista como uma maneira de difamar a igualdade. É por isso que as universidades que buscam dar algum espaço intelectual às perspectivas marginalizadas, ainda que pequeno, estão sujeitas à denúncia de focos de "marxismo". O fascismo consiste na perspectiva dominante, e, assim, durante momentos fascistas, há um forte apoio no sentido de que se denunciem disciplinas que ensinam diferentes perspectivas das dominantes (...). A perspectiva dominante é muitas vezes deturpada, sendo apresentada como a verdade, a "história real", e qualquer tentativa de permitir um espaço para perspectivas alternativas é ridicularizada como "marxismo cultural". (Stanley, 2020b, p. 54)

A intenção fascista é deslegitimar as universidades, ignorando os acadêmicos como fontes de conhecimento e os representando como marxistas, esquerdistas ou feministas radicais que teriam planos ideológicos ocultos. Portanto, explica Stanley (2020b), obstruir o pensamento crítico, simplificar ao máximo os discursos e aparelhar a educação (em todas as etapas, desde o ensino infantil até o superior, como modo de propagar as ideias tidas como corretas) são artimanhas fascistas que buscam a dominação.

### 2.2.4 Irrealidade

Lado a lado com o anti-intelectualismo está a irrealidade. Para o fascismo, aponta Stanley (2020b), não basta promover campanhas contra a educação e a cultura. É preciso ir além, fomentando teorias conspiratórias e ideias mirabolantes. A verdade dos fatos e a própria realidade são colocadas em xeque. "A política fascista substitui o debate fundamentado por medo e raiva", resume Stanley (2020b, p. 66). Assim, as pessoas ficam perdidas e

desestabilizadas e têm alimentados sentimentos de raiva e desconfiança contra determinadas pessoas ou grupos – geralmente, os adversários políticos dos fascistas.

Mentir repetidamente, até mesmo de maneira óbvia, faz parte da estratégia fascista para colocar em dúvida os espaços de informação perante a sociedade, deslegitimando e levantando suspeita sobre a credibilidade de veículos de comunicação, cientistas e instituições. Nesse contexto é que são colocadas em circulação as teorias da conspiração.

Outra função da irrealidade é, a partir da repetição sistemática de mentiras e paranoias, fornecer explicações simplistas e alimentar emoções como a xenofobia e o ressentimento. Nos Estados Unidos, exemplifica Stanley (2020b), o canal Fox News foi uma das principais plataformas de disseminação das teorias conspiratórias de Donald Trump. Uma delas era de que o ex-presidente Barack Obama não é nascido no país, portanto não poderia ter ocupado o cargo máximo do governo local.

No caso brasileiro, foram muitas as circunstâncias em que Jair Bolsonaro ou seus aliados fizeram uso de estratégias de propagação da irrealidade. A seção 2.2.2 desta tese, por exemplo, ressalta a oportunidade em que o então candidato a presidente falou em "kit gay" no *Jornal Nacional*. De maneira reiterada, Bolsonaro ataca o sistema eleitoral brasileiro, apesar de ter sido eleito neste formato, e faz críticas infundadas à confiabilidade da urna eletrônica (Lellis, 2022).

Durante a pandemia da covid-19, Bolsonaro foi um dos maiores espalhadores de desinformação sobre a doença e tratamentos. Além de minimizar a enfermidade, referindo-se a ela como uma "gripezinha", o presidente endossou tratamentos sem comprovação científica e duvidou das vacinas (Queiroz, 2022).

Mentor intelectual do bolsonarismo, Olavo de Carvalho foi outro grande difusor de teorias conspiratórias. Entre as inverdades espalhadas por ele estavam a de que Theodor Adorno teria sido o verdadeiro compositor das músicas dos Beatles e a de que o nazismo era uma ideologia de esquerda (Struck, 2022).

Fascistas, quando conseguiram chegar ao poder, o fizeram por meio do espalhamento de mentiras ideológicas (Finchelstein, 2019). O poder político fascista é oriundo da cooptação da verdade e da propagação de mentiras. Para isso, muitas vezes é necessário fabricar as verdades convenientes. Se os nazistas acusavam os judeus de serem sujos e contagiosos, criaram condições propícias, despindo os judeus de direitos humanos fundamentais em guetos e campos de concentração, para que a propaganda se tornasse uma realidade.

Portanto, além das teorias conspiratórias, os fascistas, segundo Finchelstein (2020), tentam substituir a história e a verdade pelos próprios mitos políticos. “No fascismo, a ficção deslocou a realidade e se tornou uma realidade”, pondera Finchelstein (2020, p. 38).

> Os fascistas acreditavam que suas mentiras eram a prova de uma verdade mais profunda. Eles rejeitavam a evidência real e a substituíam por uma fé profunda, quase religiosa, em seus líderes e na ideologia totalitária que eles defendiam. O líder e a ideologia eram, para eles, a evidência de que aquilo pelo que lutavam representava uma verdade absoluta. Os fascistas não eram simplesmente cínicos em relação às suas mentiras, eles queriam acreditar nelas, e eles acreditavam. (Finchelstein, 2020, p. 109)

A subversão da verdade também significa tentar ocultar as próprias táticas. É uma prática recorrente entre políticos de extrema-direita buscar amenizar ou distorcer os crimes do fascismo histórico e do nazismo. Não é à toa que Olavo de Carvalho – e também Ernesto Araújo, que foi ministro das Relações Exteriores de Bolsonaro (Neher, 2019) – chegou a proferir que o nazismo era de esquerda.

Ao longo de sua trajetória, Bolsonaro flertou com o nazismo algumas vezes. Chegou a citar admiração às estratégias militares de Adolf Hitler e elogiou a educação infantil da Alemanha nazista, além de ter defendido estudantes de um colégio gaúcho, em 1995, que escolheram Hitler como personagem histórico a ser admirado. Em 2021, como presidente, Bolsonaro recebeu representantes do partido alemão AfD (Alternative für Deutschland), de extrema-direita. Roberto Alvim, que foi secretário de Cultura de Bolsonaro, publicou vídeo em que evocava o ministro da Propaganda nazista, Joseph Goebbels (Lago; Sardinha; Lippelt, 2022). Nas ocasiões em que veio a público repudiar o nazismo, Bolsonaro quase sempre fez equiparações com o comunismo e o socialismo (DW, 2022).

Segundo Finchelstein (2020, p. 138), líderes extremistas do presente precisam neutralizar a história do fascismo com o intuito de normalizar seus próprios vieses políticos. “A revisão da história do fascismo a torna mítica em vez de histórica, sugerindo que o fascismo do passado não era ruim – ou que não era sequer fascismo. Isso é, claramente, uma mentira.”

Finchelstein (2020) relembra as recorrentes homenagens de Bolsonaro à ditadura militar brasileira como uma estratégia de reinterpretação histórica, já que Bolsonaro não acredita que o regime dos generais brasileiros tenha sido uma ditadura – mesmo que 434 opositores tenham sido mortos e mais de 8 mil indígenas, massacrados.

> Como Trump, o estilo e a substância de Bolsonaro, banhados em violência política, chauvinismo nacional e glorificação pessoal são características fascistas essenciais. Mas é sua manipulação da história que revela verdadeiramente como o bolsonarismo liga o populismo ao fascismo. [...] Populistas de direita, como Bolsonaro, não

> traduzem automaticamente suas retóricas radicais e sua celebração das memórias do fascismo e da ditadura em práticas fascistas ou ditatoriais. [...] Mas, até agora, eles têm feito isso sem fraturar inteiramente a democracia. (Finchelstein, 2020, p. 140-141)

Por um lado, Stanley (2020b) recomenda que a mídia resista à tentação de noticiar todos os absurdos e teorias conspiratórias. Para ele, permitir a livre circulação de todos os discursos na esfera pública, equiparando falas falsas a fatos ou opiniões fundamentadas com base em critérios científicos, poderia destruir as possibilidades de um debate frutífero. Por outro, Finchelstein (2020) alerta para a necessidade de não menosprezar os impropérios dos extremistas, pois, historicamente, muitos fascistas foram subestimados ao longo de suas trajetórias.

### 2.2.5 Hierarquia

A ideologia fascista, conforme Stanley (2020b), é guiada por uma organização hierárquica da sociedade. Nesta concepção, um grupo de aliados deve ocupar os postos mais importantes das organizações públicas e privadas, enquanto os demais ficam com os lugares menos privilegiados da pirâmide social. De acordo com o autor, o fascismo está alinhado com a ideia de que a natureza impõe hierarquias de poder e domínio, em contraposição às noções de igualdade e respeito à dignidade humana universal.

A hierarquização não é novidade entre os homens. A escravização das pessoas negras, o *apartheid* e o Holocausto foram fenômenos pautados nesses princípios, mas os fascistas do século 21 ainda argumentam, segundo Stanley (2020b), que as hierarquias naturais implicam uma desigualdade natural.

Pensar dessa forma, apostando na divisão, é uma maneira de chegar e manter o poder. É uma linha de raciocínio que legitima preconceito e discriminação contra determinados grupos e o privilégio de outros – muitas vezes com o aporte da religião e da pseudociência.

> Ninguém é forçado, por um confronto com a realidade, a acreditar nesse tipo de diferença hierárquica entre, por exemplo, gêneros, ou grupos raciais ou étnicos. Não há evidência inclusiva para tais hierarquias, apesar de séculos de tentativas de estabelecê-las por decreto religioso ou investigação científica. Aqueles que lutam arduamente por hierarquias raciais de inteligência ou capacidade de autocontrole, embora neguem qualquer interesse em consequências morais ou políticas iliberais, tendem a se equivocar. (Stanley, 2020b, p. 90)

A trajetória política de Jair Bolsonaro é marcada por apostas no divisionismo hierárquico. É possível afirmar que existe um comprometimento do ex-capitão com uma

sociedade regida por homens brancos, heterossexuais, ricos e partidários de seu ideário político. Bolsonaro já declarou que “quilombola não serve nem para procriar” (Congresso em Foco, 2017), mostrou-se favorável à distinção salarial entre sexos (Resende, 2018), lamentou o fato de o Brasil não ter dizimado os indígenas (Guedes, 2022) e falou em “desaparecimento” de adversários políticos que não concordassem com sua eleição, mencionando que o país deveria pertencer às maiorias (Isto É, 2018).

A hierarquização está diretamente ligada a outra característica do fascismo, a vitimização.

### 2.2.6 Vitimização

A política fascista tem como um dos seus pilares a vitimização, que consiste no discurso reiterado sobre a perda de uma alegada superioridade ou um suposto privilégio. É no colapso da hierarquia social pregada pelo fascismo que surge o sentimento nostálgico da vitimização, que luta para defender um senso de superioridade cultural, étnica, religiosa, de gênero ou nacional.

A vitimização surge, portanto, quando grupos historicamente desfavorecidos conseguem algum tipo de ascensão social e política, incomodando quem sempre ostentou os principais privilégios da sociedade. A partir dessa situação tem-se, então, um terreno fértil para alimentar a divisão. De acordo com Stanley (2020b), a política fascista fomenta a sensação de angústia de parte da sociedade diante da alegada perda do status de dominação. O ressentimento de parte da população é usado como subterfúgio para justificar formas de opressão e violência do passado, do presente e até do futuro.

Stanley (2020b) exemplifica com o caso da chegada de Donald Trump ao poder no Estados Unidos. O candidato republicano venceu o pleito de 2016 com o apoio de um eleitorado que julgava que os brancos e os cristãos eram os grupos mais perseguidos no país.

Mesmo que o Brasil continue sendo um país patriarcal, machista e preconceituoso, houve avanços na conquista de direitos por mulheres, negros, população LGBTQIA+ e outras minorias nas últimas décadas. Bolsonaro criticou políticas afirmativas e negou dívida do país com negros, já que ele próprio não havia escravizado ninguém (Uol, 2018).

Um trabalho que busca explicar os recentes movimentos da direita no Brasil e que contribui para os esforços de entendimento da presente tese é o de Rocha (2018). Embora use o termo “nova direita”, e não fascismo, a autora sustenta que face atual da direita brasileira é

resultado de um amálgama ultraliberal-conservador gestado digitalmente no auge do lulismo, entre 2006 e 2010.

Rocha (2018) emprega o conceito de contra-públicos, que seriam grupos marginalizados da esfera pública, para se referir à direita daquele momento histórico. Esses contra-públicos de direita, aponta a pesquisadora, diante do sucesso econômico e da popularidade dos dois primeiros mandatos de Lula (2003-2006 e 2007-2010), encontraram na internet, em comunidades no Orkut, blogs e outras plataformas, um espaço para se organizar e se mobilizar.

Influenciada por ideias do economista liberal Ludwing von Mises e por figuras como Olavo de Carvalho, que via no governo petista a tentativa de implementação de uma "hegemonia cultural" (Rocha, 2018, p. 18) essa direita ressentida passou por transformações de modo a assumir as seguintes características, segundo Pereira (2022b):

1) Perda do medo de se afirmar como direita.
2) Diagnóstico unânime sobre a hegemonia cultural da esquerda na mídia e nas universidades.
3) Radicalismo de livre-mercado aliado ao conservadorismo.
4) Oposição ao Estado desenhado no pacto de 1988.
5) Jovens de classe média, alguns da classe trabalhadora, que militam em espaços alternativos, como as redes sociais.
6) Atuação performática e disruptiva própria de grupos contra-públicos da sociedade.

Pode-se, portanto, ver que a vitimização foi alimentada e usada para fomentar uma nova direita no Brasil, a qual ganhou apoio popular e efetivamente chegou ao poder.

### 2.2.7 Lei e ordem

Alinhado à vitimização e ao sentimento de perda de espaço está o desejo de restabelecer a lei e a ordem e de restaurar a segurança pública e a tranquilidade dos cidadãos de bem.

> Um Estado democrático saudável é governado por leis que tratam todos os cidadãos de forma igual e justa, apoiados por laços de respeito mútuo entre as pessoas, incluindo aqueles encarregados de policiá-los. A retórica fascista de lei e ordem é explicitamente destinada a dividir os cidadãos em duas classes: aqueles que fazem parte da nação escolhida, que são seguidores de leis por natureza, e aqueles que não fazem parte da nação escolhida, que são inerentemente sem lei. Na política fascista, mulheres que não se encaixam em papéis de gênero tradicionais, indivíduos não brancos, homossexuais, imigrantes, "cosmopolitas decadentes", aqueles que não defendem a religião dominante são, pelo simples fato de existirem, violações da lei e da ordem. (Stanley, 2020b, p. 112)

Jair Bolsonaro ganhou as eleições de 2018 com poucas propostas claras ou sugestões concretas de política pública – isso em qualquer área. Mas não se pode dizer que a agenda do então candidato não pendia para a questão da segurança, mesmo que com tom pouco embasado em estudos acadêmicos e pesquisas sérias: adepto de forte discurso em prol da repressão, o ex-deputado federal, também ex-oficial do Exército, sempre foi favorável a ampliar o armamento da população (Amaral, 2021) e a diminuir a idade de inimputabilidade penal (Brandão, 2019). Chegou também a defender a tortura (Werneck, 2021).

O tom agressivo ao abordar questões de segurança, explica Stanley (2020b), é uma forma que o fascismo encontra de denotar a divisão da sociedade: de um lado estamos "nós"; do outro, "eles". A estratégia engloba também uma questão da linguagem, já que certas palavras, como "criminoso" ou "bandido", são empregadas para definir o caráter de alguém. Para os fascistas, quando alguém do lado adversário pratica algum ato ilícito, é fácil empregar adjetivações e acusações pesadas contra a pessoa, marcando a personalidade desse sujeito de maneira aterrorizante e permanente. Contudo, se algum partidário dos fascistas é responsável por algum desvio, aquilo foi um "erro".

Na linha de endurecimento da lei e da ordem, o mandato de Jair Bolsonaro na Presidência começou com o ex-juiz Sergio Moro como ministro da Justiça. Moro, que havia prendido em 2018 o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, principal adversário político de Bolsonaro na corrida presidencial daquele ano, logo aderiu ao recrudescimento da legislação ao propor o chamado "projeto anticrime", o qual previa pontos polêmicos como o *plea bargain*[3], a prisão após condenação em segunda instância e o excludente de ilicitude. A matéria só foi aprovada após várias mudanças (BBC News Brasil, 2019).

### 2.2.8 Ansiedade sexual

A temática sexual está muito presente no discurso fascista. Na esteira do endeusamento da lei e da ordem está a ênfase em um tipo de crime específico, o estupro. A ameaça de estupro, para os fascistas, paira sobre a sociedade de modo permanente – os perpetradores seriam sempre os membros do lado de lá, aqueles que não pertencem ao grupo dos escolhidos pelos fascistas. Essa é uma estratégia, de acordo com Stanley (2020b), que aumenta a ansiedade sexual.

[3] Instrumento jurídico presente no direito estadunidense no qual o acusado de um crime faz uma confissão em troca de uma pena menor. Trata-se de um tipo de "solução negociada" entre o Ministério Público, o indiciado e a Justiça.

Como a política fascista é baseada na noção da família patriarcal, todos os comportamentos que desviem dessa suposta normalidade são condenados, de modo que transgêneros e homossexuais são uma ameaça aos valores masculinos tradicionais.

A ideia de masculinidade patriarcal, diz Stanley (2020b, p. 134), contribui para que os homens tenham a expectativa de serem os protetores e provedores de suas famílias, desempenhando um papel "clássico". Nesse cenário, a política fascista se aproveita da ansiedade econômica e do aumento da igualdade de gênero para promover, junto aos homens, sentimentos negativos. "A política fascista distorce a ansiedade masculina, acentuada pela ansiedade econômica, transformando-a em temor de que sua família esteja sob ameaça existencial por parte daqueles que rejeitam suas estruturas e suas tradições".

Douglas Garcia, deputado estadual em São Paulo e apoiador de Jair Bolsonaro, discursou em 2019 contra o uso de banheiros femininos por transexuais e travestis e disse que tiraria do local essas pessoas "a tapa". Posteriormente, a Justiça entendeu que o parlamentar tinha o direito de se posicionar dessa forma (Stochero, 2021). Já o próprio Jair Bolsonaro questionou a presença de transgêneros no esporte (Placar, 2020). Eduardo Bolsonaro foi outro a usar da estratégia ao, no Twitter, desvirtuar uma matéria da *Folha de S.Paulo* para afirmar a existência de um lobby pedófilo na esquerda (Bolsonaro, 2021).

A leitura de Stanley (2020b) é que o emprego da política da ansiedade sexual significa que o líder fascista enxerga a liberdade e a igualdade como ameaças. Segundo o autor, o livre exercício da orientação sexual e da identidade de gênero está ligado a um exercício de liberdade. Quando postula contra isso, a política fascista está contra a ideia da liberdade.

### 2.2.9 Sodoma e Gomorra

Stanley (2020b) faz uma analogia com as cidades bíblicas de Sodoma e Gomorra para explicar que os grandes centros urbanos são, no imaginário fascista, o centro de toda a degradação moral existente. Trata-se uma rejeição ao pluralismo e à tolerância e uma ode à vida tradicional, pacata e rural. Jair Bolsonaro, por exemplo, se manifestou contra o Carnaval em uma postagem no Twitter em que perguntava o que seria *golden shower* (G1, 2019).

Nesse *ethos* fascista, a vida é autossuficiente, sem a necessidade de intervenção do Estado para cuidar das pessoas, os "parasitas". Stanley (2020b) resgata que os nazistas faziam muito sucesso, sobretudo, em pequenas comunidades e que essa lógica persiste na atualidade, com registro de bom desempenho eleitoral de Marine Le Pen, da extrema-direita francesa, em áreas rurais.

> As cidades, na cosmovisão fascista, são empreendimentos coletivos onde as pessoas confiam na infraestrutura pública, "o Estado", para sobrevivência e conforto. Os moradores das cidades não caçam nem cultivam sua comida, como na mitologia fascista; eles a compram nas lojas. Isso contraria o ideal fascista de autossuficiência agrária rural. Na ideologia fascista, é a nação que fornece, não o Estado – pequenas comunidades étnica ou religiosamente puras compostas de indivíduos autossuficientes que trabalham como uma comunidade. (Stanley, 2020b, p. 150)

Todo o governo de Jair Bolsonaro é marcado por constantes acenos ao agronegócio e à bancada ruralista no Congresso. Elegeu o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) como um inimigo e comemorou a redução das multas no campo (Soares, 2022a) e se posicionou contra expropriar terras onde houvesse trabalho análogo à escravidão (Krüger, 2021). Como presidente, também facilitou o uso de agrotóxicos (Freitas; Grigori, 2021) e ajudou a desestruturar a fiscalização ambiental (Pontes, 2021).

### 2.2.10 Arbeit macht frei

Stanley (2020b) recorre à expressão na língua alemã "*Arbeit macht frei*" para explicar a obsessão dos fascistas com a ideia de trabalho duro - *Arbeit macht frei* significa "o trabalho liberta" e era uma frase exibida nos portões dos campos de concentração nazistas. Com o endeusamento do trabalho, os fascistas desejam, explica o autor, grudar nos oponentes, nos outros, a imagem de preguiçosos. O objetivo é acirrar a divisão na sociedade, já que todos devem competir pelo sustento e pelo poder, e justificar e legitimar a exploração de grupos minoritários, como os mais pobres e os refugiados.

Trata-se de uma visão que se entrelaça com o pensamento neoliberal de conquista e ascensão social por meio do mérito:

> A dicotomia "trabalho duro" versus "preguiça" está, como "cumpridores da lei" versus "criminoso", no cerne da divisão fascista entre "nós" e "eles". Mas o mais aterrador nessas divisões retóricas é que os movimentos fascistas tentam transformar os mitos sobre "eles" em realidade por meio da política social. Vemos isso regularmente em relação aos movimentos de refugiados. (Stanley, 2020b, p. 155-156)

Jair Bolsonaro já declarou que os refugiados eram a "escória do mundo" (Azevedo, 2015). Assim, a propagação de estereótipos, alimentada por racismo e preconceito, torna-se uma arma para que os fascistas obtenham ganhos eleitorais. No caso específico dos estrangeiros que chegam a um país fugindo de guerra, fome, instabilidade política, miséria ou desastres

climáticos, tem-se um cenário perfeito para o discurso de que é o trabalho, e não o Estado, que deve socorrer as pessoas.

Nessa linha de pensamento, a ideologia fascista despreza os sindicatos, que têm o potencial de aglutinar pessoas de diferentes perfis em torno de objetivos em comum. Enquanto presidente, Bolsonaro fez críticas às entidades de trabalhadores (Muratori, 2021); como deputado federal, votou a favor da reforma trabalhista, empreendida pelo governo de Michel Temer (2016-2018), que desarticulou os movimentos sindicais, retirou direitos dos empregados e fomentou a informalidade (Vargas, 2022). Paulo Guedes, ministro da Economia de Bolsonaro, chamou os funcionários públicos de parasitas (Silveira, 2020).

Durante a pandemia da covid-19, o governo Bolsonaro foi contra a quarentena e medidas de restrição de circulação de pessoas – um dos argumentos sempre foi de que todos precisavam trabalhar. O Executivo também lutou contra as propostas de pagamento de auxílio emergencial (Taiar, 2020; Roubicek, 2020).

### 2.2.11 O fascismo como uma ameaça constante

As subdivisões acima tiveram o objetivo de mostrar como as ideias de Stanley (2020b) sobre fascismo podem ser relacionadas com o contexto brasileiro. Ainda que o tema fascismo (ou termos associados, como extrema-direita, ultradireita, ditadura, autoritarismo e outros) tenha ganhado importância após o surgimento de Jair Bolsonaro como um agente político relevante no Brasil, em meados dos anos 2010, e de modo ainda mais consistente após as eleições de 2018, não se pode restringir a análise ao ex-capitão do Exército.

Formas de fascismo sempre estiveram presentes, no Brasil ou no exterior, depois da derrota do Eixo na Segunda Guerra Mundial. Gonçalves e Caldeira Neto (2020), por exemplo, narram a história do integralismo, versão brasileira do fascismo originada na década de 1930, que conta com desdobramentos até a atualidade.

Partidários do pensamento extremista de direita se adaptaram à realidade pós-1945, a partir de quando a ideia de se declarar fascista passou a ser menos aceita social e politicamente. Bonanno (2020, p. 156), questiona:

> A realidade se move, os anos passam e as relações de força se modificam. Novos mestres sucedem aos antigos e o trágico bastão do poder passa de mão em mão. Os fascistas de ontem puseram de lado as bandeiras e as suásticas, entregues a alguns estúpidos grandes e carecas, e se adequaram ao jogo democrático. Por que não fariam isso?

Assim, as correlações e os exemplos expostos anteriormente estão longe – e sempre estarão – de esgotar o assunto, e esse não era o objetivo. A meta era mostrar que se pode falar em fascismo na contemporaneidade. Nessa mesma linha, o próximo item deste capítulo se volta ao contraponto, o antifascismo.

## 2.3 Antifascismo

O antifascismo ganhou destaque midiático no Brasil principalmente em 2020, quando torcidas de futebol antifascistas organizaram protestos contra o presidente Jair Bolsonaro. Na época, a movimentação veio à tona na esteira dos protestos contra o racismo nos Estados Unidos, após o assassinato de George Floyd. Esses acontecimentos contribuíram para atrair o interesse do público em relação ao conceito de antifascismo, sobre o qual a presente tese agora se debruça.

Jourdan e Rosa (2020) explicam que o antifascismo, também denominado de antifa, se refere à orientação política de movimentos, coletivos e agrupamentos que pregam a não tolerância ao fascismo. Não se trata de um único grupo específico, organizado, sistematizado e hierarquizado, como um partido político ou uma empresa, mas de uma ideologia difusa, presente em inúmeros países e que atua de variadas formas.

> Não diz respeito a um grupo específico, que pudesse ser uma organização terrorista, mas também não diz respeito a ser simplesmente contra o fascismo. Trata-se de uma orientação geral e prática preconizada por certos grupos, em sua maioria anarquistas, mas não apenas. Organizados em grupos de afinidade, são coletivos que legitimam a ação direta e afirmam: com o fascismo não se discute, se combate diretamente. (Jourdan; Rosa, 2020, p. 116)

Bray (2019) resgata que o antifascismo é quase tão antigo quanto o próprio fascismo. Segundo o autor, movimentos de oposição ao fascismo surgiram na Europa antes mesmo de líderes fascistas chegarem ao poder. Naquele contexto, o antifascismo era composto, em grande medida, por comunistas, socialistas, anarquistas e grupos à esquerda de modo geral, mas as cisões entre cada uma dessas linhas costumavam impedir a adoção de plataformas conjuntas de enfrentamento ao fascismo.

O autor critica o uso da palavra antifascista para se referir a qualquer ator histórico, incluindo liberais, conservadores e outros, que combateram regimes fascistas até o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Para Bray (2019), não é correto conceituar antifascismo como a mera e minimalista oposição ao fascismo, já que isso não daria conta de compreender

o antifascismo como método de política, de identidade individual e coletiva e como fruto da adaptação de correntes diversas da esquerda para reagir ao fascismo. Na visão dele, o antifascismo surgiu como – e continua sendo – uma ideologia própria, que vai além de simplesmente negar ou se contrapor o fascismo de modo silencioso, mas que efetivamente procura encontrar meios de fazer frente à extrema-direita.

Bray (2019), cuja pesquisa se concentra nos Estados Unidos e na Europa, revela que o antifascismo se desenvolveu de maneiras múltiplas antes, durante e depois da Segunda Guerra. Foram e são empregadas variadas táticas antifascistas, como expor publicamente pessoas de filiação fascista, boicotar eventos e comícios, impedir reuniões da ultradireita, se infiltrar em grupos fascistas, entre outros. Bray (2019) discorre sobre essas estratégias de ação direta, inclusive com pesquisa de campo e entrevistas com membros de grupos antifascistas - detalhar essas práticas não é o objetivo deste subcapítulo, o qual pretende promover uma discussão conceitual sobre o antifascismo.

O interesse maior no âmbito deste trabalho acadêmico é debater o antifascismo enquanto uma possível prática cotidiana que encontre respaldo na mídia. Isso não significa minimizar a importância de ações diretas organizadas nas ruas – a mobilização popular, inclusive antifascista, sempre foi, é e continuará sendo fundamental em qualquer democracia –, mas reconhecer a importância do antifascismo de modo a torná-lo parte da prática do próprio jornalismo – e da comunicação, área do conhecimento dentro da qual se insere esta tese.

Regimes fascistas só prosperaram quando obtiveram amplas camadas de apoio popular e grupos de extrema-direita tentam angariar adeptos para pregar, em essência, três pontos: racismo e supremacia branca; misoginia e sexismo; e autoritarismo e discurso genocida (Bray, 2019). Assim, entende-se a necessidade de um antifascismo contínuo, que possa atuar de maneira perene no combate à extrema-direita.

> O antifascismo cotidiano aplica uma visão antifascista a qualquer tipo de interação com os fascistas, todos os dias ou de qualquer outra forma. É se recusar a aceitar a perigosa noção de que a homofobia é apenas a "opinião" de alguém que a tem direito. É se recusar a aceitar a oposição à ideia básica de que "vidas negras importam" como um simples desacordo político. Uma perspectiva antifascista não tem tolerância pela intolerância. Não "concordar em discordar". (Bray, 2019, p. 356)

Assim, o entendimento é o de que a demonstração de ideais fascistas, como os já detalhados neste capítulo, pode e deve ser enfrentada dentro da sociedade, o que inclui a atuação tanto de movimentos sociais quanto da mídia. Um primeiro passo é compreender o que é e de que modo o fascismo se comporta para, em seguida, poder reagir.

Sobre a ação direta antifascista, Jourdan e Rosa (2020) dizem que o fato de um ato ser direto significa não contar com intermediários. Ao contrário do que pode parecer, ação direta não significa, necessariamente, ação violenta, mas diz respeito à ocupação de espaços de modo a cercear e debelar os interesses fascistas.

> Não se trata aqui apenas de rejeitar a política institucional, e sim de encarnar na própria ação o objetivo buscado, rompendo com dualismos e com a separação entre meios e fins buscados. Neste sentido, organizar educação popular é ação direta; ocupar um imóvel abandonado também; tanto quanto promover eventos de contracultura e contrainformação. Adicionalmente, toda a luta na micropolítica onde o fascismo se encontra enraizado é uma luta por meio da ação direta, e aqui é preciso dizer ainda que as transformações reais, profundas, se dão de baixo para cima, no âmbito dos valores, no âmbito das práticas. Se atualmente a fascistização da nossa sociedade aparece de modo tão evidente, isso se deve em grande medida ao fato de que nunca houve uma modificação de baixo para cima naqueles valores que constituem o cerne do fascismo. (Jourdan; Rosa, 2020, p. 117-118)

Em outras palavras, Jourdan e Rosa (2020) indicam a necessidade de se posicionar e agir ativamente contra o fascismo – mesmo quando este não está no poder. Afinal, Bray (2019) indica que o fascismo prospera não só a partir do apoio desmedido a ideias extremistas, mas também pelo silêncio e pelo apoio consentido de muitos.

Apesar de o livro de Bray (2019), intitulado *Antifa – o manual antifascista*, abordar principalmente métodos e táticas que corresponderiam a um antifascismo de rua, expondo estratégias e histórias de grupos antifascistas, o próprio autor conclui ser necessário pensar também em soluções mais duradouras, já que partidos, políticos e organizações extremistas têm proliferado – e não podem ser combatidos somente com bloqueios de comícios.

O autor aponta, por exemplo, que as revoluções fascistas sempre fracassaram. Fascistas que chegaram ao poder o fizeram de maneira legal, ainda que apoiados por militâncias violentas. “Historicamente o fascismo ganhou acesso aos corredores do poder não derrubando seus portões, mas convencendo seus porteiros gentilmente a abri-los” (Bray, 2019, p. 252). Assim, não se poderia contar somente com as estruturas formais do sistema político e social, como órgãos parlamentares, judiciais, policiais e de fiscalização, para controlar a ascensão fascismo – camadas desses segmentos poderiam inclusive apoiar o fascismo. No Brasil, existem estudiosos que apontam a “bolsonarização” das Polícias Militares, as quais não seriam de fato controladas pelos governadores (Schmidt, 2021).

Outra lição do passado apresentada por Bray (2019) é a demora em enxergar o fascismo como uma ameaça real. Se contrarrevoluções e reações a mudanças nas sociedades sempre existiram, o que o fascismo teria de diferente ao surgir propondo e representando sempre algo novo, uma mudança na ordem vigente? Para Bray (2019), muitas vezes houve uma tendência

excessiva de políticos e teóricos de esquerda em ver o fascismo como mais uma contrarrevolução tradicional, ignorando a capacidade de mobilização social e o poder arregimentado pelos fascistas.

O autor aponta a necessidade de, conforme a história se distancia do século 20 e dos fascismos pioneiros, reavaliar de maneira contínua o rearranjo de ideias, estratégias e táticas da extrema-direita. Jair Bolsonaro ganhou espaço na mídia nacional por meio de programas de humor e de auditório antes de chegar ao poder – por mais que externasse pensamentos machistas, racistas e violentos, era motivo de chacota generalizada. Também foi a extrema-direita que anteviu os benefícios eleitorais do uso massificado das redes sociais (Mello, 2020).

Ainda de acordo com Bray (2019), outro fator importante, além da demora em reconhecer a ameaça fascista, deve ser levado em conta: a dissonância entre lideranças do campo contrário ao fascismo. Mesmo que variados partidos, grupos e organizações repudiem o fascismo, não é raro haver discordâncias entre eles, o que atrasa a mobilização e o enfrentamento.

Foucault (1977), citado por Jourdan e Rosa (2020), assevera a necessidade de se levar uma vida não fascista: isso implica combater o fascismo dentro de cada pessoa, o fascismo que faz os indivíduos se apaixonarem pelo poder e se apegarem à ideia de dominar terceiros. Foucault propõe uma abordagem política que rompe com paradigmas unitários e totalizantes. Ele sugere a liberação da ação política de qualquer forma de paranoia, buscando a proliferação, justaposição e disjunção em detrimento da subdivisão e hierarquização piramidal. Foucault (1977) incentiva a superação das antigas categorias de negatividade, como a lei, o limite e a castração, preferindo abraçar o positivo e múltiplo, a diferença em vez da uniformidade, o fluxo em detrimento das unidades, e os agenciamentos móveis em oposição aos sistemas estáticos. Ele destaca a importância de não associar a tristeza à militância, enfatizando que a ligação do desejo com a realidade possui uma força revolucionária.

Além disso, Foucault (19770 alerta contra a tentativa de conferir valor de verdade a uma prática política por meio do pensamento, ou desacreditar um pensamento usando a ação política como mero instrumento de representação. Ele propõe a utilização da prática política como intensificadora do pensamento, e a análise como multiplicadora das formas e domínios de intervenção política. O autor desafia a ideia de restabelecer os "direitos" individuais, defendendo a "desindividualização" através da multiplicação, deslocamento e diferentes agenciamentos, enfatizando que o grupo não deve ser um laço orgânico hierarquizado, mas um gerador constante de "desindividualização". Por fim, Foucault adverte contra a idolatria pelo poder.

O argumento de Jourdan e Rosa (2020) é o de que o fascismo jamais desapareceu, mesmo após o fim da segunda Guerra Mundial, mas se mesclou silenciosamente na sociedade, estando pronto para voltar e ser empregado quando as classes dominantes, diante do caos político, social e econômico, temem uma revolução social.

> Para os antifas, o fascismo não é uma doença ou uma patologia inata, e sim algo normalizado no nosso cotidiano, uma perversão do desejo produzida pelas formas de vida capitalista e moderna: práticas de dominação, autoritarismo e exploração que nos integram de tal jeito que não podemos simplesmente *decidir* sair delas. Mas nem todo mundo se torna um neonazista. Isso também demanda uma prática fascista, uma reafirmação constante do desejo fascista de oprimir e viver em um mundo opressivo. E, com certeza, o mundo contemporâneo fornece essa reafirmação. (Jourdan; Rosa, 2020, p. 119-120)

Nesse cenário, Jourdan e Rosa (2020) sugerem o antifascismo como uma prática ética e coletiva de resistência, uma possibilidade de promover espaços seguros e redes de solidariedade e combater o avanço do fascismo. É nesse contexto que parte da luta antifascista se materializa nas torcidas de futebol, assunto do próximo capítulo.

# 3 FUTEBOL E TORCIDAS ANTIFASCISTAS

O fascismo sempre procurou estabelecer relações com o esporte. Isso aconteceu nos fascismos históricos e ocorre na atualidade, com governantes que buscam obter ganhos políticos a partir da aproximação com atletas, equipes e entidades esportivas populares, os quais, por sua vez, também vislumbram, a partir dessas conexões, a possibilidade de defender os próprios interesses.

No Brasil, as associações entre o fascismo e o futebol acontecem dentro de um contexto específico, já que profundas transformações vêm ocorrendo tanto na modalidade propriamente dita quanto na sociedade como um todo.

Este capítulo tem o objetivo de apresentar as torcidas antifascistas da atualidade, as quais são organizações de torcedores que se formam não só a fim de torcer por seus times, mas também com o intuito de se engajar em causas diversas. Para isso, a partir de levantamento bibliográfico, o capítulo aborda três assuntos, que se complementam e estão divididos em subseções próprias: o fato de que futebol e política não são universos separados; um pano de fundo histórico, político e econômico que possibilitou o surgimento das torcidas antifascistas; e um panorama sobre as próprias torcidas antifascistas.

## 3.1 Futebol e política se misturam

Um ponto crucial nesta tese é o entendimento de que política e esporte se misturam. O futebol, como modalidade mais popular do Brasil e do mundo, não fica de fora dessa máxima. Futebol e política não são mundos separados, como defendem muitas pessoas (Leifert, 2018), mas realidades e campos que se inter-relacionam e se coabitam. Para Ribeiro (2020), é evidente que futebol e política são distintos, porém não são, de forma alguma, opostos.

Traçar a cronologia da conexão entre futebol e política extrapolaria os limites e intuitos desta tese, para a qual interessa, em essência, argumentar que o vínculo existe, o que reverbera em todos os envolvidos, inclusive as torcidas e a mídia, focos do presente trabalho acadêmico.

Ribeiro (2020) explica que a política é inerente às pessoas, independentemente da vontade dos sujeitos. Ou seja: sempre se vive em um mundo político e sob influência da política, ainda que isso seja negado por alguns. Falar em política não significa fazer menção somente ao Estado, mas a uma relação complexa de poderes da qual o Estado, assim como outras instituições e indivíduos, é um partícipe.

Dessa forma, apontar a existência de relações entre futebol e política não significa enxergar o esporte associado somente a governos, mas inserido em conjunturas amplas que sustentam e garantem a existência de governos e Estados, como o capitalismo. Toda a trajetória do futebol, dos demais esportes modernos, da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos está imbricada com as necessidades, tensionamentos e contextos de cada momento histórico.

No caso específico do aparecimento do futebol, diz Ribeiro (2020), tratou-se de uma marca de distinção de classe (das elites em relação às massas) no século 19, em um Reino Unido já pós-Revolução Industrial e rumo ao apogeu do capitalismo. Depois disso, o futebol se transformou diversas vezes e se desdobrou em inúmeras nuances, ainda mais considerando o quão global é, mas o exemplo sobre a origem da modalidade é válido para ilustrar que o futebol sempre teve e sempre terá uma dimensão política.

Dirigentes e atletas podem até negar o lado político do futebol, assim como a política pode negar o futebol enquanto fenômeno político, mas a relação entre os dois campos é um fato sólido. De acordo com Ribeiro (2020), futebol e política têm suas próprias vivências e conceitos construídos ao longo da história. Frequentemente, futebol e política precisam negar um ao outro.

Portanto, aponta Ribeiro (2020), em muitos casos, o futebol precisa negar a política para estabelecer-se como uma prática social legítima e distanciar-se da própria política. Embora tenha tido sucesso com essa estratégia, o futebol ainda está ligado à política. Da mesma forma, o campo político nega o futebol como um fenômeno político, mas isso não desfaz a ligação entre eles. Em última análise, significa que o futebol precisou negar a política para se estabelecer como uma prática social autônoma e é reconhecido e afirmado como um lugar político neutro. “É nesse *lugar político da neutralidade* que ele é reconhecido e que se afirma”, diz Ribeiro (2020, p. 26) sobre o futebol.

Entender que futebol e política se misturam não significa incorporar binarismos e ideias fechadas ou propor conceitos rígidos e inflexíveis sobre um ou outro, mas, como propõe Souza Junior (2020) de acordo com os ensinamentos de Wisnik (2008), enxergar o futebol como uma manifestação social, cultural e política que se apresenta de maneira difusa. Cada pessoa vê esse fenômeno da própria maneira, de modo subjetivo e particular. O contato com o futebol, incluindo os entrelaçamentos políticos, sempre permite, portanto, diversos tipos de abordagem, formulações provisórias, mudanças de ideia e aquisições de novas experiências.

Essa linha de raciocínio não permite análises simplistas, muitas vezes repetidas à exaustão, como a de que o futebol seria o ópio do povo ou instrumento de alienação. É

necessário ter em conta que as relações entre futebol e política podem apresentar múltiplas dimensões.

Ao analisar as relações entre o futebol e a ditadura militar brasileira (1964-1985), em estudo específico sobre atletas que disputaram os Jogos Olímpicos de 1968, na Cidade do México, Giglio (2020) verifica que a despolitização está enraizada na estrutura do futebol. Para atletas que atuaram durante o período ditatorial, romper essa lógica poderia interferir na progressão da carreira.

Sendo assim, predomina no meio futebolístico a tendência de validação do *status quo*, não de rompimento. Essa postura, aponta Giglio (2020), não era somente individual, mas compartilhada de modo coletivo pelos atletas. Ser contrário significaria estar em evidência pelo modo de pensar, não pela qualidade esportiva.

> Dissociar o esporte da política, embora esta seja uma separação problemática, funciona como *modus operandi* para validar a ideia de que, sendo separados, não se deve falar sobre a relação entre ambos. Afastá-los é o meio mais eficiente de negar essa inexorável ligação e ainda de permitir que a distância produza o esvaziamento de sentido, resultando na despolitização esportiva. (Giglio, 2020, p. 77).

Vaz (2020) promove um percurso pela obra de Roberto DaMatta, pensador que exerceu papel fundamental na propagação do futebol enquanto objeto de estudo das humanidades. Segundo Vaz (2020), DaMatta foi inovador ao enxergar o futebol com viés positivo, ao contrário do que faziam – e ainda fazem, em alguma medida – os intelectuais.

Em vez de “ópio do povo”, o futebol é, para DaMatta, “drama de ‘justiça social’, fenômeno progressista e modernizador, democrático em sua realização” (Vaz, 2020, p. 204). A justificativa para isso seria o fato de o futebol ser uma prática altamente acessível, com regras transparentes e de amplo domínio – diferentemente de áreas como política e economia, mais restritas aos especialistas. Assim, no futebol, o mérito prevaleceria no lugar de apadrinhamentos, conchavos e vínculos familiares.

Ainda de acordo com Vaz (2020), DaMatta critica o “utilitarismo” do futebol. Ou seja, o pensador não se preocupa em avaliar a quais projetos sociais ou políticos o futebol serve, mas em verificar as especificidades do próprio futebol como manifestação social. Ainda que não seja alheio a relações políticas mais imediatas, o futebol, segundo DaMatta, consiste em elemento de identificação.

Para DaMatta (1982), a pergunta básica deixa de estar orientada para discernir "funções" e "utilidades" do esporte em um dado sistema. Em vez disso, a ênfase recai sobre a descoberta das implicações e consequências que o domínio social classificado como "esportivo" permite

vislumbrar. Em última análise, busca-se uma resposta satisfatória para a seguinte indagação: quando se vivencia ou se reflete sobre as atividades denominadas esportivas, sobre o que, afinal de contas, se fala? Em outras palavras, no universo do "esporte", que tipo de vivência a sociedade está abrindo e legitimando para as pessoas e para ela própria como sistema? Que relações podem ser desfrutadas, renovadas, estabelecidas e esquecidas neste domínio? “Que tipo, enfim, de roupagem é essa que a sociedade veste quando se manfesta totalizada por meio de sua dimensão esportiva?”, pondera DaMatta (1982, p. 24).

O objetivo desta tese não é discutir a visão de DaMatta, mas reafirmar que o futebol é esfera que pode ser associada à política, o que contempla diversas nuances e múltiplos entendimentos. No âmbito desta tese, interessa estudar as dimensões políticas das torcidas antifascistas, o que será feito adiante. Na próxima subseção, o presente trabalho se volta a algumas reconfigurações sofridas pelo futebol nos últimos tempos.

### 3.2 O futebol no século 21: mercantilização e arenização

O surgimento das torcidas de futebol antifascistas, que será discutido de forma detalhada mais adiante ainda neste capítulo, acontece dentro de contextos específicos do futebol e da sociedade. Torcedores antifascistas se organizam, se mobilizam e se identificam da forma como o fazem em virtude de movimentos do esporte espetacularizado, globalizado, mercantilizado e midiatizado. Pinheiro (2020; 2021) aponta a relação direta entre a eclosão desses grupamentos de torcedores e os movimentos ostensivos de mercantilização do futebol e arenização dos estádios.

Pinheiro (2020; 2021) pontua que o futebol, ao longo dos anos, se consolidou como produto valioso e angariou grande público, alcançando proporções globais e se transformando em um item da indústria do entretenimento. Nesse processo histórico, Helal e Santos (2016), citados por Pinheiro (2021), apontam quatro marcos históricos que fundamentam o posicionamento do futebol como um meganegócio mundial:

1) Europa pós-Segunda Guerra, principalmente nos anos 1960: com a formação de uma nova sociedade de consumo e diante da concorrência de diferentes indústrias do entretenimento, o futebol, assim como todo o contexto europeu, sob influência do estilo estadunidense, passa a ser conduzido de uma maneira mais vinculada aos negócios, por dirigentes atrelados ao mundo corporativo.

2) Chegada de João Havelange à presidência da Fifa, em 1974: a era do brasileiro à frente da entidade máxima do futebol mundial dá início a um grande processo de sofisticação do futebol enquanto negócio, alavancado notadamente com as transmissões de futebol via satélite a partir de articulações com grandes empresas globais (patrocinadores, distribuidores de material esportivo, companhias de marketing, mídia, entre outras).

3) Tragédia de Hillsborough, em 1989, na Inglaterra, durante partida entre Liverpool e Nottingham Forest. Devido à superlotação e à negligência da organização e do policiamento, 96 pessoas morreram e cerca de 700 ficaram feridas. Relatórios governamentais foram conduzidos e, sob o discurso neoliberal de Margaret Thatcher, torcedores foram responsabilizados – posteriormente, concluiu-se que o público não foi o culpado pelo acontecimento. O fato é que após a tragédia foram demandadas alterações arquitetônicas consideráveis nos estádios, o que resultou em aumento nos preços dos ingressos e maior dificuldade de acesso por camadas populares.

4) Adoção de arenas multiuso pela Fifa e pela Uefa nas últimas décadas: as entidades passam a exigir que os países-sede de Copa do Mundo e Eurocopa utilizem estádios que atendam determinadas condições, o que leva a obras bastante custosas.

Ainda que esses momentos históricos tenham tido a Europa como epicentro, o Brasil jamais deixou de ser afetado pelas transformações. Embora com suas particularidades, o país sempre foi atingido por esses movimentos do futebol globalizado. Pinheiro (2021) diz que esses quatro pontos na linha do tempo contribuíram para a produção de novos sentidos nos diversos espaços futebolísticos, abrangendo todos os atores envolvidos: dirigentes, jogadores, torcedores, jornalistas e outros. Conforme os tempos mudavam, eram alteradas também as expectativas e as vivências de cada sujeito envolvido no futebol.

Ao mesmo tempo que esses processos históricos abrem novas possibilidades comerciais e de expansão do futebol, e até mesmo criam caminhos para criar outros tipos de identidade – Pinheiro (2021) exemplifica com o caso da transmissão de torneios europeus no Brasil –, outros vínculos são quebrados. Se um torcedor mais consumidor passa a ser privilegiado, pessoas com menor poder aquisitivo tendem a ser deixadas de lado.

> Por conseguinte, essa reconfiguração ocorre por meio da imposição arbitrária de um novo modelo de estádio, importado, em detrimento dos antigos estádios de massa que ampliavam a potência coletiva das torcidas e suas apropriações. Nesse sentido, de acordo com o geógrafo David Harvey (2005), que define, por meio da expressão economias da despossessão, a relação entre o capital financeiro e a produção do urbano que radicaliza as desigualdades sociais, restringindo o direito à cidade.

> Podemos entender que o processo de arenização constitui um dos efeitos da acumulação de riqueza centrada na inversão de capitais excedentes na urbanização, desapropriando determinados grupos sociais das suas experiências, do seu patrimônio. Em contrapartida, as sociabilidades das torcidas organizadas não constituem o grupo e o setor mais favoráveis para o consumo dos recursos das arenas multiusos. Um dos desdobramentos desse descompasso entre a arenização e os valores atribuídos pelas torcidas - que contrasta com a modulação de um comportamento torcedor e a imposição de um novo espaço - consiste nas sucessivas tentativas de criminalização das torcidas organizadas. (Pinheiro, 2021, p. 344)

É nesse contexto que Pinheiro (2021, p. 343) usa a expressão "futebol moderno" para conceituar, de forma crítica, as "transformações econômicas, culturais, sociais, arquitetônicas e organizacionais resultadas do processo de mercantilização do futebol em curso no Brasil, porém mais visíveis desde o final do século 20 e nos vinte primeiros anos do século 21". Dentre as transformações está a formação de torcidas antifascistas.

Outro exemplo é a imposição da política de torcida única, assunto sobre o qual o autor desta tese se dedicou na dissertação de mestrado (Orlando, 2019). A torcida única, que consiste na realização de partidas de futebol com presença somente de torcedores da equipe mandante, é uma medida que pretensamente visa coibir a violência no futebol. No estado de São Paulo a torcida única está em vigor desde 2016 a partir de uma recomendação do Ministério Público (MP), em ato legalmente questionável e que faz parte de uma série de ações que, com a alegação de tentar melhorar a segurança pública nos jogos de futebol, acaba por afastar dos estádios parte do público tradicional.

Nos anos 1990, quando a violência no futebol brasileiro ficou mais acentuada, as autoridades, influenciadas por medidas de combate à violência torcedora na Europa, principalmente na Inglaterra, passaram a fechar o cerco contra as torcidas organizadas, tradicionalmente apontadas como as responsáveis pelas transgressões (Murad, 2017; Toledo, 1996).

MP e Polícia Militar (PM), respaldados por boa parte da imprensa, concentraram esforços em combater a existência das torcidas organizadas, as quais foram restringidas ou proibidas – medidas que não chegaram a se concretizar de fato. Em paralelo a isso, determinadas manifestações festivas, como levar bandeiras com mastro aos estádios, foram vetadas, bem como o consumo de bebidas alcoólicas. Posteriormente, após tratativas, as bandeiras puderam voltar – mas a permissão durou apenas alguns meses.

Nos anos seguintes, o aparecimento de canais de televisão a cabo e sob demanda (pay-per-view), a introdução do Estatuto de Defesa do Torcedor (Brasil, 2003; Brasil, 2010) e o contexto de organização da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 no país alimentaram ainda mais o espírito mercadológico do futebol brasileiro. E, para que o produto

futebol pudesse ser valorizado e comercializado, parcela do público, os mais pobres, era deixada de lado.

Segundo Pinheiro (2021), esse fenômeno é a arenização, termo já citado neste trabalho e que consiste na reestruturação de estádios no Brasil tendo em vista, especialmente, a Copa do Mundo de 2014. Além de mudanças arquitetônicas substanciais, que trouxeram custos mais altos de manutenção, portanto ingressos mais caros, a arenização modificou a experiência de torcer, já que as novas arenas foram concebidas para atender públicos sazonais, shows musicais e outros eventos.

Nicolau Netto e Cavalcante (2020, p. 233) sustentam que o futebol está inserido numa lógica capitalista e num contexto de cultura neoliberal e citam o termo "processo de mercadorização" para se referir às transformações econômicas e sociais no esporte. De acordo com os autores, processo de mercadorização é a tendência que elementos de um determinado fenômeno (no caso, o futebol) têm de adquirir um valor e ingressar em um sistema de circulação. Embora ressaltem que nem tudo que se relaciona ao jogo possa ser incluído no processo de mercadorização, pois alguns itens não se tornaram mercadoria, Nicolau Netto e Cavalcante (2020, p. 233) entendem que o movimento em questão está "mais extenso e intenso no futebol". A paixão torcedora em si não está reduzida a um bem de consumo, mas pode ser mobilizada com fins mercadológicos a partir de outros produtos e serviços.

> Mais extenso, porque se buscam cada vez mais elementos dessa prática. Mais intenso, porque o processo de mercadorização se intensifica em cada elemento. Vamos pegar um exemplo para sair do abstrato: a paixão do torcedor. Esta nunca será reduzida a uma mercadoria; o torcedor nunca será meramente um consumidor, tal qual um comprador de um sapato que pode usufruir simultaneamente de várias marcas. Contudo, é fato que tal paixão sofre hoje um processo de mercadorização, o que ocorre no sistema de sócio-torcedor, na venda de produtos de times etc. (Nicolau Netto; Cavalcante, 2020, p. 233)

Assim como Pinheiro (2021), Nicolau Netto e Cavalcante (2020) apontam que o processo de mercadorização do chamado futebol-espetáculo remete a um longo contexto histórico, durante o século 20, no qual a atuação de entidades esportivas, empresas midiáticas, companhias de produtos esportivos e diversas marcas multinacionais injetou grandes somas de dinheiro na Copa do Mundo de futebol e nos Jogos Olímpicos, que foram progressivamente alçados à condição de megaeventos de alcance global, definindo novos marcos nas relações entre o esporte profissional e o capital. Segundo Nicolau Netto e Cavalcante (2020), houve uma desnacionalização da organização desses eventos, ou seja, entidades transnacionais assumiram o controle de funções criadas em bases nacionais.

Com a desnacionalização, Fifa e Comitê Olímpico Internacional (COI) assumiram o controle de símbolos e termos relacionados à Copa do Mundo e as Olimpíadas – antes, esses elementos não eram sequer protegidos ou eram de direito de comitês organizadores locais –, o que permitiu a consolidação dos torneios esportivos enquanto marcas e abriu caminho para que empresas patrocinassem os jogos de maneira quase exclusiva, com poucos anunciantes em modelos mais lucrativos. Conforme Nicolau Netto e Cavalcante (2020), os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, foram patrocinados por 16 empresas, que desembolsaram 2,25 bilhões de dólares; já a Copa do Mundo de 2014, no Brasil, teve 14 anunciantes oficiais, os quais pagaram cerca de 2 bilhões de dólares para expor suas marcas.

A mercadorização foi acompanhada e influenciada pela crescente exposição dos megaeventos, ao passo que a televisão – e, posteriormente, a internet – possibilitaram o aumento do alcance das competições, que chegam a atingir bilhões de pessoas no mundo, e incrementaram ainda mais o faturamento, de modo que as transmissões são hoje a principal fonte de receita dos eventos (Nicolau Netto e Cavalcante, 2020). A lógica da mercadorização não se restringiu aos Jogos Olímpicos e à Copa do Mundo, mas criou modelos que são empregados em outros campeonatos, como a Liga dos Campeões da Europa, torneios nacionais e outras competições internacionais.

Para Nicolau Netto e Cavalcante (2020), a mercadorização se espalha dos megaeventos em direção a outros elementos das práticas esportivas e condicionam as ações das pessoas ali envolvidas. A mercadorização afeta os clubes, tanto os europeus como os brasileiros, e os torcedores passam a ser enxergados mais como consumidores. Além de os estádios serem arenizados, se parecendo mais com espaços destinados a consumo, determinados comportamentos, direitos e deveres de consumidores são exigidos dos torcedores: certas manifestações são vetadas e todos são encorajados a permanecerem sentados, por exemplo.

Todas essas transformações políticas, econômicas e sociais no futebol não acontecem sem reações e efeitos. Santos (2022) mostra que, em meio à era da cibercultura no século 21, em que a internet e os demais meios de comunicação possibilitam diferentes formas de acompanhar o futebol e de interagir, surgem novas maneiras de torcer. O autor propõe três categorias de torcedores: “teletorcedor”, o “ator-cedor” e o “*supporter*”.

Essas tipologias não necessariamente são excludentes ou antagonistas entre si, mas, de acordo com Santos (2022, p. 160), “se relacionam dialeticamente no universo do futebol dos tempos atuais”. Tampouco são fenômenos exclusivos dos anos recentes, mas produto de um cenário específico que se forma a partir das conexões entre cibercultura e mercantilização do esporte.

Santos (2022) chama de teletorcedores aqueles que acompanham um clube de futebol a distância e são influenciados a consumir, mesmo que de longe, produtos e serviços específicos. Não são novidade no Brasil, por exemplo, os clubes massificados, que contam com torcidas em estados distantes da sede, muito em função de transmissões televisivas que davam preferência a clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo. Entretanto, a internet possibilitou novos modos de torcer pelos ambientes digitais, o que também ensejou novas formas de exploração comercial, notadamente a partir de redes sociais, por parte da indústria do futebol.

Assim, proliferam, principalmente a partir de grandes times da Europa, as chamadas "embaixadas" de equipes de futebol, fã-clubes, conteúdos oficiais traduzidos para diversas línguas e até mesmo criptomoedas. Os limites geográficos são expandidos e os clubes passam a considerar, mais do que nunca, os ganhos financeiros que o público distante pode propiciar. São inúmeros os casos de grupos de torcedores e variados os clubes que contam com esse contingente de apoiadores, e, para Santos (2022), é importante destacar o quanto esse fenômeno pôde beneficiar mais os grandes clubes das principais ligas europeias do que times em outros pontos do globo.

Já os ator-cedores são, segundo Santos (2022), aqueles torcedores que, em meio às alterações nas dinâmicas do futebol, tentam ser ou chamam a si mesmos de atores dentro do futebol, em comportamento que se dá nas plataformas digitais. São pessoas que buscam discutir e se engajar ativamente em prol do clube, em atuação organizada e propagada a partir da internet (sites, blogs, redes sociais, podcasts e canais de vídeos).

Os ator-cedores organizam grupos de discussão, produzem e compartilham conteúdos e elaboram demonstrações de envolvimento com o clube. Mobilizam apoio aos jogadores, divulgam coreografias festivas, organizam manifestações, se engajam em campanhas de apoio financeiro e até mesmo tentam atrair a atenção de eventuais patrocinadores ou atletas a serem contratados. Ainda de acordo com Santos (2022), esses ator-cedores também podem ter uma atuação negativa, ao promover ataques orquestrados contra árbitros, jornalistas ou comentaristas esportivos ou outros partícipes do futebol.

Ainda conforme as nomenclaturas de Santos (2002), os *supporters* estão um passo além dos ator-cedores: são torcedores que não apenas participam de modo constante no ciberespaço, mas são ativistas e militam em prol de pautas específicas que dizem respeito aos seus times.

> A escolha pelo termo "*supporter*" busca designar algo como um "torcedor ativista", um tipo específico de torcedor de futebol que poderíamos caracterizar pelo seu alto grau de dedicação, mobilização e fidelidade, que se engaja e elabora organizações de caráter político que buscam intervir, participar ou questionar os rumos do clube. Estão presentes em muitas agremiações (talvez em sua ampla maioria), e buscam conferir

> representatividade política aos demais torcedores na promoção de pautas que se referem àquilo que entendem pelos seus direitos, ao maior poder de decisão e na contestação efetiva da própria propriedade dos clubes. (Santos, 2022, p. 184)

Ainda que os chamados teletorcedores e ator-cedores também se arregimentem em coletivos e grupos, os *supporters* formam organizações militantes, como movimentos políticos. Têm visões próprias sobre a concepção do clube, questões de gestão, forma como o estádio é distribuído, comportamentos dos dirigentes, entre tantas outras demandas e áreas de atuação. De acordo com Santos (2022, p. 186), movimentações desse tipo não são novas: são oriundas de formas organizativas de torcedores mais antigas, como os fanzines (materiais impressos distribuídos por torcedores antes de partidas), mas que se remodelaram diante "da era da globalização, da hipermercantilizacão do futebol e dos imperativos individualistas da nova razão neoliberal".

Embora a pesquisa de Santos (2022) esteja focada nos torcedores ativistas, chamados pelo autor de *supporters*, que abraçam causas relacionadas mais diretamente ao futebol (luta contra a venda de clubes a bilionários estrangeiros ou briga por participação dos torcedores em decisões importantes), seria possível incluir as torcidas antifascistas nessa definição. Ao mesmo tempo em que a mercantilização do futebol se acelerou no Brasil, o país também se viu cercado pelo crescimento do fascismo, conforme discutido no capítulo anterior desta tese, em cenário propício para que os torcedores antifascistas se mobilizassem não só em torno de causas futebolísticas, mas também se envolvessem em causas sociais, políticas, econômicas e culturais mais abrangentes, o que será abordado no próximo subcapítulo.

### 3.3 O que são as torcidas antifascistas

Com a progressiva mercantilização do futebol nas últimas décadas e transformações importantes na estrutura econômica da modalidade, bem como o contexto social e político específico do Brasil, começaram a proliferar as chamadas torcidas antifascistas, as quais procuram associar a paixão torcedora à militância política. Quase todos os principais clubes brasileiros contam com uma ou mais torcidas antifascistas.

As torcidas antifascistas não são como as torcidas organizadas tradicionais, como as analisadas por Toledo (1996). De acordo com Magri (2019), os agrupamentos antifascistas, que muitas vezes não conseguem sequer estar presentes nos estádios, são coletivos que usam o time de futebol como pano de fundo para discutir e protestar contra homofobia, racismo, machismo e capitalismo.

O fenômeno não é exclusivo do Brasil, tampouco recente. “Desde que existe fascismo, tem havido oposição a ele no campo de futebol, ao redor do estádio e na sociedade em geral”, pontua Lee (2022, posição 81, tradução nossa)[4].

No Brasil, existe a particularidade de as torcidas organizadas não terem um posicionamento político claro. No contexto europeu, segundo Lopes (2023), existe a tendência de que a posição política das torcidas seja mais bem definida: à direita, por exemplo, há grupos ligados a clubes como o Legia Varsóvia (Varsóvia, Polônia), Paris Saint-Germain (Paris, França), Zenit St. Petersburgo (São Petesburgo, Rússia) e Lazio (Roma, Itália); à esquerda, existem torcidas vinculadas a clubes como Rayo Vallecano (Madri, Espanha), St. Pauli (Hamburgo, Alemanha), Besiktas (Istambul, Turquia), Standard Liége (Liége, Bélgica), AEK (Atenas, Grécia), Marseille (Marselha, França) e Livorno (Livorno, Itália).

Já no Brasil, pondera Lopes (2023), ainda que membros de determinadas torcidas organizadas tenham se envolvido em manifestações políticas, o antifascismo não é uma pauta principal dessas agremiações, caracterizadas por, acima de tudo, apoiar seu time – em que pesem outros fatores, como modo de torcer, histórico de violência e outras especificidades.

Pinheiro (2021, p. 342) situa a emergência de torcidas antifascistas em um quarto (e mais recente) momento na história das torcidas, quando torcedores “instituem redes transnacionais de cooperação e de solidariedade com outros grupos antifascistas espalhados em vários países”. Esses quatro momentos históricos sobre as torcidas, chamados por Pinheiro (2020; 2021) de “ondas” por não serem acontecimentos estáticos na cronologia, estão resumidos a seguir. Ainda que o autor foque seus estudos sobre o estado do Ceará, os acontecimentos estão em consonância, preservadas particularidades que sempre existem, com todo o Brasil.

- Primeira onda (entre anos 1950 e 1970): formação das primeiras torcidas e charangas do futebol brasileiro. Com a adoção de uma sociabilidade festiva e com o uso de instrumentos musicais de sopro e percussão, essas torcidas ajudavam a promover os clubes e a popularizar os estádios.
- Segunda onda (consolidação a partir dos anos 1980): surgem e se multiplicam as torcidas organizadas, as quais são estruturadas como entidades próprias, com diretorias,

[4] “As long as there has been fascism, there has been opposition to it on the football field, around the stadium and in wider society”.

cargos e funções específicos. A violência no futebol, que sempre existiu, se acentua enquanto um fenômeno relevante na sociedade.

- Terceira onda (a partir do século 21): criação de torcidas alternativas às torcidas organizadas. Essas torcidas alternativas, muitas vezes fundadas a partir de cisões internas nas organizadas, surgem com propostas (contraposição à violência torcedora) e influências estéticas (cultura futebolística argentina, com mimetização de ritmos e costumes das *hinchadas*) próprias.
- Quarta onda (também a partir do século 21): momento em que coletivos alternativos de torcedores, na esteira da terceira onda, agem de forma ainda mais contundente e adotam um aspecto político mais evidente. É nesta quarta onda que se inserem as torcidas antifascistas.

Segundo Pinheiro (2021, p. 354), a eclosão das torcidas antifascistas está associada a uma politização exterior ao futebol – no caso, sob o viés político da esquerda. "Esse novo modelo coletivo do torcer combate não só a violência nos estádios, mas também o fascismo, o machismo, o racismo, a homofobia, a xenofobia e a modernização do futebol", pontua o autor. Assim como os *supporters*, conforme a nomenclatura atribuída por Santos (2002) e discutida no subcapítulo anterior, os torcedores da quarta onda são ativistas e atuam como militantes políticos.

A diferença que poderia ser atribuída entre os *supporters* e os torcedores antifascistas, nas pesquisas de Santos (2022) e Pinheiro (2020; 2021), reside no fato de que os primeiros estão interessados em assuntos relacionados ao clube e ao ambiente futebolístico, ao passo que os segundos se associam também a pautas políticas mais amplas. Contudo, as ideias desses autores apresentam sintonia entre si e apontam para a mesma direção: torcidas antifascistas aparecem como contraponto tanto às mudanças agressivas no futebol quanto ao crescimento de ideologias de extrema-direita, em movimento que ocorre não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Em determinadas situações de análise, um mesmo torcedor ou um mesmo conjunto de torcedores poderiam ser classificados, portanto, como antifascistas e como *supporters*.

Lopes (2023, p. 124) propõe outra denominação, a de coletivos ativistas de torcedores (CATs), para se referir aos grupos de torcedores que se reúnem a fim de "promover algum tipo de mudança social". A opção por essa nomenclatura se deu porque esses agrupamentos são caracterizados por um grau menor de formalização, pela ausência de hierarquia e de lideranças formais e por um modelo colaborativo e horizontal de trabalho e atuação.

Conforme Lopes (2023), os CATs seriam uma categorização mais abrangente, abarcando coletivos antifascistas, coletivos progressistas, coletivos identitários e coletivos voltados ao clube e/ou ao futebol. Os CATs antifascistas, explica o autor, levam no nome a palavra “antifascista” ou o acrônimo “antifa” e estão vinculados à subcultura antifascista e tendem a optar pelo anonimato. Já os coletivos progressistas são entendidos como antifascistas num sentido mais amplo, pois têm como pautas o avanço da democratização, a promoção de direitos sociais, a redistribuição econômica, o enfrentamento das diversas formas de opressão e a oposição ao autoritarismo; além disso, têm membros ligados a movimentos sociais tradicionais, a partidos políticos e à política institucionalizada.

Em alinhamento com os estudos de Pinheiro (2021), que associa o aparecimento das torcidas antifascistas a uma quarta onda, Lopes (2023) relaciona a emergência dos CATs a cinco acontecimentos históricos:

1) Ascensão da extrema-direita no Brasil: radicais de direita, principalmente a partir dos protestos de 2013, passaram a disputar espaço, nas ruas e nas redes, com a militância de esquerda. Assim, a formação dos CATs seria uma reação, tanto que o Coletivo Democracia Corinthiana se forma no início da tramitação do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 2015.
2) Formação de novos coletivos de jovens nos anos 2010: movimentos de postura crítica ao fazer político tradicional. Os coletivos autonomistas se diferenciam até mesmo dos movimentos sociais e se caracterizam por criar fragmentos de uma realidade paralela. Exemplos seriam o *Occupy Wall Street*, em Nova York, e os protestos de 2013 e ocupações de escolas por estudantes, no Brasil.
3) Novas formas de comunicação: as tecnologias móveis e a internet vêm dando mais suporte aos movimentos e são, efetivamente, parte constitutiva das ações coletivas.
4) A realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil: escândalos de corrupção, gastos além dos previstos inicialmente e projetos políticos e de intervenção urbana considerados autoritários, tanto na Copa de 2014 quanto nos Jogos Olímpicos de 2016, foram motivos que suscitaram protestos por parte de grupos torcedores.
5) O desgaste da imagem das torcidas organizadas: os CATs surgem como contraponto a práticas violentas e como alternativa a hábitos sexistas e homofóbicos das torcidas organizadas tradicionais.

Esse emaranhamento de situações, no futebol e além do esporte, criou condições para que determinados grupos de torcedores pudessem se mobilizar por mudanças – tanto no futebol quanto na sociedade. Isso explica o motivo de as torcidas antifascistas terem começado a se desenvolver antes mesmo que a extrema-direita chegasse ao poder.

Pinheiro (2021) resgata que a torcida Ultras Resistência Coral (URC), do Ferroviário Atlético Clube (FAC), de Fortaleza (Ceará), é pioneira ao adotar, a partir de 2005, a perspectiva antifascista no torcer. De acordo com o autor, o torcer antifascista contesta modelos historicamente constituídos no futebol, como a hegemonia cis, masculina e heterossexual nesse tipo de ambiente.

Na mesma linha, Borba e Borges (2020) ponderam que a cultura torcedora está sempre associada à ideia de coletividade, uma vez que o conjunto de pessoas envolvidas em um mesmo propósito, no caso, o de apoiar uma equipe de futebol, possibilita ao indivíduo sentir-se parte de um coletivo. No futebol, muitas coletividades podem ser abarcadas, a exemplo do que já se verificou nesta tese a partir das categorizações de Santos (2022) e das distinções entre momentos históricos propostas por Pinheiro (2020; 2021) e por Lopes (2023).

O futebol é, então, um cenário diverso e multifacetado. E, no caso das torcidas antifascistas, a conexão entre os sujeitos que fazem parte desses coletivos não se limita ao esporte:

> Mesmo em meio à nomenclatura propositiva das torcidas antifascistas, é um erro associá-las a uma oposição ao fascismo pura e simplesmente. Ainda que todas elas estejam abertamente posicionadas contra as ideologias fascistas e neofascistas, sua atuação cruza esta delimitação. Neste sentido, o antifascismo atua muito mais como um elemento unificador entre estes coletivos de torcedores. É justamente este antifascismo ressignificado que nos permite dizer que as antifas caminham sob certo alinhamento. (Borba; Borges, 2020, p. 3)

Pode-se apontar que as torcidas antifascistas, ao associarem sua militância política ao futebol, seguem os preceitos de Bray (2019) e de Jourdan e Rosa (2020), expostos no capítulo anterior da presente tese, de que o antifascismo não pode estar restrito somente a ambientes institucionais, como partidos políticos e organizações, mas integrar continuamente as ideias e as ações das parcelas da sociedade que se opõem ao avanço do autoritarismo e à extrema-direita.

Toledo (2022, p. 515) destaca que, quando o assunto é pesquisa acadêmica sobre torcidas e torcedores, atualmente "descortina-se um pluriverso de experiências do torcer em vários sentidos", indo além de somente temas relacionados à violência, que quase sempre – ou por muito tempo – concentraram a maior parte dos estudos sobre futebol no Brasil. O autor acrescenta que "o torcer contemporâneo tem se metaforizado" e incentiva o desenvolvimento

de pesquisas que superem os "discursos tecnicistas, pretensamente a-ideológicos, que, permanentemente, rondam os futebóis torcedores que ainda insistem em reconciliar *éthos* com *eidos*[5], sensibilidade com razão" (Toledo, 2022, p. 517).

Assim, consegue-se, ao mesmo tempo, justificar e compreender a existência e a atuação das torcidas antifascistas, que estariam dispostas a discutir temas como inclusão de minorias e igualdade de direitos (Borba; Borges, 2020). Trata-se, inclusive, de uma tendência dos tempos atuais:

> Posicionar-se intelectual e politicamente como torcedores é a marca dos novos tempos. Torcedores pensam e verbalizam como torcedores, e que as passeatas e ações contestatórias contra a atmosfera neofascista generalizada, ocorridas nas ruas em inúmeras cidades brasileiras no ano de 2020, não nos desmintam. (Toledo, 2022, p. 516)

Em um meio como o futebol, que tende a ser conservador em muitos aspectos, as torcidas antifascistas são como pontos de convergência entre torcedores que se posicionam politicamente de maneira similar (Soares; Zago, 2019). Uma pessoa que torce para um time de futebol não é menos cidadã por gostar de uma equipe. Nesse sentido, Toledo (2022, p. 513), provoca: "Indivíduos que vestem suas camisas e se transformam em torcedores deixam de pactuar politicamente e tensionar os valores da democracia para ingressar num turbilhão de meras emoções reativas e contemplativas?".

Inicialmente, as torcidas antifascistas se articulam a partir das redes sociais, principalmente no Facebook. É no ciberespaço que esses coletivos começam a divulgar suas ideias e a propor discussões específicas. Em 2013, quando o Brasil registrou uma série de manifestações, membros da Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, vislumbraram uma possibilidade de unir as demandas das ruas e das arquibancadas (Grilo; Nina; Iamin, 2020).

Aquilo foi um embrião para que, em 2020, as torcidas antifascistas se tornassem protagonistas nos protestos contra o governo de Jair Bolsonaro, uma vez que partidos políticos tradicionais não obtiveram sucesso na tentativa de mobilizar suas bases para ocupação dos espaços públicos (Bandeira; Dantas, 2020). Coletivos torcedores não se restringiram ao mundo

[5] Ao falar em *éthos* e *eidos*, Toledo (2022) faz referência ao livro *Naven*, do antropólogo inglês Gregory Bateson (1904-1980). "Para Bateson, éthos seria um conjunto de atitudes emocionais que determinam os valores que uma cultura atribui às satisfações oferecidas em seus contextos expressivos (Bateson, 2008, p. 261). Nesse sentido, o futebol cumpriria uma função pragmática de externar tais qualidades em culturas distintas. Ou seja, para se compreender o futebol, é necessário analisar o *éthos* de cada contexto cultural. *Eidos* já se relaciona às padronizações de caráter cognitivo e que respondem pelas teorias do simbolismo que qualquer cultura desenvolve como forma de conhecimento sobre ela própria e sobre o mundo que a cerca" (Toledo, 2022, p. 512).

offline, mas também atuaram efetivamente no mundo real, sendo que o ambiente virtual serviu de catalizador para ações práticas (Lopes, 2023).

Lopes, Dias e Penteado (2022) distinguem três modelos de torcidas antifascistas. O primeiro é referente aos coletivos que agem de modo semelhante às torcidas organizadas tradicionais. É um tipo raro no Brasil, e os autores exemplificam com o caso único da Ultras Resistência Coral (URC), do Ferroviário Atlético Clube, analisada nos já citados trabalhos de Pinheiro (2020; 2021).

De modo geral, indicam Lopes, Dias e Penteado (2022), as torcidas organizadas brasileiras não são orientadas por uma identidade político-ideológico forte. Essa mesma percepção já era apontada por Toledo (1996), que verificou que uma mesma torcida organizada pode abrigar pessoas dos mais variados perfis. Tanto que as torcidas antifascistas são, muitas vezes, compostas por alas de determinadas organizadas – mas as principais organizadas brasileiras não costumam se definir como antifascistas.

O segundo modelo de torcida antifascista identificado por Lopes, Dias e Penteado (2022) tem relação com os coletivos que reúnem membros antifascistas de uma mesma torcida organizada. De acordo com os autores, é um tipo de torcida antifascista que pode realizar ações próprias, mas cujos membros participam ativamente das torcidas organizadas das quais fazem parte. Não são muito numerosos: dois dos mais conhecidos são a Frente Guevarista, da torcida Dragões da Real, e o Bonde do Che, da torcida Tricolor Independente – ambas do São Paulo Futebol Clube (Lopes; Dias; Penteado, 2022).

Por fim, o terceiro modelo apresentado é o dos torcedores antifascistas de um mesmo clube e que não são, necessariamente, participantes de alguma organizada – embora ser membro de uma organizada não seja impedimento (Lopes; Dias; Penteado, 2022). Os autores salientam que esse tipo de torcida antifascista não funciona como uma torcida tradicional e que os principais clubes do país costumam ter ao menos um grupo dessa categoria. Este terceiro modelo é o mais numeroso no Brasil.

Torcedores de clubes rivais também podem militar em prol das mesmas agendas, o que de fato acontece no caso das torcidas antifascistas. As formas politizadas de torcer, contudo, não substituem cega e automaticamente dinâmicas tradicionais do futebol. Em 2020, quando pela primeira vez a pauta das torcidas antifascistas tomou as ruas com mais penetração midiática, em protestos contra o então presidente Jair Bolsonaro, a presença de torcedores rivais no mesmo espaço, na Avenida Paulista, em São Paulo, não foi isenta de tensões (Grilo; Nina; Iamin, 2020). As torcidas antifascistas, bem como torcidas organizadas, estavam presentes, o que fez reverberar antigas disputas entre torcedores “de pista”, como são conhecidos aqueles

que se envolvem em brigas. Pelo relato de Grilo, Nina e Iamin (2020), essas inquietações se limitaram ao campo das ofensas, não chegando às vias de fato.

Torcedores antifascistas de diferentes clubes voltaram a se engajar ativamente em manifestações em 2023, após intentos golpistas de eleitores de Jair Bolsonaro, derrotado na tentativa de reeleição em 2022 (TV Cultura, 2022). Ainda assim, Gomes (2020) enxerga as divergências clubísticas entre torcedores antifascistas como empecilho nas tentativas de articulações nacionais entre coletivos de torcedores, mesmo que algumas iniciativas de construção de laços, inclusive com torcidas estrangeiras, estejam em andamento.

Outro exemplo é o do desbloqueio de rodovias pelo Brasil, no fim de 2022, por torcidas organizadas de vários clubes. Na ocasião, apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, que havia sido derrotado por Lula no segundo turno das eleições presidenciais, paralisaram estradas em diversos estados, interrompendo o fluxo normal de cargas e passageiros. Um dos grupos que ficou impedido de se locomover foi justamente o das organizadas, muitas das quais abriram caminho com as próprias mãos para viajar e ver seus clubes jogarem na reta final do Campeonato Brasileiro (Araújo; Martins; Saldanha, 2022). Ainda que os desbloqueios não tenham sido feitos, necessariamente, apenas por torcedores antifascistas, ainda que possivelmente alguns deles se identificassem com a causa, foi uma demonstração de mobilização coletiva.

Ao analisarem a atuação de um coletivo específico, o Bloco Tricolor Antifa, Lopes, Dias e Penteado (2022) indicam o fato de que foi o universo do futebol, e não outro campo da sociedade, que uniu os membros da torcida antifascista. Isso poderia ter, concomitantemente, dois significados: por um lado, certa desarticulação e um distanciamento dos métodos tradicionais de fazer política; por outro, a noção de que o futebol constitui uma força integrativa com capacidade de organizar parte da sociedade brasileira, unificando as pessoas em torno de um propósito comum.

> Essa unificação permite-nos problematizar a tese, defendida por autores marxistas althusserianos, como Roberto Ramos (1984), que diz que o futebol legitima o capitalismo, despolitizando a classe trabalhadora e a dividindo em torcedores de clubes rivais. Na verdade, no contexto pesquisado, ao invés de segmentar os indivíduos que podem se transformar num desafio real às forças dominantes, o futebol interliga-os, municiando a dissidência política. (Lopes; Dias; Penteado, 2022, p. 11)

A capacidade de união dos torcedores, suplantando divergências clubísticas, é ressaltada também por Bandeira e Dantas (2020, n.p.):

> Mais próximos ou mais distantes, esses grupos de torcedores tensionam também o nosso fazer político atual. Que as diferentes antifas espalhadas pelo país mantenham suas peculiaridades e que possam fazer seus enfrentamentos conceituais e políticos com bastante brevidade, mas que, nesse momento, estejam unidas, preferencialmente com outros grupos de torcedores em um esforço contra o adversário comum, pequenos e grandes fascismos que nos violentam todos os dias.
> O torcer antifascista não pode morrer em identidades egóicas ou clubísticas, genéricas e inertes. Ele deve ser um exercício constante nas nossas relações cotidianas e nas relações cotidianas de movimentos, coletivos e torcidas. Nas ruas, estádios ou – mesmo – dentro de casa.

Figols (2016) ressalta o potencial "revolucionário" das torcidas de futebol. O autor cita o caso do Istanbul United, na Turquia. Em 2013, durante protestos, as torcidas dos principais clubes de Istambul, Galatasaray, Fenerbahçe e Beşiktaş, que registravam histórico de violência e rivalidade entre si, se uniram – as manifestações haviam começado em virtude da demolição de um parque, mas logo tomaram grandes proporções.

Então, o Istanbul United, surgido da união dos torcedores dos três times, se juntou aos protestos e pôde contribuir com as manifestações ao compartilhar conhecimento sobre reação à repressão policial, já que os torcedores tinham experiência nesse tipo de confronto. O grupo também se posicionou contra o primeiro-ministro Recep Tayyip Erdoğan. Para Figols (2016, n.p.), a vivência de torcedores de futebol pode ser entendida como uma forma contínua de luta e resistência, sendo que o caso do Istanbul United demonstra que torcidas podem atuar com a intenção de mudar a ordem vigente.

A atuação das torcidas acontece por meio de críticas à lógica excessivamente mercadológica e à elitização dos estádios e também ao levar para o mundo do futebol temas prementes como racismo, machismo, homofobia e a xenofobia. "Ao colocarem em discussão um futebol mais justo, e uma sociedade mais justa, as torcidas assumem atitudes revolucionárias. São lutas anticapitalistas e antissistema, portanto, revolucionárias", defende o autor.

A pesquisa de Lopes (2023) indica que o futebol opera, no contexto das torcidas antifascistas, como uma força integrativa capaz de reunir determinados indivíduos em prol da resistência e contra relações de dominação. Lopes (2023) aponta que as atividades desenvolvidas pelos integrantes dos coletivos antifascistas de futebol estabelecem um campo de interação que permite que eles preencham, até certo ponto, suas necessidades afetivas e se libertem, ainda que de modo relativo, das exigências e das pressões cotidianas. A atuação em torcidas antifascistas também representa uma forma mais democráticas de ocupar os espaços urbanos, além de interligar pessoas insatisfeitas com uma série de processos e situações, em processo de interligação que fortalece a luta política desses coletivos (Lopes, 2023).

Em entrevista concedida para o desenvolvimento desta tese, Renato Daniel, membro da Palmeiras Antifascista, cita a necessidade de preenchimento dos espaços em que a população efetivamente está:

> Política e futebol era algo que não se misturava, nossa página foi uma das pioneiras neste assunto e somos um dos primeiros coletivos organizados no Brasil. A importância de existir coletivos como o nosso é a política estar onde a população está. Até em um espaço que é considerado lazer para muitos, a discussão política existe e é necessário atuar. (Daniel, 2023, entrevista)

De fato, Lopes (2023) identifica que esses coletivos lutam contra a violência e as ideias fascistas. Para isso, eles organizam atividades de conscientização política e de inclusão social, assim como realizam protestos e manifestações de rua.

Os coletivos antifascistas também lutam contra o neoliberalismo, identificado como uma forma de fascismo. Eles também se engajam nas lutas a favor das "minorias", iluminando e se contrapondo a formas de dominação que costumam permanecer na penumbra. Outra pauta de destaque é a luta contra o processo de hipermercantilização do futebol, dentro do chamado "futebol moderno", frequentemente criticado a partir de uma narrativa saudosista e nostálgica.

Após pesquisar a atuação dos coletivos nas ruas e na internet, Lopes (2023) constata que esses grupos não se comportam como torcidas nem se inserem no circuito antifascista tradicional, já que têm uma atuação mais voltada aos ambientes da esquerda institucionalizada, com a maioria de seus integrantes filiados a partidos políticos.

Além disso, contrariando o estereótipo de jovens militantes baderneiros, seus integrantes possuem, em média, 45 anos, rejeitam o anonimato e não se engajam em ações de enfrentamento direto contra organizações fascistas (Lopes, 2023). Para enfrentar a violência e as ideias fascistas, apostam, principalmente, na organização de atividades de conscientização política e de inclusão social, assim como em participações em protestos e manifestações de rua (Lopes, 2023). Na prática, os coletivos pesquisados por Lopes (2023) investem em iniciativas de aproximação, diálogo e convivência como "antídoto" contra o fascismo.

A partir disso tudo, no âmbito desta tese tem-se o entendimento de que o caráter antifascista de alguns torcedores de futebol pode ser força motriz e inspiração para outros segmentos da sociedade, como o próprio jornalismo. O próximo capítulo procura conceituar o jornalismo para a paz para, na sequência, analisar as representações de torcidas antifascistas, pela mídia e por elas próprias.

# 4 JORNALISMO PARA A CULTURA DE PAZ E POSSIBILIDADES DE CONEXÃO COM O ESPORTE

O jornalismo pode e deve agir com o intuito de provocar mudanças positivas na sociedade – essa é uma das premissas que orientam a presente tese, a qual procura se ancorar no jornalismo para a paz como uma corrente possível e necessária. Até aqui, este estudo buscou, em linhas gerais, embasar e discutir dois elementos principais: a presença do fascismo na sociedade contemporânea como uma ideologia ancorada na divisão; e o fato de que futebol e política não são mundos separados, sendo que a existência de torcidas antifascistas é uma demonstração da proximidade entre os dois campos.

Então, este capítulo tem os objetivos de apresentar e conceituar o jornalismo para a cultura de paz e propor conexões desse campo com o jornalismo esportivo.

## 4.1 O jornalismo para a cultura de paz

Segundo Johan Galtung (1969; 1985; 1990; 2003; 2004; 2006), o jornalismo para a cultura de paz é uma prática que busca promover a paz e a justiça social por meio da comunicação. Também chamado somente de jornalismo para a paz, é um tipo de jornalismo comprometido com a transformação social e que procura atuar como um agente de mudanças positivas na sociedade.

O jornalismo para a cultura de paz se baseia na ideia de que a paz é muito mais do que a ausência de conflitos violentos. É um estado que só pode ser alcançado quando a justiça social, a igualdade e a harmonia prevalecem na sociedade. O papel do jornalismo nesse contexto é o de fornecer informações precisas e confiáveis que possam ajudar a promover a compreensão e a solidariedade entre as pessoas.

Trata-se de uma corrente do jornalismo que se opõe a todas as formas de violência e opressão e procura dar voz às minorias e grupos marginalizados: valoriza a diversidade cultural e busca promover a compreensão e o respeito entre diferentes grupos sociais, bem como a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa e pacífica. Está apoiado em valores como a igualdade, a diversidade e a não violência.

Esse tipo de jornalismo não se limita a simplesmente relatar fatos e notícias, mas também se dedica a estimular a reflexão crítica e o diálogo sobre temas relevantes para a sociedade. Também se preocupa com a qualidade da informação que é divulgada, garantindo a profundidade, a precisão e a fidedignidade dos fatos.

Os estudos sobre jornalismo para a paz estão inseridos em um arcabouço teórico mais amplo, o dos estudos para a cultura de paz. Galtung é considerado o fundador da área acadêmica que trata do assunto, tendo publicado extensivamente sobre o tema. Suas obras têm inspirado desdobramentos teóricos em diversas áreas do conhecimento.

Galtung fundou o Instituto de Pesquisa de Paz em Oslo, Noruega, em 1959. Com o tempo, os estudos para a paz foram ganhando mais representatividade e se consolidaram como um campo interdisciplinar. Os estudos para a paz têm o objetivo de compreender as causas da violência, mitigá-la ou eliminá-la. Devem ser atentos a aspectos locais e mudanças históricas, fugindo de narrativas predominantes e hegemônicas, contribuindo para a compreensão das inúmeras formas de violência que podem acometer qualquer comunidade ou sociedade (Ferreira, 2019).

Assim, os estudos para a paz estão inseridos em atividades de pesquisa em todo o mundo e constituem um guarda-chuva interdisciplinar e multicultural que abrange várias áreas de conhecimento, incluindo a comunicação. Todos os campos da ciência podem contribuir para o avanço da pesquisa sobre o assunto – e com a comunicação não é diferente. Afinal, a comunicação é uma parte inerente da vida humana e pode ser utilizada para uma variedade de fins, inclusive instigar, prolongar ou encerrar conflitos (Cabral; Salhani, 2017).

Cabral e Salhani (2017) apontam que os meios de comunicação atuam como agentes de socialização e geradores de cultura. As visões sobre os acontecimentos, conforme o modo como são retratados pelos meios de comunicação, influenciam a sociedade, inclusive com a possibilidade de originar determinados domínios simbólicos, legitimando alguns tipos de comportamento, instigando ações e naturalizando certos tipos de atitude. Qualquer forma de comunicação (imprensa, cinema, internet e outras plataformas) está associada aos poderes financeiros, políticos e sociais vigentes, então é esperado que as coberturas e representações produzidas pelos produtos comunicacionais privilegiem certos interesses em detrimento de outros (Cabral; Salhani, 2017).

A comunicação pode ser empregada de modo a propagar guerras, conflitos, ataques e preconceitos. No entanto, a comunicação para a paz tem como proposta cultivar relações pacíficas e favorecer formas responsáveis de ação social e discursos de paz. As ocorrências de conflito e violência devem ser abordadas de forma contextualizada, evitando estereótipos e discursos pré-concebidos. A comunicação para a paz não prega uma resolução fácil dos conflitos, mas uma transformação dinâmica (Cabral; Salhani, 2017). A comunicação para a paz pode ser vista aqui como um âmbito mais amplo, que inclui diversos modos de transmissão,

distribuição e trocas de informações e mensagens – e o jornalismo é um dos elementos constituintes.

Para a compreensão dos objetivos da comunicação e do jornalismo para a paz, é fundamental o entendimento dos conceitos de violência e paz. De acordo com Galtung (1969; 2003), a violência, um fenômeno multifacetado, pode ser classificada em três categorias: direta, estrutural e cultural; já a paz é subdividida entre paz negativa e paz positiva.

Segundo Ferreira (2019), umas das inovações dos estudos de Galtung é sustentar que a paz não se resume à ausência de conflitos entre nações, como se fosse apenas um fenômeno das relações internacionais, mas um aspecto da vida social como um todo, de modo que os estudos para a paz devem observar que a violência se manifesta de inúmeras maneiras nas sociedades.

Violência direta abrange as agressões físicas e verbais mais evidentes, que podem ser registradas em áudio e imagem, e é possível apontar vítimas e agressores. Na violência direta, existe claramente um perpetrador, que impede um indivíduo ou uma sociedade de alcançar algo e busca causar danos às vítimas. São muitas as maneiras da prática de violência direta: xingamentos, ofensas, roubos, violência doméstica, estupros, agressões, assassinatos e até genocídios (Ferreira, 2019; Cabral; Salhani, 2017; Orlando; Napolitano; Cabral, 2022).

Já a violência estrutural, também chamada de sistêmica ou indireta, é construída socialmente a partir da desigualdade de condições. As vítimas são visíveis, mas os agressores estão ocultos por trás das estruturas e sistemas sociais, políticos, econômicos e culturais. Fome, analfabetismo, pobreza, desemprego, exclusão e crises de refugiados são exemplos desse tipo de violência: é possível identificar facilmente as vítimas, mas os responsáveis pelas agressões estão velados. A violência estrutural está associada à desigualdade, à injustiça social e à exploração, em uma estrutura em que há dominadores, os quais dispõem de mais benefícios e nem sempre pretendem causar danos, e os oprimidos (Ferreira, 2019; Cabral; Salhani, 2017; Orlando; Napolitano; Cabral, 2022).

Por fim, a violência cultural é mais sutil e silenciosa. Não é fácil identificar vítimas nem perpetradores, pois é uma violência presente em discursos sociais, produtos culturais (incluindo a mídia) e comportamentos, de modo a legitimar, justificar, autorizar e naturalizar a violência direta e a violência estrutural (Cabral; Salhani, 2017). Em alguns casos, a violência cultural, também chamada de cultura da violência, pode até mesmo não ser intencional – o que não a deixa menos nociva.

É possível que agressores e agredidos nem mesmo ocupem o mesmo espaço-tempo, pois a violência cultural representa a institucionalização dos dois tipos anteriores de violência, em um contexto em que a comunicação exerce função crucial na reprodução e propagação de

estruturas de violência cultural. Um discurso proferido décadas atrás, por exemplo, pode ser uma amostra da violência cultural ao fomentar, no presente, a violência direta e a violência estrutural. A comunicação pode naturalizar determinados vieses, ideias, crenças, preconceitos, ideologias e atos (Cabral; Salhani, 2017).

Conforme Ferreira (2019), as três tipologias de violência de Galtung podem ser visualizadas em um triângulo interconectado em que os três eixos se complementam em um ciclo vicioso. Na prática, essas formas de violência frequentemente se combinam e coexistem, com a violência estrutural levando à violência direta e a violência cultural ensejando a violência estrutural, entre outras possibilidades.

Quanto às definições de paz propostas por Galtung, a paz negativa consiste na ausência de violência direta, mas manutenção das violências estrutural e cultural. Já a paz positiva é uma paz plena, que vai além de somente uma não existência de conflitos, e instaura uma cultura de tolerância e respeito, em um cenário mais justo e que respeite as necessidades humanas básicas.

Galtung (2003) assevera que os estudos para a cultura de paz devem, então, ter a paz cultural, ou a cultura de paz, como uma meta. Ou seja: intervir de modo a ressaltar os aspectos de uma cultura que servem para justificar e legitimar a paz direta e a paz estrutural, em contraposição à violência direta e à violência estrutural.

Em um exercício de complemento à obra de Galtung, pode-se citar Elias (1990; 1993; 2001a; 2001b), autor cuja obra tenta descrever a pacificação, e não necessariamente a paz, como um processo histórico. Para ele, a paz não se limita à mera ausência de conflitos armados, mas está intrinsecamente ligada ao progresso da civilização. Elias argumentava que a paz surge como uma expressão desse processo de desenvolvimento social e humano.

Uma das bases de sua teoria é a ideia de interdependência e integração. Para Elias, a paz emerge quando as pessoas e as nações passam a compartilhar relações de interdependência e integração cada vez mais complexas. Nesse contexto, a paz é uma consequência natural da evolução das sociedades para formas de organização social mais intricadas, em que a cooperação e a interconexão se tornam essenciais.

Além disso, o controle dos instintos humanos é um componente crucial em sua teoria. Elias defendia que a civilização implica na progressiva regulação dos impulsos violentos e agressivos inerentes aos seres humanos. À medida que a sociedade se torna mais civilizada, as pessoas desenvolvem a capacidade de resolver conflitos de maneira pacífica, recorrendo à negociação e à cooperação em detrimento da agressão.

O processo civilizador, segundo Elias, é contínuo e está intrinsicamente relacionado à paz. Conforme as sociedades evoluem, tornam-se mais complexas e estruturadas, o que, por sua

vez, reduz a propensão à violência. Formas mais pacíficas de resolução de conflitos emergem como resultado desse desenvolvimento contínuo.

O Estado exerceria papel fundamental nessa dinâmica, já que governos estabeleceriam a ordem, regulariam a sociedade e contribuiriam para a resolução de conflitos.

No entanto, Elias argumenta que a violência não desaparece; em vez disso, se interioriza nos indivíduos, resultando em uma variedade de manifestações. Elias (1993) ilustra essa ideia mencionando momentos de perturbação, insensibilidade e até mesmo a expressão de sonhos e manifestações artísticas como sintomas da repressão da violência. Segundo sua visão, a vida não se torna necessariamente mais pacífica, mas as tensões e pressões da sociedade são internalizadas pelos indivíduos, manifestando-se de maneira diferente, sem as explosões emocionais típicas do passado.

Ainda conforme a visão de Norbert Elias, a evolução da humanidade é caracterizada pelo controle das pulsões e pelo estabelecimento de mecanismos sociais para a regulação pacífica de conflitos, nesse conceito denominado de "processo civilizador". Entretanto, paralelamente a esse processo que buscaria a crescente pacificação das sociedades humanas, ocorreriam processos "descivilizadores" de forma recorrente (Sallas, 2015).

A partir de leitura da obra de Elias, Sallas (2015) aponta que, por um lado, avanços científicos e tecnológicos permitiram que os seres humanos estabelecessem uma convivência relativamente pacífica diante de ameaças externas. Por outro lado, as atitudes das pessoas em relação à vida em sociedade, em diversos níveis, continuam a ser influenciadas por desejos, medos, ideias, contraposições e representações míticas e mágicas. Até os dias de hoje, conflitos armados ainda são travados em nome de mitos coletivos ou ideologias sociais, como no exemplo da luta entre a democracia americana e o fundamentalismo islâmico, em que se busca justificar a superioridade da própria nação.

Elias aponta que, frequentemente, as nações são motivadas por um sentimento de hegemonia que pode se disseminar amplamente entre o povo, alimentado por fantasias coletivas. Essas fantasias coletivas sugerem que o povo a que se pertence, e, portanto, o indivíduo em si, estão destinados à grandeza, geralmente implicando na dominação de todas as outras nações ao seu redor, seja por uma suposta vontade divina, pela interpretação histórica ou pela força militar (Sallas, 2015) – essas percepções se alinham às conceituações sobre fascismo já apresentadas nesta tese.

> Os processos civilizadores estão eles próprios vinculados – também numa relação de interdependência com processos descivilizadores –, considerando as guerras e conflitos da atualidade, bem como as guerras não declaradas internas em que a

> população de jovens, crianças e mulheres e vários países da América Latina, África e Oriente Médio encontram-se na condição de maior vulnerabilidade. (Sallas, 2015, p. 16-17)

Para Elias, aponta Sallas (2015), os processos de pacificação dependem de um entendimento, por parte da sociedade, de que certos canais legítimos e reconhecidos devem existir para a superação dos conflitos. Além disso, é fundamental agir com o intuito de mitigar desigualdades, ideias que estão de acordo com os preceitos da cultura de paz.

Nesse propósito, o objetivo do jornalismo para a paz é contribuir para uma paz positiva duradoura, abrangente e disseminada na sociedade. De acordo com Shinar (2008), a mídia é fundamental na promoção da paz, da democracia e do desenvolvimento. Assim, o jornalismo para a cultura de paz atua com o objetivo de melhorar as construções da realidade praticadas pelos veículos de comunicação, fomentando senso crítico. Para isso, as reportagens devem ampliar o leque de fontes a serem ouvidas, buscar pautas além do lugar-comum e não deixar de fora nenhum lado interessado ou envolvido.

É necessário mudar o viés do jornalismo guiado pelo conflito para um jornalismo atuante na busca pela paz. É preciso explicar todos os lados dos fatos sociais que se apresentam, e fazer com que a sociedade reflita. Cabral e Salhani (2017) apontam que o jornalismo de guerra é amplamente explorado enquanto objeto de estudo, ao contrário do que ocorre com o jornalismo para a paz, além de haver uma associação histórica entre mídia e violência, com coberturas sensacionalistas ou equiparação de criminosos e tiranos a celebridades.

Segundo Cabral e Salhani (2017), o jornalismo para a paz demanda esforço jornalístico, investimento e preparação. Sendo assim, é mais lento e não pode ser apresentado como um noticiário em tempo real, pois busca se aprofundar nas pautas e expor diferentes pontos de vista. Nesse sentido, o jornalismo para a cultura de paz está, em essência, na contramão das demandas de uma parcela da sociedade atual, que requer conteúdos instantâneos e em grande fluxo.

Um erro comum é conceber o jornalismo para a cultura de paz como publicação somente de notícias boas ou pensar que a violência deve ser ignorada. O jornalismo para a paz noticia conflitos, mas subverte a abordagem superficial ao não apontar culpados de modo irresponsável, ao investigar causas e consequências e ao mostrar que sempre há pessoas ou grupos atuando em prol da construção da paz.

Cabral e Salhani (2017, p. 2) defendem que, da mesma forma que a violência se manifesta de modo silencioso e devastador, a paz também pode incorporar características similares: “pode ser ensinada e aprendida, até que se intrinque na cultura e crie nela longas raízes”.

Reflexão acerca de problemas estruturais, discussão sobre alternativas de mudança social, reconhecimento da diversidade e fomento de cidadania ativa são quatro princípios que devem orientar a comunicação para a paz (Salinas, 2014). Portanto, o jornalismo para a cultura de paz valoriza a pluralidade de ideias, respeita as diferenças e abre a possibilidade para que todos manifestem suas vozes (Orlando; Napolitano; Cabral, 2022).

O jornalismo para a cultura de paz, segundo Cabral e Salhani (2017), é uma corrente jornalística que preconiza uma cobertura midiática mais ampla, contextualizada, aprofundada, plural, diversa e democrática. Trata-se de um tipo de prática jornalística que abandona a superficialidade e investe no rigor e no equilíbrio profissional, priorizando o interesse público e a qualidade profissional em detrimento de somente questões econômicas.

Em outras palavras, é um jornalismo socialmente responsável, que contribui para alcançar e manter a paz. Nesta abordagem, é necessária a compreensão de que a paz não consiste meramente em ausência de conflitos de violência direta, mas em um cenário de equilíbrio, integração e cooperação, características totalmente opostas às da política fascista, objeto de debate na presente tese. E, conforme já discutido no capítulo 2, o fascismo está apoiado na divisão na sociedade e alimenta e é alimentado por diversos tipos de conflito.

Se feita uma analogia com os dez pontos do fascismo verificados no capítulo 2, pode-se notar que os conceitos de violência direta, indireta e cultural estão ali presentes de modo intenso. Toda a caracterização do fascismo, nos moldes propostos por Stanley (2020b) e adotados nesta tese, sugere uma adesão contínua ao conflito como um método político e adesão à violência enquanto uma estratégia.

Em sociedades sujeitas ao crescimento do fascismo e até mesmo à chegada ao poder de sujeitos que poderiam ser classificados como fascistas, o jornalismo para a cultura de paz torna-se um elemento importante no enfrentamento às violências propagadas pelo fascismo.

O próprio Galtung (2003, p. 17), embora sem citar a palavra fascismo, aponta que a violência cultural se manifesta em ideologias ao criar e propagar divisões na sociedade, chamadas pelo autor de “o Eu e o Outro”. A diferenciação entre as pessoas, explica, é posta de modo tão acentuado que o Eu diminui o valor do Outro até um nível que o Outro é degradado e desumanizado, em um cenário em que se justifica a violência direta, cuja responsabilidade ainda recai sobre as vítimas.

Cria-se, então, uma dualidade entre os escolhidos, de um lado, e os não escolhidos, de outro. Premissas e estereótipos baseados em questões como gênero, cor/raça[6], nação, origem, religião, e até espécie dão margem para que haja oprimidos e opressores: os humanos contra os animais e a natureza, os homens contra as mulheres, a nação mais poderosa contra a nação mais fraca, os verdadeiros crentes contra os hereges, os brancos contra os negros e assim por diante (Galtung, 2003).

Não se deve esperar que o jornalismo, por si só, consiga superar o fascismo. Contudo, as práticas comunicacionais voltadas para a cultura de paz são vistas como fundamentais no caso da cobertura de conflitos – e, quando se fala em política fascista, os conflitos existem permanentemente. McGoldrick e Lynch (2000) explicam que conflito é um processo que ocorre quando duas ou mais partes buscam atingir objetivos ou metas incompatíveis e, ao mesmo tempo, tentam impedir que as outras partes atinjam seus próprios objetivos.

Ainda de acordo com McGoldrick e Lynch (2000), é provável que conflitos surjam em cenários em que há pobreza e escassez de recursos (emprego, moradia, de água), a comunicação entre as partes é pobre ou inexistente, os lados têm percepções incorretas ou tendenciosas uns dos outros, há falta de confiança, existem queixas não resolvidas do passado, os partícipes não valorizam o relacionamento entre si e o poder é distribuído de forma desigual.

Shinar (2008) recomenda que, ao realizar uma cobertura de conflitos, o jornalismo para a paz apresenta um panorama midiático mais abrangente do que um mero noticiar sobre o desenrolar dos fatos: expõe antecedentes e contextos e é transparente em relação a processos, efeitos e consequências. No jornalismo para a paz, não somente fontes oficiais devem ser entrevistadas pelos repórteres, mas todas as partes envolvidas e interessadas devem receber espaços legítimos para manifestação.

Na avaliação de Shinar (2008), resultados bem-sucedidos do processo de adoção do jornalismo para a paz podem contribuir para um discurso mais equilibrado e criativo no trabalho prático da reportagem diária, além de promover uma consciência diferenciada sobre a produção e consumo da mídia. O enfoque dado pelo jornalismo para a paz à história e às implicações dos conflitos desencoraja a abordagem de um determinado conflito como um simples evento local, regional ou global, e estimula o estudo dos conflitos como um processo. A experiência do jornalismo para a paz, prossegue Shinar (2008), sugere que a adoção desse tipo de trabalho pode despertar a atenção e a opinião pública para o impacto e as ameaças dos conflitos,

[6] No texto citado, o autor usa o termo “raça”. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), contudo, usa a terminologia “cor ou raça”.

satisfazer a demanda por uma cobertura mais equilibrada e incentivar interpretações alternativas e a reflexão crítica.

Na mesma linha, Cabral e Salhani (2017) apontam a tendência do jornalismo de privilegiar o relato das fontes oficiais e eventos em vez de processos, além de ser comum a adoção do tom maniqueísta na cobertura de conflitos. Muitas vezes, a cobertura de guerras influenciaria o público a endossar os conflitos, pois a construção noticiosa induziria a uma supervalorização de respostas violentas e a um menosprezo de reações não violentas. O jornalismo para a paz tem a missão de reverter essa lógica, contribuindo para alcançar e manter a paz.

Na visão de Shinar (2008), o jornalismo para a paz é um meio fundamental para o estabelecimento de estruturas democráticas de comunicação, capazes de contribuir para o aumento da eficiência do desenvolvimento, redução das desigualdades socioeconômicas, diminuição da corrupção e exploração, além de promover o respeito social, especialmente para aqueles socialmente mais vulneráveis. Shinar (2008) observa que o jornalismo para a paz é alvo de críticas conceituais, teóricas, éticas e profissionais, devido principalmente às dificuldades de sua aplicação prática, mas enfatiza a necessidade de fortalecimento desse campo jornalístico.

Cabral e Salhani (2017) ressaltam que o jornalismo para a paz é adotado por muitos jornalistas, embora alguns profissionais possam desconhecer a nomenclatura. A propagação dos princípios do jornalismo para a paz é um desafio, pois o tempo limitado para a apuração de informações e a produção de reportagens profundas e humanizadas é um obstáculo, além da falta de espaço disponível nos meios de comunicação e a formação insuficiente dos jornalistas.

A partir dos estudos de McGoldrick e Lynch (2000), Cabral e Feltrin (2020) destacam que o chamado "jornalismo de violência", contraposto ao jornalismo para a paz, está focado principalmente na violência direta dos conflitos, muitas vezes detalhando os acontecimentos, mas sem abordar suas causas. As narrativas construídas por essa abordagem jornalística tendem a ser maniqueístas, apresentando apenas um ou poucos lados dos fatos e privilegiando elites e fontes oficiais. Ademais, o jornalismo de violência é orientado para a vitória, estabelecendo sempre a presença de um vencedor e um perdedor, e não de ações que visem a transformar os conflitos.

Shinar (2008) argumenta que, se a mídia se engajar na promoção da paz, pode se tornar uma promotora da democracia e do desenvolvimento. O autor sugere que a regulamentação da mídia deve ser incentivada em contextos democráticos. Shinar baseia sua argumentação em dois pressupostos: o de que a mídia profissional e competente pode prevenir conflitos e tornar

grupos menos inclinados à violência; e o de que a mídia independente é útil para a democracia e o pluralismo, contribuindo para a solução de conflitos.

Destaca-se, portanto, que o jornalismo para a paz valoriza que uma cobertura seja empreendida por variados jornalistas e veículos. Com isso, evita-se que as práticas jornalísticas sejam superficiais, simplistas ou demonizadoras (Feltrin, 2018). Além disso, o jornalismo para a paz busca apresentar possibilidades reais de mudança e incentivar a atuação social, evitando a construção simplista de arquétipos como o bem e o mal. Na cobertura de tragédias, por exemplo, em vez de focar apenas no cenário do conflito, com imagens sensacionalistas e depoimentos restritos às perdas e aos danos, o jornalismo para a paz sugere que o jornalista apresente o contexto mais amplo dos fatos que levaram à tragédia, incluindo os traços de violência estrutural e cultural que permeiam a situação (Feltrin, 2018).

Shinar (2008) sugere várias medidas para promover o jornalismo pela paz, incluindo o treinamento de equipes de jornalistas, a realização de conferências e intercâmbios, o envolvimento de repórteres e redações na abordagem não violenta, o incentivo à mídia independente, a diversificação da mídia (em detrimento dos monopólios), o fortalecimento da ética jornalística, o apoio à igualdade de oportunidades na mídia para minorias étnicas, sociais, religiosos, culturais e regionais, entre outras propostas.

Um alerta feito por McGoldrick e Lynch (2000) é o de que o jornalismo para a cultura de paz deve ser mais do que apenas não violento, pois isso poderia significar ser passivo e resignado: é primordial ser criativo para desenvolver novas ideias. Isso implica, muitas vezes, escapar da rotina e do entendimento raso de que os jornalistas apenas reportam fatos. McGoldrick e Lynch (2000) declaram que todo jornalismo é uma intervenção – a questão é sobre a ética da intervenção a ser conduzida.

Diante disso, McGoldrick e Lynch (2000) publicam um quadro, originalmente preparado por Galtung, em que o jornalismo para a paz e o chamado jornalismo de guerra/violência são contrapostos. Cabral e Salhani (2017) traduziram as informações e publicaram a tabela em português; Barbosa e Seridório (2017) também divulgaram o esquema proposto, como reproduzido abaixo:

Tabela 1 - Quadro comparativo entre os elementos que compõem o jornalismo para a paz e o jornalismo de guerra/violência

| Jornalismo para a paz | Jornalismo de guerra/violência |
|---|---|
| **I. Orientado para a paz/conflito** | **I. Orientado para a guerra/violência** |

| | |
|---|---|
| • Explora a formação de conflitos; há partes, objetivos e problemas múltiplos<br>• Todas as partes ganham<br>• Espaço e tempo abertos: causas e consequências em qualquer lugar, inclusive na história e cultura<br>• Apresenta os conflitos com transparência<br>• Dá voz a todas as partes, com empatia e entendimento<br>• Vê conflito e guerra como problemas e foca na criatividade<br>• Humaniza todas as partes, ainda mais quando há armamentos<br>• Proativo: busca a prevenção antes que a violência e a guerra ocorram<br>• Foca nos efeitos invisíveis da violência: traumas, danos à estrutura e à cultura | • Foca na arena de conflito; há duas partes e um objetivo (vencer)<br>• Uma parte ganha, outra perde<br>• Espaço e tempo fechados: causas e consequências se restringem à arena, focando em quem atirou a primeira pedra<br>• Apresenta a guerra de forma obscura<br>• "Nós contra eles"; voz somente para "nós"<br>• Vê "eles" como o problema e foca em quem prevalece na guerra<br>• Desumaniza "eles", ainda mais quando há armamentos<br>• Reativo: espera atos violentos para reportar<br>• Foca nos efeitos visíveis da violência: número de mortos, feridos e danos materiais |
| **II. Orientado para a verdade**<br><br>• Expõe as inverdades de todas as partes | **II. Orientado para a propaganda**<br><br>• Expõe inverdades sobre "eles" e ajuda a encobrir as "nossas" mentiras |
| **III. Orientado para as pessoas**<br><br>• Foca no sofrimento de todos e dá voz a mulheres, crianças, idosos | **III. Orientado para as elites**<br><br>• Foca no "nosso" sofrimento; tem homens da elite como porta-vozes |
| **IV. Orientado para soluções**<br><br>• Paz = não violência + criatividade<br>• Destaca iniciativas voltadas para a paz, a fim de, também, prevenir outras guerras<br>• Foca na estrutura, na cultura e em uma sociedade pacífica | **IV. Orientado para a vitória**<br><br>• Paz = vitória + cessar-fogo<br>• Oculta as iniciativas de paz até que a vitória já tenha sido conquistada<br>• Foca em tratados, instituições e em uma sociedade controlada |

| | |
|---|---|
| • Resultado: resolução, reconstrução, reconciliação | • Parte para outras guerras e retorna à mesma caso haja questões pendentes |

Fonte: quadro original de McGoldrick e Lynch (2000); extraído e adaptado de Barbosa e Seridório (2017)

A partir do quadro acima, McGoldrick e Lynch (2000) compilam 17 orientações sobre o que significa, na prática, aderir ao jornalismo para a cultura de paz. Essas recomendações, que trazem dicas sobre práticas que devem ser evitadas e quais medidas devem ser adotadas, como um manual, foram traduzidas pelo autor desta tese, adaptadas e reproduzidas abaixo.

1) Evite retratar um conflito como consistindo de apenas duas partes que competem pelos mesmos objetivos. O resultado lógico é que uma ganhe e a outra perca. Em vez disso, tente desagregar as duas partes em muitos grupos menores, os quais estão perseguindo muitos objetivos, abrindo um potencial mais criativo para uma série de resultados. E pergunte-se: quem está envolvido?
2) Evite aceitar distinções acentuadas entre "eu" e "outros". Estas podem ser usadas para construir a sensação de que a outra parte é uma “ameaça”, o que é uma justificativa para a violência. Em vez disso, busque o "outro" no "eu" e vice-versa. Se uma parte se apresenta como “os mocinhos”, faça perguntas sobre como seu comportamento é realmente diferente do que atribui aos “malvados”.
3) Evite tratar um conflito como se ele estivesse ocorrendo apenas no lugar e no momento em que a violência está ocorrendo. Em vez disso, tente rastrear as ligações e consequências para as pessoas em outros lugares agora e no futuro. Pergunte: quem são todas as pessoas com um interesse no resultado? O que elas estão fazendo para influenciar o conflito? Pergunte-se: o que acontecerá se determinado acontecimento se desenrolar? Que lições as pessoas tirarão de assistir ao desdobramento destes eventos como parte de uma audiência? Como elas entrarão nos cálculos das partes em futuros conflitos?
4) Evite avaliar os méritos de uma ação violenta ou política de violência em termos apenas de seus efeitos visíveis. Em vez disso, tente encontrar maneiras de relatar os efeitos invisíveis, como as consequências a longo prazo de danos psicológicos e traumas, talvez aumentando a probabilidade de que os afetados sejam violentos no futuro, seja contra outras pessoas ou, como um grupo, contra outros grupos ou outros países.
5) Evite deixar as partes se definirem simplesmente citando as declarações de seus líderes sobre exigências ou posicionamentos. Em vez disso, procure aprofundar os objetivos:

como as pessoas no terreno são afetadas pelo conflito na vida cotidiana? O que elas querem mudar? A posição declarada por seus líderes é a única maneira ou a melhor maneira de alcançar as mudanças que eles querem? Isso pode ajudar a capacitar as partes a esclarecer e articular seus objetivos e a tornar mais prováveis resultados criativos.

6) Evite concentrar-se sempre no que divide as partes, nas diferenças entre o que elas dizem querer. Em vez disso, tente fazer perguntas que possam revelar áreas de interesse comum e conduzir a reportagem com respostas que sugiram que alguns objetivos podem ser compartilhados ou, pelo menos, compatíveis de alguma maneira.
7) Evite apenas relatar os atos violentos e descrever “o horror”. Ao excluir tudo mais, sugere-se que a única explicação para a violência é a violência anterior (vingança); o único remédio, mais violência (coerção/punição). Em vez disso, mostre como as pessoas foram bloqueadas e frustradas ou privadas na vida cotidiana como uma forma de explicar como as condições para a violência estão sendo produzidas.
8) Evite culpar alguém por "começar". Em vez disso, tente ver como problemas e questões compartilhadas estão levando a consequências que todas as partes dizem nunca ter pretendido.
9) Evite concentrar-se exclusivamente no sofrimento, nos medos e nas queixas de apenas uma das partes. Isto divide as partes em "vilões" e "vítimas" e sugere que coagir ou punir os vilões representa uma solução. Em vez disso, trate como igualmente digno de notícia o sofrimento, os medos e as queixas de todos os lados.
10) Evite linguagem "vitimizadora", como "devastada", "indefesa" e "trágica", que só diz o que foi feito e poderia ser feito por um grupo de pessoas (por outros), o que os desresponsabiliza e limita as opções de mudança. Em vez disso, relate o que foi feito e poderia ser feito pelo povo. Não pergunte apenas como eles se sentem, pergunte também como estão lidando com isso e o que eles pensam. Eles podem sugerir alguma solução?
11) Evite o uso impreciso de palavras emotivas para descrever o que aconteceu com as pessoas. "Genocídio" significa literalmente a extinção de um povo inteiro – na terminologia da ONU de hoje, a matança de mais de meio milhão de pessoas. "Tragédia" é uma forma de drama, originalmente grego, na qual a culpa ou fraqueza de alguém acaba por provar sua desfeita. "Massacre" é o assassinato deliberado de pessoas conhecidas por serem desarmadas e indefesas. Tem-se certeza sobre os fatos? Ou será que não sabemos? Estas pessoas poderiam ter morrido em batalha? A palavra “sistemática", por exemplo, sobre estupros, ou pessoas forçadas a sair de suas casas: foi realmente organizado de forma deliberada ou houve uma série de incidentes não

relacionados, embora extremamente desagradáveis? Em vez disso, seja sempre preciso sobre o que se sabe. Não minimize o sofrimento, mas reserve a linguagem mais forte para as situações mais graves ou, caso contrário, a reportagem vai mendigar a linguagem e ajudar a justificar respostas desproporcionais que agravam a violência.

12) Evite adjetivos como "vicioso", "cruel", "brutal", "bárbaro", que sempre descrevem a visão de uma parte sobre o que outra parte fez. Utilizar esses termos coloca o jornalista de um dos lados e ajuda a justificar uma escalada de violência. Em vez disso, relate o que se sabe sobre o mal feito e dê o máximo de informação possível sobre a confiabilidade dos relatos ou descrições de outras pessoas. Se o fato ainda estiver sendo investigado, é necessário deixar essa informação explícita, como uma advertência de que a verdade pode ainda não ser conhecida.
13) Evite palavras como "terrorista", "extremista", "fanático" ou "fundamentalista", os quais são sempre dados por "nós" a "eles". Ninguém jamais os usa para se descrever a si mesmo e, portanto, para um jornalista, usá-los é sempre para tomar partido. Essas palavras significam que a pessoa não é razoável, portanto parece fazer menos sentido raciocinar (negociar) com eles. Em vez disso, tente chamar as pessoas pelos nomes que elas dão a si mesmas. Ser mais preciso nas descrições é recomendável: “aqueles que reivindicam a autoria dos ataques”, por exemplo.
14) Evite concentrar-se exclusivamente nos abusos dos direitos humanos, delitos e transgressões de apenas um dos lados. Em vez disso, tente citar todas as práticas desrespeitosas de que se tem registro e tratar com igual seriedade as alegações feitas por todos os lados em um conflito. Tratar com seriedade não significa tomar acusações como verdade absoluta, mas, em vez disso, fazer esforços iguais para estabelecer se existe alguma evidência que permita endossar as denúncias, tratando as vítimas com respeito e as chances de encontrar e punir os malfeitores como sendo de igual importância.
15) Evite emitir uma opinião ou alegação de modo que faça uma acusação parecer um fato estabelecido. Portanto, deve-se evitar apontar alguém como “responsável” por um feito nocivo; também é necessário atentar-se a expressões isoladas como “suspeito” ou “autor”. Em vez disso, reporte quem acusa, qual é a parte denunciada e qual é a alegação: por exemplo, se determinada pessoa ou grupo é acusado pelo governo de ter praticado um ato terrorista.
16) Evite saudar a assinatura de documentos pelos líderes, que atestem a vitória militar ou o cessar-fogo, como indicativo absoluto de paz. Em vez disso, tente relatar as questões

que permanecem e que ainda podem levar as pessoas a cometerem mais atos de violência no futuro. Pergunte: o que está sendo feito para fortalecer os meios no terreno para lidar e resolver o conflito de forma não violenta, para abordar o desenvolvimento ou as necessidades estruturais da sociedade e para criar uma cultura de paz?

17) Evite esperar que os líderes do "nosso" lado sugiram ou ofereçam soluções. Em vez disso, pegue e explore as iniciativas de paz de onde quer que venham. Fazer perguntas aos políticos, por exemplo, sobre ideias apresentadas por organizações de base. Avalie as perspectivas de paz em relação ao que se sabe sobre as questões que as partes estão realmente tentando abordar, não simplesmente ignore-as porque elas não coincidem com as posições estabelecidas.

Toda a conceituação aqui exposta e o guia geral proposto por McGoldrick e Lynch (2000) podem servir para uma prática jornalística voltada para a paz, inclusive na cobertura esportiva, assunto do próximo subitem.

## 4.2 Jornalismo para a cultura de paz e jornalismo esportivo: uma aproximação possível e necessária

Embora o jornalismo para a cultura de paz venha sendo explorado em trabalhos acadêmicos no Brasil, poucas pesquisas o fazem a partir de conexões com o jornalismo esportivo. Duas exceções são os trabalhos de Orlando, Napolitano e Cabral (2022) e Lopes e Palhares (2016), nos quais este subcapítulo se apoia para propor aproximações entre os preceitos do jornalismo para a paz e a cobertura esportiva.

Como discutido acima, os estudos para a paz pregam que o jornalismo deve ser concebido como uma ferramenta estratégica para reforçar a cultura de paz, tendo em vista que a imprensa diariamente reporta, comenta e interpreta milhares de fatos relacionados a conflitos diversos. Nesse sentido, o jornalismo esportivo não se difere da prática jornalística em geral, uma vez que os esportes são permeados por diversos tipos de acontecimentos conflituosos (Orlando; Napolitano; Cabral, 2022).

Sendo assim, pretende-se aqui reforçar que um jornalismo esportivo para a cultura de paz é viável e necessário. Se o esporte é marcado por variados tipos de violência que atingem atletas, trabalhadores do entorno, torcedores, dirigentes e até mesmo jornalistas, é pertinente que a mídia esportiva possa ser pensada a partir de princípios do jornalismo para a cultura de paz.

O parágrafo introdutório de Lopes (2020), um texto sobre violência no futebol, a modalidade mais popular do Brasil e do mundo, dá a dimensão das violências que acometem o esporte.

> Explosões de fúria. Códigos de ética tácitos. Caravanas. Prisões preventivas. Tribunais. Júri popular. Cassetetes que rasgam a pele. Barras de ferro que afundam crânios. Policiais corruptos. Policiais honestos. Busca por audiência. Busca por reconhecimento. Busca por favorecimento. Busca por excitação. Provocações entre grupos rivais. Pedradas. Rótulos que estigmatizam. Números oficiais. Explicações científicas. Narrativas jornalísticas. Sensacionalismo. Humilhações que permanecem na penumbra. Despreparo das forças de segurança. Descaso das autoridades. Cumplicidade com a violência. Câmeras de segurança por toda parte. Estádios remodelados. Assentos que viram armas. Gás de pimenta que cega por minutos. Balas de borracha que cegam para sempre. Defesa do endurecimento penal. Críticas ao rigor da legislação. Seminários de torcidas organizadas. Políticas públicas inadequadas. Políticas públicas por fazer. Reuniões antes dos clássicos. Encontros acidentais. Encontros agendados. Hospitais. Cirurgias. Velas que queimam junto ao último fio de esperança. Lágrimas que correm no velório do filho. Felicitações ao policial que matou um "vagabundo". Roubos de bandeira. Roubos de vida. Alianças de última hora. Inimigos de longa data. Práticas racistas. Cantos homofóbicos. Modelos internacionais de prevenção da violência. Ideais de masculinidade. Modos de vida execrados. Modos de vida celebrados. (Lopes, 2020, p. 687)

Lopes (2020) detecta que os elementos citados acima, esse emaranhado de situações, produzidas por diferentes tipos de atores, humanos e não humanos, culminam no fenômeno habitualmente chamado de "violência no futebol". Em um paralelo com as classificações de violência de Galtung (2003), pode-se verificar que o mundo do futebol e do esporte abriga suas próprias concepções de violência direta, estrutural e cultural.

No futebol, por exemplo, boa parte da violência poderia ser definida como direta. É o caso de brigas entre torcedores, confusões entre atletas e comissões técnicas, violência policial contra torcedores, depredação de patrimônio público ou particular por torcidas, xingamentos direcionados a árbitros, dirigentes e jornalistas, entre outras manifestações de agressão e vandalismo. Esses fatos são, de modo geral, noticiados com afinco pelos veículos de comunicação (Orlando; Napolitano; Cabral, 2022).

Para Lopes (2020), muitas das narrativas sobre essa violência direta contribuem para a construção social de um personagem específico: o torcedor violento, sobre quem costuma recair boa parte da culpa sobre os atos de transgressão. O autor considera a mídia uma das responsáveis, a partir de relatos e imagens, daquilo que chama de "reificação da violência" (Lopes, 2020, p. 690): isto é, coisifica-se a violência no futebol, privilegiando a informação imediata e mais aparente, em vez de pensar os processos e as condições sociais, culturais, históricas e econômicas que conduziram determinados atores sociais àquela prática violenta.

O indivíduo que se envolve numa briga é fotografado e filmado com facilidade, mas uma análise das conjunturas que propiciam o ato violento requereria um nível de esforço jornalístico que nem sempre é empreendido, como notar, tal qual observa Lopes (2020), que a sociedade brasileira apresenta uma estrutura autoritária, desigual, escravista e hierarquizada, de modo que alguns grupos estabelecem modos violentos de dominação, usualmente com base em classe, gênero, raça e outros critérios. Contudo, as violências praticadas pelos que ocupam os espaços de poder, hegemonia e privilégio tendem a ser mais naturalizadas (Lopes, 2020). Dá-se mais atenção à violência direta cometida pelas classes subalternas, ou por aqueles que se juntam a elas, do que a outros tipos de violência.

Um exemplo dessa disparidade pode ser constatado quando se reflete sobre a violência estrutural no futebol, a qual também está presente no esporte. É comum que atletas ou equipes masculinas recebem salários e premiações maiores que as contrapartes femininas, ainda que as condições de visibilidade e atratividade sejam similares (Orlando; Napolitano; Cabral, 2022).

O pouco espaço dado a pessoas negras em cargos de importância e prestígio no esporte, como técnicos esportivos, chefes e diretores, é outra amostra da violência estrutural (Orlando; Napolitano; Cabral, 2022). Esse tipo de violência também se manifesta na exclusão das camadas mais pobres dos estádios por causa dos altos custos dos ingressos e na exclusão dos torcedores nos processos de elaboração de políticas públicas direcionadas aos próprios torcedores (Lopes, 2020).

No próprio jornalismo esportivo a condição feminina é inferiorizada: Bueno e Marques (2020) mostram que, em 205 edições de 20 programas de TV analisados em novembro de 2017, a participação de mulheres foi de somente 11,4%, sendo que a elas coube, quase sempre, ocupar as funções de apresentadora e repórter – os homens predominaram como narradores e comentaristas, o que atestou, segundo o estudo, a persistência de um domínio masculino no meio.

Aos poucos, a imprensa esportiva tem começado a denunciar a violência estrutural de forma gradual, porém com menos destaque e repercussão do que as notícias sobre violência direta (Orlando; Napolitano; Cabral, 2022). No entanto, a própria estrutura do jornalismo esportivo pode ser considerada indiretamente violenta, já que historicamente tem favorecido homens brancos e heterossexuais para as posições mais requisitadas. Há, segundo Lopes (2020), uma dificuldade na imprensa de reconhecer todas essas sistemáticas exclusões do esporte como formas de violência, assim como autoridades públicas e dirigentes esportivos raramente são apontados como causadores da violência no futebol – quando isso ocorre, são tidos como promotores indiretos, ao não conseguirem frear as brigas entre torcedores.

Pode-se dizer que a predileção da mídia esportiva em abordar a violência direta no esporte, somada a um certo apagamento em relação à violência estrutural e a uma prática, pela própria mídia esportiva, de violência estrutural, está associada à violência cultural no esporte, conforme os parâmetros de Galtung (2003).

No contexto do esporte e da mídia esportiva, uma série de discursos e ações marca a violência cultural. Isso se dá, por exemplo, com a promoção de valores como a competição acirrada, a agressividade e a dominação, sem preocupação com a possibilidade de incentivar comportamentos violentos e desrespeitosos tanto dentro quanto fora dos campos de jogo. Além disso, a glorificação da força física e da masculinidade pode contribuir para a perpetuação de estereótipos prejudiciais e para a exclusão de pessoas que não se encaixam nesses padrões.

Outro exemplo de violência cultural no esporte e na mídia esportiva é a reprodução de preconceitos e estereótipos raciais, étnicos e de gênero. A falta de representatividade e de diversidade em equipes esportivas e na cobertura midiática pode reforçar a ideia de que apenas determinados grupos são capazes de serem bem-sucedidos no esporte, enquanto outros são naturalmente inferiores.

Além disso, a mídia esportiva muitas vezes sensacionaliza a violência física em eventos esportivos, contribuindo para a banalização da violência direta e para a formação de uma cultura que tolera e até mesmo celebra a violência em determinados contextos.

De acordo com Palhares e Schwartz (2015), vários agentes, no contexto do futebol brasileiro, praticam e são alvo da violência cultural. As torcidas, por exemplo, muitas vezes entoam cânticos homofóbicos, racistas, sexistas e xenofóbicos (Abel, 2019; Castro, 2019; Orlando; Napolitano; Cabral, 2022) e também valorizam, por meio de gritos de guerra, o emprego de violência direta contra rivais (Toledo, 1996). O racismo é uma prática disseminada no futebol como um todo, inclusive na sociabilidade torcedora (Tonini, 2020).

Por outro lado, a violência cultural afeta os torcedores de diversas maneiras, como quando há uma elitização progressiva dos estádios, aumento dos preços dos ingressos, veto a manifestações festivas, proibição de acesso a jogos em determinadas situações e criminalização velada por parte da imprensa e da sociedade (Orlando; Napolitano; Cabral, 2022). Isso contribui para a legitimação de opiniões e preconceitos sobre torcedores, organizados ou não (Orlando, 2019).

No entanto, a violência cultural no esporte não se limita a esses exemplos: também se manifesta quando emissoras de televisão se mobilizam para que jogos sejam agendados para as 22h, independentemente das dificuldades de transporte dos torcedores ou dos horários em que os telespectadores precisam acordar para trabalhar no dia seguinte. Além disso, a concentração

do monopólio das transmissões esportivas também pode ser considerada uma forma de violência cultural (Belan; Napolitano, 2011; Orlando; Napolitano; Cabral, 2022). Mais recentemente, a pulverização das transmissões em inúmeros serviços de *streaming* e canais abertos e fechados, quase sempre sem ouvir as necessidades do público ou com divulgação imprecisa de informações, também é uma forma de desrespeito com o torcedor (Santos, 2019; Costa; Santos, 2021).

Outro aspecto da violência cultural no esporte é a estrutura que favorece apenas o crescimento financeiro de determinadas modalidades e clubes, deixando times menores (fora das capitais de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul) e categorias menos midiáticas (futebol feminino, modalidades olímpicas e outros jogos coletivos além do futebol) em uma situação desfavorável (Orlando; Napolitano; Cabral, 2022).

Para Lopes (2020), existe uma estigmatização dos torcedores, em especial os organizados, o que está enraizado na crença generalizada, e amplamente propagada na mídia e em documentos oficiais, de que a violência não pertence ao futebol, mas é praticada por agentes externos, os vândalos ou os bandidos travestidos de torcedores, como se diz habitualmente. Assim, a violência direta seria provocada por seres invasores, que não pertencem de fato àquele meio, tanto que ocorrências de transgressão são tratadas por termos como “excrescência”. “Esquece-se (ou ignora-se) que o futebol brasileiro nasceu marcado pelo racismo, pelo machismo e pelo classismo”, aponta Lopes (2020, p. 694).

Tem-se, como consequência, o cenário ideal para exercer o controle social e excluir os torcedores organizados do debate público, ignorando suas reivindicações e definições do que é, na visão deles, violência. Por extensão, comenta Lopes (2020), outros grupamentos torcedores, como as torcidas “chopes”, que somente exaltam sua paixão clubística por meio da associação com o consumo de bebidas alcoólicas, são vinculados às torcidas organizados e também acabam estigmatizados numa identidade coletiva que os relaciona à violência. Em uma reinterpretação dessa máxima, também poderiam ser incluídos nesse espectro as torcidas antifascistas, cuja atuação tende a ser percebida com estranheza e desconfiança.

De acordo com Palhares e Schwartz (2015), a violência no futebol é resultado de dois mecanismos principais: a mudança da cor moral dos atos e a opacidade da realidade. Quando se ignora a violência estrutural e cultural cometida contra os torcedores, a realidade se torna opaca, e a cor moral dos fatos muda, incluindo aspectos como o preço dos ingressos, as condições da infraestrutura física dos estádios, o horário dos jogos, o tratamento dado aos torcedores, a disponibilidade de transporte, o cambismo, o abuso de autoridade e a corrupção. Essas violências não podem ser naturalizadas ou encaradas como "coisas do futebol". Análises

rasas sobre a violência dão conta somente de parte do problema, deixando alguns aspectos passarem despercebidos. Dessa forma, as violências estruturais e culturais presentes no futebol brasileiro não são fruto do acaso, mas de mecanismos complexos que envolvem interesses financeiros e políticos. É preciso reconhecer a gravidade dessas violências e tomar medidas para combatê-las, garantindo um ambiente mais seguro e justo para todos os envolvidos no esporte (Palhares; Schwartz, 2015).

Lopes e Palhares (2016, p. 159), que preferem reformular a noção de violência cultural para "o sentido a serviço da violência", abordam como meios de comunicação podem contribuir para a construção da paz no futebol. Segundo eles, a busca por audiência, sem considerar critérios qualitativos na produção, pelo furo e pela agilidade na transmissão de informações provocam uma perda de qualidade no jornalismo esportivo.

Na era da comunicação instantânea, como ocorre na atualidade, há pouco espaço para debates aprofundados sobre as diversas causas dos conflitos sociais (Lopes; Palhares, 2016). As perguntas feitas pelos jornalistas muitas vezes simplificam excessivamente a questão da violência no futebol e geram respostas insatisfatórias. É importante reconhecer que o problema da violência não se limita apenas às torcidas organizadas, mas envolve também a polícia, os dirigentes esportivos, as autoridades públicas e a própria imprensa. Não é uma questão de escolher entre prevenção ou repressão, mas de compreender a complexidade do problema e buscar soluções que abordem todas as partes envolvidas (Lopes; Palhares, 2016).

Quando ocorre um confronto entre torcidas, a cobertura jornalística não pode se limitar apenas a relatar o conflito ou buscar respostas rápidas para explicar a situação. É importante investigar outros fatores envolvidos, como as medidas de prevenção adotadas, a atuação da polícia, a estrutura fornecida pelos clubes e se há torcedores com antecedentes criminais presentes no estádio. O jornalismo esportivo precisa ser crítico, atento e trabalhar de forma contínua, sem se restringir apenas às fontes oficiais. Além disso, é fundamental ampliar a perspectiva, dando voz tanto às torcidas organizadas quanto aos torcedores comuns, que muitas vezes se unem em coletivos com demandas e visões específicas (Orlando; Napolitano; Cabral, 2022).

Além disso, a mídia esportiva precisa tirar o foco somente da violência direta, já que as violências estrutural e cultural também acometem o futebol e os outros esportes. Na perspectiva de um jornalismo para a cultura de paz, é necessário expandir os horizontes, e, como pregam McGoldrick e Lynch (2000), exercer a criatividade.

Um jornalismo voltado para a promoção da paz cultural não deve considerar a paz como uma mera ausência de violência ou como um cessar-fogo, em que uma parte vence e a outra é

eliminada ou dominada. Nesse sentido, o jornalismo deve, a partir dos conflitos entre os diversos atores envolvidos no esporte e no futebol, trabalhar para transformá-los pacificamente. Deve valorizar exemplos de convivência pacífica entre contrários e preocupar-se com a reconciliação desses atores (Lopes; Palhares, 2016).

Em vez de explorar com sensacionalismo os confrontos violentos no futebol, um jornalismo orientado para a paz cultural deveria agir preventivamente, antecipando-se a esses conflitos. Com frequência, os meios de comunicação abordam esses confrontos somente após a eclosão dos atos violentos. No entanto, seria melhor se promovessem um amplo debate sobre o assunto antes e durante a temporada de futebol, e destacassem não apenas as medidas já tomadas para reduzir esses conflitos, mas também novas possibilidades de abordagem do problema. Dessa forma, o público teria um diagnóstico mais preciso da situação e, bem informado, poderia pressionar os responsáveis pela organização do esporte para elaborarem medidas mais justas, democráticas e eficazes (Lopes; Palhares, 2016).

Orlando, Napolitano e Cabral (2022) apontam que a cobertura da mídia esportiva é um elemento importante na rotina noticiosa do Brasil, e a violência no mundo do esporte é frequentemente objeto de atenção do jornalismo especializado. No entanto, é necessário que o jornalismo esportivo vá além de simplesmente reportar a violência direta e também leve em conta as violências estrutural e cultural, oferecendo uma cobertura mais diversificada, justa e democrática das várias formas de violência presentes no mundo do esporte. Para isso, o jornalismo esportivo pode adotar preceitos do jornalismo para a paz, conforme os delineamentos expostos na primeira parte deste capítulo (Cabral; Salhani, 2017; Shinar, 2008; McGoldrick; Lynch, 2000; Cabral; Feltrin, 2020; Feltrin, 2018).

São comuns as associações entre esporte e manifestações de violência direta e estrutural, como machismo, homofobia, racismo, xenofobia e elitismo. Como a mídia muitas vezes age de maneira a justificar ou legitimar essas violências, existe também uma violência cultural presente nesse meio, e um jornalismo esportivo orientado para a cultura de paz poderia ajudar a expor e reverter essas práticas (Orlando; Napolitano; Cabral, 2022).

Embora o esporte e o próprio jornalismo esportivo sejam muitas vezes vistos como meras atividades de entretenimento, é importante reconhecer que o esporte tem dimensões políticas, sociais e culturais que não podem ser ignoradas. Bourdieu (1997) já identificava uma tendência à despolitização do jornalismo esportivo na cobertura dos Jogos Olímpicos de 1988, em Seul. Em vez de adotar uma abordagem investigativa, a imprensa esportiva estava mais preocupada com os fatores econômicos envolvidos. Eco (1984), por sua vez, criticava o que

chamava de "falação esportiva à enésima potência", referindo-se aos comentários sem fim da imprensa esportiva sobre si mesma e denunciando a falta de benefício para o público.

Como aponta Marques (2020), o esporte e os meios de comunicação no Brasil apresentam uma ligação que remonta às origens das modalidades, de maneira que os veículos midiáticos dedicaram atenção aos esportes, em geral, e ao futebol, em particular, durante todo o século 20 e até os dias de hoje. Entretanto, o esporte ainda é, na academia e no mercado comunicacional, alvo de discriminação, como se fosse algo menos importante e não tanto relevante quanto editorias como política, economia e internacional.

Pelo lado da academia, explica Marques (2020), isso é fruto da tradição marxista das pesquisas sobre o esporte que predominaram no Brasil nas décadas de 1960, 1970 e 1980, de modo que os estudos focavam a relação dos esportes com a disciplina e alienação. Já no lado da prática comunicacional, prossegue Marques (2020), o preconceito da própria mídia com o esporte encontra explicação nas raízes amadoras das coberturas de futebol no Brasil, no começo do século 20, quando essas funções não eram fixas ou remuneradas – eram, na verdade, atreladas a paixões dos chamados cronistas esportivos por seus clubes. O jornalista esportivo era, portanto, alguém que praticava “bicos” na cobertura de esportes, muitas vezes um profissional oriundo de outras funções dentro do jornalismo, alguém com pouca especialização.

Assim, esse repórter ou redator atuava em uma área encarada apenas como entretenimento ou contemplação, sem a obrigação de correlacionar fatos ou a tecer considerações aprofundadas sobre circunstâncias políticas ou econômicas (Marques, 2020). Embora a mídia esportiva tenha evoluído e se aprimorado ao longo dos tempos, a cobertura da área mantém uma mentalidade clubística, regionalista, partidária e passional, muitas vezes sendo exercida de maneira simplista e com baixo nível cultural, com a reprodução de discursos classistas e burgueses e com pouco questionamento (Marques, 2020).

Além disso, nos últimos tempos vem ocorrendo, principalmente na televisão, um foco maior no entretenimento nas coberturas esportivas. Embora o uso do humor e do riso não seja recente na imprensa esportiva brasileira e informação e entretenimento não sejam necessariamente contraditórios, analisa Marques (2020), a cobertura corre o risco de cruzar os limites do bom senso e da educação, abusando das caricaturizações, piadas, imitações, trocadilhos, frases de efeito e performances, muitas vezes resultando em provocações ou atos discriminatórios.

Isso tudo, aponta-se nesta tese, contribui para justificar a necessidade de um jornalismo para a cultura de paz aplicado ao esporte: crítico, firme, vigilante, aberto, diverso, plural,

contundente e sintonizado com a realidade – não apenas focado em questões estritamente esportivas, mas conectado com o mundo que o rodeia.

Um jornalismo para a cultura de paz não deve ignorar que os conflitos têm uma história. Portanto, para uma análise crítica do seu estado atual, é crucial contextualizá-los adequadamente e discutir suas condições sociais, históricas e culturais. Ignorar tais condições pode levar a uma compreensão superficial dos conflitos, sugerindo erroneamente que são irracionais. Na verdade, é precisamente porque eles têm suas razões que podem ser explicados e transformados (Lopes; Palhares, 2016).

Dado que o esporte está estreitamente ligado a situações de violência direta, estrutural e cultural e que tem conexões com questões interseccionais, é essencial que o jornalismo esportivo assuma o compromisso de desnaturalizar as violências e defender a cultura de paz (Orlando; Napolitano; Cabral, 2022).

Com base em todo o exposto ao longo do capítulo, é possível elencar recomendações sobre como praticar um jornalismo esportivo para a cultura de paz:

- Amplie sua perspectiva: não se restrinja apenas às fontes oficiais e busque dar voz tanto às torcidas organizadas quanto aos torcedores comuns, que muitas vezes se unem em coletivos com demandas e visões específicas.
- Vá além da violência direta: Aborde também as violências estrutural e cultural que acometem o futebol e outros esportes, como o preço dos ingressos, as condições da infraestrutura física dos estádios, o horário dos jogos, o tratamento dado aos torcedores, a disponibilidade de transporte, o cambismo, o abuso de autoridade e a corrupção.
- Investigue outros fatores envolvidos em um confronto entre torcidas: não se limite apenas a relatar o conflito ou buscar respostas rápidas para explicar a situação. Deve-se apurar outros fatores envolvidos, como as medidas de prevenção adotadas, a atuação da polícia e a estrutura fornecida pelos clubes.
- Seja crítico e atento: o jornalismo esportivo precisa ser crítico, atento e trabalhar de forma contínua, sem se restringir apenas às fontes oficiais.
- Busque critérios qualitativos na produção: não procure apenas audiência e agilidade na transmissão de informações. Tenha em mente critérios qualitativos na produção jornalística.
- Reconheça a complexidade do problema: vasculhe fontes, dados e informações que deem conta de fornecer uma abordagem ampla e justa.

- Exerça a criatividade: Busque formas criativas de abordar a questão da violência no futebol e na cultura esportiva em geral, a fim de promover a cultura de paz.
- Eduque-se sobre o assunto ao abordar temas sensíveis, como machismo, racismo, homofobia e preconceito no esporte: antes de abordar qualquer questão relacionada a minorias na mídia esportiva, é importante ter um conhecimento aprofundado sobre o assunto. Leia livros, artigos e pesquisas sobre o tema e busque entender a perspectiva de pessoas que vivem essas experiências.
- Crie um ambiente seguro para as minorias na mídia esportiva: é importante que você crie um ambiente seguro para que pessoas de minorias possam compartilhar suas experiências sem medo de retaliação ou críticas.
- Aborde qualquer tema de forma sensível: evite utilizar linguagem discriminatória ou ofensiva ao falar sobre minorias na mídia esportiva. Procure ser sensível ao falar sobre as experiências de pessoas que vivem situações de preconceito.
- Repense e reflita sobre a linguagem. Embora o esporte tradicionalmente use um vocabulário bélico e militaresco (palavras como confronto, embate, batalha, guerra, guerreiros, comandante), empregar esses termos com parcimônia pode ser uma escolha adequada.
- Dê voz às minorias: é importante que você dê voz às minorias na mídia esportiva, permitindo que elas contem suas histórias e compartilhem suas experiências, contribuindo para a promoção da diversidade e inclusão.
- Esteja atento a todas as nuances que rodeiam o esporte: além das modalidades mais difundidas e dos atletas de alto rendimento mais reconhecidos, há muitas histórias a serem descobertas e compartilhadas com o público. Isso inclui pautas com pessoas com deficiência, transgêneros, refugiados, migrantes, entre outros grupos tradicionalmente discriminados e invisibilizados.
- Evite estereótipos e lugares-comuns. Se não souber como se referir a um indivíduo ou a um grupo, pergunte às pessoas em questão como elas gostariam de ser chamadas e abordadas.
- Cobre medidas concretas: não basta apenas abordar o tema na mídia esportiva, é preciso que sejam tomadas medidas concretas para combater o preconceito e a discriminação no esporte. Cobrar mudanças e exigir ações dos responsáveis é fundamental para promover a inclusão e a diversidade.
- Destaque iniciativas voltadas para a paz no esporte, a fim de prevenir conflitos futuros.

- Utilize o seu alcance para promover mudanças: como profissional da mídia esportiva, você tem a possibilidade de promover mudanças positivas na sociedade. Faça uso de sua plataforma para falar sobre questões importantes relacionadas a minorias e inspire outras pessoas a fazerem o mesmo.

Uma oportunidade para colocar em prática esses preceitos seria durante a cobertura da atuação das torcidas antifascistas, cujas atividades pretendem estar vinculadas a práticas democráticas, antiautoritárias e em defesa de minorias. Uma análise entre o modo como jornais reportaram atividades desses grupos e o modo como os coletivos se pronunciaram nas redes é o assunto do próximo capítulo.

# 5 ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO: COBERTURAS JORNALÍSTICAS E O POSICIONAMENTO DE TORCIDAS ANTIFASCISTAS

Este capítulo apresenta uma análise da cobertura de dois jornais, *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, sobre as torcidas antifascistas de futebol e da atuação de dois desses grupos, Palmeiras Antifascista e Coletivo Democracia Corinthiana, em suas páginas de Facebook.

Partiu-se da hipótese de que os veículos de comunicação convencionais, habituados ao noticiário "comum" do dia a dia futebolístico (resultados, treinamentos, contratações, campeonatos etc.) costumam entregar uma cobertura limitada e nem sempre aprofundada e questionadora quando os fatos fogem da normalidade – um exemplo é justamente a atuação das torcidas antifascistas no Brasil nos anos recentes. Por outro lado, as mídias radicais, como podem ser chamadas as páginas de torcidas antifascistas (Downing, 2004), tendem a ser mais incisivas e costumam abordar pontos negligenciados pela grande imprensa.

Foi feito um recorte entre 1º de janeiro de 2018, ano em que Jair Bolsonaro foi eleito presidente da República, e 31 de dezembro de 2021. Com essa seleção temporal, espera-se contemplar o período em que cresceram as discussões sobre fascismo, conforme visto no capítulo 2 desta tese, e também se tornou mais relevante a atuação das torcidas antifascistas, de acordo com o exposto no capítulo 3. Esse delineamento é amplo o suficiente para que seja elaborada uma análise assertiva e se encaixa com os prazos relacionados à produção da tese.

A presente pesquisa é importante porque aborda uma questão atual e relevante. É fundamental compreender como temas relacionados a futebol e antifascismo são abordados pelos veículos de comunicação convencionais e pelas próprias torcidas antifascistas, especialmente em um cenário complexo como o Brasil, marcado por tensões políticas e sociais. Além disso, a análise de enquadramento das duas fontes de informação permite identificar possíveis lacunas e desigualdades na cobertura e questionar a objetividade e profundidade dos noticiários convencionais. Dessa forma, a pesquisa busca contribuir para uma análise crítica sobre a construção da notícia.

O *corpus* abrange 27 textos da *Folha* e 38 do *Estado*, além de 593 postagens no Facebook da Palmeiras Antifascista e 2772 do Coletivo Democracia Corinthiana. A *Folha* e o *Estadão* foram os jornais selecionados por serem os dois periódicos de maior circulação no estado de São Paulo, âmbito em que esta pesquisa é desenvolvida. Já Palmeiras Antifascista e Coletivo Democracia Corinthiana foram os grupos escolhidos porque reúnem torcedores de Sociedade Esportiva Palmeiras e Sport Clube Corinthians Paulista, clubes rivais que têm duas das maiores torcidas do Brasil. Ademais, são coletivos consolidados como antifascistas, o que

apresenta encaixe com este trabalho, e são os mais relevantes, em termos de alcance e engajamento nas redes, entre páginas similares de torcedores dessas equipes.

## 5.1 A análise de enquadramento como método de pesquisa

A ferramenta metodológica adotada nesta pesquisa foi a análise de enquadramento, principalmente segundo as diretrizes de Soares (2006), mas também com o aporte de outros autores. Esse tipo de análise é utilizado para identificar como a mídia cobre determinados temas ou eventos, e como a cobertura pode influenciar a percepção pública. Na pesquisa em questão, a análise de enquadramento é útil porque permite analisar a forma como os jornais cobrem a atuação das torcidas antifascistas de futebol, bem como a maneira como as próprias torcidas relatam suas ações em suas páginas no Facebook.

A análise de enquadramento possibilita identificar as nuances e as escolhas editoriais dos veículos de comunicação, incluindo a seleção de fontes, o uso de palavras-chave, o foco da história e a importância concedida a determinados aspectos do evento ou tema em questão. Assim, essa abordagem pode ser útil para avaliar se a cobertura dos jornais é equilibrada e informativa, ou se reflete uma perspectiva particular e tendenciosa. Além disso, a análise de enquadramento pode fornecer elementos para um possível contraste com a forma como as torcidas antifascistas retratam suas ações em suas próprias plataformas de mídia, ensejando reflexões e discussões a respeito do trabalho jornalístico, mesmo que essa comparação seja feita em produções evidentemente distintas, como são os casos das coberturas das mídias tradicionais e das *fanpages* dos coletivos de torcedores.

De acordo com Soares (2006), a análise de enquadramento é adequada para estudar matérias jornalísticas e revelar vieses implícitos na produção. Destaca a natureza da mensagem e expõe a retórica presente em textos supostamente objetivos e imparciais. Ao realizar a análise de enquadramento, afirma Soares (2006), o pesquisador pode identificar as estratégias textuais e representações presentes no *corpus*, estabelecendo contrastes entre coberturas diferentes que, em um primeiro olhar, podem parecer semelhantes.

Ainda segundo Soares (2006), a análise de enquadramento, chamada inicialmente de *framing*, tem origem no trabalho do sociólogo estadunidense Erving Goffman, nos anos 1970. Os enquadramentos de notícias podem existir como características do texto noticioso de modo a incentivar percepções e pensamentos sobre eventos. Esses enquadramentos são construídos por meio de elementos da narrativa, como palavras, metáforas, conceitos, símbolos, ironias, entre outros, e tornam algumas ideias mais destacadas no texto, enquanto outras ficam menos

evidentes ou invisíveis. As orientações dos enquadramentos são difíceis de se detectar, pois muitos artifícios podem parecer "naturais", mas a comparação com outros textos mostra que essas escolhas não são inevitáveis. O enquadramento não elimina todas as informações inconsistentes, mas, por meio de repetição, focalização e associações reforçadoras, torna uma interpretação mais rapidamente discernível e memorável que outras (Soares, 2006).

A ideia de enquadramento é útil para entender como a mídia pode influenciar a percepção das pessoas sobre eventos e situações sociais. Os enquadramentos são interpretações gerais construídas socialmente que ajudam as pessoas a construir sentido à realidade. São criados por meio da seleção, exclusão e ênfase de informações específicas, formando perspectivas amplas que apresentam fatos e circunstâncias (Rothberg, 2014). “O jornalismo informa e enforma: dá contornos à apreensão de sentidos, construindo a realidade social por meio de quadros – ou enquadramentos – que orientam a interpretação de fatos, acontecimentos e conjunturas”, aponta Gomes (2019, p. 15).

Soares (2006) explica que os enquadramentos são patrocinados por múltiplos atores sociais, como políticos, grupos e movimentos sociais, e as coberturas jornalísticas funcionam como plataformas para as disputas entre perspectivas rivais. Nas produções midiáticas, atores políticos buscam moldar a compreensão social da realidade por meio de suas interpretações dos assuntos. No entanto, geralmente é dado mais peso aos enfoques das elites devido à sua posição financeira privilegiada, à centralização da produção de notícias em instituições e à tendência dos jornalistas de confiar mais nas fontes oficiais do que nas vozes desafiadoras.

Os enquadramentos não são fixos, mas evoluem ao longo do tempo, conforme os jornalistas reveem suas interpretações dos assuntos e as elites reorganizam suas próprias definições em função das mudanças nas condições políticas, absorvendo ou cooptando enquadramentos dos desafiadores (Soares, 2006). Dessa forma, certos assuntos e seus enquadramentos podem mudar de incontestáveis a contestados no discurso jornalístico, graças aos esforços dos desafiantes, incluindo movimentos sociais – entende-se, nesta tese, que as torcidas antifascistas podem ser vistas como movimentos sociais. “Os movimentos sociais estão entre os mais importantes desafiadores dos valores hegemônicos e sua habilidade de fazê-lo depende da sua eficácia em influenciar o discurso dos meios”, afirma Soares (2006, p. 6-7).

Rothberg (2014, p. 410) pontua que a análise de enquadramento está muito vinculada às teorias da representação. “Relações e status sociais possuem significado graças à permanência das representações simbólicas, que são alimentadas por esferas superestruturais como escola, família, religião e mídia”.

O autor acrescenta que a construção do significado ocorre por meio da interação entre indivíduos, instituições e agentes sociais, sendo que as mídias desempenham papel fundamental na criação e manutenção das representações. No entanto, salienta Rothberg (2014), é importante levar em consideração que a influência da mídia sozinha não é suficiente para determinar totalmente a percepção que as pessoas atribuem a determinados agentes ou eventos.

> Justamente no embate entre setores sociais que utilizam suas próprias representações da realidade como dispositivos para a transformação da realidade, a mídia se torna instrumento de exercício de poder simbólico [...]. Os agentes sociais lutam para fazer valer sua imagem de mundo e, dessa forma, buscam impor representações que orientem políticas de governo dirigidas a mudar o curso da vida social, econômica e política no sentido que esperam. Mudar categorias de percepção da realidade é um passo importante para efetivamente transformar a realidade. No cenário construído pelas mídias, a luta pelo poder simbólico equivale à luta pelo poder de transformação de políticas concretas. (Rothberg, 2014, p. 412)

Ao traçar um panorama sobre o conceito de enquadramento noticioso em estudo publicados em periódicos científicos brasileiros, Gomes (2017) observa haver um consenso sobre o conceito de enquadramento no que diz respeito a enfatizar, salientar e apresentar certos elementos de uma temática. Entretanto, a aplicação da ferramenta gera alguma controvérsia, já que, por algum tempo, pesquisas de enquadramento não se guiaram por um procedimento metodológico que pudesse ser padronizado, mas se dedicaram às suas análises de modo específico. “Nesse sentido, muitos pesquisadores partiram do zero ao escolherem uma forma de aplicação empírica da *framing analysis*, adaptando o conceito operacional ao objeto estudado”, constata a pesquisadora (Gomes, 2017, p. 2).

Essa questão não seria um problema, pois o ecletismo metodológico não é somente válido, mas também essencial. O risco seria que pesquisadores, alerta Gomes (2017), ao adotarem vieses altamente qualitativos de análise de enquadramento, chegassem a resultados que somente respaldassem ou corroborassem ideias pré-concebidas.

Desse modo, Gomes (2017) propõe que as análises de enquadramento sejam bem explicadas e que os passos metodológicos sejam esmiuçados, o que inclui um passo a passo de coleta de dados, informações sobre seleção do *corpus* e descrição das estratégias escolhidas para análise. A autora também ressalta a necessidade de serem conduzidos estudos do enquadramento de textos midiáticos digitais, dada a conjuntura atual do ambiente comunicacional.

Assim, verifica-se a pertinência da análise de enquadramento no âmbito da presente tese, que pretende observar as diferenças de enquadramentos sobre as torcidas antifascistas a

partir da cobertura da imprensa e por elas próprias. Este trabalho segue o roteiro de análise de enquadramento proposto por Soares (2006), que consiste em quatro etapas:

1) Definição do objeto.
2) Observação.
3) Descrição.
4) Interpretação.

A seguir, cada uma das etapas elencadas acima será mais bem explicada e detalhada em subdivisões próprias dentro deste capítulo.

### 5.1.1 Definição do objeto

O primeiro passo para a realização de uma análise de enquadramento, preconiza Soares (2006), é a definição do objeto. Dentro desta etapa inicial, é necessário se atentar a dois aspectos: o problema de pesquisa e a fundamentação teórica.

O problema de pesquisa deve envolver, em um primeiro momento, a discussão teórica a respeito do fato de que cada veículo de comunicação representa determinado acontecimento de forma distinta. "Assim, a análise, em geral, focaliza a cobertura de um evento específico. A proposta da investigação deve ser apresentada e justificada indicando o tema que será pesquisado e sua contextualização, os antecedentes históricos, as publicações que formam o *corpus* do estudo" (Soares, 2006, p. 13-14).

No âmbito desta tese, ressalta-se que foram escolhidas fontes diferentes (jornais comerciais, de um lado, e páginas de coletivos de torcedores antifascistas, de outro) de análise para formar o *corpus* justamente para privilegiar o contraste entre veículos de natureza bastante diferentes, conforme ensina Soares (2006). Discussões a respeito do contexto abordado nesta tese foram promovidas nos capítulos anteriores.

Quanto à fundamentação teórica, Soares (2006) diz que o trabalho que realiza uma análise de enquadramento deve fornecer subsídios teóricos sobre a problemática em questão, principalmente o conceito de enquadramento e também sobre jornalismo e mídia, o que é feito neste capítulo e também nos anteriores.

### 5.1.2 Observação

Na fase 2, de observação, devem ser contemplados dois procedimentos: amostragem e técnicas de coleta. Sobre a amostragem de pesquisa, Soares (2006) pontua que devem ser indicadas quais publicações foram selecionadas para análise, o período e as seções escolhidas. O autor acrescenta ainda que análises de enquadramento tendem a apresentar melhores resultados quando são comparados dois ou mais veículos do mesmo segmento (revistas, jornais e telejornais), mas de linhas editoriais antagônicas. Em busca de uma pesquisa com teor atualizado e coerente com o objeto de estudo, esta tese optou por contrapor plataformas divergentes.

Soares (2006, p. 14) pondera que os resultados são mais "dramáticos" quando o assunto é controverso, já que "temas de consenso não suscitam discrepâncias nos enquadramentos", o que não invalida resultados que indiquem consensos, pois hegemonias podem ser reveladas. Nessa linha de raciocínio, considera-se pertinente o tema desta tese, já que a mescla entre futebol e política, a função de torcidas de futebol na sociedade e o fascismo como uma questão contemporânea são tópicos que apresentam potencial para o surgimento de ideias opostas.

A presente tese conta com *corpus* que abrange 27 textos da *Folha de S.Paulo* e 38 do O *Estado de S. Paulo*, bem como 593 postagens no Facebook da Palmeiras Antifascista e 2772 do Coletivo Democracia Corinthiana.

No caso da *Folha* e do *Estado*, para empreender a pesquisa foi necessário acessar os acervos disponibilizados nos sites dos jornais na condição de assinante, para que se pudesse ter acesso a todo o conteúdo. Nos dois veículos, o procedimento foi o mesmo: foi feita uma busca, nos campos próprios para tal, por textos que abordassem as torcidas antifascistas. Foram incluídos termos como "torcidas antifascistas", "antifascismo" e "torcidas antifascismo" nos locais de pesquisa para encontrar o maior número possível de publicações. As produções encontradas foram reunidas em arquivos de texto e planilhas eletrônicas a fim de possibilitar a análise.

Quanto às páginas Palmeiras Antifascista e Coletivo Democracia Corinthiana, foi preciso buscar todas as publicações nas *fanpages* de Facebook nos anos de 2018, 2019, 2020 e 2021 – a rede social conta com recurso que permite triar os posts de uma determinada página por ano. As postagens também foram reunidas em arquivos de texto e planilhas eletrônicas para a realização das etapas seguintes do procedimento metodológico.

Em relação às técnicas de coleta, Soares (2006) recomenda que a análise de enquadramento aplique alguns princípios da análise de conteúdo, como a leitura flutuante. De acordo com Bardin (2016), a leitura flutuante serve para fornecer um olhar abrangente sobre o material que será analisado e para que o pesquisador possa, a partir disso, elaborar categorias

de análise. Depois, Soares (2006) aconselha que sejam propostas categorias que propiciem um bom "rendimento analítico". Para isso, as categorias devem trazer à tona pontos que evidenciem contrastes nos enquadramentos ou que deixem claras as inclinações do veículo de comunicação analisado.

Como a proposta aqui é evidenciar contrastes entre a cobertura jornalística de dois veículos de comunicação e os posicionamentos de dois coletivos de torcedores, um desafio foi elaborar categorias viáveis para analisar as duas frentes. Ou seja, foi preciso estabelecer parâmetros de avaliação que considerassem o fato de que o *corpus* era composto, ao mesmo tempo, por jornais e por páginas em redes sociais, de modo que os resultados pudessem ser analisados de maneira isonômica e coerente, mas sem deixar de lado características próprias e inerentes de cada tipo de plataforma.

Então, após a leitura flutuante, conforme indica Bardin (2016), para obtenção de um panorama sobre o material coletado, foi necessário organizar todo o *corpus* de uma maneira sistematizada, de modo a possibilitar a análise. Nas já citadas planilhas eletrônicas empregadas para reunir os itens a serem analisados, foram elencadas as seguintes informações, tanto sobre os textos dos jornais quanto sobre as postagens das páginas de Facebook: link, título, data, autoria própria, tipo de recurso, gênero, tema e subtema. Considerações sobre cada uma dessas categorias podem ser tecidas:

- Link: refere-se ao modo pelo qual pode-se acessar o texto jornalístico ou a postagem de Facebook.
- Título: é o título do texto jornalístico ou da postagem de Facebook. Embora todos os textos jornalísticos tenham títulos, nem todas as publicações de coletivos em *fanpages* têm um.
- Data: data da publicação.
- Autoria própria: esta categoria busca averiguar se o item em questão é de autoria do ente analisado – no caso desta tese, *Folha*, *Estadão*, Palmeiras Antifascista ou Coletivo Democracia Corinthiana. Os jornais não costumam publicar textos jornalísticos que não sejam de autoria de seus próprios jornalistas, editorialistas, colunistas ou comentaristas convidados, de modo que todos os textos da *Folha* e do *Estadão* aqui analisados foram classificados como "sim" no quesito autoria própria. O objetivo principal de incluir esta categoria foi para analisar especificamente as publicações das páginas dos coletivos de torcedores, as quais podem tanto publicar conteúdos autorais quanto, por meio da função

"Compartilhar" do Facebook, replicar materiais divulgados originalmente por outras contas.

- Tipo de recurso: aqui são reunidas informações sobre os meios usados na publicação: texto, vídeo, áudio, imagem ou combinações desses elementos.
- Gênero: nesta categoria, foi adotada a classificação de Chaparro (2000) de textos jornalísticos entre relato e comentário. Ou seja, cada texto dos jornais e cada publicação dos coletivos de torcedores foi classificada em um desses gêneros. De acordo com Chaparro (2000), os textos jornalísticos podem relatar e comentar a realidade, sendo que ambos os gêneros trazem tanto informação quanto opinião. Muitas vezes, não há uma distinção clara entre jornalismo informativo e jornalismo opinativo. Chaparro (2000) considera que pertencem ao gênero relato textos como reportagens, notícias, entrevistas, roteiros, previsão do tempo, entre outros. Já sob o guarda-chuva do gênero comentário estão artigos, crônicas, cartas, caricaturas, charges e outros. O autor não discorria sobre páginas em redes sociais ao estudar gêneros jornalísticos, mas esta tese optou por classificar as publicações de Facebook aqui analisadas entre relato ou comentário devido ao entendimento, conforme Downing (2004), de que o conceito de mídia pode ser amplo. Além disso, as páginas analisadas se comportam muitas vezes como alternativas aos veículos de comunicação tradicionais, em um fazer comunicacional que se pretende contra-hegemônico, portanto, radical (Downing, 2004). Divulgam informação, compartilham fatos, emitem opinião e comentam assuntos diversos, o que possibilita classificar as postagens em relato ou comentário.
- Tema: categoria que tem relação com os aspectos gerais abordados no texto jornalístico ou na postagem. A maior parte dos itens analisados foi classificada como tendo o tema "Futebol", "Política" ou, quando os dois assuntos se mesclavam, "Futebol e Política". Quando nenhuma dessas três categorizações abarcava o texto, a classificação atribuída foi de "Outro".
- Subtema: na categoria subtema, buscou-se explicitar melhor o assunto abordado. Não havia uma limitação de quantos subtemas cada item poderia ter, tampouco limite na quantidade de subtemas que poderiam ser atribuídos ao longo da análise. Assim, houve grande variedade de subtemas.

Na parte de operacionalização dos parâmetros metodológicos para a análise de enquadramento propriamente dita, esta tese se apoiou em esforços de outros trabalhos

acadêmicos para elaborar as categorias de análise. As pesquisas de Gomes (2019) e de Belin e Rizzotto (2021), a respeito de e com o uso de análise de enquadramento, foram fundamentais para ajudar a estabelecer as bases de análise aqui propostas, bem como as orientações de Mendonça e Simões (2012), que verificam a possibilidade de várias abordagens metodológicas, mas atentam para o risco de dispersão conceitual se não forem tomados cuidados no momento de embasar a pesquisa.

Gomes (2019) faz uma análise de enquadramento sobre a cobertura jornalística de refugiados sírios que vieram ao Brasil, enquanto Belin e Rizzotto (2021) analisam o enquadramento relacionado ao direito ao aborto. Ambas as pesquisas se baseiam em variáveis propostas por Semetko e Valkenburg (2000) para esse tipo de análise de *framing*. Então, o presente trabalho, considerando as peculiaridades do *corpus* selecionado, se baseou nos mesmos direcionamentos.

Cada texto de jornal ou cada publicação de Facebook analisada, após a tabulação com informações fundamentais (link, título, data), gênero, tema e subtema, conforme discorrido acima, foi lido a fim de buscar termos ou palavras que fossem usados de referência para os enquadramentos, como ensina Soares (2006). Alguns textos, por serem muito curtos ou muito objetivos, não tiveram termos de referência compilados, mas as características gerais sempre foram averiguadas e levadas em consideração.

Depois disso, a exemplo de Belin e Rizzotto (2021), cada texto ou postagem analisado nesta tese foi avaliado conforme o nível de contextualização (temático ou episódico). Isso significa que todas as matérias e postagens foram categorizadas em uma dessas variáveis. De acordo com Belin e Rizzotto (2021, p. 168), a diferenciação entre nível temático ou nível episódico tem relação com o "esforço do conteúdo para explorar diferentes aspectos e perspectivas".

No caso dos textos dos jornais, há notícias factuais, de caráter mais pontual, imediatista, instantâneo ou meramente informativo – são os episódicos. Já as coberturas que fornecem um contexto mais amplo, apresentando diversidade de fontes, ideias e pontos de vista, são as temáticas. Essa mesma concepção, de separação entre nível episódico e nível temático, foi adotada para classificar as postagens dos coletivos de torcedores: se um post era muito direto, objetivo ou simples, era tido como episódico; mas se buscava aprofundamento ou apresentava uma contextualização mais vasta, era temático. A presença de elementos além do texto escrito, como imagens, vídeos, gráficos ou tabelas, também contribuiu para o discernimento entre episódico ou temático: quanto mais informações e dados um texto de jornal ou uma postagem de página de Facebook apresenta, mais chances de ser do nível temático.

Por fim, o último passo foi definir o enquadramento principal de cada item. Isso foi feito a partir das variáveis propostas por Semetko e Valkenburg (2000) e utilizadas por Gomes (2019) e Belin e Rizzotto (2021). Embora cada notícia, reportagem, opinião ou postagem possa ter mais de um enquadramento, optou-se aqui por atribuir apenas um quadro interpretativo a cada item analisado. Os quadros foram pensados tendo sempre as torcidas antifascistas em perspectiva, seja quando elas eram citadas por textos jornalísticos, seja quando elas se expressavam em suas páginas, já que cada quadro é um tipo de angulação, que possibilita uma interpretação em vez de outras (Mendonça; Simões, 2012). Os enquadramentos foram definidos depois de uma leitura de cada item analisado e de uma avaliação com base nas categorias estudadas previamente. Também foram levados em conta os apontamentos teóricos sobre jornalismo para a paz, feitos anteriormente na tese, de modo que os enquadramentos poderiam ser os seguintes:

- Conflito: o texto jornalístico está focado na apresentação de uma dualidade de determinado assunto, centrado nas discordâncias entre partes, se refere a brigas e confrontos ou fala em vencedores e perdedores. No caso das postagens dos coletivos de torcedores, este enquadramento acontece quando as próprias torcidas se colocam nessa posição de disputa.
- Interesse humano: o texto ou a postagem é baseado em um exemplo humano para abordar a questão em pauta, trazendo questões pessoais ou enaltecendo aspectos particularizados. São usados adjetivos ou referenciais que suscitem empatia e compaixão.
- Moralidade: neste enquadramento, o texto discorre, de modo implícito ou explícito, a pauta de maneira enviesada religiosa, moral, filosófica ou eticamente. São feitas referências e prescrições sobre como pessoas ou grupos deveriam se comportar em determinados cenários.
- Responsabilidade: o foco está na responsabilização de algum grupo por determinado problema ou questão.
- Diagnóstico/prognóstico: aqui, verifica-se se o texto jornalístico ou a postagem menciona ou analisa diagnósticos ou prognósticos sobre o assunto abordado. Este tipo de enquadramento ocorre quando o texto busca explicar e debater, a partir de razões políticas, socioeconômicas ou culturais, as razões de um determinado acontecimento ou

evento. É um enquadramento registrado também quando busca-se apontar, a partir de critérios técnicos e informações concretas, possíveis continuidades ao fato narrado.

- Mobilização: neste quadro, o foco está no chamado para a ação. O texto é construído com o intuito de conclamar outras pessoas a agir ou se engajar em determinada causa.
- Outros: textos enquadrados como "outros" são os que não se encaixam nos seis enquadramentos listados anteriormente. São, em geral, textos com pouca aderência em termos políticos ou pouco aprofundados.

Portanto, todos os itens analisados na tese receberam informações sobre os seguintes aspectos: link, título, data, autoria própria, tipo de recurso, gênero (relato ou comentário), tema, subtema, termos de referência, nível de contextualização (temático ou episódico) e enquadramento principal (conflito, interesse humano, moralidade responsabilidade, diagnóstico/prognóstico, mobilização ou outros).

Com todos esses dados referentes ao *corpus* em mãos, pôde-se, segundo o guia proposto por Soares (2006), observar como a análise será apresentada e partir para a próxima etapa, de descrição do material.

### 5.1.3 Descrição

Na etapa de análise descritiva, propõe Soares (2006), o pesquisador pode iniciar o trabalho com uma caracterização geral do material avaliado, o que compreende número de páginas ou publicações dedicadas ao assunto, distribuição temporal das publicações, entre outros aspectos. As observações realizadas na fase anterior devem ser discriminadas e agrupadas, podendo originar tabelas ou gráficos. Quadros simples com classificações dos textos entre favoráveis, contrários ou neutros em relação a um assunto podem ser desenhados, sugere Soares (2006).

> Outras categorizações podem ser imaginadas para distribuir o vocabulário das matérias examinadas, de modo a revelar formas diferentes de tratamento do assunto. Cada uma das tabelas deve ser lida e analisada descritivamente, resultando num texto, no qual se caracterizam as tendências, evidenciam orientações das matérias, de modo a ir revelando os enquadramentos noticiosos latentes nas matérias. Assim, o pesquisador vai produzir visões de conjunto das reportagens, segundo as categorias de análise propostas. (Soares, 2006, p. 15)

A descrição deve estar em sintonia com as categorizações propostas na fase de observação para que o estágio seguinte, de análise interpretativa, seja frutífero. No caso desta

tese, optou-se não por apontar enquadramentos favoráveis, contrários ou neutros, mas abordar o *corpus* a partir dos parâmetros apresentados na subdivisão anterior. Este capítulo traz, nos próximos subtópicos, a descrição da análise.

### 5.1.4 Interpretação

A interpretação dos dados, instrui Soares (2006), é o ponto da pesquisa em que os resultados da fase 3, a descrição, são confrontados com os conceitos que embasam o estudo. Nesta derradeira etapa, os dados descritos devem ser teorizados, de modo a explicar ou compreender o enquadramento em questão, produzindo relatórios e contrastes.

Ainda neste capítulo são traçados contrastes e similaridades entre as coberturas jornalísticas e os posicionamentos dos coletivos.

## 5.2 Análise dos textos da *Folha de S.Paulo* sobre torcidas antifascistas

O *corpus* desta tese abrange 27 textos publicados pela *Folha de S.Paulo*. A relação das publicações do jornal sobre torcidas antifascistas pode ser conferida no link https://docs.google.com/spreadsheets/d/1xmbGoAySMKyiKMpZ4AKGoWswLP2IPovhxUB4e-17sGY/edit?usp=sharing, no programa online Google Planilhas, o qual pode ser acessado e visualizado por qualquer usuário. Em virtude do tamanho da tabela, não é possível disponibilizar a planilha completa aqui.

O primeiro dado a se relatar é referente à distribuição temporal dos textos: não houve nenhum em 2018, mas foram quatro em 2019, 20 em 2020 e três em 2021, conforme a tabela a seguir

Tabela 2 – Distribuição temporal dos textos sobre torcidas antifascistas na *Folha de S.Paulo*

| Ano | Quantidade de textos |
|---|---|
| 2018 | 0 |
| 2019 | 4 |
| 2020 | 20 |
| 2021 | 3 |
| Total | 27 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa no acervo da *Folha de S.Paulo*

Não é à toa que a *Folha* dedicou mais atenção às torcidas antifascistas em 2020. Afinal, foi o ano em que esses coletivos saíram às ruas em protestos contra o governo do então presidente, Jair Bolsonaro. Mais do que isso: dos 20 textos daquele ano, 14 (70%) foram publicados no intervalo entre 31 de maio e 7 de junho, quando ocorreram as manifestações das quais as torcidas antifascistas fizeram parte.

Outro ponto sobre as publicações de 2020 é que a grande maioria foi mais factual: 18 (90% do total) foram classificadas como sendo do nível de contextualização episódico, e apenas uma reportagem, intitulada "Unidas por visibilidade, torcidas LGBT buscam impulso com protestos"[7] e publicada em 18 de junho, foi considerada temática, quando há um aprofundamento maior no assunto tratado, além de uma coluna de Juca Kfouri, chamada "E não é que outra vez o futebol e a política se misturam para chocar alienados?"[8], de 3 de junho.

Em 2019, um ano antes da atuação dos torcedores antifascistas chamar a atenção da opinião pública, esses tipos de coletivos apareceram em três reportagens da *Folha* que abordaram, de maneira mais ampla, situações em que futebol e política eram campos em situação de tensão, além de uma notícia mais pontual. Desse modo, foram três matérias no nível de contextualização temático e uma no episódico.

Em 2021, já passado o calor dos acontecimentos das ruas em 2020, as torcidas antifascistas foram citadas em três publicações da *Folha*, sempre no nível episódico.

Portanto, em todo o período considerado nesta análise, foram 22 textos episódicos e cinco textos temáticos, uma proporção de 81,5% contra 18,5%. Ou seja, a maior parte dos textos da *Folha* que abordou as torcidas antifascistas o fez de forma eventual, conforme os acontecimentos em cenário nacional exigiram.

Tabela 3 – Nível de contextualização dos textos sobre torcidas antifascistas na *Folha de S.Paulo*

| Ano | Total de textos | Episódico | Temático |
|---|---|---|---|
| 2018 | 0 | 0 | 0 |
| 2019 | 4 | 1 | 3 |
| 2020 | 20 | 18 | 2 |
| 2021 | 3 | 3 | 0 |
| Total | 27 | 22 | 5 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa no acervo da *Folha de S.Paulo*

[7] https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/06/unidas-por-visibilidade-torcidas-lgbt-buscam-impulso-com-protestos.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha
[8] https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfouri/2020/06/e-nao-e-que-outra-vez-o-futebol-e-a-politica-se-misturam-para-chocar-alienados.shtml

A respeito do gênero textual, a análise mostra que as torcidas antifascistas foram personagens, principalmente, de textos na categoria relato: notícias, no caso de registros mais factuais, aqui já classificadas como de nível de contextualização episódico; ou reportagens, quando houve apuração mais aprofundada, no nível de contextualização temático. A tabela a seguir mostra a discriminação dos dados sobre gênero.

Tabela 4 – Gênero dos textos sobre torcidas antifascistas na *Folha de S.Paulo*

| Ano | Total de textos | Relato | Comentário |
|---|---|---|---|
| 2018 | 0 | 0 | 0 |
| 2019 | 4 | 4 | 0 |
| 2020 | 20 | 15 | 5 |
| 2021 | 3 | 2 | 1 |
| Total | 27 | 21 | 6 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa no acervo da *Folha de S.Paulo*

Quanto ao tema, pouco mais da metade das publicações da *Folha* que mencionou as torcidas antifascistas o fez em textos que traziam aspectos, simultaneamente, sobre futebol e política. Conforme mostra a tabela a seguir, foram 15 textos (55% do total de 27) que mesclaram esses dois assuntos.

Tabela 5 – Tema dos textos sobre torcidas antifascistas na *Folha de S.Paulo*

| Ano | Total de textos | Futebol e política | Política |
|---|---|---|---|
| 2018 | 0 | 0 | 0 |
| 2019 | 4 | 4 | 0 |
| 2020 | 20 | 10 | 10 |
| 2021 | 3 | 1 | 2 |
| Total | 27 | 15 | 12 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa no acervo da *Folha de S.Paulo*

Ainda de acordo com a tabela acima, houve 12 textos cujo tópico principal era política, de modo que as torcidas antifascistas eram apenas citadas. Um exemplo é a notícia “Atos pró-

Bolsonaro e pró-democracia têm que ser em hora e local diferentes, diz Doria"[9], de 1º de junho de 2020, sobre questões relacionadas à ocupação das ruas por manifestantes. Embora as torcidas antifascistas tenham sido citadas, a matéria tinha o foco em outras questões.

A análise não revelou textos jornalísticos da *Folha* com tema exclusivamente sobre futebol em que as torcidas antifascistas eram citadas. Isso significa que esses coletivos foram mencionados em matérias ou colunas sobre futebol em contextos em que a política foi um tema igualmente importante. Pode ser citado como exemplo o último texto da amostra aqui analisada, uma coluna do jornalista Juca Kfouri, portanto um texto do gênero comentário: "Palmeiras foi melhor que o Flamengo em final decidida no detalhe", [10]do dia 27 de novembro de 2021, sobre a final da Taça Libertadores.

O primeiro parágrafo da coluna é: "O torcedor palmeirense antifascista tem dois motivos para estar muito feliz: comemora o tricampeonato da Libertadores [...] e livrou-se da demagogia do genocida que, na sexta-feira (26), na Vila Militar, no Rio, vomitou: 'Amanhã somos todos Flamengo'" (Kfouri, 2021, n.p.)

Esta análise também pode contemplar o chamado subtema dos textos. Conforme já explanado, o tema foi, durante a pesquisa, uma categoria de definição mais rígida, sendo que poucos temas foram atribuídos: política; e futebol e política, por exemplo. Por sua vez, os subtemas tiveram uma designação mais flexível: diversos poderiam ser criados, conforme a necessidade e as características do texto analisado, mas sem que houvesse mais do que cinco subtemas definidos para cada texto.

Também houve a preocupação, durante a pesquisa, de manter uma linha de coerência ao nomear os subtemas, para que se pudesse chegar a dados quantificáveis. Com isso, o objetivo era averiguar quais assuntos eram discutidos na *Folha* quando as torcidas antifascistas eram citadas ou objeto de reportagens ou comentários.

Apontou-se, então, que o subtema "Jair Bolsonaro" foi o mais prevalente nos textos sobre torcidas antifascistas: o agora ex-presidente foi, de alguma forma, assunto de pelo menos 18 textos (66% do total). Esse fator indica que a atuação das torcidas antifascistas, na representação pela *Folha de S.Paulo*, teve, muitas vezes, um vínculo com o antigo chefe do Executivo federal – a relação era, sempre, de oposição e protesto ao ex-mandatário.

---

[9] https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/atos-pro-bolsonaro-e-pro-democracia-tem-que-ser-em-hora-e-local-diferentes-diz-doria.shtml

[10] https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfouri/2021/11/palmeiras-foi-melhor-que-o-flamengo-em-final-decidida-no-detalhe.shtml

Outra variável colocada em análise foi a dos termos de referência, a qual foi ainda menos rígida que a dos subtemas. Nesta categoria, eram listados alguns vocábulos e expressões usados nos textos da *Folha* para se referir ou retratar a atuação das torcidas antifascistas. Como a atribuição dessas palavras dependia dos próprios textos do jornal, não coube à pesquisa manter uma linha de coerência entre os termos, já que cada texto usava vocabulário próprio.

Entretanto, esta investigação se empenhou em buscar termos significativos em cada texto e procurou não assinalar mais do que dois ou três termos para cada publicação do jornal. Em algumas matérias, principalmente as mais curtas, não houve registro de palavras de referência.

O termo de referência mais vezes registrado, embora apenas em duas ocasiões, foi "torcidas organizadas", já que a cobertura da *Folha*, principalmente no auge dos protestos em 2020, identificou, inicialmente, a atuação de torcidas organizadas, como a Gaviões da Fiel, do Corinthians, nas manifestações.

A menção a torcedores antifascistas propriamente ditos aparece quase indiretamente, de formas em que esses coletivos são relacionados às organizadas, que são entidades tradicionais e conhecidas do público brasileiro. Isso fica claro quando alguns dos termos de referência são: "braços antifascistas", "ativistas antifascismo", "alas pela democracia de torcidas organizadas", "integrantes de torcidas organizadas", "torcedores democratas", "pró-democracia" e "união das torcidas de times rivais". Em meio à ida às ruas de torcedores contra o governo Bolsonaro, primeiramente ficou mais nítida a atuação de alas das organizadas do que das torcidas antifascistas em si, que, conforme debatido no capítulo 3, surgem no bojo ou orbitam as organizadas. Outros termos de referência anotados foram "confusão" e "manifesto", o que contribui na análise geral.

Também apareceram palavras como "autodenominados" (ou sinônimos) para se referir às torcidas antifascistas. Uma possível explicação para tal é o fato de que o próprio conceito de fascismo ser um tabu e um motivo de controvérsia, conforme já apontado nesta tese. Com isso, grupos que se dizem antifascistas teriam motivações e objetivos igualmente controversos ou confusos – ao menos na perspectiva da cobertura jornalística.

A compilação de todas essas informações, somada à leitura dos textos da *Folha*, foi essencial, conforme as ferramentas metodológicas já detalhadas, para chegar ao enquadramento principal de cada texto. Cada texto recebeu apenas uma categorização de enquadramento, com o seguinte resultado:

Tabela 6 – Enquadramento principal dos textos sobre torcidas antifascistas na *Folha de S.Paulo*

| Tipo de enquadramento | Quantidade de textos | Porcentagem em relação ao total de textos |
|---|---|---|
| Conflito | 10 | 37% |
| Interesse humano | 1 | 4% |
| Moralidade | 0 | 0 |
| Responsabilidade | 2 | 8% |
| Diagnóstico/prognóstico | 5 | 18% |
| Mobilização | 1 | 4% |
| Outros | 8 | 29% |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa no acervo da *Folha de S.Paulo*

Percebe-se que textos com enquadramento de conflito foram a maioria: dez de um total de 27, ou 37%. É válido ressaltar que, dos dez textos enquadrados como conflito, nove foram publicados em 2020, ano das manifestações.

Todos os nove textos com enquadramento de conflito publicados em 2020 são do gênero relato e com nível de contextualização episódico, o que significa que são notícias factuais a respeito dos protestos. Dessas nove matérias, oito foram escritas em um intervalo de oito dias, entre 31 de maio e 7 de junho, na esteira dos atos contra o governo.

Chama a atenção o fato de que, desses nove textos, apenas os dois primeiros foram classificados com o tema "futebol e política" – os demais foram categorizados apenas com a temática "política". Uma leitura possível é de que conflitos começaram a ser reportados a partir de uma atuação das torcidas antifascistas, mas depois extrapolaram as esferas esportivas e mobilizaram o aparato governamental e institucional, já que as notícias são referentes a atitudes do governo do estado de São Paulo ou da Justiça.

O segundo enquadramento mais frequente, "outros", ocorreu oito vezes (29%). Foi atribuído essa classificação quando o texto era meramente noticioso, sem uma angulação que pudesse ser notada, por exemplo. Também foi registrado em quatro oportunidades na coluna "Caneladas do Vitão", assinada pelo jornalista Vitor Guedes no extinto jornal *Agora São Paulo* e incorporada às pesquisas realizadas no site da *Folha*, já que os periódicos eram do mesmo grupo: nessas ocasiões, o colunista abordou vários assuntos em uma só publicação ou apenas citou a atuação das torcidas antifascistas, o que não permitiu a identificação de um enquadramento mais palpável.

O enquadramento de diagnóstico/prognóstico, estabelecido quando o texto aborda causas e contexto de forma aprofundada, ouve uma ampla diversidade de fontes ou traça

panoramas futuros com algum embasamento, foi assinalado somente cinco vezes (18%) durante a análise. Duas em 2019, com as reportagens "Faixas levam política aos estádios e são barradas pela polícia"[11] e "De Marielle a Bolsonaro, como política do país chegou ao Flamengo"[12], que não esmiúçam especificamente o que são as torcidas antifascistas, mas procuram torcedores antifascistas como fontes de informação.

As outras três matérias com enquadramento de diagnóstico/prognóstico datam de 2020: "Como e por que torcidas organizadas realizaram ato pró-democracia"[13], "Convocação de atos de rua pró-democracia ganha força, mas ideia divide grupos durante pandemia"[14] (reportagem sobre política que apenas citou as torcidas) e "Unidas por visibilidade, torcidas LGBT buscam impulso com protestos"[15].

Foram ainda dois enquadramentos de responsabilidade, ambos em notícias que apontavam alguma culpabilização a manifestantes, incluindo torcedores antifascistas, por aglomerações durante a quarentena imposta devido à pandemia de covid-19: "Movimentos de esquerda, com Boulos, e torcedores ignoram pico da pandemia e mantêm ato anti-Bolsonaro em SP"[16], de 5 de junho de 2020, e "Oposição que atacava atos bolsonaristas na pandemia agora ignora aglomerações antigoverno; relembre"[17], de 12 de junho de 2020.

A análise traz ainda um enquadramento de interesse humano, a reportagem "Torcida LGBT troca de nome após ameaça e segue Inter no estádio"[18], e um enquadramento de mobilização: trata-se da coluna "E não é que outra vez o futebol e a política se misturam para chocar alienados?"[19], em que o autor Juca Kfouri celebra e incentiva os atos contra o governo Bolsonaro.

---

[11] https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/03/faixas-levam-politica-aos-estadios-mas-sao-barradas-pela-policia.shtml
[12] https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/07/de-marielle-a-bolsonaro-como-politica-do-pais-chegou-ao-flamengo.shtml
[13] https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/06/como-e-por-que-torcidas-organizadas-realizaram-ato-pro-democracia.shtml
[14] https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/convocacao-de-atos-de-rua-pro-democracia-ganha-forca-mas-ideia-divide-grupos-durante-pandemia.shtml
[15] https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/06/unidas-por-visibilidade-torcidas-lgbt-buscam-impulso-com-protestos.shtml
[16] https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/frente-de-boulos-e-torcedores-ignoram-pico-da-pandemia-e-mantem-ato-anti-bolsonaro-em-sp.shtml
[17] https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/oposicao-que-atacava-atos-bolsonaristas-na-pandemia-agora-ignora-aglomeracoes-antigoverno-relembre.shtml
[18] https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/08/torcida-lgbt-troca-de-nome-apos-ameaca-e-segue-inter-no-estadio.shtml#:~:text=Sem%20acolhimento%2C%20o%20coletivo%20decidiu,do%20Internacional%E2%80%9D%2C%20explica%20Azevedo.
[19] https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfouri/2020/06/e-nao-e-que-outra-vez-o-futebol-e-a-politica-se-misturam-para-chocar-alienados.shtml

### 5.3 Análise dos textos do *O Estado de S. Paulo* sobre torcidas antifascistas

A pesquisa junto ao acervo digital do *O Estado de S. Paulo* resultou em 38 textos sobre as torcidas antifascistas no período aqui estudado, de 2018 a 2022. A relação com todas as publicações e a sequência da análise desenvolvida podem ser consultadas na seguinte planilha eletrônica: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1KJlGdPY8Oi9HR2X9m2UZXHjfQPAtUFpCt2AFgC88gAA/edit?usp=sharing. Por causa das dimensões do arquivo, não é possível copiar aqui as tabelas completas.

No *Estadão*, a maior parte dos textos sobre as torcidas antifascistas foi disponibilizada em 2020, quando esses coletivos saíram às ruas para protestar contra o governo do então presidente Jair Bolsonaro. Do total de 38 publicações, 32 (84%) foram naquele ano. Já dos 32 registros de 2020, 28 (87,5%) foram publicados entre 31 de maio e 19 de junho, durante a cobertura das manifestações e seus desdobramentos. O quadro a seguir mostra a distribuição temporal dos textos:

Tabela 7 – Distribuição temporal dos textos sobre torcidas antifascistas no *O Estado de S. Paulo*

| Ano | Quantidade de textos |
|---|---|
| 2018 | 4 |
| 2019 | 1 |
| 2020 | 32 |
| 2021 | 1 |
| Total | 38 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa no acervo do *O Estado de S. Paulo*

Em 2018 e 2019, as torcidas antifascistas foram citadas no *Estadão* de maneira esporádica. A primeira das matérias, "Documentário sobre o Colo-Colo aborda intervenção da ditadura Pinochet"[20], de 3 de outubro de 2018, cita, na realidade, torcidas antifascistas do Chile. A primeira menção ao Brasil veio no dia 9 do mesmo mês em texto que apenas citava especificamente a torcida Palmeiras Antifascista[21] - a notícia em questão repercutia reportagem

[20] https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/documentario-sobre-o-colo-colo-aborda-intervencao-da-ditadura-pinochet/
[21] https://esportefera.com.br/noticias/futebol,jornal-argentino-cita-apoio-do-palmeiras-a-bolsonaro-e-revolta-clube,70002541275

do jornal argentino *Clarín* que apontava suposta história de vínculo entre o clube paulista e o fascismo, além do apoio de Felipe Melo, então atleta da equipe, a Jair Bolsonaro.

No dia 23 de outubro foi publicado texto que informava sobre o apoio de diversas torcidas antifascistas do Brasil a Fernando Haddad[22], candidato do PT que disputava o segundo turno das eleições presidenciais contra Bolsonaro – como se sabe, o petista seria derrotado. A última publicação de 2018 data de 5 de dezembro, já após o pleito.

Trata-se da notícia "Palmeirenses ilustres cobram a diretoria por presença de Bolsonaro em festa e ação da PM"[23], sobre o repúdio de personalidades e entidades palmeirenses, entre as quais a Palmeiras Antifascista, ao fato de o então presidente eleito ter participado, no campo do Allianz Parque, da entrega da taça de campeão brasileiro daquele ano.

A única notícia de 2019 é um relato sobre o futebol internacional: "Após troca de insultos entre torcidas, Uefa abre processo contra Celtic e Lazio"[24].

Em 2021, já um ano após as manifestações, o texto sobre o assunto é uma coluna do jornalista André Fran, intitulada "Hoje, não! Bolsonaro e o uso das Copas por ditadores" e publicada em 13 de julho. Este texto, sobre o uso político da Copa América pelo governo federal, do gênero comentário, foi classificado nesta pesquisa com o enquadramento de diagnóstico/prognóstico, pois faz uma incursão pelo emaranhamento entre futebol e política, além de ter sido categorizado com o nível de contextualização temático, quando há um aprofundamento no assunto.

Como indica a tabela abaixo, os textos temáticos do *Estadão* no *corpus* foram 11 (29% do total de 38), o que significa que 27 textos (71%) foram do nível episódico, quando a cobertura é mais factual e examina aspectos mais detalhados do fato.

Tabela 8 – Nível de contextualização dos textos sobre torcidas antifascistas no *O Estado de S. Paulo*

| Ano | Total de textos | Episódico | Temático |
|---|---|---|---|
| 2018 | 4 | 4 | 0 |
| 2019 | 1 | 1 | 0 |
| 2020 | 32 | 22 | 10 |

[22] https://esportefera.com.br/noticias/futebol,69-torcidas-organizadas-assinam-manifesto-a-favor-de-fernando-haddad,70002559836
[23] https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/palmeirenses-ilustres-criticam-pm-e-bolsonaro-na-festa-do-titulo/
[24] https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/apos-troca-de-insultos-entre-torcidas-uefa-abre-processo-contra-celtic-e-lazio/

| | | | |
|---|---|---|---|
| 2021 | 1 | 0 | 1 |
| Total | 38 | 27 | 11 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa no acervo do *O Estado de S. Paulo*

As outras dez publicações no nível temático foram em 2020. Destas, duas são do gênero comentário, ambas assinadas por pesquisadores vinculados a universidades: "Torcidas de futebol: força estranha?"[25], por Bernardo Buarque de Hollanda, professor da Fundação Getulio Vargas (FGV) em 1º de junho, e "Gênese de uma reação? Os 30% e os 70% na sociedade brasileira"[26], por Rodrigo Augusto Prando, docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 3 de junho.

Somadas ao texto do colunista André Fran, citado acima, as contribuições de Hollanda e Prando ao *Estado* constituem as únicas três publicações do gênero comentário publicadas pelo jornal no *corpus* aqui averiguado, como mostra a tabela 9, logo abaixo. E esses três textos, de André Fran, Bernardo Buarque de Hollanda e Rodrigo Augusto Prando, foram todos classificados com o enquadramento de diagnóstico/prognóstico. A tabela 11, mais adiante, indica que somente cinco textos do *Estado* receberam essa categorização, atribuída para textos mais dedicados a examinar causas e possíveis consequências do fenômeno analisado – ou seja, 60% dos textos desse tipo foram do gênero comentário, e não reportagens.

Tabela 9 – Gênero dos textos sobre torcidas antifascistas no *O Estado de S. Paulo*

| Ano | Total de textos | Relato | Comentário |
|---|---|---|---|
| 2018 | 4 | 4 | 0 |
| 2019 | 1 | 1 | 0 |
| 2020 | 32 | 30 | 2 |
| 2021 | 1 | 0 | 1 |
| Total | 38 | 35 | 3 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa no acervo do *O Estado de S. Paulo*

Pesquisador sobre torcidas, Hollanda (2020), em seu texto, detalha a movimentação que culminou na ida das torcidas às ruas e fornece uma explicação sobre o fenômeno das torcidas antifascistas, então novidade para muitas pessoas:

[25] https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/torcidas-de-futebol-forca-estranha/
[26] https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/genese-de-uma-reacao-os-30-e-os-70-na-sociedade-brasileira/

> A base social desses grupos é constituída tanto pelos componentes de torcidas organizadas tradicionais - Gaviões da Fiel, Torcida Jovem do Santos, Independente - quanto pelos novos segmentos associativos de torcedores, que atendem pelos designativos de "coletivos", "movimentos" e "torcidas antifas", cujo surgimento em âmbito internacional remonta aos anos 2000 e 2010. Enquanto os primeiros são compostos em sua maioria por componentes oriundos das periferias e das classes populares, os segundos têm certa predominância de classe média, sendo capazes de articular, no universo esportivo-futebolístico, um discurso político, com pautas contra a elitização dos estádios, por exemplo. (Hollanda, 2020, n.p.)

A respeito do tema dos textos no *O Estado de S. Paulo*, a maioria relaciona a mescla entre futebol e política ao mencionar ou abordar as torcidas antifascistas: 28 de 38, ou 74%. As dez publicações sobre política são, quase todas, notícias gerais sobre a ocupação de vias por manifestantes de espectros políticos opostos ou protestos. Esses dados estão resumidos na seguinte tabela:

Tabela 10 – Tema dos textos sobre torcidas antifascistas no *O Estado de S. Paulo*

| Ano | Total de textos | Futebol e política | Política |
|---|---|---|---|
| 2018 | 4 | 4 | 0 |
| 2019 | 1 | 1 | 0 |
| 2020 | 32 | 22 | 10 |
| 2021 | 1 | 1 | 0 |
| Total | 38 | 28 | 10 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa no acervo do *O Estado de S. Paulo*

Quanto aos subtemas, de definição mais flexível nesta pesquisa, o mais recorrente foi Jair Bolsonaro, em 26 textos (68%): com as torcidas antifascistas em oposição ao ex-presidente e em notícias sobre repercussões dos protestos. Outros subtemas atribuídos com frequência foram mobilização torcedora (11 vezes), antifascismo (dez), resgate histórico (seis) e mobilização social (cinco).

O termo de referência mais recorrente foi “democracia”, em cinco textos. “Atos” e “confrontos”, com ao menos três registros, e “destruição” e “manifestantes”, com dois, foram outras expressões que ajudaram a conduzir o processo de análise para que fossem obtidos os enquadramentos de cada conteúdo.

Assim, o enquadramento mais comum foi o de conflito, em 20 textos (52,7% do total). É válido relembrar que, embora um mesmo texto possa comportar mais do que um *frame*, esta análise optou por designar apenas um enquadramento para cada item analisado. Três das 20

publicações enquadradas como conflito aconteceram em 2018 e 2019, antes mesmo da ida às ruas pelas torcidas antifascistas, em matérias já comentadas neste subcapítulo.

Os outros 17 casos de enquadramento de conflito ocorreram em 2020: todos são do gênero relato, portanto com aspecto mais noticioso do que interpretativo ou analítico, e 16 são do nível episódico, em que prevalece a parte factual do assunto. A única reportagem de nível temático é "Polícia e CBF arrancam bandeiras provocativas dos estádios e torcidas reclamam de censura"[27], de 14 de setembro, que discorre sobre a retirada de faixas (com teor político ou que pudessem "comprometer a segurança") de torcedores pelas autoridades. A tabela 11 ilustra a distribuição dos enquadramentos nos 38 textos do *Estadão* analisados.

Tabela 11 – Enquadramento principal dos textos sobre torcidas antifascistas no *O Estado de S. Paulo*

| Tipo de enquadramento | Quantidade de textos | Porcentagem em relação ao total de textos |
|---|---|---|
| Conflito | 20 | 52,7% |
| Interesse humano | 2 | 5,2% |
| Moralidade | 1 | 2,6% |
| Responsabilidade | 2 | 5,2% |
| Diagnóstico/prognóstico | 5 | 13,2% |
| Mobilização | 0 | 0% |
| Outros | 8 | 21,1% |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa no acervo do *O Estado de S. Paulo*

O segundo enquadramento mais usual, com oito registros (21,1% do total), foi "outros", categoria que reuniu textos que não poderiam ser classificados nos demais *frames* ou que tivessem pautas mais genéricas. Dessas oito matérias, quatro são checagens de informação[28], tipo de publicação em que o veículo de comunicação se volta a confirmar ou refutar a veracidade de algum conteúdo que circula pela internet – as chamadas *fake news*. Nas quatro

[27] https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/torcidas-organizadas-reclamam-de-censura-apos-faixas-serem-retiradas-do-estadio/

[28] Links das matérias de checagem de informação: https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/foto-de-grupo-queimando-bandeira-brasileira-e-de-2016-e-nao-da-manifestacao-de-torcidas-organizadas/; https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/foto-de-pm-que-recolhe-bandeira-do-chao-e-de-2017-e-nao-de-protesto-de-torcidas-organizadas/; https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/foto-de-agressao-foi-feita-em-copacabana-e-nao-em-protesto-na-paulista/; https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/foto-de-manifestante-agredindo-policial-foi-tirada-em-2010-na-grecia/

peças de desinformação, desmentidas pelo *Estadão*, torcidas organizadas ou torcidas antifascistas eram acusadas de atos de vandalismo ou de violência, mas as imagens que circulavam eram sempre de outros contextos (datas e até mesmo países distantes). Logo, houve uma preocupação jornalística de verificar se conteúdos que prejudicavam a imagem de torcedores de futebol, organizados ou antifascistas, eram verdadeiros.

No *corpus* estudado, cinco das publicações (13,2%) são do enquadramento de diagnóstico/prognóstico. Destas, três são do gênero comentário, já discutidas neste subcapítulo. As outras duas são reportagens (textos do gênero relato, com nível de contextualização temático) publicadas pouco depois da eclosão dos atos dos quais torcedores de futebol fizeram parte: "Manifestantes antirracismo e contra Bolsonaro convocam ato no Rio"[29], de 4 de junho de 2020, e "História das organizadas mistura amor esportivo e interesse político"[30], de 7 de junho.

A primeira entrevista membros de torcidas antifascistas, os quais relatam seu posicionamento político contra Jair Bolsonaro; a segunda traz um resgate histórico sobre as torcidas organizadas, cita o caráter antifascista de protestos realizados naquela época por torcedores de futebol e traz a contribuição de uma pesquisadora acadêmica do assunto, Heloisa Helena Baldy dos Reis.

A análise traz dois enquadramentos de interesse humano. A reportagem "Evangélico da Brasilândia comanda movimento de torcidas pró-democracia"[31], de 2 de junho de 2020, apresenta Danilo Pássaro, apontado como um dos líderes dos protestos de torcidas antifascistas. Por sua vez, o texto "Diferentes gerações e perfis se encontram em novos movimentos contra Bolsonaro"[32], de 7 de junho de 2020, não aborda apenas torcedores antifascistas, mas cita este tipo de público como partícipe das manifestações contra o então presidente.

No enquadramento de responsabilidade, foram duas notícias, dos dias 3 e 4 de junho de 2020: "Após atos pró-democracia, deputados bolsonaristas querem enquadrar 'antifas' na lei

[29] https://www.estadao.com.br/politica/manifestantes-antirracismo-e-contra-bolsonaro-convocam-ato-no-rio/
[30] https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/historia-das-organizadas-mistura-amor-esportivo-e-interesse-politico/
[31] https://www.estadao.com.br/politica/evangelico-da-brasilandia-comanda-movimento-de-torcidas-pro-democracia/
[32] https://www.estadao.com.br/politica/diferentes-geracoes-e-perfis-se-encontram-em-novos-movimentos-contra-bolsonaro/

antiterrorismo” [33]e “Partidos de oposição desencorajam participação em ato contra Bolsonaro em meio à pandemia”[34].

Por fim, houve também um enquadramento de moralidade. Trata-se da matéria “Torcidas organizadas do Santos se calam sobre contratação de Robinho”[35], de 13 de outubro de 2020, em que é apontado o silêncio de determinados setores da torcida do clube a respeito da volta do atleta ao Santos, que havia sido anunciada. Robinho havia sido condenado por estupro na Itália, o que motivou a repercussão negativa. Apesar disso, a torcida Santos Antifascista é citada como uma das que protestaram contra a negociação.

### 5.4 Análise das publicações da página Palmeiras Antifascista

No *corpus* aqui selecionado, são 593 publicações da página Palmeiras Antifascista: 170 no primeiro ano de análise, 2018, 162 em 2019, 117 em 2020 e 144 em 2021, conforme disposto na tabela 12. A relação com todas as postagens do coletivo palmeirense pode ser acessada em https://docs.google.com/spreadsheets/d/1DzTy3Q-LhtNIVoM7V3garHv5jW0EseqhM3GnTG8Wxr4/edit?usp=sharing.

Tabela 12 – Distribuição temporal das publicações da página Palmeiras Antifascista

| Ano | Quantidade de publicações |
|---|---|
| 2018 | 170 |
| 2019 | 162 |
| 2020 | 117 |
| 2021 | 144 |
| Total | 593 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa na página Palmeiras Antifascista

Das 593 publicações da Palmeiras Antifascista analisadas, 473 (79,8% do total) foram do nível de contextualização episódico: são postagens em que um assunto foi abordado de maneira mais factual ou breve, sem um aprofundamento, informacional ou até mesmo

[33] https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/apos-atos-pro-democracia-deputados-bolsonaristas-querem-enquadrar-antifas-na-lei-antiterrorismo/
[34] https://www.estadao.com.br/politica/partidos-de-oposicao-desencorajam-participacao-em-ato-contra-bolsonaro-em-meio-a-pandemia/
[35] https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/torcidas-organizadas-do-santos-se-calam-sobre-contratacao-de-robinho/

interpretativo. Foram 120 postagens (20,3%) categorizadas no nível temático, quando o coletivo fez avaliações mais detalhadas ou forneceu informações de modo mais completo.

Tabela 13 – Nível de contextualização das publicações da página Palmeiras Antifascista

| Ano | Total de publicações | Episódico | Temático |
|---|---|---|---|
| 2018 | 170 | 140 | 30 |
| 2019 | 162 | 143 | 19 |
| 2020 | 117 | 90 | 27 |
| 2021 | 144 | 100 | 44 |
| Total | 593 | 473 | 120 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa na página Palmeiras Antifascista

A tabela a seguir mostra a classificação quanto ao gênero textual das publicações da Palmeiras Antifascista: foram 399 postagens no tipo relato e 194 na modalidade comentário (67,3% contra 32,7%).

Tabela 14 – Gênero dos textos das publicações da página Palmeiras Antifascista

| Ano | Total de publicações | Relato | Comentário |
|---|---|---|---|
| 2018 | 170 | 72 | 98 |
| 2019 | 162 | 131 | 31 |
| 2020 | 117 | 97 | 20 |
| 2021 | 144 | 99 | 45 |
| Total | 593 | 399 | 194 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa na página Palmeiras Antifascista

Outra informação importante a respeito da análise junto à Palmeiras Antifascista é que 409 publicações (69% do total) foram de autoria própria, com 184 postagens (31%) que consistiam em compartilhamentos de outras páginas ou compartilhamentos de links e materiais externos. Em ocasiões em que a página replicou conteúdos de terceiros, mas emitiu opiniões ou acrescentou detalhes de forma vigorosa, a análise considerou a postagem como sendo de autoria própria. As figuras 1 e 2 ajudam a explicar a questão da autoria das postagens.

A figura 1, logo a seguir, é um exemplo de postagem de autoria própria da página Palmeiras Antifascista. Trata-se de um manifesto relacionado à questão das transmissões do futebol brasileiro e também ao cerco que ocorre na Rua Palestra Itália, em frente ao Allianz Parque, em dias de jogo do clube.

Figura 1 – Exemplo de postagem de autoria própria da página Palmeiras Antifascista




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[36]

Já a figura 2 é uma amostra de postagem classificada como não sendo de autoria própria da página Palmeiras Antifascista: é o compartilhamento de um bloco de rua, no Carnaval de 2018, de protesto contra a ditadura militar.

---

36 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02ez3a4duFWSuqv1ywiNUa2CoM4hLTiB5HBsxdELB4CP7TCi4cJiKmUJUehMNprp8Fl

Figura 2 – Exemplo de postagem que não é classificada como de autoria própria da página Palmeiras Antifascista




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[37]

A questão da autoria das postagens foi incluída nesta análise com o intuito de verificar a procedência das publicações da Palmeiras Antifascista, uma vez que o Facebook possibilita que usuários e páginas divulguem produções de outras contas ou até mesmo de fora da rede social. E, como visto, esse é um recurso bastante empregado pelo coletivo, já que 31% das postagens foram classificadas como não sendo de autoria própria.

A Palmeiras Antifascista compartilhou materiais de fontes diversas. Além do caso da figura 2, mostrada acima, há outros exemplos. No dia 26 de março de 2018, a página compartilhou uma postagem intitulada “Chega de ingresso caro”[38], do coletivo Futebol, Mídia

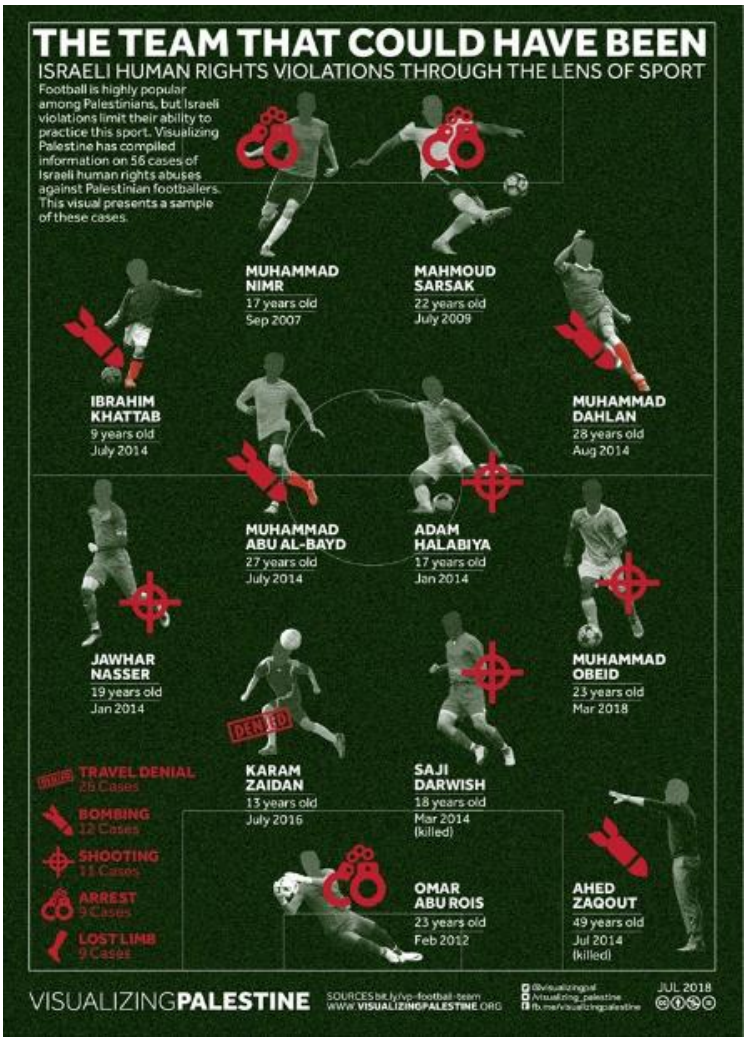
---

37 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0377LQUerCdjT55a83jpWPie3FSrufNiDdq4KZY8jdSZqAYdrz8cgMerkNpxNda6xrl

38 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0wUBQYysAyfN6xwV94KqsYTn9YC43YuW9MKitU1hZdDPw823GgtS4eMNWY8vtrRRZl

e Democracia. Em 23 de abril, o compartilhamento foi a partir da página Galo Delas, especializada em futebol feminino e ligada a torcedores e torcedoras do Atlético-MG: a postagem "Somos hepta"[39], sobre a conquista da Copa América pela seleção brasileira de mulheres. Em 13 de julho, na esteira da Copa do Mundo de 2018, a Palmeiras Antifascista reproduziu um material gráfico da organização Visualizing Palestine. Intitulada "O time que poderia ter sido"[40], a postagem traz informações sobre jogadores de futebol palestinos que foram mortos, segundo o conteúdo, em ações militares de Israel.

Figura 3 – Imagem da postagem "O time que poderia ter sido"




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[41]

39 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0UbCvT8fULaKua9xaGSLeejXVhHyHLWcA4QEK9gZuzXjU8dju97fxymyQzSgUaje9l

40 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/a.548269328626619/1779939505459589/

41 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/a.548269328626619/1779939505459589/

Na questão temática, 283 postagens da Palmeiras Antifascista abordaram a intersecção entre futebol e política (47,8% do total). Foram ainda 175 postagens com tema estritamente político (29,5%), 124 focadas em futebol (20,9%) e 11 em questões diversas (1,8%). A tabela a seguir detalha os temas das publicações:

Tabela 15 – Tema das publicações da página Palmeiras Antifascista

| Ano | Total de publicações | Futebol e política | Política | Futebol | Outro |
|---|---|---|---|---|---|
| 2018 | 170 | 90 | 46 | 30 | 4 |
| 2019 | 162 | 71 | 39 | 51 | 1 |
| 2020 | 117 | 53 | 45 | 16 | 3 |
| 2021 | 144 | 69 | 45 | 27 | 3 |
| Total | 593 | 283 | 175 | 124 | 11 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa na página Palmeiras Antifascista

Um exemplo de postagem da Palmeiras Antifascista que mescla futebol e política vem do dia 16 de março de 2018, quando a página enalteceu o fato de o jogador Moisés, então atleta e camisa 10 do clube, ter se posicionado nas redes sociais no caso do assassinato da vereadora Marielle Franco, no Rio de Janeiro, conforme mostra a figura a seguir.

Figura 4 – Palmeiras Antifascista enaltece postagem de Moisés




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[42]

Entre as postagens com tema político, sem que houvesse vinculação com futebol, vários assuntos de cunho político foram abordados pela página: os 50 dias da morte de Marielle Franco[43], o apoio a uma ocupação na Pontifícia Universidade Católica (PUC)[44], a greve dos caminhoneiros que paralisou o Brasil em 2018[45] e a ocasião em que candidatos apoiados por Jair Bolsonaro quebraram placas em homenagem a Marielle Franco[46], por exemplo. A página

42 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0NJmk2q7YNPjXonZvz6JGuwQ1X755EekGnnoJwWJLb7odyfkgFWQH3RQ3Bhqeuwcxl

43 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02qKcFfHPxFnCZEw5wm36DETQSKzhJ91ikuEdGmNnfmpngqpQEgtiE5jcxUsFR13kml

44 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02R9tyN3NcdmgRY7j5AhbkaxXssDVkxFGUzUV7uxEQ6DS8tugJhPzSXAF6uEqpS99al

45 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid032sW8MDJR36uL9H9bvHE1WSp9TrGjydwVGarLxXaBLVWAJk6shb3chVWQgYzAQP4sl

46 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02Yfki8tX9kuyBRQU32MY9Tw9TNhD9fKWiwbCWx7gGQgNR6XJcyLbm9FnCzmbgCBS9l

também reportou ou se posicionou sobre questões indígenas[47], violência policial[48] e outros tópicos.

Houve ainda ao menos três postagens que relacionavam outros esportes à política: uma publicação sobre transfobia no vôlei[49] e duas sobre a realização de atividades militantes associadas à prática de boxe[50].

As postagens da Palmeiras Antifascista apresentaram inúmeros subtemas. O futebol profissional masculino foi um assunto bastante recorrente, tendo dominado as postagens, mas outras questões motivaram postagens da página: militância antifascista de modo geral, compartilhamento de conteúdos militantes, mobilização torcedora, eleições de 2018, preços dos ingressos dos jogos de futebol, cobrança de respostas no caso do assassinato de Marielle Franco, feminismo, solidariedade ao povo palestino, oposição a Jair Bolsonaro, crises de refugiados e migratórias, elitização do futebol, futebol feminino, futebol de base, solidariedade ao povo curdo, crítica à ditadura militar, cinema[51], Carnaval[52], solidariedade ao povo curdo, solidariedade à causa zapatista, torcida única no futebol, xenofobia, entre outros.

Além das postagens da Palmeiras Antifascista já reproduzidas aqui, as próximas cinco figuras ilustram a variedade de subtemas abordados pela página.

---

47 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02RhgJ4ivLJm7VW2mk7sMFZVWqidvQpC1AGsBpX4e2BoLxCb4XFhCHbUbLE1vAahmbl

48 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02u11QGhzBKw1gGLvKieYKbXRaFeyLdf4JSrUCUoXoYZyc495dCUJsLhwwZbR3auiTl

49 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0PbadpRU4Tqjg6UdsEpjUsAfWDjWrYDfJ1kMSxuSRf9u7xrXyWeyH8TzDRyTr2Xrkl

50 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02uTsTq9p8fqfUNwVsLmx82Wb3yzk7AB8pd7LsgHrW2HEirdDKsBJKdd7DiUFtVHGol e https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid033ZamqbHhkFzvbL2QhBzf3epH92Ug16jZqDjXzgqLHthV2ei34rzU1PincygBD1vbl

51 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02dU2LhTnQSWhzk7Byq91PmiKqWrAtNwwhEPCy8CDtojs26Rk4hPkKFGbMcFao72mcl

52 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid05LFBDxNnKPfWGeLrYXcrCiXVx1apr7TAt8nUHXLfdEaz1uwE2Kd3PXQK2YpCfXqzl

Figura 5 – Exemplo de postagem com teor apenas torcedor




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[53]

Figura 6 – Postagem em repúdio à ditadura militar




53 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid027sM7nKGSMoGjmXETvWXFrhw3FMhMTQ15cTqznBeiZV8qpx19GNsuxXAnYNWMdsSbl

Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[54]

Figura 7 – Postagem sobre abandono parental




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[55]

Figura 8 – Postagem em apoio aos refugiados




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[56]

---

54 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02E3ZGpJSKFennEqbcM7Vj3aMbFQAonjMVkQaBvenwA4z5ZQfFhBffUDfrxN8zVKF2l

55 www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02XGPjwuF47wrosi1za9kcNW65SvKtbCojQM9bL1o4jLUBBQAzJsbmib5vsapuUakEl

56 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/a.548269328626619/1742439299209610/

Figura 9 – Postagem em apoio à causa LGBTQIA+




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[57]

Com tantos subtemas, a quantidade de termos de referência anotados também foi grande, com destaque para: “moradia”, “Copa dos Refugiados”[58], “ocupação”, “solidariedade”,

57 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02FaZdoUYdsaDyanFMNz4RncioqSKw49FdGSWFAFd7xy9Y7cN523EdTXEHNRFZjq1Wl

58 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid03h1eF43oaiDx8B3VScDdBGRjAt5fCReaf5Xrpjuhczwhq6Dtqeqt7L9AupnYGP9vl

"Libertadores", "catástrofe palestina", "Croácia"[59], "ditadura chilena"[60], "fascismo", "Felipe Melo"[61], "ninguém é ilegal" e "racismo". Também houve o registro de expressões como "livre direito de manifestação", "luta contra o fascismo", "ódio das classes populares", "ódio eterno ao futebol moderno", "outros futebóis possíveis"[62], "xenofobia e opressão de classe" e tantos outros.

Todos esses vocábulos, analisados no contexto aqui proposto, ajudam a dimensionar de que forma, em prol de quais causas e contra quais oponentes a Palmeiras Antifascista se posiciona. Fica claro que o coletivo, criado a partir de uma preferência futebolística, não se restringe a esse âmbito na hora de se manifestar. Diversas ações, no Brasil e no mundo, são endossadas pela Palmeiras Antifascista, da mesma forma que são muitos os adversários eleitos pelo coletivo, o qual mostra, em suas postagens, seu lado político: progressista, à esquerda e combativo.

Desta forma, nota-se que o enquadramento predominante na Palmeiras Antifascista no período analisado foi o de mobilização, com 400 postagens (67,4%). Este dado resulta do fato de que, na maior parte de suas postagens, a página procurou, acima de tudo, mobilizar o público em torno de alguma luta – as pautas, como já apontado, foram variadas: abrangem desde protestos contra o preço do ingresso, a elitização do futebol e o cerco nos arredores do Allianz Parque até o apoio aos palestinos e aos curdos, a luta contra o racismo e o protesto contra autoridades diversas. A tabela 16, a seguir, detalha os enquadramentos obtidos na análise:

Tabela 16 – Enquadramento principal das publicações da página Palmeiras Antifascista

| Ano | Total de publicações | Conflito | Interesse humano | Diagnóstico/prognóstico | Mobilização | Outros |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 2018 | 170 | 14 | 3 | 3 | 122 | 28 |
| 2019 | 162 | 3 | 2 | 10 | 84 | 63 |
| 2020 | 117 | 1 | 3 | 4 | 87 | 22 |

59 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02CiTK7yxKz25M3BcHn6Zr9axqAnfR5gD5jokz8Q5dF5YgDW49nCEWiShAXr7jngKkl

60 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0TNf1iyTxmtzh5CTcatbDqQ6u56MC2vWG38KDKdjZkt1zamwksCfLbnqzFma4vYg7l

61 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid026HcRfJvrNVKmhkxVspbDdZV7JMaJyY9GNE37hwhJyC9sZswap1wk2aFVfLam8viVl

62 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid032QJwTz1di9v3uTJuiB4j1Ts487RUYuf5F1bAxqCyvS9cBwD4n4iPaNQNyVS7kbV8l

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 2021 | 144 | 2 | 1 | 0 | 107 | 34 |
| Total | 593 | 20 | 9 | 17 | 400 | 147 |

As postagens com enquadramento “outros” são, quase sempre, de pura torcida futebolística, ocasiões em que a página se manifestou em apoio, comemoração ou protesto contra o Palmeiras em virtude exclusivamente de futebol. Alguns exemplos são a homenagem ao goleiro Jailson[63], um *meme* com o atacante Miguel Borja[64] e um pôster do título brasileiro de 2018[65]. No entanto, também há casos em que esse enquadramento foi atribuído porque não havia encaixe com as demais classificações, como a divulgação de uma feira de livros de futebol[66] ou um evento de futebol amador[67].

O enquadramento de conflito, obtido 20 vezes (3,4% do total) na análise, ocorreu quando a Palmeiras Antifascista, nas postagens, se colocou em situação de confronto com outras entidades, organizações ou pessoas. Ainda que quase todo enquadramento de mobilização possa ter uma parcela de conflito, o enquadramento de conflito foi especificamente atribuído quando o teor de disputa foi maior do que o de militância e ativismo. Exemplos são uma crítica com viés acusatório a um jornalista dos canais ESPN[68], uma postagem repleta de ofensas ao presidente do Palmeiras da época, Maurício Galiotte[69], e um chamado a “quebrar cara de fascista”[70].

---

63 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0xqMh5v3n3aSg51oTSHg2o2NUSQy4hxE3UyAnEvrvx4HzL8QMiw3U1abwaHN3KUp3l

64 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02T4xpEvJJwnvS1aLsg1jD8JMc1kAv2GQXxHo5eZLhPDUojSmEB4cYYGNAQyAhS62vl

65 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02GW5MwYj6wFiTNXdHjJ8ChTueDFzGmP64EpCDXrnA8W543x2zPf8dAmXNQN6z3RxPl

66 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0xhVdXKi1Ce89trx9oZS9DKJo7CYGgWtmiBVUzyCisoWpbmaak5gVp5gJLepou7Hyl

67 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid036v65nifpNWLKigiCptfavHtHCPw6v1LUoZkwHcdwTJbD5UitDSGqE52R7DvL3jYbl

68 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02E5CG877qLdk9UkRGDH7rGRewNGDDFCYj5UGQLwPY6waUbNARnk2ZK9zfp6Jr8Q5Gl

69 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0GXPTSSKfM36ZSNFFX4Q835eVbeALjQaoTnqQbmnf9R5HeK7tj7NFbVosbgho6x42l

70 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02HRyrRd4FRYGNw1wEnzVESnSZuUiyRBeLsopMuUqFs4MDiVy6CkJpkZwweVPiVEFl

As nove postagens com enquadramento de interesse humano são tanto materiais compartilhados de terceiros quanto produzidos pela própria página: vídeo sobre refugiados que torcem pelo Palmeiras[71], vídeo sobre trabalhadores que gerem uma fábrica por contra própria[72], texto sobre uma chacina no Pará[73], vídeo sobre futebol praticado por indígenas na Colômbia[74], vídeo sobre um africano frequentador do Allianz Parque (estádio do Palmeiras)[75], campanha do próprio Palmeiras sobre respeito às diferenças[76], obituário[77], resgate histórico a respeito de uma militante francesa antinazista na Segunda Guerra Mundial[78] e texto sobre a participação feminina no futebol[79].

Entre os enquadramentos de diagnóstico/prognóstico, quando a página procurou se aprofundar, apresentando mais fatos ou argumentos em uma postagem, apenas um dos três publicados em 2018 tem relação com futebol: trata-se de postagem de 9 de abril de 2018[80], um dia após polêmica derrota do Palmeiras para o Corinthians, no Allianz Parque, na final do Campeonato Paulista. No texto, a página procura motivos para o que julgou ter sido uma combinação de fatores que conspiraram contra o Palmeiras e faz uma associação com o contexto socioeconômico do clube.

---

71 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02tZZPU5J5yvp5A2M8uocJqKUhsLJkG1JaDdJbRdGpweXp61ZBujJNGmrGBgfZMhNHl

72 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid037pwhtdmEWJ4Tttyhbhc3sH34X4kurR28ZaArmf9gDQ2v6qPLPwYspEfeE5ioaiztl

73 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid03dQccN9EwoGPQHt2oQZdcZwsxNdLPsGtyURC8prgCYs9fT4K4oJja6t4qfnfabPkl

74 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid034VKHvFBDrzktJqfYuEVzJNQxxg1suh5mXiX9XGuWr6WSrBf1ajhy52waWTiCvfJ3l

75 https://www.facebook.com/watch/?v=657394098121732

76 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid025PC96CrXx2PAokMKhkCfJZfgV4TZ3bQ2EQQnS235o5qb4z494Afs5XTvPrVsHgpvl

77 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02SMge9ir74PxThQG54fiQKSj5PsQ6q3cQUn9y2s6aQGFdRpmi74miS2gN2zf8x59bl

78 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid04nnxQpennVJD78F97k1aFghkQXRdnVepi5p4xmxmYrwv7FybFCj1yYhpw7T1mAqFl

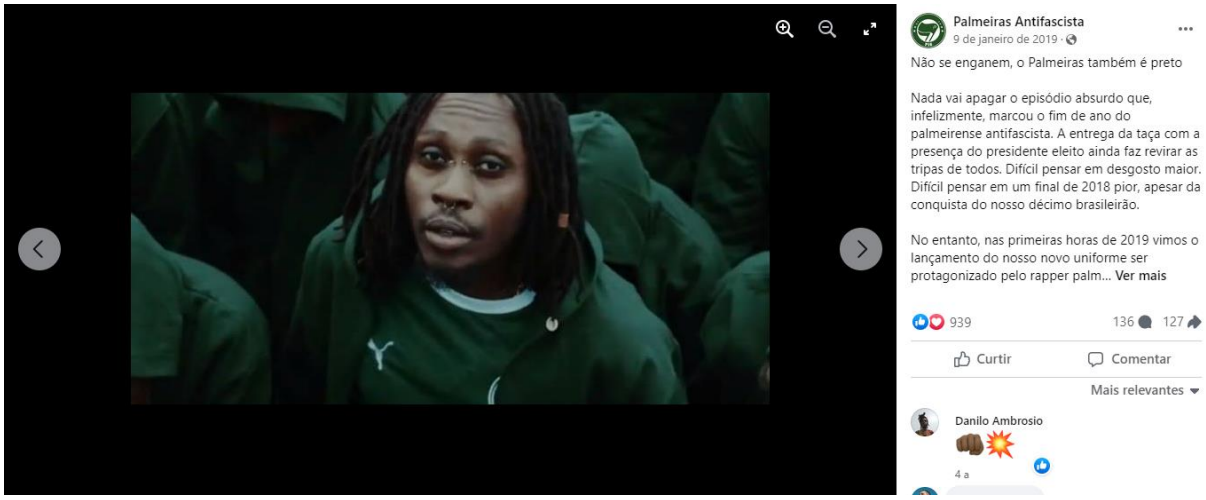
79 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0RTvKc7eCHP1RY2vaQB83T9TzugMGrSfxDE22oicyMxMNqwgF8tb6oA5X1vpbKe1Pl

80 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0zNFk883RaKac9RReTEGNEHgjCXteKywCRjSKPPCjSz3fZYiX5YTQqfTfAvoeoBFkl

Os outros dois enquadramentos de diagnóstico/prognóstico daquele ano têm tema político. Um é uma análise sobre o feriado paulista de 9 de julho[81], referente à Revolução Constitucionalista de 1932, e o outro é um texto sobre o reconhecimento da Palestina como um Estado pela Irlanda[82].

A maior parte dos enquadramentos de diagnóstico/prognóstico da Palmeiras Antifascista se concentrou em 2019, quando houve dez publicações com tal classificação. A primeira delas foi um longo comentário, no dia 9 de janeiro, a respeito da então recém-lançada campanha da Puma, que iniciava parceria com o Palmeiras para fornecimento de material esportivo, com o rapper negro Rincon Sapiência como um dos principais personagens. Assim, a página aproveitou para se posicionar contra o racismo, como mostra a figura a seguir.

Figura 10 – Palmeiras Antifascista comenta sobre relação entre negritude e torcida pelo Palmeiras




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[83]

No mesmo ano, as demais postagens enquadradas como diagnóstico/prognóstico trataram sobre assuntos diversos: a implementação do time feminino do Palmeiras[84], mortes de

81 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0GqjaKFUhUYoJ1DwSf1eXzYqLZBgYbtdjAE1U9oKkCgmCkxGkY6PNqfpsoH9KQCNFl

82 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02BUvSpUF3k4GnXTn8JzKYb7MsAfi4VKL1QBwtCou6aKkmUwvUyFFrUPkDUv83yKeMl

83 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/a.548269328626619/2049421965178007/

84 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02dBKAFz2ginS9w29fY6nLHwVjqyeFX2yb8f5RbvK3vu356TDVuodPQHBjEqBAuahLl

ativistas na Colômbia[85], desfile de Carnaval da Mancha Verde[86], 100 anos do assassinato de Emiliano Zapata[87], o chamado "dérbi vermelho"[88], o Dia da Consciência Negra[89], posicionamento contra o modelo de clube-empresa[90], como disposto na figura a seguir, uma crítica ao preço dos ingressos[91] e um resgate histórico sobre Zélia Gattai e Raphael Martinelli[92], dois palmeirenses identificados com o campo da esquerda.

Figura 11 – Palmeiras Antifascista se manifesta contra o modelo das Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs)




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)

85 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02ewCyrJqWjFJBwe68cvUY8vQkGpAJkWYDGGFzD1XzCYBWV4xKgxtRUtqyg8CnZRq4l

86 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0yBZe5asazJ7Zp4RYm7C3azpg3SHF9opV8EQ1pvctfcuMy6QFKyrPm6LqhGZwPJoTl

87 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02fZTuWMmb7DJ49wYCjq3qTVVKK1m7rxTtCG2cpb1Av8bkRY3tZXoWJVjcDkWd2WyYl

88 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02PCeYa3uq7QLpZg9nctbwyggZka1UP8kcs2eaSPxPwm8VkMHjJfBMbG5WP1x5UcH7l

89 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0JJNhAVbYA83KSSq7KXrx3WM3zwtCVz2t4Lg4r9e7Zoytcvc5ijuYUPDxnQt13Tn5l

90 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/a.644960925624125/2633357070117824/

91 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02k5eS3yZy3fS1BJnS3yteznjKPTzzRne34RmFnZtLrEKc6Tkz3qsXSuaTd2vYio6l

92 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0QPtUjmK78ZRWT9g8NG3Z6Gg1WJyj3VtiFZdYi6dgoXPT6BtWqRucQGa3jxAPZMxtl

Em 2020, foram quatro publicações com enquadramento de diagnóstico/prognóstico: texto sobre Rosa Luxemburgo[93], na esteira do então anúncio de Vanderlei Luxemburgo como treinador do Palmeiras, texto que vinculou o jogo contra o Guarany-PAR aos indígenas guaranis que vivem no Pico do Jaraguá, em São Paulo[94], vídeo sobre os indígenas guaranis[95] e manifesto, assinado em conjunto com outros coletivos de torcedores, contra a ditadura militar[96]. Não houve textos de diagnóstico/prognóstico em 2021.

## 5.5 Análise das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana

O presente trabalhou analisou 2772 publicações do Coletivo Democracia Corinthiana. Foram, conforme disposto na tabela a seguir, 939 postagens em 2018, 1061 em 2019, 239 em 2020 e 533 em 2021. A relação completa com todos os links pesquisados e categorizações e classificações atribuídas durante a pesquisa, de acordo com os parâmetros metodológicos adotados na tese, pode ser consultada em https://docs.google.com/spreadsheets/d/1umnUmeY5pWITKuAyk15cvCDvRRr2JLqLhx4TTL-s3Lg/edit?usp=sharing.

Tabela 17 – Distribuição temporal das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana

| Ano | Quantidade de publicações |
|---|---|
| 2018 | 939 |
| 2019 | 1061 |
| 2020 | 239 |
| 2021 | 533 |
| Total | 2772 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa na página Coletivo Democracia Corinthiana

93 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid022eWYSVauC2sSYzM3pHJqyePizJSFzG3PT7LHoYtGa58y9xKbcrdNnGzGHUJV7q9Ll

94 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0ZcN1crdEQf9bZLBwGwAHCpU3V77Qbo2WBmhfzqMk9mVx1BKq3mio36zTZAC6UR2fl

95 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02uWVddRmKzDpLaeDdz5tMvEtMHNRnBpdPGQxJZDCMbiwEUyNXpXkQ7UWRJX8GXJQnl

96 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid02QGnipbzhCBS4kHMY457Y2FAwX8AB4vXh5zJAdmutQuksbgMVvM3FUdV8qtqNuAKjl

Nota-se que, em 2018 e em 2019, a quantidade de publicações foi maior do que nos outros dois anos. Além de uma possível mudança normal no perfil, no ritmo e na dinâmica de postagens, o que pode acontecer em qualquer página, 2020 foi o ano de início da pandemia do novo coronavírus, quando o Coletivo Democracia Corinthiana intensificou a realização de transmissões ao vivo, no próprio Facebook e também no YouTube. Como as chamadas *lives* não foram incluídas no *corpus* deste trabalho, está aí uma explicação para a diferença no número de posts.

Quanto ao nível de contextualização das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana, foram 2505 postagens classificadas como episódicas (90,4% do total) e 267 (9,6% do total), como mostra a tabela 18.

Tabela 18 – Nível de contextualização das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana

| Ano | Total de publicações | Episódico | Temático |
|---|---|---|---|
| 2018 | 939 | 811 | 128 |
| 2019 | 1061 | 971 | 90 |
| 2020 | 239 | 208 | 31 |
| 2021 | 533 | 515 | 18 |
| Total | 2772 | 2505 | 267 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa na página Coletivo Democracia Corinthiana

E, a exemplo do que se vê na tabela 19, a proporção de relatos foi maior do que a de comentários: 2016 publicações categorizadas no primeiro aspecto (72,7% do total) e 756 no segundo (27,3%).

Tabela 19 – Gênero dos textos das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana

| Ano | Total de publicações | Relato | Comentário |
|---|---|---|---|
| 2018 | 939 | 643 | 296 |
| 2019 | 1061 | 834 | 227 |
| 2020 | 239 | 135 | 104 |
| 2021 | 533 | 404 | 129 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| Total | 2772 | 2016 | 756 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa na página Coletivo Democracia Corinthiana

Um dado que merece ser compartilhado é quanto à autoria das postagens do coletivo: foram 1257 publicações (45,4% do total) que consistiam em compartilhamentos de outras fontes, principalmente notícias jornalísticas publicadas por veículos de comunicação, ou mesmo posicionamentos de outras personalidades e agremiações. Ainda assim, as postagens de autoria própria foram maioria: 1515, ou uma proporção de 54,6%. A título de comparação, a Palmeiras Antifascista teve 69% de publicações de autoria própria.

Boa parte das postagens de autoria de terceiros compartilhadas pelo Coletivo Democracia Corinthiana foi publicada originalmente pela *fanpage* Páginas Amarelas do Brasil[97], que fazia uma espécie de diário de bordo do governo de Jair Bolsonaro, conforme exemplificado na figura a seguir.

[97] https://www.facebook.com/PaginasAmarelasdoBrasil

Figura 12 – Exemplo de postagem compartilhada pelo Coletivo Democracia Corinthiana




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[98]

Quanto ao tema, a página Coletivo Democracia Corinthiana teve uma ampla maioria de postagens sobre política, sem que houvesse vinculação com futebol ou esporte: foram 1772 publicações com esse foco, ou 63,9% do total. Na sequência, aparecem as postagens que, de algum modo, mesclam futebol e política: 713 (25,7% do total). Houve ainda 263 posts sobre futebol, sem vínculo com temas políticos, (9,5% do total), e 24 de outros temas (0,9% do total). A tabela 20, a seguir, mostra como foi a distribuição por temas ao longo dos quatro anos que compõem o *corpus* da pesquisa.

98 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0Ymj3gvGtHndQd6xcj31qf15GRYCzJTRrWLYLbbSGF2kNQNjySWGbL5MZXPugeVbLl

Tabela 20 – Tema das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana

| Ano | Total de publicações | Futebol e política | Política | Futebol | Outro |
|---|---|---|---|---|---|
| 2018 | 939 | 198 | 659 | 71 | 11 |
| 2019 | 1061 | 259 | 746 | 51 | 5 |
| 2020 | 239 | 100 | 115 | 17 | 7 |
| 2021 | 533 | 156 | 252 | 124 | 1 |
| Total | 2772 | 713 | 1772 | 263 | 24 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa na página Coletivo Democracia Corinthiana

Dentro do tema política, e também do tema futebol e política, um subtema bastante explorado pelo Coletivo Democracia Corinthiana e notado na pesquisa foi “Lula”. O ano de 2018, que marca a eleição de Jair Bolsonaro e o início do período de análise aqui compreendido, foi também o ano da prisão do petista a mando do então juiz Sergio Moro.

Foram pelo menos 221 postagens com o subtema “Lula”, um índice de quase 8% entre todas as publicações analisadas. Um exemplo pode ser visualizado na imagem a seguir, a qual resgata uma publicação de 7 de abril de 2018, quando Lula foi preso.

Figura 13 – Coletivo Democracia Corinthiana se manifesta contra a prisão de Lula




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[99]

O Coletivo Democracia Corinthiana também, por vezes, aludiu ao fato de Lula ser declaradamente torcedor da equipe alvinegra e fã de futebol. A fotomontagem trazida na figura 14, em que o petista aparece ao lado de Sócrates, que morreu em 2011 e é considerado um dos maiores ídolos da história do clube, é uma amostra.

99 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid032UiZNpGYSwfkwW6wadXekwcg5NtiX9moV56nZAQ1xn2ZL1tjs9oeEcFoZzEumqmDl

Figura 14 – Lula e Sócrates: coletivo exalta lado corintiano do petista




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[100]

Quando Lula foi solto, em novembro de 2019, o Coletivo Democracia Corinthiana demonstrou, em seu Facebook, satisfação com a medida. A figura a seguir registra a presença de manifestantes que vestem a camiseta do coletivo na festa de recepção a Lula em São Bernardo do Campo.

[100] https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/574213292982207:3416096088608232

Figura 15 – Coletivo Democracia Corinthiana recepciona Lula




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana[101]

Pode-se, portanto, apontar que o subtema “Lula”, dentro dos temas “Política” e “Futebol e Política”, foi constante. O Coletivo Democracia Corinthiana lamentou as mortes de Vavá, irmão de Lula[102], e Arthur, neto do presidente[103], quando o petista estava na carceragem em Curitiba, por exemplo. O coletivo analisou repercussões sobre falas de Lula a respeito da

101 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0X8iJebexcHxhyaeM38qBgBuhEqpVZP8xrGtwimDGHzRw28sdmCo9ZeK1fHvLJcnTl

102 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0AWwLwgfrMz9A25Ntcad6vUHn9ehAVb81PEMihdTFCtwZm4acPMFxiBNPKce5pVNtl

103 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0DnRBYYmvvStu6Tb95Rt9JPHxcq9VdfWWHZr8YLJzLm8wSYy7uZCPvo7phqHudStMl

pandemia da covid-19[104], celebrou vitórias jurídicas de Lula[105] e rememorou um encontro entre o presidente e o educador Paulo Freire[106], além de outras menções.

Por outro lado, foram intensas as manifestações de oposição do Coletivo Democracia Corinthiana à candidatura de Jair Bolsonaro, em 2018, e à gestão do capitão reformado, entre 2019 e 2021. A família Bolsonaro, compreendendo tanto Jair quanto os filhos Flávio (senador da República) e Eduardo (deputado federal), foi subtema do Coletivo Democracia Corinthiana no mínimo 739 vezes (26,6% do total de postagens) – com o coletivo sempre se manifestando contra Jair Bolsonaro e seus aliados políticos.

A imagem a seguir é um registro de manifestação, às vésperas da eleição de 2018, contra o então presidenciável Jair Bolsonaro. Trata-se de uma postagem em que o Coletivo Democracia Corinthiana, a partir de uma foto que traz uma pessoa corintiana e uma palmeirense, exalta a "cultura da paz" em oposição às propostas e ideais bolsonaristas.

Figura 16 – Em oposição a Jair Bolsonaro, Coletivo Democracia Corinthiana exalta "cultura da paz"

104 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02bW4FE6qbVjc4B2Ja483EdJjEHAikKjWjLYPT6hNYhEowGAFthVPfrhKEJEX9zqqMl

105 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid05JKywmRqikN2Mo25nZ7LcKk1F1GYA9JstKXy2FE9UY8VWwCvVww632RsKiab2fTTl

106 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/1158110904592440/




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[107]

Ademais, as postagens do coletivo sobre Jair Bolsonaro foram associadas a diversos tópicos, como a adesão da torcida organizada Gaviões da Fiel na oposição ao então candidato, em 2018[108], crítica à mídia[109], política internacional[110], feminismo[111], terras quilombolas[112],

107 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02bbHfidDVsGES9pHeAxuqenuqm2ZUSH5NzsJZzQHZLD4LLdhXJVpGSXcc79L7SZ4el

108 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid026k5bmYvSKMeNXDiXfWhWehw4tZus93urQyZ8EeeJrXrvUrkQiGMogdudketUmUFUl

109 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid037bSbKwAQWZWxvB5UP7DbrNcB9qas3J1ngL5AY1Y5ELjace2212LEBW7sQrBDsPa2l

110 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0NyN1dZt7NCw3dihHt1tonfpLbCk5oBHtKDaZ7JV6LHpB1irk5nqf84M6rKnG8vzzl

111 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02d3hzdHdHVjpBkCSnYW7xizQanyKqBDC1cxgk3BYy1kr4TLiVmiDX1un5SsCefWnxl

112 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02T8VqPqSKmxVK5kSJEnTQyFtkspsBC1AaCeTixi2LpPK8i8rUzKcpEDvPvCnZrCGPl

escândalos políticos como o do laranjal do PSL[113], partido pelo qual Bolsonaro foi eleito, educação pública[114], economia[115], meio ambiente[116] e covid-19[117].

Além da preferência por Lula e da oposição a Jair Bolsonaro, o Coletivo Democracia Corinthiana se posicionou a respeito de grande diversidade de subtemas. Assuntos relacionados à militância antifascista, de modo geral, tiveram grande destaque, o que se deu de maneira bastante variada, como na campanha em prol de uma votação virtual, em consulta pública do Senado, sobre educação[118], na convocação para um ato contra a reforma da Previdência[119], no compartilhamento de material jornalístico estrangeiro sobre torcidas antifascistas [120]e tantas outras demonstrações.

Nesta pesquisa, um subtema bastante frequente foi o "Aniversário do Corinthians", já que em setembro de 2021, quando o clube completou 111 anos de existência, o Coletivo Democracia Corinthiana preparou a série intitulada *111 anos & 111 personalidades*, na qual, ao longo de 111 publicações, celebrou o aniversário da equipe ao vincular o time a personalidades (conhecidas e anônimas, vinculadas diretamente ao futebol ou não). As três imagens a seguir, de posts sobre a atriz Alessandra Negrini, o jornalista Celso Unzelte e Dom Paulo Evaristo Arns são exemplos.

---

113 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02dvvhj6xV4hAeQJuUw7HPH5UicAtQSXTNGbGLSKGRRtW3Ze9r8AZXvhXPA4cjucYLl

114 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0xCvNhRKBFURgEbSbSxwRQgSTbV5osyfyQgwfjkfyCmKgUqy4fvXqtxx2PV6oL8eFl

115 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0wgZViK8w12jhAKBLcKr3o5f8TFQtFTrHfPBDdDpKriVosPHA2supVALEMEjdAYF5l

116 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0Hj6y8wBzvt4m8qUm2tAHBTm3FYQ5rjBFESdTbB4k2FqfY32hcwXMNgU9T3EMxod1l

117 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0BgzDBczvc8GDoYMKN7PNvvGFjDKJBvQHffr8icRHWXLfhRWm9PhpDwegLpPHF6AXl

118 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0m14xK3AMZpnUqxquUN5ek9buCnF11oxgdkmCHDm4QqAJ2XVti9nMse27P1jYbMCl

119 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02bAAog1dLLrFq8ZWTXp9jutXaAb6XRPjYBgXQRJVFRTMj3PSd1mUYjZZvmWa9uUwyl

120 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0cX98ECgw21Fv483RHVkzbybumtHw114fDEfYWRJm5McsUzkxwHRo22d5H92axUu8l

Figura 17 – Postagem com o subtema “Aniversário do Corinthians” sobre Alessandra Negrini




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[121]

Figura 18 – Postagem com o subtema “Aniversário do Corinthians” sobre Celso Unzelte




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[122]

[121] https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/1147512015652329/
[122] https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/1151372861932911/

Figura 19 – Postagem com o subtema “Aniversário do Corinthians” sobre Dom Paulo Evaristo Arns




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[123]

O subtema “mobilização torcedora” consta ao menos 108 vezes. Esta categoria foi atribuída para postagens focadas em informar e conclamar a participação de torcedores na vida política – tanto do clube quanto fora dele. A figura a seguir, de publicação de agosto de 2019 sobre um encontro periódico realizado pelo coletivo, é uma demonstração.

[123] https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/1154880208248843/

Figura 20 – Coletivo Democracia Corinthiana divulga encontro do grupo




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[124]

Outro subtema de preferência do Coletivo Democracia Corinthiana foi "crítica à ditadura": houve ao menos 81 oportunidades em que o grupo utilizou seu espaço para informar e opinar a respeito do período em que os militares governaram o Brasil (1964-1985). Em outubro de 2019, por exemplo, como disposto na figura 21, o coletivo entrevistou o jornalista Eduardo Reina, autor do livro *Cativeiro sem fim*, com histórias de crianças que foram sequestradas pelo regime.

[124] https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/648738078863061/

Figura 21 – Coletivo Democracia Corinthiana entrevista autor de livro sobre sequestros de crianças pela ditadura militar




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)

Outros subtemas frequentes nas publicações do Coletivo Democracia Corinthiana entre 2018 e 2021 foram futebol profissional (como no compartilhamento de notícia sobre ingressos[125]), resgate histórico (sobre inúmeros pontos, como um vídeo sobre a história e a atuação do próprio coletivo[126]), covid-19[127], racismo[128], educação[129], desigualdade[130],

125 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02qfCMDXCdsrbzDGdCQLLmb7c1Tv7e9gwYapgpD6BNF6LMNUzm594oQubXmNEfmopMl

126 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid033i2nMA7Ng1WSJ7NWLSumbzNTK2dRESTksSJwaDFEMxFgxJQyKb1GZXyVx3aXvYRQl

127 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02YXPu1gbukFDEo61hYqHX7vaKQZdEuatBAs2Gm3vF3RXthL6BPeuPVWGknrwcEKRrl

128 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid034c2YkY8gHho1P3yjWPTnHqqkYSanMa5MfdEjPd8oXEswZVQXAzMvvMBn55y846jtl

129 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0nBvWBE8AKmRepevsUHqf685YAAx8qp9FPhohBD6DmH7bJyUSxmVqiBYzfhiTdvsVl

130 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02QeEMGsnwZMAn4nUeQ2n96Y8n6DQqZiSXzZQFSW9xZ3y6GpxVYo19WxywTW9m56Nql

feminismo[131], críticas a Sergio Moro[132], meio ambiente[133], alusões a Marielle Franco[134], solidariedade à causa indígena[135], críticas à Polícia Militar[136], Vaza Jato[137] (nomenclatura que ficou famosa quando o site *The Intercept* publicou diálogos que revelavam trabalho conjunto entre juízes e promotores da Operação Lava Jato), críticas a Michel Temer[138], solidariedade com os protestos que agitaram o Chile[139], revolta por chacina em Paraisópolis[140], lembranças de Sócrates[141], entre outros.

Foi, portanto, uma atuação numerosa e diversificada, quase sempre com o enquadramento de mobilização: 2370 postagens com este recorte, ou 85,4% do total. Conforme já explanado nos procedimentos metodológicos desta tese, era atribuído o enquadramento de mobilização quando o Coletivo Democracia Corinthiana postava com o intuito principal de conclamar o público em torno de uma determinada causa – e, como visto, as causas eram variadas, no futebol e além do esporte. A tabela 21, a seguir, traz o resumo dos enquadramentos da página Coletivo Democracia Corinthiana no *corpus* analisado.

Tabela 21 – Enquadramento principal das publicações da página Coletivo Democracia Corinthiana

---

131 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/1095245440878987/

132 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0WWCkrEpcr5ZRbfC9QXTL1LnfsAkk8QXcyMz22KUxCx7nwjcgJ7hpZ7ddn7ErW8JUl

133 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02EqMbgR21X8YvzVFskeL1X8YcdgSgYVQGxU6CRqFcQQ4QGsYgJBnMLjkohxnM8mfbl

134 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/1068368543566677/

135 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0mPHq9vVVkVXmk37ugoLzqu9S8x7WHTQuzrCL8a1daCHk23NCPKcLsfAw7DjQsHhol

136 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02YY3FzTeBHVKQN2zyUVAE6U4CSLjxV74qjwB6nupRP2PWKo9uNFff1XDbkYt3mDFal

137 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid051HCuiCcs61pSR1BjjPsRKPDvFNGwv9iQe7Wqr5f4Tp9TjGpJBXkrBXhTxyrH5vjl

138 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02oR1yUhvBRRCLRq4qqPYjX1J3VXmdkhNd1WqS6n5ZtgePAbdu4HcKHjTnN3jxgnKjl

139 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid023rmdK4fi45krecevtJt7hD5bB57n87uzeef22NMkGU2DLc7s7WDZqyWDfyEANkY2l

140 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid04cg1EXLArPPoMuMvyLz1b5CwWsz7jLcyfBdVQTmkWzhA3cQrjznCAxCud2cx7gkel

141 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02n6gNu3MiVL9EBwZ8CtyRUM284rkCg4tBKzzPUPWydNEXjdgZEWDEREyjj3bGaywRl

| Ano | Total de publicações | Conflito | Interesse humano | Diagnóstico /prognóstico | Mobilização | Outros |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 2018 | 939 | 3 | 21 | 19 | 812 | 84 |
| 2019 | 1061 | 0 | 38 | 10 | 970 | 43 |
| 2020 | 239 | 0 | 13 | 5 | 197 | 24 |
| 2021 | 533 | 0 | 4 | 4 | 391 | 134 |
| Total | 2772 | 3 | 76 | 38 | 2370 | 285 |

Fonte: elaboração própria com base em pesquisa na página Coletivo Democracia Corinthiana

O segundo enquadramento mais frequente foi “Outros”, com 285 registros (10,3% do total). Este tipo de *frame* ocorreu, principalmente, em postagens sobre futebol (masculino, feminino, de base), esportes diferentes ou quando não havia indícios suficientes para que os demais enquadramentos predominassem. Um exemplo é a recordação do título da Copa Libertadores, que o Corinthians faturou em 2012:

Figura 22 – Postagem em lembrança ao título da Libertadores do Corinthians




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[142]

Foram ainda 76 enquadramentos de interesse humano (2,8% do total). Típica do jornalismo tradicional, esta categoria foi bastante empregada em obituários, como o de Zilah Abramo, corintiana e uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores, em agosto de 2018[143], mas também apareceu no comentário intitulado *A virtude que ainda resta no futebol*, de

[142] https://www.facebook.com/watch/?v=418852361851635

[143] https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid032TBuTDLoHoyPjjP7HDgFoDYKPmCenmYuWGstvTFZCr7BEcDbkpqixUQbtLVnqT68l

setembro do mesmo ano, sobre o menino Nickollas Grecco, torcedor palmeirense com deficiência visual que ficou famoso quando a televisão registrou que a mãe do garoto, Silvia Prin Grecco, narrava os jogos no estádio para ele.

Houve ainda 38 publicações com o enquadramento de diagnóstico/prognóstico (1,4% do total), quando o coletivo, em seus relatos ou comentários, buscou entender a fundo as razões, motivações ou possíveis implicações de determinados fatos. Exemplos são o texto *O que é ser antifascista*[144], um resgate histórico sobre Rosita Zampronha[145], indicada como a única mulher a escrever na *Revista do Corinthians*, publicação organizada pelo clube de 1933 até a década de 1960, um longo texto sobre o bairro do Bom Retiro[146], apontado como berço do Corinthians e um berço operário da capital paulista, e um comentário sobre a política chilena[147]. Houve ainda três publicações com o enquadramento de conflito (0,1% do total).

## 5.6 Relações entre as coberturas dos jornais e as postagens das páginas de torcedores

Nesta subseção, são estabelecidos contrastes entre as coberturas dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* a respeito das torcidas antifascistas de futebol e o posicionamento das páginas Palmeiras Antifascista e Coletivo Democracia Corinthiana no Facebook. Esse processo é feito a partir dos dados quantitativos expostos ao longo do capítulo e de interpretações possibilitadas pela pesquisa.

A primeira informação passível de análise é a quantidade de textos publicados pelos jornais e pelos coletivos de torcedores. Nota-se na tabela 22 que as torcidas antifascistas se pronunciam muito mais do que aparecem na imprensa. Somados, *Folha* e *Estadão* publicaram 65 textos sobre torcidas antifascistas nos quatro anos que compõem o *corpus* desta tese, enquanto Palmeiras Antifascista e Coletivo Democracia Corinthiana, combinados, usaram o Facebook 3.365 vezes.

---

144 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid035av1sgrswH1En6Y3QYGsd5GTC2ffyEufKTfzK8NPf2mXqDF3GujU6uFgCXa6MMfvl

145 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0uASMX9JUqwvrKy9pJ8LADqMBCbaXhJhNoK1TpAM61BDxv9PcvNcy2ZWAi9DEPrGXl

146 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0mA5PqQAmRBp5xY7H7KKaTzWpAxfRNPcXRrSp7XSuqRTF4TiuDPy6jVT7XaPsqsjvl

147 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid02Ys45MQ6Sh3JswcmHUjyxMhz4F7JTFCjTPqLBFEcTUKdfgM5h2B7EdcsBDB1Bu3Lbl

Tabela 22 – Quantidade de publicações dos jornais e das torcidas

| | *Folha de S.Paulo* | *O Estado de S. Paulo* | Palmeiras Antifascista | Coletivo Democracia Corinthiana |
|---|---|---|---|---|
| 2018 | 0 | 4 | 170 | 939 |
| 2019 | 4 | 1 | 162 | 1061 |
| 2020 | 20 | 32 | 117 | 239 |
| 2021 | 3 | 1 | 144 | 533 |
| Total | 27 | 38 | 593 | 2772 |

Fonte: elaboração própria

A análise mostrou que os coletivos de torcedores apareceram nos jornais, principalmente, no ano de 2020, quando torcidas foram às ruas em protestos contra o governo de Jair Bolsonaro. Esses coletivos, por sua vez, já apresentavam uma atuação intensa em suas páginas nas redes sociais antes da eclosão das manifestações.

Essa distinção pode ser explicada pelo fato de que as duas frentes aqui analisadas, embora contrastadas nesta pesquisa, operem com fluxos de produção bastante diferentes. *Folha* e *Estadão* são veículos de comunicação comerciais que seguem parâmetros editoriais específicos e adotam valores-notícia rígidos conforme determinados critérios. Para que algo seja reportado nas páginas de *Folha* e *Estado*, quase sempre é necessário que o fato impacte grande quantidade de pessoas, envolva conflitos, traga polêmicas, seja incomum e inesperado, circunde governos e mobilize todo um aparato institucional, segundo valores-notícia atribuídos por Silva (2005).

Downing (2004), por sua vez, pensa que os meios de comunicação, assim como instituições em geral, escolas, universidades e órgãos difusores de informação e cultura, contribuem para a manutenção de uma liderança e uma hegemonia capitalista. Nessa leitura, as torcidas antifascistas criam páginas na internet com a intenção de quebrar a cadeia dos jornais tradicionais, desafiando os parâmetros tidos como normais na comunicação e apresentando perspectivas próprias. São, na visão do autor, as mídias radicais alternativas, associadas a uma cultura popular caracterizada por oposição às classes dominantes e pela tentativa de mobilização em torno de ideais próprios.

Entretanto, essa distinção não se visualiza no nível de contextualização das publicações. Proporcionalmente, a quantidade de vezes em que a Palmeiras Antifascista e o Coletivo Democracia Corinthiana fizeram postagens do nível temático foi similar ao verificado nos jornais, como a tabela a seguir detalha:

Tabela 23 – Nível de contextualização das publicações dos jornais e das torcidas

| | *Folha de S.Paulo* | *O Estado de S. Paulo* | Palmeiras Antifascista | Coletivo Democracia Corinthiana |
|---|---|---|---|---|
| Episódico | 22 (81,5% do total) | 27 (71% do total) | 473 (79,8% do total) | 2505 (90,4% do total) |
| Temático | 5 (18,5% do total) | 11 (29% do total) | 120 (20,2% do total) | 267 (9,6% do total) |
| Total | 27 | 38 | 593 | 2772 |

Fonte: elaboração própria

As diferenciações começam a ficar evidentes quando o gênero textual é posto em análise, como aponta a tabela 24. *Folha* (77,7% dos textos) e *Estadão* (92,1%) concentram sua cobertura maciçamente em relatos. Já a página Palmeiras Antifascista fez uso mais uso de seu espaço para emitir comentários, ainda que os relatos tenham sido mais numerosos (67,3% de relatos contra 32,7% de comentários); o Coletivo Democracia Corinthiana também foi mais atuante em relatos (72,7%) do que em comentários (27,3%).

Tabela 24 – Gênero textual das publicações dos jornais e das torcidas

| | *Folha de S.Paulo* | *O Estado de S. Paulo* | Palmeiras Antifascista | Coletivo Democracia Corinthiana |
|---|---|---|---|---|
| Relato | 21 (77,7% do total) | 35 (92,1% do total) | 399 (67,3% do total) | 2016 (72,7% do total) |
| Comentário | 6 (22,3% do total) | 3 (7,9% do total) | 194 (32,7% do total) | 756 (27,3% do total) |
| Total | 27 | 38 | 593 | 2772 |

Fonte: elaboração própria

Ainda sobre os gêneros textuais, é necessário enfatizar a diferença de objetivos em relação aos dois grupos. Enquanto os jornais atuam com base em critérios de noticiabilidade específicos, com a prerrogativa de informar o público a respeito de determinado assunto, os coletivos de torcedores assumidamente têm lado e bandeiras a defender. Isso não quer dizer que *Folha* e *Estadão* sejam absolutamente neutros e parciais – não há imparcialidade plena no

jornalismo, uma máxima que a análise aqui conduzida tenta demonstrar –, mas trabalham no intuito de transparecer um distanciamento profissional ao noticiar fatos e eventos.

A Palmeiras Antifascista e o Coletivo Democracia Corinthiana, por sua vez, usam seus espaços no Facebook sempre para se posicionar, ainda que isso seja feito por meio de relatos, e não necessariamente de comentários. Quando os coletivos apenas compartilham uma notícia, portanto em uma postagem considerada como um relato nesta análise, e não comentam sobre aquele texto, é evidente que há ali uma intenção de estabelecer um ponto de vista.

No dia 27 de janeiro de 2019, por exemplo, a Palmeiras Antifascista fez uma postagem sobre os 75 anos da libertação do campo de concentração de Auschwitz pelo Exército Vermelho[148], em resgate histórico aqui enquadrado como do gênero relato por trazer fatos, e não opiniões, sobre o evento narrado. Contudo, é nítido que o coletivo optou por trazer esse relato com a intenção de se posicionar contra o regime nazista e de modo a exaltar a atuação dos soviéticos na Segunda Guerra Mundial.

Da mesma maneira, quando o Coletivo Democracia Corinthiana, no dia 5 de dezembro de 2018[149], compartilhou a matéria do portal UOL intitulada *IBGE: Informalidade cresce e atinge 37,3 milhões de trabalhadores em 2017*, o post foi considerado um relato na presente pesquisa, mas deve-se levar em consideração que a divulgação desse conteúdo ocorreu com o objetivo de criticar a política do governo Michel Temer, que chegava ao fim. Ou seja, por meio do uso do gênero relato, os coletivos de torcedores opinaram sobre os mais diversos assuntos.

Também há um contraste quanto à questão temática. A tabela 25 evidencia que os jornais, quando abordaram as torcidas antifascistas, o fizeram em textos que mesclavam os assuntos futebol e política; em menor número, os periódicos também citaram as torcidas em textos sobre política: geralmente eram menções aos torcedores em matérias gerais sobre protestos ou a respeito de ocupação das ruas por manifestantes. Na *Folha*, 55% dos textos foram sobre futebol e política; no *Estadão*, 74%.

Já a Palmeiras Antifascista, em suas postagens, abordou não somente a mistura entre futebol e política ou questões apenas políticas, mas também futebol em si e outros temas. O tema futebol e política esteve em 47,8% das postagens. No caso do Coletivo Democracia Corinthiana, o tema que se sobressaiu foi política, em 63,9% das postagens.

---

148 https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0D74g1LHLnaLKN8HQNEGaPTjdrX7Jude2gXivFiUSpuNhCxrDzDiWK2TACt9tuKhZl

149 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0YJPYcMCWfiM71eAXpSDmksq2Vrdv969skk9GDYcULrDAPd2AmZbY2i539RmMcsXul

Tabela 25 – Tema das publicações dos jornais e das torcidas

| | *Folha de S.Paulo* | *O Estado de S. Paulo* | Palmeiras Antifascista | Coletivo Democracia Corinthiana |
|---|---|---|---|---|
| Futebol e política | 15 (55% do total) | 28 (74% do total) | 283 (47,8% do total) | 713 (25,7% do total) |
| Política | 12 (45% do total) | 10 (26% do total) | 175 (29,5% do total) | 1772 (63,9% do total) |
| Futebol | 0 | 0 | 124 (20,9% do total) | 263 (9,5% do total) |
| Outro | 0 | 0 | 11 (1,8% do total) | 24 (0,9% do total) |
| Total | 27 | 38 | 593 | 2772 |

Fonte: elaboração própria

Há uma diferença ainda mais significativa se forem levados em conta os subtemas, que nesta tese não apresentam valor estatístico em função do grande número de termos associados, os quais não foram de atribuição rígida e fixa durante a pesquisa, mas sobre os quais é possível promover análises. As torcidas antifascistas foram personagens na *Folha* e no *Estadão* em contextos específicos: quase sempre em notícias factuais, notadamente na onda de protestos contra Jair Bolsonaro em 2020.

Com isso, os subtemas nos dois jornais vinculam, em regra, as torcidas antifascistas à oposição a Jair Bolsonaro. Esses coletivos de fato foram e são contrários aos ex-presidente, mas os subtemas nas postagens dos coletivos são muito mais amplos e variados: dão conta de inúmeras causas, demandas e perspectivas.

Nas suas redes sociais, as torcidas antifascistas são muito mais plurais e diversas do que demonstra a cobertura dos jornais. Ao passo que realmente se manifestam contra ou a favor de determinado agente político brasileiro, também torcem pelo próprio clube, se manifestam contra as imprensas esportiva e geral, criticam a arbitragem dos jogos de futebol, tomam partido em questões internacionais, compartilham piadas e memes, abraçam causas identitárias e vinculadas aos direitos humanos e conclamam pela participação de outros torcedores, mobilizando as ruas e as plataformas digitais.

Toda essa divergência entre as coberturas jornalísticas e os posicionamentos das torcidas fica nítida nos enquadramentos principais das publicações, resumidos a seguir:

Tabela 26 – Enquadramento principal das publicações dos jornais e das torcidas

| | *Folha de S.Paulo* | *O Estado de S. Paulo* | Palmeiras Antifascista | Coletivo Democracia Corinthiana |
|---|---|---|---|---|
| Conflito | 10 (37% do total) | 20 (52,7% do total) | 20 (3,4% do total) | 3 (0,1% do total) |
| Interesse humano | 1 (4% do total) | 2 (5,2% do total) | 9 (1,5% do total) | 76 (2,8% do total) |
| Moralidade | 0 | 1 (2,6% do total) | 0 | 0 |
| Responsabilidade | 2 (8% do total) | 2 (5,2% do total) | 0 | 0 |
| Diagnóstico/prognóstico | 5 (18% do total) | 5 (13,2% do total) | 17 (2,9% do total) | 38 (1,4% do total) |
| Mobilização | 1 (4% do total) | 0 | 400 (67,4% do total) | 2370 (85,4% do total) |
| Outros | 8 (29% do total) | 8 (21,1% do total) | 147 (24,8% do total) | 285 (10,3% do total) |
| Total | 27 | 38 | 593 | 2772 |

Fonte: elaboração própria

Os dois jornais, em seus textos, deram maior enfoque ao enquadramento de conflito (prevalência de 37% na *Folha* e 52,7% no *Estado*), enquanto na Palmeiras Antifascista o índice foi de somente 3,4% e no Coletivo Democracia Corinthiana, 0,1%. Na página dos torcedores alvinegros, foram somente três textos com enquadramento de conflito, sendo que um, no dia 10 de abril de 2018[150], chamado *Recado à "Palmeiras Antifascista": mereçam vosso nome*, foi direcionado justamente à página Palmeiras Antifascista.

No dia 8 daquele mês, os dois clubes haviam se enfrentado na final do Campeonato Paulista, em jogo recheado de polêmicas de arbitragem no qual o Corinthians acabou com o título. O Palmeiras acusou a Federação Paulista de Futebol (FPF) de ter feito uso indevido de

150 https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/posts/pfbid0sDJ64i7mNjCfsuX4GZhPoABkaJyHKNrjK9AdNSokrj4nHbeyhYZsB2Umh78Aa9wLl

comunicação externa para anular a marcação de um pênalti para o time alviverde. O clima em campo e nos bastidores do jogo parece ter atingido os coletivos, que usaram as redes para o referido embate.

Na página do coletivo palmeirense, o enquadramento mais recorrente nesta análise foi o de mobilização, em 67,4% das postagens. A situação foi similar na página corintiana, em que a mobilização foi o enquadramento em 85,4% dos registros obtidos nesta pesquisa.

É válido ressaltar que os periódicos, embora com uma amostra menor, publicaram mais textos com enquadramento de diagnóstico/prognóstico do que a Palmeiras Antifascista e o Coletivo Democracia Corinthiana. Foram cinco na *Folha* (18% do total), cinco no *Estadão* (13,2% do total), 17 na página de torcedores palmeirenses (2,9% do total) e 38 na página corintiana (1,4% do total). Esse tipo de enquadramento, caracterizado por reportagens ou análises longas e completas, foi mais uma marca jornalística do que um modo de atuação das torcidas antifascistas.

Os resultados obtidos no presente estudo estão em consonância com outras pesquisas realizadas com recortes parecidos (Lopes; Dias; Penteado, 2022; Lopes; Marcello, 2021; Ronchete, 2021; Borba; Borges, 2020).

Ao analisarem o Facebook de um grupo de torcedores específico, o Bloco Tricolor Antifa, formado por torcedores do São Paulo, Lopes, Dias e Penteado (2022) constatam que o coletivo usa, com frequência, sua conta para mobilizar o público, seja por meio de convocações para ações no mundo offline, seja para divulgação e registro dessas atividades. Entre as pautas do grupo estão a luta contra o neoliberalismo, o "futebol moderno", racismo e o machismo – a exemplo do verificado nesta tese no caso da Palmeiras Antifascista e do Coletivo Democracia Corinthiana.

Já Borba e Borges (2020) analisam as postagens no Facebook, no período eleitoral de 2018, de torcidas antifascistas de 18 clubes – entre elas, a Palmeiras Antifascista e o Coletivo Democracia Corinthiana. Os pesquisadores apontam que esses coletivos foram atuantes na mobilização política, em oposição à extrema-direita, personalizada, na ocasião, na figura de Jair Bolsonaro.

De acordo com Borba e Borges (2020), as torcidas antifascistas reportavam sobre as campanhas eleitorais, propagavam abaixo-assinados e convocavam para manifestações no mundo fora da rede. Assim como verificado nesta tese, Borba e Borges (2020) assinalam que as torcidas antifascistas alternavam postagens com teor político com publicações que não tinham essa temática.

Quando se manifestavam sobre política, as torcidas antifascistas, indicam Borba e Borges (2020), desdobram o assunto em vários temas, como a campanha #Elenão, de oposição a Bolsonaro, ataques a Bolsonaro, manifestações em geral, antifascismo, debates ideológicos, defesa de minorias, entre outros. Os autores notaram que as torcidas antifascistas, em suas publicações, sempre se posicionavam contra o machismo, a LGBTfobia, o racismo e a xenofobia.

Assim, Borba e Borges (2020) fundamentam que as práticas ciberativistas, adotadas pelas torcidas antifascistas naquele contexto eleitoral e possibilitadas pela internet, abriram margem para que esses grupos, concomitantemente, participassem do debate político e contornassem a ideia de que o torcedor de futebol é despolitizado. Com um trabalho com o mesmo recorte, Ronchete (2021) identifica nos espaços digitais uma arena viável para o desenvolvimento de estratégias de mobilização.

Já o trabalho de Lopes e Marcello (2021) busca aferir como os jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* e os portais G1 e R7 retrataram os torcedores de futebol que foram às ruas, em meados de 2020, protestar contra o governo de Jair Bolsonaro. A pesquisa mostra que as coberturas relacionaram os torcedores, direta ou indiretamente, ao exercício da cidadania, mas também os associaram, em vários momentos a práticas violentas e a tomadas de posição irresponsáveis.

Especificamente sobre a *Folha*, Lopes e Marcello (2021), que focaram o estudo na representação de torcidas organizadas como um todo, e não necessariamente apenas nas torcidas antifascistas, apontam que, desde o início da cobertura, com a eclosão dos protestos, o papel dos torcedores foi perdendo importância. Conforme as manifestações ganhavam corpo, os torcedores que estavam nos atos, que inicialmente chamaram mais atenção pelo caráter inesperado daquela aparição, cederam espaço para outros atores e temas na cobertura, como como os partidos políticos, os movimentos sociais e as divisões no campo da esquerda.

Destaca-se ainda que as torcidas organizadas foram fonte de informação, ao contrário do que comumente acontece em matérias sobre violência no futebol (Lopes; Marcello, 2021). Também se verificou que o conflito e a violência foram temas centrais na cobertura da *Folha*.

Sobre a cobertura do *Estadão*, Lopes e Marcello (2021) indicam que, assim como no material da *Folha*, a questão da violência também esteve presente nas matérias. E, da mesma forma que esta tese aponta, Lopes e Marcello (2021) creem que o uso de adjetivos como "autointitulado" na hora de se referir às torcidas antifascistas coloca em xeque o posicionamento democrático desses grupos.

Portanto, outros trabalhos examinaram objetos similares ao *corpus* desta tese e chegaram a resultados parecidos. Por um lado, vê-se que as torcidas antifascistas são um fenômeno crescente e espalhado por todo o futebol brasileiro. São grupos de torcedores que fazem uso de tecnologias digitais não apenas para manifestar preferências futebolísticas, mas também para defender valores antifascistas, como a defesa da democracia, o respeito às minorias, a luta por igualdade e o combate à extrema-direita.

Por outro lado, tem-se uma imprensa tradicional, que é habituada a seguir os mesmos parâmetros de cobertura e os mesmos fluxos de produção, embora não antagonize com movimentos sociais e não os torne vilões de forma aberta. Essas discussões são aprofundadas na próxima subseção.

## 5.7 Discussão dos resultados: uma articulação em prol do jornalismo esportivo para a cultura de paz

A ascensão da extrema-direita, no Brasil e no mundo, ocorre de modo concomitante a outro fenômeno: uma profunda crise no jornalismo. Mais do que mera casualidade, é possível afirmar que esses dois acontecimentos apresentam uma nítida inter-relação. É claro que não se trata de uma relação exclusiva de causa e efeito, ou seja, há múltiplos outros fatores que explicam o cenário. A respeito do aspecto comunicacional, o diagnóstico de Miguel (2022, p. 195) é de que, nas últimas décadas, o jornalismo perdeu credibilidade enquanto um "sistema perito" e de que existe um "mal-estar informacional".

O autor explica que o conceito de sistema perito se refere a um mecanismo que utiliza conhecimento técnico ou profissional especializado para realizar tarefas complexas. Esses sistemas são comuns na sociedade moderna e estão presentes em áreas como a saúde, a tecnologia, a indústria, a administração e tantas outras

Todas as pessoas são clientes dos sistemas peritos, os quais permitem que qualquer cidadão realize tarefas complexas sem a necessidade de um conhecimento especializado. Nesse esquema, existe uma confiança, tácita ou explícita, consciente ou não, no funcionamento de questões necessárias para a vida diária, como "acionar o interruptor para acender a luz, ligar a televisão ou o computador, andar de automóvel, ônibus ou metrô, passar sobre uma ponte", conforme exemplifica Miguel (2022, p. 198).

Um paciente acredita nos tratamentos médicos, nos profissionais de saúde e na indústria farmacêutica, assim como um viajante crê nos saberes e procedimentos da engenharia

aeronáutica, no avião e na competência do piloto e da tripulação. Além de usuárias de sistemas peritos, as pessoas são, na vida em sociedade, dependentes deles (Miguel, 2022).

A partir desse raciocínio, Miguel (2022) entende que o jornalismo pode ser visto como um sistema perito que estabelece com o público (leitores, ouvintes, espectadores, consumidores de notícias em geral) uma relação semelhante à de outros sistemas. Segundo Miguel (2022), a confiança no jornalismo é dividida em três aspectos: veracidade das informações (objetividade factual e distinção entre verdade e mentira); seleção e hierarquização dos elementos importantes ao relato (enquadramentos e escolhas editoriais); seleção e hierarquização das notícias diante de todo o rol de fatos disponíveis (poder de agendamento).

Um fator distintivo do jornalismo enquanto sistema perito, explica Miguel (2022), é a baixa capacidade de comprovação:

> A crença nos sistemas peritos não é gratuita, nem irracional; ela é sustentada pela experiência cotidiana, que confirma que eles funcionam. Via de regra, os aviões chegam a seus destinos, os médicos aliviam as doenças, os edifícios e as pontes não desabam. Minha confiança é sustentada pelo uso que faço deles (ou que pessoas próximas fazem). Mas a comprovação da efetividade do jornalismo – de que ele fornece o que promete – é mais difícil. (Miguel, 2022, p. 199)

O primeiro aspecto da relação da confiança no jornalismo, o relativo à veracidade dos fatos, só pode ser checado diretamente pelo público em poucos casos. Um cidadão só pode conferir com os próprios olhos uma fatia mínima dos acontecimentos; quanto a todos os demais, não há a opção de verificação por conta própria.

Já o segundo e o terceiro aspectos são ainda mais difíceis de serem comprovados, uma vez que lidam com conceitos ligados à essência do jornalismo. Miguel (2022) questiona: como saber se a cobertura de determinado ato deixa de fora aspectos relevantes? Da mesma forma, é pouco factível um questionamento generalizado sobre a seleção do que é notícia.

Outro fator relativo ao jornalismo enquanto sistema perito é a ausência de "forças reguladoras", conforme Miguel (2022, p. 200). Muitos outros sistemas peritos estão sob supervisão de órgãos fiscalizadores, conselhos, entidades, governos e outras instituições: são os chamados metassistemas, que ganham a responsabilidade, diante do público geral, de conferir o funcionamento dos sistemas peritos. O próprio jornalismo se comporta como um metassistema, legitimando ou deslegitimando demais sistemas peritos.

Entretanto, com o jornalismo, essa relação tende a ser mais complexa, de maneira que é difícil apontar quem cumpre o papel de metasisstema. Miguel (2022) cita a possibilidade de

reparações judiciais no caso de incorreções ou ofensas, mas os mecanismos legais são lentos e envolvem questões controversas como liberdade de expressão.

O próprio jornalismo, por meio da concorrência entre diferentes veículos de comunicação, poderia exercer a função de metassistema, mas isso ocorre de modo imperfeito, aponta Miguel (2022). A prática jornalística, por si só, molda certas disposições que levam os profissionais a escolherem determinados eventos como relevantes, devido à uniformização dos critérios de noticiabilidade. Além disso, os grandes veículos de imprensa compartilham uma visão comum de fundo, uma vez que são grandes empresas capitalistas e dependem de anunciantes também inseridos no cenário capitalista. Existe, assim, um interesse de classe compartilhado pelos controladores dos meios de comunicação.

Em resumo, a concorrência desempenha um papel insuficiente como metassistema perito para o jornalismo: influencia em certa medida, como evidenciado pela busca pelo furo de reportagem, pela exposição de erros alheios ("barrigas") e pela tentativa de oferecer uma cobertura mais abrangente do que outros veículos. No entanto, apesar de sua atuação no nível individual, a competição é contrabalanceada pela pressão uniformizante no nível mais amplo, resultante da perspectiva compartilhada pelos jornalistas em sua maneira de ver o mundo, pelos interesses de classe dos proprietários e pela influência dos anunciantes (Miguel, 2022).

No contexto atual, houve uma notável transformação. O rápido avanço das tecnologias de comunicação, verifica Miguel (2022), criou uma situação em que uma reivindicação central do jornalismo profissional, de ser o agente autorizado a apresentar o mundo ao público, enfrenta desafios de várias maneiras. No entanto, ao contrário do que indicava a crítica "progressista", o aspecto principal do novo ambiente comunicacional não é a diversificação de vozes e perspectivas sociais e políticas, que poderiam enriquecer e aprofundar o debate público.

De acordo com uma interpretação amplamente difundida, o efeito principal das novas tecnologias é a formação de enclaves discursivos isolados, as "bolhas", e a erosão da referência a uma realidade factual comum, essencial para o progresso de qualquer troca argumentativa, a "pós-verdade" (Miguel, 2022).

Ainda que coloque em xeque os conceitos de pós-verdade e bolhas, Miguel (2022) entende haver nesses dois termos uma parte da explicação para o mal-estar informacional. Ele explica que a pós-verdade se refere a um conjunto de fenômenos que se tornaram evidentes para o público no início do século 21, coincidindo com a disseminação da internet e, especialmente, das mídias sociais. Isso envolve um aumento na desconfiança em relação às fontes anteriormente consideradas legítimas de conhecimento, como a ciência, a educação e o próprio jornalismo. Além disso, há uma propagação de um relativismo radical, levando à crença

de que não é possível estabelecer com segurança qualquer fato, e à igualação de todos os discursos como "opiniões" de valor equivalente.

A profusão de fontes e a natureza caótica da disseminação da informação na era da internet tornam inevitável que as pessoas se deparem com perspectivas diferentes das suas. Contudo, o fenômeno que a ideia de bolha busca explicar - a resistência das opiniões aos argumentos contrários - continua sendo crucial para entender o avanço de formas agressivas de polarização social e política, bem como a situação de pós-verdade. Miguel (2022) considera que talvez seja plausível levar em conta que, embora o confronto com visões de mundo diversas seja inevitável, a abundância de informações proporciona a cada indivíduo acesso a um amplo conjunto de discursos que reforçam suas próprias convicções, facilitando o descarte, sem grande esforço, daqueles que as contradizem. Assim, mais do que ser um muro intransponível, a bolha seria um mecanismo que reduz o custo de lidar com a dissonância cognitiva.

Assim, Miguel (2022) indica que o jornalismo é uma das vítimas de todo esse processo, tendo ameaçada sua condição como um sistema perito:

> Diante disto, qual é a situação do jornalismo? Trata-se de uma das vítimas da pós-verdade, que põe em xeque sua pretensão de relatar a realidade de forma fidedigna – pretensão que, por sua vez, é o que embasa sua legitimidade diante do público. Ao mesmo tempo, uma organização do mundo social na forma de bolhas invalida a capacidade do jornalismo de produzir uma narrativa comum a partir da qual a vida em sociedade é experienciada; isto é, compromete o poder de agenda que, há décadas, a literatura indica como sendo o fundamento de sua influência (...). Os termos da discussão podem ainda estar fluidos e sob contestação, mas resta pouca dúvida de que, nas últimas décadas, a posição do jornalismo mudou significativamente e que uma descrição de seu funcionamento como aparelho social feita no século xx não se adequa às circunstâncias de hoje. Em particular, como já apontam algumas pesquisas, seu funcionamento como sistema perito se encontra sob ameaça. (Miguel, 2022, p. 197)

Com as novas tecnologias, o jornalismo passou por uma “perda de centralidade” (Miguel, 2022, p. 201). Os aparatos digitais, a internet e as mídias sociais não promoveram a democratização que muitos esperavam, mas reduziram significativamente custos de produção e de distribuição, além de terem quebrado restrições técnicas e operacionais. Isso não significa perda completa de influência, mas é notório como a “velha imprensa” deixou de ocupar lugares hegemônicos na produção e distribuição de informação, Como muita gente, profissionais e não profissionais, passou a produzir conteúdo, o principal desafio para as mídias tradicionais, segundo Miguel (2022), foi o de competir pela atenção e pelo financiamento.

As novas plataformas favorecem a circulação de informação gratuita, o que comprometeu a venda dos veículos impressos. Além disso, as novas plataformas permitiram que os consumidores escapassem da publicidade comercial, o que afetou todas as mídias. No

entanto, a produção da informação, e sobretudo da informação de qualidade, que caminhe na contramão de discursos oficiais, continua tendo custos. O financiamento pelo mercado, tanto de anunciantes quanto de leitores, tinha problemas, mas apresentava ao menos a promessa de uma deontologia apoiada em valores de independência e imparcialidade. Hoje, a sustentação deste modelo está cada vez mais difícil. Não se trata só da pressão sobre o jornalismo propriamente dito. Toda a rede de financiamento dos veículos tradicionais foi atingida pela mudança tecnológica, enfraquecendo um modelo que permitia às empresas sustentar um jornalismo por vezes deficitário ou pouco lucrativo - a crise dos classificados nos jornais, a partir dos anos 1990, é um exemplo (Miguel, 2022).

Ademais, o público passou a dedicar mais tempo à internet, o que provocou queda na audiência dos veículos tradicionais (Miguel, 2022). Com receitas em baixa, as empresas se viram obrigadas a cortar custos e reduzir pessoal, o que também causou perda de qualidade, que seria justamente o diferencial em meio à avalanche de informações do mundo virtual.

Alavancar receitas tem sido desafiador para a imprensa comercial tradicional[151]. Por um lado, tentativas de evitar a disseminação indiscriminada dos conteúdos podem diminuir a influência na opinião pública e frustrar as expectativas de um público engajado no compartilhamento de informações. O enfraquecimento da fronteira entre noticiário e conteúdo patrocinado, em resposta às receitas publicitárias em declínio, ou a aceitação de financiamento oculto, comprometeriam a credibilidade (Miguel, 2022).

Globalmente, as maiores empresas jornalísticas lutam para equilibrar essas demandas. Estratégias como paywall e permissão limitada de compartilhamento nas redes sociais refletem as pressões contraditórias enfrentadas pelos veículos (Miguel, 2022). A relação é conflituosa com as plataformas digitais, para as quais produzem conteúdo sem remuneração.

Parte da solução tem sido abandonar parte da cobertura e das atividades, revela Miguel (2022). Isso se deu com os classificados, com a agenda cultural e com os esportes:

> Instada pelo ombudsman do jornal a explicar o definhamento do noticiário de esportes, a secretaria de redação da *Folha de S.Paulo* explicou que estava ocorrendo a transição "para uma edição qualitativa, em que [o jornal] possa oferecer enfoques diferenciados ao leitor, conteúdos que ele não encontra na maciça cobertura esportiva de tvs, streamings e redes sociais" (...). A rigor, tal movimento pode se espraiar para toda a cobertura, não apenas para a seção de esportes. Um reposicionamento que pode fazer sentido, mas que marca, inequivocamente, a demissão da missão original do jornalismo, que consiste em relatar ao público a realidade factual à qual ele não tem acesso direto. (Miguel, 2022, p. 204)

[151] Alguns países, como Austrália e Canadá, editaram leis para que as plataformas digitais remunerem o jornalismo profissional. O Brasil também tem projetos nesse sentido – o país é o segundo que mais recebeu dinheiro das chamadas *big techs*, e um dos motivos para isso seria o medo da regulação (Dias, 2024).

Diante da competição pela atenção, o sensacionalismo, os títulos e links caça-cliques e a cobertura enviesada são tentadoras no sentido de captar audiência com mais facilidade e, por consequência, aumentar os rendimentos, mas evidenciam que o bom jornalismo, que pretenda ser fiel aos fatos e minimamente abordar a complexidade dos acontecimentos, sempre parte em desvantagem contra a concorrência menos profissional e menos ética (Miguel, 2022).

Tem-se, então, o pano de fundo ideal para uma crise de legitimidade do jornalismo. Além dos citados fatores econômicos e de disputa por atenção, é a "erosão dos critérios de verdade que dificulta que este mesmo jornalismo profissional empunhe os valores de uma expertise única, que serviria para diferenciá-lo de seus novos competidores" (Miguel, 2022, p. 205). Se todos os relatos são válidos e tudo carece de embasamento, a informação produzida em redações profissionais tem o mesmo valor do que aquela produzida por uma pessoa qualquer.

De acordo com o autor, essa mesma lógica corrói a legitimidade das autoridades tradicionais, incluindo governantes e também especialistas e cientistas, os quais são consultados frequentemente pelos jornalistas para a produção de reportagens. Todo e qualquer discurso pode ser colocado em dúvida, sobretudo pela extrema-direita, que busca seguir uma postura antissistêmica.

Se a confiança é um pilar fundamental para o jornalismo enquanto um sistema perito, com a ausência dessa validação, ou diante de uma confiança fragmentada, toda a estrutura do jornalismo é comprometida. Miguel (2022) pensa que iniciativas como o apelo à consciência cívica das pessoas, com um clamor para que as informações sejam checadas, e a proliferação de agências de checagem são insuficientes para reverter o quadro. "Para o jornalismo, assim como para a democracia, a tarefa é reinventar-se, de um modo que ainda não se pode saber exatamente qual será, mas que certamente precisará ser mais pluralista e mais participativo", conclui Miguel (2022, p. 212).

A necessidade de o jornalismo se reinventar, conforme pede Miguel (2022), foi um dos pontos de partida da construção desta tese, a qual procurou estabelecer no jornalismo para a cultura de paz, em especial em um jornalismo para a cultura de paz voltado à cobertura esportiva, uma possibilidade de caminhos a serem trilhados.

O jornalismo para a cultura de paz, conforme o exposto ao longo deste trabalho, propõe medidas, práticas e encaminhamentos no lado editorial do jornalismo, mas é claro que a mídia profissional também necessita de novos rumos em questões financeiras, já que a

sustentabilidade comercial dos veículos de comunicação tem sido colocada em xeque, âmbito no qual este estudo não pretendeu se aprofundar.

Assim, pensar a paz como critério de noticiabilidade e fio condutor de reportagens pode ser uma atitude transformadora no jornalismo. Por décadas, o conflito tem sido um motivo preferível para suscitar a cobertura midiática, o que tem sua justificativa e razão de ser, mas a cobertura voltada para a paz, em especial em um país e em um mundo que flertam com o fascismo, tem o caráter revolucionário de agir como um contra-argumento e um contradiscurso em relação ao que tem sido feito.

E as torcidas antifascistas analisadas nesta tese têm a demanda contradiscursiva como um de seus pilares, o que denota a necessidade e a viabilidade de levar essa paz, aqui tida como um meio e um fim no jornalismo, e também como uma adversária do fascismo, que prefere, incentiva e se alimenta do conflito, para as redações.

Trata-se de uma estratégia de defesa da própria democracia, que está em risco, como alertam Schurster e Gherman (2020), e dos direitos humanos fundamentais. Os autores apontam o fascismo como um risco generalizado e que não pode ser tratado como acidente de percursos ou um lapso ocasional, mas entendido como uma política que insiste na criação de inimigos e investe em um combate permanente. Cabe, então, aos interessados em defender a democracia, inclusive à mídia, apontar contradições, discrepâncias e incoerências dos discursos fascistas, os quais são radicais, xenófobos e excludentes.

No caso brasileiro, apesar de todo o histórico agressivo, intolerante e autoritário de Jair Bolsonaro, a candidatura e a gestão presidencial do ex-capitão do Exército foram tratadas, por boa parte da imprensa, como prosaicas. O noticiário e as análises proferidas na mídia abordavam assuntos relacionados a Bolsonaro com as mesmas lentes com as quais veriam um governo comprometido com a democracia. É como se jornalistas, veículos de comunicação, comentaristas e colunistas aguardassem que Bolsonaro se moldasse aos parâmetros democráticos, mesmo que ele tenha dado poucos indícios de que teria interesse de seguir nessa linha.

Estadão e Folha, os dois jornais analisados nesta tese, deram várias amostras desse compasso de espera e dessa busca de enquadrar Bolsonaro numa ótica de normalidade, mas dois exemplos, um de cada periódico, que se tornaram famosos pelo Brasil e são objeto de análise em cursos de jornalismo e recorrentemente resgatados em redes sociais, são claros para ilustrar o quanto as empresas foram coniventes, em alguns momentos, com aquilo que já mostrava ter características fascistas.

No dia 8 de outubro de 2018, um dia após o primeiro turno das eleições presidenciais, o *O Estado de S. Paulo* publicou o editorial intitulado *Uma escolha muito difícil*, que buscava equivaler os candidatos que haviam ido para o segundo turno, Fernando Haddad (PT) e o próprio Bolsonaro (Estadão, 2019), como se ambos os políticos fossem duas faces de uma mesma moeda. Críticas a Haddad seriam naturalmente válidas e aceitáveis, mas o jornal, habituado a uma cobertura em essência antipetista, optou por colocar no mesmo nível o professor universitário e o militar reformado, mesmo que as propostas e trajetórias de ambos não estivessem, de modo algum, no mesmo patamar.

Figura 23 – Publicação no Twitter do *Estadão* sobre o editorial *Uma escolha muito difícil*




Fonte: Twitter/X (reprodução)

Já a *Folha de S.Paulo*, no dia 5 de novembro de 2019, quase no fim de um conturbado primeiro ano de mandato de Bolsonaro, trouxe o editorial *Na direção correta*, que elogiava a linha de atuação do então ministro da Economia, Paulo Guedes (Folha de S.Paulo, 2019a). Muitas vezes afeita a condutas neoliberais, a Folha, neste texto, ignorou as reiteradas polêmicas de Bolsonaro e a própria cobertura jornalística sobre o governo, tantas vezes investigativa, crítica e incisiva, para louvar a política econômica daquela gestão - como se as finanças de um governo não estivessem intimamente ligadas a todo o restante.

Figura 24 – Publicação no Twitter da *Folha* sobre o editorial *Na direção correta*




Fonte: Twitter/X (reprodução)

Os dois editoriais em questão não fazem parte do corpus de análise da tese, mas são válidos no intuito de demonstrar o quanto um jornalismo para a paz, centrado em mitigar os conflitos, inclusive aqueles inerentes ao fascismo, é fundamental. A mídia não deveria ignorar ameaças e características fascistas em nome somente de preferências na linha econômica ou porque não aprecia determinado partido.

Barsotti e Vieira (2023) argumentam que a recente emergência de novos arranjos jornalísticos nas últimas décadas moldou um ambiente que tem colocado pressão sobre o ethos profissional: à medida que muitas dessas novas organizações de mídia se comprometem com causas, os pilares da suposta neutralidade que sempre permeou o fazer comunicacional começam a apresentar desgaste. Não obstante, os autores acreditam que adotar uma posição ou postura já não é mais uma transgressão deontológica e que um jornalismo ativista agora se tornou um valor a ser buscado.

No estudo de Barsotti e Vieira (2023), são analisadas coberturas cruciais dos últimos anos, que muitas vezes exigiram uma tomada de partido por parte da mídia, como manifestações contra o racismo, denúncias de crimes ambientais, combate ao machismo e monitoramento da violência. Os autores entrevistaram jornalistas responsáveis por iniciativas midiáticas que têm um lado claro (Alma Preta, Amazônia Real, Canal Meio, #Colabora, Congresso em Foco, Ponte Jornalismo, Portal Catarinas, Marco Zero e Repórter Brasil) e, mesmo que tenham apontado certa ingenuidade e fragilidades conceituais, Barsotti e Vieira (2023) creem no poder transformador dessas organizações, que poderiam revolucionar o jornalismo.

É um potencial revolucionário que motiva a existência das torcidas antifascistas. Dois coletivos de times rivais, Palmeiras Antifascista e Coletivo Democracia Corinthiana, mostram, conforme esta tese pontuou, terem mais pontos de convergência do que de discordância quanto a questões como democracia, direitos humanos e combate ao fascismo. É nessa sintonia que o presente trabalho propõe que o jornalismo se fie, com o entendimento de que as torcidas antifascistas têm algo a contribuir. O fato de que grupos de torcedores se mobilize e se engaje em torno de temas tão diversos, atuais e importantes pode servir de inspiração para que a imprensa abrace a luta naquilo que, neste trabalho, é colocado como paz, no sentido de rejeição ao fascismo. Talvez o jornalismo para a cultura de paz, no esporte e nas coberturas em geral, possa ser um caminho para que o jornalismo busque restabelecer a confiança e a credibilidade junto ao público, voltando a ser um sistema perito.

Renato Daniel, integrante da Palmeiras Antifascista, e Deyvid Leite, membro do Coletivo Democracia Corinthiana, entrevistados no âmbito do desenvolvimento desta tese, compartilham a opinião de que o jornalismo precisa passar por transformações. A percepção de ambos se alinha aos resultados desta pesquisa, que indicam que a imprensa abordou as torcidas antifascistas de modo limitado e passageiro.

O torcedor palmeirense ressalta que, apesar de a Palmeiras Antifascista ter quase dez anos de existência, o coletivo só ganha visibilidade na grande mídia quando é do interesse dos grandes veículos de comunicação. Sendo assim, ele acredita na necessidade de criar outros

caminhos. “O ato das torcidas criou uma popularização do antifascismo, vamos continuar lutando por alternativas e pela superação do sistema capitalista e suas formas de opressão”, afirma Daniel (2023, entrevista), fazendo referência aos protestos de 2020. “A grande mídia deve ser usada quando possível, da mesma forma que usará a nossa atuação quando for do interesse dela”, completa.

Para concretizar essa pretensão, a Palmeiras Antifascista, conta Renato Daniel, busca mostrar o quanto os campos da política e do futebol são próximos entre si - nesse sentido, a página atua com o objetivo de protestar contra o futebol capitalista, que exclui a população menos abastada.

“Outra atuação necessária é o resgate da memória, muitas pessoas não têm acesso à verdadeira história do nosso povo. Um povo sem memória é um povo sem identidade e sem possibilidade de construção de uma transformação social”, pondera Daniel (2023, entrevista), em afirmação que corrobora a grande quantidade de postagens com o subtema “resgate histórico” registrado na parte empírica desta pesquisa.

Deyvid Leite, do Coletivo Democracia Corinthiana, avalia como “pífia” a cobertura da grande mídia a respeito das torcidas antifascistas, que são lembradas somente quando há grandes acontecimentos. “Mas mesmo assim nos fazemos ser lembrados em grandes atos, como quando levamos uma faixa para a Avenida Paulista, com a cara de demônio do Bolsonaro. A repercussão foi muito grande”, comemora (Leite, 2023, entrevista).

Nas redes sociais, o Coletivo Democracia Corinthiana não segue um planejamento para as postagens, mas produz conteúdo de acordo com os acontecimentos do dia a dia. “Precisamos de engajamento para nossas ações. Não temos, nas redes sociais, um planejamento. Atuamos muito com o que acontece no dia a dia. “Ou, nas efemérides, quando lembramos de datas importantes, como a Revolução Cubana, a Revolução Russa, e claro, datas relacionadas ao Corinthians”, descreve Leite (2023, entrevista).

A similaridade entre Palmeiras Antifascista e Coletivo Democracia Corinthiana não está somente no discurso de seus integrantes, mas no teor das postagens. Apesar da rivalidade futebolística, o conteúdo das duas páginas na pesquisa aqui desenvolvida teve muitas semelhanças temáticas.

Ambos os grupos estiveram de acordo, por exemplo, com as seguintes pautas: oposição a Jair Bolsonaro, crítica à ditadura militar, repúdio ao ex-juiz Sergio Moro, endosso à memória de Marielle Franco, apoio à causa palestina, solidariedade à causa indígena, engajamento em causas antirracistas e combate à homofobia.

As duas imagens a seguir representam duas das postagens das páginas sobre a temática indígena, uma constante durante todo o período analisado. Como se pode verificar, especialmente na figura 26, além do apoio à causa é mostrada a relação direta do clube com indígenas brasileiros.

Figura 25 – Postagem da Palmeiras Antifascista em solidariedade à causa indígena




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[152]

Figura 26 – Postagem do Coletivo Democracia Corinthiana em solidariedade à causa indígena




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[153]

O combate ao racismo foi subtema constante nas duas páginas. Além do compartilhamento de notícias e de posicionamentos sobre o tema, os dois coletivos também

[152] https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/a.644960925624125/2944974728956055/
[153] https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/889069454829921/

fizeram questão de rememorar ídolos negros dos clubes. A figura 27 é parte de uma campanha empreendida pela Palmeiras Antifascista em novembro de 2021, que teve marchas. Além dos eventos, o grupo de torcedores rememorou Djalma.

Figura 27 – Palmeiras Antifascista promove campanha antirrascista e relembra Djalma Santos




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[154]

A figura 28 mostra um exemplo de novembro de 2019, quando o Coletivo Democracia Corinthiana usou caso atual, o volante Junior Urso, para se posicionar contra o racismo. À época, o atleta havia revelado ter sofrido preconceito no exterior.

[154] https://www.facebook.com/photo/?fbid=4558625144257664&set=pcb.4558625380924307

Figura 28 – Coletivo Democracia Corinthiana apoia Junior Urso contra o racismo




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[155]

Outro exemplo é o do feminismo, subtema recorrente nas fanpages analisadas

Figura 29 – Palmeiras Antifascista se manifesta em apoio ao direito ao aborto




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[156]

[155] https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/696053684131500/
[156] https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/a.548269328626619/3380425558744301/

Figura 30 – Coletivo Democracia Corinthiana celebra engajamento de torcedoras de times rivais




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[157]

Também houve, nas duas páginas, muitas postagens com o subtema "militância antifascista", de caráter geral, que reuniu posts explicativos e de apoio a ações antifascistas. Os dois grupos de torcedores também propuseram muitas postagens com o subtema "resgate histórico", no qual se propunham a recontar, contextualizar ou rememorar algum fato do passado, ligado ou não ao futebol.

Em junho de 2020, a reboque das manifestações contra Jair Bolsonaro, a Palmeiras Antifascista fez postagens de teor educativo sobre o antifascismo, trazendo conceitos básicos, como mostram as figuras 31, 32 e 33.

[157] https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/482941635442707/

Figura 31 – Palmeiras Antifascista explica o conceito de antifascismo




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[158]

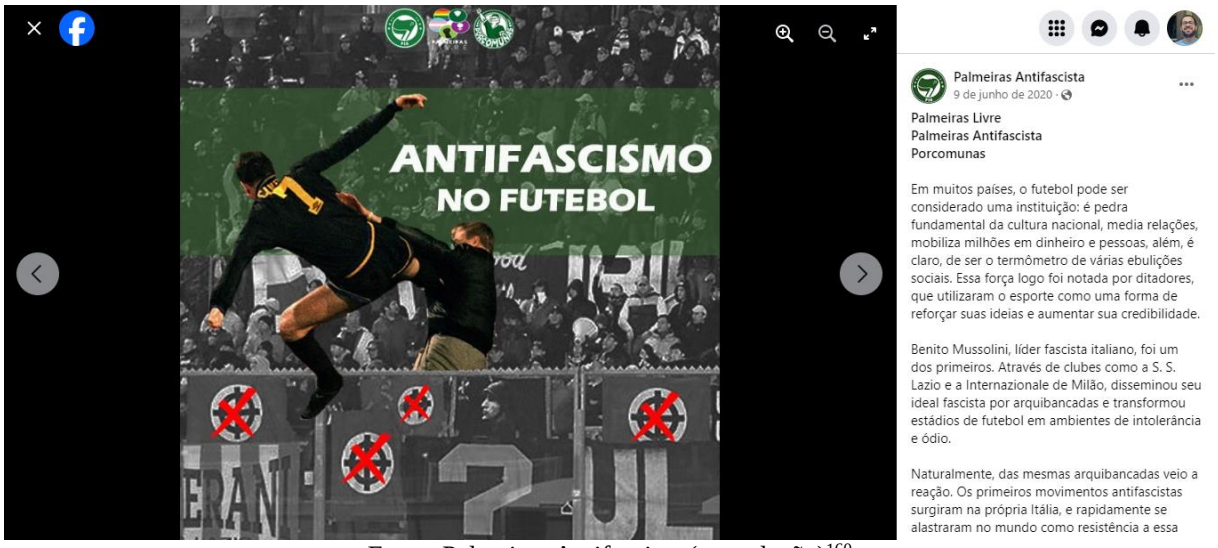
[158] https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/pfbid0N8BUWak1MXwUa1SsHqAFG2yV9mCXarN2yscnChsSUx4rx46akPb4mjNC4tFGCdibl

Figura 32 – Palmeiras Antifascista relaciona o antifascismo aos protestos contra Bolsonaro




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[159]

Figura 33 – Palmeiras Antifascista relaciona antifascismo e futebol




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[160]

Já a figura 34 traz postagem em que o Coletivo Democracia Corinthiana reconta a história do bairro Bom Retiro, no Centro de São Paulo, e relaciona a localidade ao Corinthians e ao movimento operário brasileiro.

[159] https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/a.644960925624125/3055121451274715/
[160] https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/a.644960925624125/3065159940270866/

Figura 34 – Coletivo Democracia Corinthiana produz material histórico sobre a origem do clube e do movimento operário




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[161]

Quando o assunto foi relacionado ao futebol, e não a causas sociais e políticas mais amplas, Palmeiras Antifascista e Coletivo Democracia Corinthiana também abordaram assuntos similares e defenderam pontos de vista parecidos: se manifestaram contra a elitização do futebol, criticaram as diretorias de seus clubes, apoiaram o futebol feminino, reclamaram do alto valor dos ingressos e se posicionaram na política interna das equipes.

No dia 30 de julho de 2018, quando o treinador Luiz Felipe Scolari havia acabado de ser anunciado como técnico do Palmeiras, a Palmeiras Antifascista fez uma brincadeira com a rivalidade com o Corinthians para promover um protesto contra a direção do clube. Trata-se da imagem que traz o texto "tem que ter raiva dessa porra de cerco", que faz referência a dois aspectos. O primeiro é uma gravação de áudio antiga, de uma passagem anterior de Scolari pelo clube alviverde, quando o treinador foi flagrado dizendo, aos berros no vestiário, "tem que ter raiva dessa porra de Corinthians" – na ocasião, as duas equipes travavam duelos eliminatórios pela Libertadores. O segundo aspecto é o cerco, que restringe parte das ruas nos arredores do Allianz Parque, em dias de jogo, somente a quem tem ingresso.

[161] https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/624767877926748/

Figura 35 – Palmeiras Antifascista protesta contra o cerco nos arredores do estádio




Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[162]

Figura 36 – Palmeiras Antifascista protesta, no estádio, contra preços dos ingressos

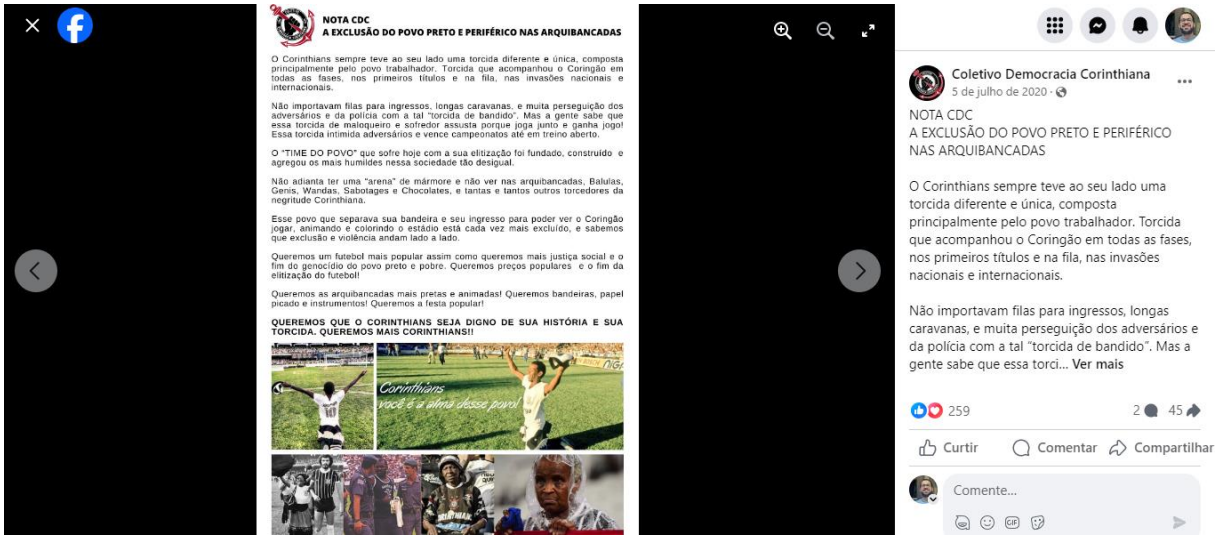



Fonte: Palmeiras Antifascista (reprodução)[163]

Do lado alvinegro, o teor foi o mesmo, conforme mostram as figuras 37 e 38.

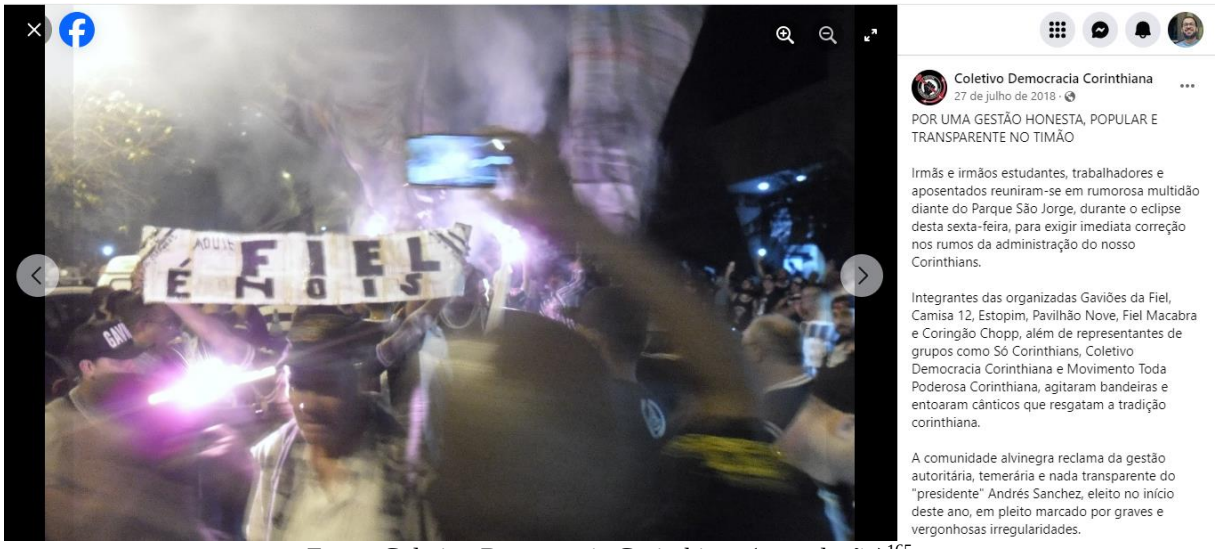
[162] https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/a.548269328626619/1808769772576562/
[163] https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/a.548269328626619/2101001790020024/

Figura 37 – Coletivo Democracia Corinthiana pede “o povo” nas arquibancadas




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[164]

Figura 38 – Coletivo Democracia Corinthiana se envolve na política do clube




Fonte: Coletivo Democracia Corinthiana (reprodução)[165]

Na pesquisa desenvolvida, o jornalismo tradicional, com Folha e Estadão, por sua vez, esteve mais atrelado ao noticiário factual e aos enquadramentos de conflito. Contudo, o estudo desenvolvido procurou mostrar que há opções para que o jornalismo seja, a exemplo dos coletivos de torcedores, mais contundente.

Em conclusão, esta tese proporciona uma análise sobre a representação das torcidas antifascistas na imprensa e nas redes sociais em meio ao contexto de ascensão do autoritarismo e conservadorismo no Brasil. Ao examinar a cobertura dos jornais Folha de S.Paulo e O Estado

[164] https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/865468043856729/
[165] https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana/photos/a.124721264598081/439353043134900/

de S. Paulo, além das páginas de Facebook dos grupos Palmeiras Antifascista e Coletivo Democracia Corinthiana, a pesquisa destaca a disparidade na abordagem entre os veículos tradicionais e as torcidas, evidenciando a limitação temporal e a focalização em conflitos por parte da imprensa. Além disso, ao defender a viabilidade contemporânea do termo "fascismo" e promover o jornalismo para a cultura de paz, a tese aponta para uma necessidade de transformação na mídia, defendendo uma postura comprometida com a democracia, diversidade e justiça social. A abordagem antifascista é apresentada como uma orientação ética crucial para o jornalismo, propondo uma contribuição significativa para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Essas questões serão mais desenvolvidas nas considerações finais, que constituem a próxima seção do trabalho.

# 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UM JORNALISMO ANTIFASCISTA

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a maneira como as torcidas antifascistas foram retratadas pela imprensa e como esses coletivos se manifestaram em suas páginas nas redes sociais. A partir dessa análise, conduzida tendo como objeto os jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* e os coletivos Palmeiras Antifascista e Coletivo Democracia Corinthiana, verificou-se que os veículos tradicionais conduziram um cobertura limitada e pouco aprofundada sobre as torcidas antifascistas, enquanto os grupos de torcedores fizeram uso do Facebook não apenas para manifestar preferências futebolísticas, mas se posicionar politicamente sobre o próprio clube, o futebol e a sociedade.

Os resultados obtidos mostram que a *Folha* e o *Estado* tiveram as torcidas antifascistas como tema de publicações principalmente quando esses grupos estiveram mais em evidência, notadamente nos momentos em que os torcedores tomaram as ruas para protestar contra o governo do então presidente Jair Bolsonaro. Além disso, a abordagem foi geralmente mais superficial e centrada com o enquadramento de conflito. Por sua vez, a Palmeiras Antifascista, e o Coletivo Democracia Corinthiana abordaram uma multiplicidade de temas e tiveram o engajamento de mobilização como o mais vezes registrado.

Com isso, pode-se dizer que a hipótese inicialmente levantada nesta pesquisa, de que a cobertura sobre as torcidas antifascistas era limitada e pouco aprofundada, foi confirmada. Apesar de suas contradições, vieses por vezes violentos e omissões, as torcidas antifascistas se mostraram atuantes não apenas no futebol, mas também na defesa de pautas que extrapolam os domínios futebolísticos e dizem respeito à sociedade como um todo, como direitos humanos, democracia, preconceito, racismo, machismo, homofobia e outros.

Esta pesquisa aponta para a importância de se repensar o papel da imprensa esportiva na cobertura de assuntos que vão além dos resultados dos jogos, contratações de jogadores, entrevistas de técnicos e tópicos do dia a dia esportivo. É necessário que os veículos de comunicação convencionais se aprofundem e questionem as dinâmicas sociais que estão por trás das manifestações das torcidas antifascistas e de outras formas de engajamento político no mundo do esporte.

Além disso, esta tese destaca a relevância das torcidas antifascistas como atores sociais que têm o potencial de contribuir para o debate público e para a defesa dos direitos humanos e da democracia no Brasil. As torcidas antifascistas mostraram que é possível articular paixão pelo futebol com engajamento político e social, e que ações coletivas podem fazer a diferença na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Procurou-se articular esses entendimentos, obtidos durante a condução da pesquisa, com o de que o jornalismo para a cultura de paz é uma viabilidade e uma necessidade frente ao atual momento da sociedade brasileira, que tem no fascismo uma ameaça à democracia e à independência. A tese buscou mostrar, ademais, que o jornalismo para a cultura de paz pode e deve ser adotado nas redações da imprensa esportiva, uma vez que o esporte é permeado por inúmeras manifestações de violência que vão além das mais comumente noticiadas, como as brigas entre torcidas ou entre atletas.

Pode-se dizer que esta tese, portanto, tentou conciliar vários objetivos de pesquisa específicos que, à primeira vista, poderiam parecer difusos entre si. Inicialmente, foi tomada a iniciativa de mostrar que o fascismo é uma ideologia presente nos dias de hoje. No capítulo 2, esta tese buscou argumentar que o fascismo não foi apenas o movimento surgido na Itália antes da Segunda Guerra Mundial, mas que é um modo de pensar a política que, por ser facilmente adaptável a diversas realidades e contextos, ainda se faz presente no mundo de hoje.

Sendo assim, esta pesquisa teve, a partir da articulação entre exemplos concretos e estudos acadêmicos, a intenção de indicar o fascismo como uma realidade do Brasil contemporâneo. Ainda que muitos vissem como um exagero dizer que o país vivia uma crescente onda fascista, entende-se aqui que o termo fascismo, forte e contundente, não é inadequado para ser empregado no momento atual.

O esforço de situar o fascismo na realidade contemporânea fazia sentido porque, no capítulo 3, foi feita uma incursão nos acontecimentos que possibilitaram o desenvolvimento das torcidas antifascistas. Ora, de que valeriam as torcidas antifascistas se o fascismo fosse uma ilusão, um exagero, uma incorreção ou apenas um registro sobre o passado?

Quando o fascismo é exposto como uma ameaça real, e como uma ideologia guiada pela violência, exclusão e divisão da sociedade, as pautas e reivindicações das torcidas antifascistas ganham ainda mais importância. Esses grupos de torcedores foram relevantes ao evidenciar que futebol e política se misturam e que o fascismo estava à espreita – as torcidas antifascistas, inclusive, se atentaram para o fato de que o fascismo era uma força política real antes de muitos partidos, movimentos sociais, veículos de imprensa, estudiosos e representantes da sociedade civil organizada.

Com os levantamentos bibliográficos dos capítulos 2 e 3, a pesquisa se voltou, na sequência, à conceituação do jornalismo para a paz e na defesa dessa corrente como viável e necessária em coberturas esportivas. Foram trazidos exemplos e argumentos em defesa da ideia de que a violência toma muitas formas, e que é função do bom jornalismo assumir a defesa pela paz – e uma paz positiva, duradoura e benéfica a todos.

Para ilustrar e apoiar todo esse levantamento teórico e bibliográfico, a pesquisa se dedicou a, conforme já apontado, mostrar, por meio do *corpus* selecionado, as diferenças entre a cobertura da imprensa sobre as torcidas antifascistas e os posicionamentos dessas próprias torcidas. Isso tudo serviu para embasar a ideia de que o jornalismo precisa incorporar o ideal antifascista em sua prática. Isso não significa defender acriticamente determinado partido ou político, mas ter em mente que o fascismo é um lado que deve ser combatido por aqueles que defendem a democracia e os direitos humanos.

O jornalismo para a cultura de paz pode contribuir para combater o fascismo e promover a democracia, uma vez que é ferramenta poderosa para informar, conscientizar e mobilizar a população em torno dessas questões. É preciso que os veículos de comunicação convencionais se aprofundem e questionem as dinâmicas sociais que estão por trás das manifestações das torcidas antifascistas e de outras formas de engajamento político no mundo do esporte.

As torcidas antifascistas, por sua vez, podem ser aliadas na luta pelos direitos humanos e pela defesa das minorias. As torcidas antifascistas têm se mostrado engajadas em temas como racismo, machismo, homofobia e outros, e é importante que essas pautas sejam levadas em conta na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Outro ponto é que as torcidas antifascistas podem ser tidas como exemplo, ainda que sejam alvo de contradições próprias. A atuação das torcidas antifascistas pode inspirar outras formas de engajamento político e social no esporte, na mídia esportiva inclusive, como a defesa das minorias e dos direitos humanos, e como a promoção de valores como a solidariedade, a tolerância e o respeito mútuo podem contribuir para a construção de uma cultura de paz no esporte e na sociedade como um todo.

Defende-se aqui a demanda por um jornalismo guiado por princípios antifascistas – de modo mais simplificado, um jornalismo antifascista. Como visto neste trabalho, o fascismo é retroalimentado por uma série de discórdias e conflitos, de modo que faz sentido que o jornalismo antifascista aqui proposto e defendido seja apoiado nos estudos sobre jornalismo para a cultura de paz.

Trata-se, portanto, de uma tentativa de unificar todos os elementos teóricos e práticos observados ao longo da pesquisa. Esse jornalismo antifascista não se restringe às coberturas esportivas, embora o futebol seja o fio condutor de boa parte desta pesquisa. O jornalismo esportivo é ponto de partida para que todo o jornalismo possa ser abrangido por princípios antifascistas. O olhar defendido nas considerações finais desta tese é baseado nos resultados apresentados no próprio estudo, em observações empíricas da realidade, do campo comunicacional e em estudos diversos.

De modo geral, pode-se afirmar que o jornalismo antifascista pode contribuir para a construção de uma cultura de paz, ao cobrir e desmascarar as ações e discursos fascistas, e ao dar voz às vítimas desses atos. Ao fazer isso, o jornalismo antifascista pode ajudar a desmantelar as estruturas de opressão e intolerância que impedem a construção de uma sociedade pacífica.

Ao dar espaço e visibilidade para as perspectivas e histórias das vítimas do fascismo, o jornalismo antifascista amplifica as mensagens e ações das organizações antirracistas e antifascistas. O jornalismo antifascista e o jornalismo pela cultura de paz podem se complementar ao reportar sobre as questões de desarmamento, segurança humana e resolução de conflitos de forma pacífica, e ao cobrir as iniciativas e ações que promovem a paz e a justiça social.

Nessa perspectiva jornalística, ações e discursos de grupos e indivíduos com características fascistas devem receber cobertura midiática de modo crítico, sem abertura de espaço para propagação desse tipo de ideologia. Deve-se, de modo geral, reportar com precisão e equilíbrio, evitando a difusão de desinformação ou a cobertura parcial.

No jornalismo antifascista, cobrir as perspectivas e histórias das vítimas do fascismo é uma obrigação, bem como ouvir os que são marginalizados ou silenciados. Igualmente, deve-se proporcionar contexto histórico e político para compreender as raízes e as consequências do fascismo. Uma mídia antifascista colabora com organizações antifascistas, educando e informando o público sobre o fascismo e outras formas de extremismo, e sobre formas de resistência.

O clamor por um jornalismo antifascista não significa exigir que a mídia apoie determinados candidatos ou defenda visões e ideologias políticas específicas. A prática do jornalismo antifascista por grandes veículos de comunicação e organizações midiáticas, e não apenas por grupos militantes, envolve um comprometimento ético com a busca pela verdade, a objetividade e a precisão das informações, bem como uma postura crítica em relação às ideologias e ações fascistas, incompatíveis com a democracia e os direitos humanos.

Para tanto, é importante que essas organizações comunicacionais estabeleçam políticas e diretrizes claras em relação à cobertura de temas relacionados ao fascismo e ao extremismo, para que haja uma padronização na abordagem desses assuntos e um alinhamento com os princípios antifascistas.

É necessário que essas organizações garantam a diversidade e a pluralidade de vozes em suas reportagens, dando espaço para que as perspectivas e as histórias das vítimas do fascismo sejam amplificadas e ouvidas. A inclusão de jornalistas de diferentes origens e identidades também é importante para garantir essa diversidade e pluralidade de vozes.

Outro aspecto relevante é a promoção do diálogo e do debate crítico em torno das questões relacionadas ao fascismo e ao extremismo. As organizações midiáticas podem fomentar o debate público por meio da realização de entrevistas com especialistas, a organização de mesas-redondas e debates em seus programas de televisão e rádio, além da publicação de artigos e reportagens investigativas.

É importante que as organizações midiáticas se engajem em parcerias com organizações antifascistas e outros movimentos sociais que lutam contra a intolerância e a opressão. Essa colaboração pode envolver a realização de eventos conjuntos, a promoção de campanhas de conscientização e mobilização social, e a participação em ações e iniciativas que visem combater o fascismo e outras formas de extremismo.

A implementação de um jornalismo antifascista de modo disseminado envolve um processo contínuo de reflexão, autoavaliação e aprimoramento, para que seja possível enfrentar os desafios e superar as limitações práticas que ainda existem nessa área. Seria um nível de autocrítica que, muitas vezes, não tem ocorrido na grande imprensa brasileira.

Sendo assim, deve-se reconhecer que a implementação de um jornalismo antifascista enfrenta diversos desafios e limitações práticas. Contudo, tem-se aqui o entendimento de que a academia e a ciência têm o papel de lutar por mudanças sociais e defender os valores democráticos, da justiça social e da igualdade. A academia pode desempenhar um papel importante no desenvolvimento de teorias, conceitos e metodologias que possam orientar a prática de um jornalismo antifascista, assim como pode produzir pesquisas empíricas e análises críticas sobre o papel dos meios de comunicação na sociedade e suas relações com o poder político e econômico.

Um dos principais desafios é a resistência por parte de grupos ou indivíduos que se identificam com ideologias fascistas e que podem reagir com violência ou ameaças aos jornalistas que tentam desmascarar suas ações e discursos. Outro ponto de atenção é o fato de que o jornalismo tradicional, muitas vezes, está fortemente ligado a interesses políticos e econômicos, o que pode levar a uma cobertura parcial ou tendenciosa, em detrimento de uma abordagem crítica e equilibrada.

Outro desafio é a falta de recursos e apoio institucional para a implementação de práticas de jornalismo antifascista. Jornalismo de qualidade requer investimentos significativos em capacitação, tecnologia e recursos humanos. Além disso, a própria definição de fascismo pode ser objeto de controvérsia, o que pode dificultar a identificação de ações e discursos fascistas a serem cobertos e desmascarados pelo jornalismo antifascista.

Um jornalismo antifascista não deve se limitar à cobertura de casos isolados ou eventos específicos, mas ser parte de uma abordagem mais ampla que promova a cultura de paz e a justiça social, e que engaje os cidadãos na luta contra o fascismo e outras formas de extremismo.

O estudo aqui desenvolvido, ao estimular reflexões e debates, buscou contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica na esfera midiática. Portanto, ao retomar o problema de pesquisa inicialmente proposto (com base no caso das torcidas antifascistas, a imprensa esportiva tradicional pode melhorar e aprofundar sua cobertura?), conclui-se que sim, as torcidas antifascistas podem servir como plataforma de melhoria para a mídia.

Se figuras como Jair Bolsonaro e outros ascenderam ao poder no Brasil e em outros países, um dos motivos é a inação – ou até mesmo a contribuição – da mídia para que isso acontecesse. A luta contra o fascismo abrange diversas frentes, e a midiática é uma delas. Engajar-se contra o fascismo é reforço dos compromissos éticos e deontológicos do jornalismo.

Ressalta-se que esta tese pretende ser apenas um ponto de partida para o aprofundamento do debate sobre o papel da imprensa esportiva e das torcidas antifascistas na sociedade brasileira, e mais do que isso, sobre o papel de toda a imprensa frente ao fascismo. Espera-se que os resultados aqui apresentados possam estimular novas pesquisas e reflexões sobre esses temas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais informada, crítica e democrática.

# REFERÊNCIAS

ABEL, João. **Bicha**: homofobia estrutural no futebol. Natal: Editora Primeiro Lugar, 2019.

ALBUQUERQUE, Ana Luiza; NOGUEIRA, Italo. Como uso de dinheiro vivo pelos Bolsonaros pode explicar suposto esquema da 'rachadinha'. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 set. 2020. FolhaJus. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/como-uso-de-dinheiro-vivo-pelos-bolsonaros-pode-explicar-suposto-esquema-da-rachadinha.shtml. Acesso em: 26 jan. 2022.

AMARAL, Iracema. Bolsonaro posta foto com arma para defender o armamento da população. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 13 fev. 2021. Política. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/02/13/interna_politica,1237540/bolsonaro-posta-foto-com-arma-para-defender-o-armamento-da-populacao.shtml. Acesso em: 23 abr. 2022.

ARAÚJO, Alexandre; MARTINS, Victor; SALDANHA, Marinho. Torcidas organizadas se unem para furar bloqueio bolsonarista nas estradas. **UOL**. Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre, 1 nov. 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/11/01/orientacao-para-furar-bloqueio-foi-passada-para-organizadas-que-vao-viajar.htm. Acesso em: 20 jan. 2024.

AZEVEDO, Rita. Bolsonaro chama refugiados de "escória do mundo". **Exame**, São Paulo, 22 set. 2015. Brasil. Disponível em: https://exame.com/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/. Acesso em: 6 maio 2022.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; DANTAS, Marina de Mattos. Em busca de um torcer não-fascista. **Ludopédio**, São Paulo, v. 135, n. 32, 2020. Disponível em: https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/em-busca-de-um-torcer-nao-fascista/?fbclid=IwAR1cOuwEDphoWCASv4M0Pt2msz5k5ychm_TeJzf77ntVGoNqxcuu_-gNI-8. Acesso em: 09 jan. 2023.

BARBOSA, Victor Luis dos Santos; SERIDÓRIO, Daniele Ferreira. Valores-notícia na perspectiva do Jornalismo para a Paz. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40., 2017. **Anais** [...]. Universidade Positivo, Curitiba, 2017. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2228-1.pdf. Acesso em: 28 fev. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARSOTTI, Adriana; VIEIRA, Agostinho. Is activist Journalism possible? Tensions within the professional ethos of objectivity. **Brazilian Journalism Research**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. e1597, 2023. DOI: 10.25200/BJR.v19n3.2023.1597. Disponível em: https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1597. Acesso em: 10 jan. 2024.

BBC NEWS BRASIL. O que sobrou do pacote anticrime de Moro após aprovação na Câmara. **BBC News Brasil**, 5 dez. 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50673251. Acesso em: 23 abr. 2022.

BEHNKE, Emilly; BARBOSA, Rafael. Bolsonaro volta a dizer que não quer se vacinar: "Deixa eu morrer". **Poder 360**, 2 dez. 2021. Disponível em: https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-volta-a-dizer-que-nao-quer-se-vacinar-deixa-eu-morrer/. Acesso em: 26 jan. 2022.

BELAN, Bárbara Bressan; NAPOLITANO, Carlo José. A regulação jurídica constitucional dos meios e a monopolização das transmissões esportivas. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 14, n. 1, p. 79–95, 2012. DOI: 10.5216/c&i.v14i1.21503. Disponível em: https://revistas.ufg.br/ci/article/view/21503. Acesso em: 3 abr. 2023.

BELIN, Luciane Leopoldo; RIZZOTTO, Carla Candida. Menos Estigma, Pouco Aprofundamento: Uma Análise de Enquadramento Noticioso sobre o Direito ao Aborto. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 159–187, 2021. DOI: 10.29146/ecopos.v24i1.27609. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27609. Acesso em: 27 fev. 2023.

BOLSONARO, Eduardo. **Há tempos alertamos q o lobby da esquerda a favor da pedofilia viria forte** [...]. 26 maio 2021. Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: https://twitter.com/bolsonarosp/status/1397649905976492040. Acesso em: 23 abr. 2022.

BONANNO, Alfredo. Que fazemos do antifascismo?. *In*: AUGUSTO, Acácio (org.). **Antifa**: modo de usar. 1. ed. Rio de Janeiro: Circuito, 2020. p. 155-166.

BORBA, Felipe; BORGES, Nathalia. As torcidas Antifascistas no Brasil: um estudo sobre o ativismo online nas eleições de 2018. *In*: Encontro Anual da ANPOCS, 44., 2020. **Anais** [...]. Disponível em: https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNjoiYToxOntzOjEyOiJJRF9BVElWSURBREUiO3M6MzoiMTQ3Ijt9IjtzOjE6ImgiO3M6MzI6IjJkYTg4YjMwMzRlOTExYTk4ZGVmNjIwMTVkZTEzODllIjt9&ID_ATIVIDADE=147. Acesso em: 27 nov. 2023.

BORDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BORGES, Laryssa. Ex-assessor de Bolsonaro confirma rachadinha na família do presidente Leia mais em: https://veja.abril.com.br/politica/ex-assessor-de-bolsonaro-admite-esquema-de-rachadinha-no-cla-do-presidente/. **Veja**, São Paulo, 21 jan. 2022. Política. Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/ex-assessor-de-bolsonaro-admite-esquema-de-rachadinha-no-cla-do-presidente/. Acesso em: 26 jan. 2022.

BRANDÃO, Marcelo. Bolsonaro defende votação da PEC da Maioridade Penal no Senado. **Agência Brasil**, Brasília, 8 ago. 2019. Política. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-08/bolsonaro-defende-votacao-da-pec-da-maioridade-penal-no-senado. Acesso em: 23 abr. 2022.

BRASIL. **Lei Nº 10.671 de 15 de maio de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.671.htm>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BRASIL. **Lei Nº 12.299 de 27 de julho de 2010**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BRAY, Mark. **Antifa**: o manual antifascista. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

BUENO, Noemi Correa; MARQUES, José Carlos. Jornalismo esportivo e relações de gênero: o espaço para a participação feminina. **Comunicação & Inovação**, [*s. l.*], v. 21, n. 45, p. 110-128, jan-abr 2020. DOI: 10.13037/ci.vol21n45.6240. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/6240. Acesso em: 3 abr. 2023.

CABRAL, Raquel; FELTRIN, Diuan. A homofobia em tempos de polarização política: uma análise de conteúdo embasada no Jornalismo para a paz. **Revista Temática**. v. 16, n. 5, maio de 2020. Disponível em: periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/52071/30047. Acesso em: 28 fev. 2022.

CABRAL, Raquel; SALHANI, Jorge. Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões. **E-Compós**, *[S. l.]*, v. 20, n. 3, 2017. DOI: 10.30962/ec.1371. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1371. Acesso em: 28 fev. 2023.

CARNEIRO, Júlia Dias. As homenagens de Bolsonaro a Pinochet e por que o general ainda divide o Chile. **BBC News Brasil**, Rio de Janeiro, 22 mar. 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47674503. Acesso em: 26 jan. 2021.

CARNERI, Santi. Bolsonaro elogia ditador paraguaio Alfredo Stroessner em público. **El País**, Assunção, 26 fev. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/26/internacional/1551213499_127441.html. Acesso em: 26 jan. 2021.

CARTA CAPITAL. Bolsonaro volta a elogiar torturador Ustra: "herói nacional". **Carta Capital**, São Paulo. 8 ago. 2019. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-volta-a-elogiar-torturador-ustra-heroi-nacional/. Acesso em: 26 jan. 2021.

CASTRO, Elton de. Relatório aponta aumento nos casos de preconceito e discriminação racial no futebol. **GE**, Recife, 14 set. 2019. Disponível em: globoesporte.globo.com/pe/futebol/noticia/relatorio-aponta-aumento-de-casos-de-preconceito-e-discriminacao-racial-no-futebol.ghtml. Acesso em: 3 abr. 2023.

CASTRO, Lúcio de. Notas fiscais revelam superfaturamento do deputado Jair Bolsonaro em reembolsos da verba de combustível. **Sportlight**, Rio de Janeiro, 7 abr. 2020. Disponível em: https://agenciasportlight.com.br/index.php/2020/04/07/exclusivo-notas-fiscais-revelam-superfaturamento-do-deputado-jair-bolsonaro-em-reembolsos-da-verba-de-combustivel/. Acesso em: 26 jan. 2022.

CASTRO, Rodrigo. Internado em hospital da USP, Olavo de Carvalho coleciona ataques a universidades brasileiras; veja. **Extra**, Rio de Janeiro, 9 jul. 2021. Brasil. Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/brasil/internado-em-hospital-da-usp-olavo-de-carvalho-coleciona-ataques-universidades-brasileiras-veja-25099831.html. Acesso em: 26 jan. 2022.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar:** percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém: Jortejo, 2000.

COLETTA, Ricardo Della. Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no 'Jornal Nacional'. **El País**, São Paulo, 29 ago. 2018. Brasil. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html. Acesso em: 26 jan. 2022.

CONGRESSO EM FOCO. Bolsonaro: "Quilombola não serve nem para procriar". **Congresso em Foco**, Brasília, 5 abr. 2017. Disponível em: https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/. Acesso em: 11 abr. 2022.

COPPE, Rodrigo. Federico Finchelstein: "Vivemos um novo caminho do populismo em direção ao fascismo". **Estado da Arte**, São Paulo, 15 jul. 2020. Disponível em: https://estadodaarte.estadao.com.br/entrevista-finchelstein-bnfb-rodrigo-coppe/. Acesso em: 19 jan. 2022.

COSTA, Ana Beatriz Lemos da; SANTOS, Anderson David Gomes dos. Disputa de mercado e análise regulatória no audiovisual brasileiro. **Revista EPTIC**: Dossiê Temático Concentração na Internet e regulação, Aracaju, v. 23, n. 3, p. 56-74. DOI 10.54786/revista%20eptic.v23i3.15245. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/15245. Acesso em: 3 abr. 2023.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. *In:* DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotek, 1982. p. 19-42.

DANIEL, Renato. **Entrevista concedida por WhatsApp a Matheus Ramalho Orlando**. 31 out. 2023. [A entrevista encontra-se transcrita no apêndice desta tese].

DIAS, Tatiana. Este pesquisador "seguiu o dinheiro" das big tech para o jornalismo – e chegou a 424 veículos no brasil. **Intercept Brasil**, 2. fev. 2024. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2024/02/02/pequisador-seguiu-dinheiro-big-tech-meta-google-no-jornalismo-encontrou-460-veiculos-brasil-2/. Acesso em: 14 fev. 2024.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. 2. ed. São Paulo: Senac, 2004.

DW. Bolsonaro repudia o nazismo e o equipara ao comunismo. **DW**, Bonn, 10 fev. 2022. Brasil. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-repudia-o-nazismo-e-o-equipara-ao-comunismo/a-60725757. Acesso em: 5 abr. 2022.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte:** investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001a.

ELIAS, Norbert. **Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001b.

ELIAS. Norbert. **O processo civilizador**: formação do Estado e civilização. 2. vol. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1993, vol. 2.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 1. vol. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1990, vol.1.

ESTADÃO. Uma escolha muito difícil. **Estadão**, São Paulo, 8 out. 2018. Disponível em: https://www.estadao.com.br/opiniao/uma-escolha-muito-dificil/. Acesso em: 10 jan. 2024.

ESTADO DE MINAS. Bolsonaro defende guerra civil no Brasil e sonegação de impostos em vídeo de 1999. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 29 ago. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/08/29/interna_politica,984474/bolsonaro-defende-guerra-civil-no-brasil-e-sonegacao-de-impostos-em-vi.shtml. Acesso em: 26 jan. 2021.

FELTRIN, Diuan dos Santos. Jornalismo para a paz: reflexões sobre uma nova forma de se fazer notícias. **Revista Contemporânea:** Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 03, n. 01, p. 2-15, jan/jun. 2018. Disponível em: http://www.ojs.toledo.br/index.php/contemporanea/article/view/2929. Acesso em: 28 fev. 2022.

FERREIRA, Marcos Alan S. V. As origens dos estudos para paz e seus conceitos elementares: paz, violência, conflito e guerra. *In*: FERREIRA, Marcos Alan S. V.; MASCHIETTO, Roberta Holanda.; KUHLMANN, Paulo Roberto Loyolla. **Estudos para a Paz**: conceitos e debates. Aracaju: Editora UFS, 2019.

FIGOLS, Victor de Leonardo. Futebol e Política: A revolução virá das arquibancadas. **Ludopédio**, São Paulo, v. 84, n. 10, 2016. Disponível em: https://ludopedio.org.br/arquibancada/futebol-e-politica-a-revolucao-vira-das-arquibancadas/. Acesso em: 9 jan. 2023.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Almedina, 2019.

FINCHELSTEIN, Federico. Trump apagou a linha entre fascismo e populismo. **Latinoamérica21**, 1 ago. 2021. Disponível em: https://latinoamerica21.com/br/trump-apagou-a-linha-entre-fascismo-e-populismo/. Acesso em: 19 jan. 2022.

FINCHELSTEIN, Federico. **Uma breve história das mentiras fascistas**. São Paulo: Vestígio, 2020.

FOLHA DE S.PAULO. Bolsonaro nega ditadura e diz que regime viveu probleminhas. **Folha de S.Paulo**¸ São Paulo, 27 mar. 2019a. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/nao-houve-ditadura-teve-uns-probleminhas-diz-bolsonaro-sobre-regime-militar-no-pais.shtml. Acesso em: 26 jan. 2021.

FOLHA DE S.PAULO. Na direção correta. **Folha de S.Paulo**, 5 nov. 2019b. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/11/na-direcao-correta.shtml. Acesso em: 10 jan. 2024.

FOUCAULT, Michel. Introdução à vida não fascista. *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Anti-Oedipus**: Capitalism and Schizophrenia. New York: Viking Press, 1977. p. 11-14.

FREITAS, Hélen; GRIGORI, Pedro. Via decreto, Bolsonaro altera Lei dos Agrotóxicos e flexibiliza aprovação dos venenos. **Repórter Brasil**, São Paulo, 8 out. 2021. Disponível em: https://reporterbrasil.org.br/2021/10/via-decreto-bolsonaro-altera-lei-dos-agrotoxicos-e-flexibiliza-aprovacao-dos-venenos/. Acesso em: 23 abr. 2022.

G1. Após postar vídeo com pornografia, Bolsonaro pergunta o que é "golden shower". **G1**, São Paulo, 6 mar. 2019. Política. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/06/apos-postar-video-com-pornografia-bolsonaro-pergunta-o-que-e-golden-shower.ghtml. Acesso em: 23 abr. 2022.

G1. Bolsonaro volta a apoiar ato antidemocrático contra o STF e o Congresso, em Brasília. **G1**, 3 maio 2020. Fantástico. Disponível em: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/05/03/bolsonaro-volta-a-apoiar-ato-antidemocratico-contra-o-stf-e-o-congresso-em-brasilia.ghtml. Acesso em: 2 mar. 2022.

G1. Facebook tira do ar live de Bolsonaro com mentira sobre vacina da Covid e Aids. **G1**, 25 out. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/10/25/live-bolsonaro.ghtml. Acesso em: 26 jan. 2022.

GALTUNG, Johan. Cultural violence. **Journal of Peace Research**, Londres, v. 27, n. 3, p. 291-305, 1990. Disponível em: www.jstor.org/stable/423472?seq=3. Acesso em: 28 fev. 2023.

GALTUNG, Johan. Peace Studies: a ten point primer. *In*: HUNTER, Alan. (org.). **Peace Studies in the Chinese century**. Ashgate, 2006. p. 15-20.

GALTUNG, Johan. Twenty-five years of peace research: ten challenges and some responses. **Journal of Peace** Research, Londres, v. 22, n. 2, p. 141-58, 1985. Disponível em: jpr.sagepub.com/content/22/2/141. Acesso em: 28 fev. 2023.

GALTUNG, Johan. Violence, peace and peace research. **Journal of Peace Research**, Londres, v. 6, n. 3, p. 167-91, 1969. Disponível em: www.jstor.org/stable/422690?seq=5. Acesso em: 28 fev. 2023.

GALTUNG, Johan. Violence, war, and their impact: on visible and invisible effects of violence. *In*: **Polylog**: Forum for Intercultural Philosophy, 5, 2004, Viena. Disponível em: https://them.polylog.org/5/fgj-en.htm. Acesso em: 28 fev. 2023.

GALTUNG, Johan. **Violencia cultural**. Gernika-Lumo: Gernika Gogoratuz, 2003.

GIGLIO, Sérgio Settani. "A minha preocupação era jogar futebol": relações entre futebol e ditadura. *In*: GIGLIO, Sérgio Settani; WEISHAUPT, Marcelo Proni (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 62-79.

GOMES, Melissa Neves. **Análise de enquadramentos da cobertura jornalística**: a nova vida de refugiados sírios que vieram para o Brasil nos portais G1 e BBC Brasil (2012-2017).

2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/193365. Acesso em: 9 fev. 2023.

GOMES, Melissa. O conceito de enquadramento noticioso nos estudos publicados em periódicos científicos (2013-2016). *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40., 2017. **Anais** [...]. Universidade Positivo, Curitiba, 2017. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2928-1.pdf. Acesso em: 9 jan. 2023.

GOMES, Vitor. **A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro**. 2020. (Dissertação) Mestrado em Sociologia – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2020. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/10639/3/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Vitor%20Gomes%20-%202020.pdf. Acesso em: 9 jan. 2023.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes**: do integralismo ao neointegralismo. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

GRILO, Rodrigo; NINA, Roberta; IAMIN, Leandro. A primavera das torcidas antifascistas Leia mais em: https://elastica.abril.com.br/especiais/antifascista-protestos-torcidas-futebol/. **Elástica**, 24 jun. 2020. Disponível em: https://elastica.abril.com.br/especiais/antifascista-protestos-torcidas-futebol/. Acesso em: 9 jan. 2023.

GUEDES, Octavio. Bolsonaro já lamentou que o Brasil não dizimou os indígenas. **G1**, Rio de Janeiro, 16 mar. 2022. Política. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2022/03/16/bolsonaro-ja-lamentou-que-o-brasil-nao-dizimou-os-indigenas.ghtml. Acesso em: 11 abr. 2022.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. Torcidas de futebol: uma força estranha? **O Estado de S. Paulo**, 1 jun. 2020. Disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/torcidas-de-futebol-forca-estranha/ma-reacao-os-30-e-os-70-na-sociedade-brasileira/. Acesso em: 27 fev. 2023.

ISTO É. Frases de Bolsonaro, o candidato que despreza as minorias. **Isto é**, 24 set. 2018. Mundo. Disponível em: https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/. Acesso em: 11 abr. 2022.

JOURDAN, Camila; ROSA, Erick. Somos todos antifascistas?: Sobre a necessidade de não dialogar com o fascismo. *In*: AUGUSTO, Acácio. **Antifa**: modo de usar. 1. ed. Rio de Janeiro: Circuito, 2020. p. 115-127.

KER, João. Os ataques de Weintraub às universidades da "balbúrdia". **Terra**, 19 fev. 2020. Educação. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/educacao/os-ataques-de-weintraub-as-universidades-da-balburdia,c5f4988ad50a620e0cf0b0915a9272d6gcjhx8ci.html. Acesso em: 26 jan. 2022.

KFOURI, Juca. Palmeiras foi melhor que o Flamengo em final decidida no detalhe. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 nov. 2021. Disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfouri/2021/11/palmeiras-foi-melhor-que-o-flamengo-em-final-decidida-no-detalhe.shtml. Acesso em: 28 fev. 2023.

KRÜGER, Ana. A ruralistas, Bolsonaro diz que não expropriará terras com trabalho escravo. **Congresso em Foco**, Brasília, 1 maio 2021. Governo. Disponível em: https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/a-ruralistas-bolsonaro-diz-que-nao-expropriara-terras-com-trabalho-escravo/. Acesso em: 23 abr. 2022.

LAGO, Rudolfo; SARDINHA, Edson; LIPPELT, Vanessa. Onze vezes em que o bolsonarismo flertou com o nazismo. **Congresso em Foco**, Brasília, 13 fev. 2022. País. Disponível em: https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/onze-vezes-em-que-o-bolsonarismo-flertou-com-o-nazismo/. Acesso em: 5 abr. 2022.

LEE, Chris. **The Defiant**: a history of football against fascism. Chichester: Pitch, 2022. Ebook Kindle.

LEIFERT, Tiago. Evento esportivo não é lugar de manifestação política. **GQ**, 26 fev. 2018. Disponível em: https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html. Acesso em: 8 ago. 2022.

LEITE, Deyvid. **Entrevista concedida por WhatsApp a Matheus Ramalho Orlando**. 26 dez. 2023. [A entrevista encontra-se transcrita no apêndice desta tese].

LELLIS, Leonardo. Após breve trégua, Bolsonaro volta a lançar dúvidas sobre urna eletrônica. **Veja**, 5 jan. 2022. Política. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/apos-breve-tregua-bolsonaro-volta-a-lancar-duvidas-sobre-urna-eletronica/. Acesso em: 5 abr. 2022.

LOPES, Felipe Tavares Paes; DIAS, Camila Caldeira Nunes; PENTEADO, Claudio Luís de Camargo. Torcedores de futebol e ativismo esportivo: uma análise da agenda política e das formas de atuação do Bloco Tricolor Antifa. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 1-23, jul./dez. 2022. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/56045. Acesso em: 9 jan. 2023.

LOPES, Felipe Tavares Paes; MARCELLO, Murilo Aranha Guimarães. Comunicação, futebol e antifascismo: a cobertura jornalística das manifestações políticas de rua de torcedores organizados em 2020. **Logos**: comunicação e universidade, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, ed. 56, p. 60-75, 2021. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/59422/41623. Acesso em: 9 fev. 2023.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Narrativas sobre violência no futebol: (des)construindo a categoria "torcedor violento". *In*: GIGLIO, Sérgio Settani; WEISHAUPT, Marcelo Proni (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 687-701.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **O "trio de ferro" contra a dominação:** torcedores de futebol, ativismo e resistência. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais) – Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2023. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13728483#. Acesso em 23 nov. 2023.

LOPES, Felipe Tavares Paes; PALHARES, Marcelo Fadori Soares. O papel dos meios de comunicação na construção da paz no futebol. **Revista Alterjor**, *[S. l.]*, v. 13, n. 1, p. 149-167, 2016. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/107827. Acesso em: 6 abr. 2023.

MAGRI, Diogo. Torcidas antifascistas se multiplicam nas arquibancadas do futebol brasileiro. **El País**, São Paulo, 25 dez. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/esportes/2019-12-25/torcidas-antifascistas-se-multiplicam-nas-arquibancadas-do-futebol-brasileiro.html. Acesso em: 4 jan. 2023.

MARQUES, José Carlos. Esporte e os meios de comunicação no Brasil: vícios e virtudes de um matrimônio secular. *In*: GIGLIO, Sérgio Settani; WEISHAUPT, Marcelo Proni (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 410-425.

MARTINS, Rafael Martins; SANTI, Alexandre de; GREENWALD, Glenn. "Não é muito tempo sem operação?": Exclusivo: chats privados revelam colaboração proibida de Sergio Moro com Deltan Dallagnol na Lava Jato. **The Intercept Brasil**, 9 jun. 2019. As mensagens secretas da Lava Jato. Disponível em: https://theintercept.com/2019/06/09/chat-moro-deltan-telegram-lava-jato/. Acesso em: 26 jan. 2022.

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro: “Se o presidente da OAB quiser saber como o pai desapareceu no período militar, eu conto para ele”. **G1**, Brasília, 29 jul. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/29/se-o-presidente-da-oab-quiser-saber-como-o-pai-desapareceu-no-periodo-militar-eu-conto-para-ele-diz-bolsonaro.ghtml. Acesso em: 26 jan. 2021.

McGOLDRICK, Annabel; LYNCH, Jake. **Peace Journalism** – What is it? How to do it? 2000. Disponível em goo.gl/YSMTuj. Acesso em: 28 fev. 2022.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio**: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, *[S. l.]* v. 27, n. 1., jun. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/ptZ9Qp9Qn7n7PdZDJZZXv3L/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 27 fev. 2023.

MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo no novo ambiente comunicacional: uma reavaliação da noção do “jornalismo como sistema perito”. **Tempo Social**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 195-216, 2022. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.195368. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/195368. Acesso em: 10 jan. 2024.

MURAD, Mauricio. **A violência no futebol**: Novas Pesquisas, Novas Ideias, Novas Propostas. 2. ed. São Paulo: Benvirá, 2017.

MURATORI, Matheus. Bolsonaro critica sindicatos em dia de atos pró-governo. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 2 maio 2021. Política. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/02/interna_politica,1262568/bolsonaro-critica-sindicatos-em-dia-de-atos-pro-governo.shtml. Acesso em: 6 maio 2022.

NEHER, Clarissa. "Nazismo de esquerda": o absurdo virou discurso oficial. **DW**, Bonn, 28 mar. 2019. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/nazismo-de-esquerda-o-absurdo-virou-discurso-oficial-em-bras%C3%ADlia/a-48060399. Acesso em: 5 abr. 2022.

NICOLAU NETTO, Michel; CAVALCANTE, Sávio. Futebol e capitalismo global: mercadorização do esporte e a formação de uma cultura neoliberal. *In*: GIGLIO, Sérgio Settani; WEISHAUPT, Marcelo Proni (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 232-254.

ORLANDO, Matheus Ramalho. **Torcida única no futebol paulista**: uma análise da cobertura da "Folha de S.Paulo" e do "O Estado de S. Paulo". 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2019. Disponível em: hdl.handle.net/11449/183287. Acesso em: 21 nov. 2022.

ORLANDO, Matheus Ramalho; NAPOLITANO, Carlo José; CABRAL, Raquel. Jornalismo esportivo para a cultura de paz: contribuições para aproximações teóricas. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 25, p. 520–539, 2022. DOI: 10.5216/ci.v25.68728. Disponível em: https://revistas.ufg.br/ci/article/view/68728. Acesso em: 28 fev. 2023.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares; SCHWARTZ, Gisele Maria. **“Não é só a torcida organizada”**: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol? 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

PEREIRA, Filipe. Bolsonaro ataca Camilo e diz que governadores do PT fizeram "algo de assombrar" na pandemia. **O Povo**, Fortaleza, 10 jan. 2022a. Política. Disponível em: https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2022/01/10/bolsonaro-ataca-camilo-e-diz-que-governadores-do-pt-fizeram-algo-de-assombrar-na-pandemia.html. Acesso em: 2 mar. 2022.

PEREIRA, Renan Rivaben. Resenha do livro “Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil”. **PerCursos**, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 324–330, 2022b. DOI: 10.5965/1984724623512022324. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/21392. Acesso em: 21 nov. 2023.

PEIXOTO, Sinara. Linha do tempo: a escalada da tensão entre STF e Bolsonaro em um mês. **CNN Brasil**, São Paulo, 5 ago. 2021. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/linha-do-tempo-a-escalada-da-tensao-entre-stf-e-bolsonaro-em-um-mes/. Acesso em: 2 mar. 2022.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas**: das charangas à guinada antifascista. Tese de Doutorado, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/214026. Acesso em: 21 nov. 2022.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. O sequestro dos estádios de futebol: a dimensão simbólica das novas arenas e a guinada antifascista transnacional nas torcidas. **Locus: Revista de História**, *[S. l.]*, v. 27, n. 1, p. 338–364, 2021. DOI: 10.34019/2594-8296.2021.v27.31064.

Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/31064. Acesso em: 21 nov. 2022.

PLACAR. Bolsonaro questiona presença de atletas transgêneros no esporte Leia mais em: https://placar.abril.com.br/esporte/bolsonaro-questiona-presenca-de-atletas-transgeneros-no-esporte/. **Placar**, 13 jan. 2020. Disponível em: https://placar.abril.com.br/esporte/bolsonaro-questiona-presenca-de-atletas-transgeneros-no-esporte/. Acesso em: 23 abr. 2022.

PONTES, Nádia. Corte de verba reforça desmonte da fiscalização ambiental. **DW**, Bonn, 25 abr. 2021. Brasil. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/corte-de-verba-refor%C3%A7a-desmonte-da-fiscaliza%C3%A7%C3%A3o-ambiental-no-brasil/a-57327500. Acesso em: 23 abr. 2022.

QUEIROZ, Vitória. 2 anos de covid: Relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia. **Poder 360**, 26 fev. 2022. Disponível em: https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/. Acesso em: 5 abr. 2022.

RESENDE, Leandro. No Datena, Bolsonaro volta a falar sobre salário de mulheres e homens. **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 23 abr. 2018. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/04/23/bolsonaro-datena/. Acesso em: 11 abr. 2022.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e política. *In*: GIGLIO, Sérgio Settani; WEISHAUPT, Marcelo Proni (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 25-43.

ROCHA, Camila. **"Menos Marx, mais Mises"**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019-174426/pt-br.php. Acesso em: 13 nov. 2023.

RONCHETE, Nathalia. Ciberativismo das torcidas antifascistas nas eleições de 2018: uma análise quantitativa. **FuLiA/UFMG**, *[S. l.]*, v. 6, n. 1, p. 6–27, 2021. DOI: 10.35699/2526-4494.2021.33221. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/33221. Acesso em: 27 fev. 2023.

ROTHBERG, Danilo. Enquadramentos midiáticos e sua influência sobre a consolidação de direitos de crianças e adolescentes. **Opinião Pública**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 407–424, 2014. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8641566. Acesso em: 9 fev. 2023.

ROUBICEK, Marcelo. Como o governo se apropria da criação do auxílio emergencial. **Nexo**, Rio de Janeiro, 12 jun. 2020. Expresso. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/06/12/Como-o-governo-se-apropria-da-cria%C3%A7%C3%A3o-do-aux%C3%ADlio-emergencial. Acesso em: 6 maio 2022.

SALINAS, Alex Iván Arévalo. Periodismo y comunicación para la paz. Indicadores y marco regulatorio. **Revista Comunicación y Ciudadanía Digital** – COMMONS, v. 3, n. 1, p. 57-92, 2014. Acesso em: 28 fev. 2023.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. Guerra e paz em Norbert Elias. **Sociologias plurais**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 6-21, fev. 2015. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/64708. Acesso em: 7 nov. 2023.

SANTOS, Anderson David Gomesdos. **Os direitos de transmissão do campeonato brasileiro de futebol**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz; HELAL, Ronaldo George. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. **Tríade: comunicação, cultura e mídia**, Sorocaba, SP, v. n. 7, p. 53-69. 2016. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2469. Acesso em: 21 nov. 2022.

SANTOS, Irlan Simões. **O clube no século XXI e o fator "supporter"**: estudos sobre poder, negócio e comunidade no futebol-espetáculo. Orientador: Ronaldo George Helal. 2022. 369 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/18471. Acesso em: 20 dez. 2022.

SCHMIDT, Thales. PMs não prestam contas a ninguém e passam por "bolsonarização", diz pesquisador e coronel. **MyNews**, 6 jun. 2021. Disponível em: https://canalmynews.com.br/mais/pms-nao-prestam-contas-a-ninguem-e-passam-por-bolsonarizacao-diz-pesquisador-e-coronel/. Acesso em: 30 jun. 2022.

SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michel. Como lidar com os fascismos hoje?. **Cadernos do Tempo Presente**, [S. l.], v. 11, n. 01, p. 03–15, 2020. DOI: 10.33662/ctp.v11i01.14132. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/14132. Acesso em: 10 jan. 2024.

SEMETKO, Holli; VALKENBURG, Patti. Framing European politics: a content analysis of press and television news. **Journal of Communication**, v. 50, Issue 2, jun. 2000, pg. 93-109.

SHINAR, Dov. Mídia democrática e jornalismo voltado para a paz. **Líbero**, ano XI, n. 21, 2008, p. 39-48. Disponível em: seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/596. Acesso em: 28 fev. 2023.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 1º semestre 2005. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830. Acesso em: 9 fev. 2023.

SILVEIRA, Daniel. Paulo Guedes compara funcionário público a 'parasita' ao defender reforma administrativa. **G1**, Rio de Janeiro, 7 fev. 2020. Economia. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/02/07/paulo-guedes-compara-funcionario-publico-a-parasita-ao-defender-reforma-administrativa.ghtml. Acesso em: 6 maio 2022.

SOARES, Alison Rodrigues; ZAGO, Luiz Felipe. Sócrates como conexão: futebol e política em páginas de torcidas antifascistas de futebol na rede social Facebook. *In*: Congresso de

Ciências da Comunicação na Região Sul, 20, 2019. **Anais** [...]. Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-1576-1.pdf. Acesso em: 09 jan. 2023.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro acena ao agronegócio e celebra redução em 80% das multas no campo. **Correio Braziliense**, Brasília, 17 jan. 2022a. Eleições. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/01/4978170-bolsonaro-acena-ao-agronegocio-anulamos-acoes-do-mst-e-liberamos-armas.html. Acesso em: 23 abr. 2022.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro critica ministros do STF: "Quem esses dois pensam que são?". **Correio Braziliense**, Brasília, 12 jan. 2022b. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/01/4976966-bolsonaro-critica-ministros-do-stf-quem-esses-dois-pensam-que-sao.html. Acesso em: 2 mar. 2022.

SOARES, Murilo Cesar. Análise de Enquadramento. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 199–213, 2020. Disponível em: https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2020-v4-n2-p199-213. Acesso em: 30 ago. 2022.

STANLEY, Jason. A democracia brasileira. **Quatro cinco um**, São Paulo, 30 abr. 2020a. Liberdade e Autoritarismo, Laut. Disponível em: https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/l/a-democracia-brasileira. Acesso em: 19 jan. 2022.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. 5. ed. Porto Alegre: L&PM, 2020b.

STOCHERO, Tahiane. TJ diz que Douglas Garcia podia discursar contra travestis usarem o banheiro feminino e dizer que "tiraria a tapa"; associação vê "discurso de ódio". **G1**, São Paulo, 25 ago. 2021. São Paulo. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/25/tj-diz-que-deputado-douglas-garcia-podia-fazer-discurso-no-plenario-contra-travestis-usarem-o-banheiro-feminino.ghtml. Acesso em: 23 abr. 2022.

STRUCK, Jean-Philip. Olavo de Carvalho, pioneiro das modernas fake news no Brasil. **DW**, Bonn, 25 jan. 2022. Brasil. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/an%C3%A1lise-olavo-de-carvalho-o-pioneiro-das-modernas-fake-news-no-brasil/a-60552270. Acesso em: 5 abr. 2022.

TAIAR, Estevão. Bolsonaro diz cogitar decreto para "toda e qualquer profissão voltar ao trabalho". **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 mar. 2020. Política. Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-diz-cogitar-decreto-para-toda-qualquer-profissao-voltar-ao-trabalho-1-24336772. Acesso em: 6 maio 2022.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**: Releituras. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Mortes esportivas e alegorias políticas: etnografando temores em torno dos esportes nação. **Anuário Antropológico**, *[S. l.]*, v. 44, n. 1, p. 253-284, 2019. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/25443. Acesso em: 8 nov. 2023.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.

TONINI, Marcel Diego. "Essa é uma realidade": os racismos vividos e narrados por negros em várias áreas de atuação no futebol brasileiro. *In*: GIGLIO, Sérgio Settani; WEISHAUPT, Marcelo Proni (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 740-759.

TRAVERSO, Enzo. Do Fascismo ao Pós-Fascismo. **Revista de Estudos e Pesquisas Sobre as Américas**, Brasília, v.13, n.2, p. 12-44, 2019. DOI: https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv13n2.2019.26801. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/26801. Acesso em: 26 out. 2021.

TV CULTURA. Torcidas paulistas confirmam presença em ato no MASP em defesa da democracia. **TV Cultura**, São Paulo, 9 jan. 2023. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/esporte/noticias/2023/01/09/4751_torcidas-paulistas-confirmam-presenca-em-ato-no-masp-em-defesa-da-democracia.html. Acesso em: 11 jan. 2023.

UOL. Bolsonaro critica cotas e nega dívida com negros: "não escravizei ninguém". **UOL**, São Paulo, 31 jul. 2018. Eleições 2018. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/07/31/bolsonaro-diz-que-pretende-reduzir-cortas-nunca-escravizei-ninguem.htm. Acesso em: 11 abr. 2022.

VARGAS, Eduardo. Bolsonaro sai em defesa da reforma trabalhista de Temer após críticas de Lula. **Suno**, São Paulo, 11 jan. 2022. Política. Disponível em: https://www.suno.com.br/noticias/bolsonaro-reforma-trabalhista-temer-empregos/. Acesso em: 6 maio 2022.

VALENTE, Rubens. Bolsonaro admitiu atos de indisciplina e deslealdade no Exército. **Folha de S.Paulo**¸São Paulo, 15 mai. 2017. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1884033-bolsonaro-admitiu-atos-de-indisciplina-e-deslealdade-no-exercito.shtml#article-aside. Acesso em: 26 jan. 2021.

VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte e sociedade em escritos de Roberto Damatta. *In*: GIGLIO, Sérgio Settani; WEISHAUPT, Marcelo Proni (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 203-219.

WERNECK, Natasha. Veja vídeo: Bolsonaro defendeu tortura para quem fica em silêncio em CPI. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 18 maio 2021. Política. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/18/interna_politica,1267678/veja-video-bolsonaro-defendeu-tortura-para-quem-fica-em-silencio-em-cpi.shtml. Acesso em: 23 abr. 2022.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – Links de acesso às planilhas que contêm as análises realizadas nos jornais e nas páginas de torcedores

Planilha da *Folha de S.Paulo*: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1xmbGoAySMKyiKMpZ4AKGoWswLP2IPovhxUB4e-17sGY/edit?usp=sharing.

Planilha do *O Estado de S. Paulo*: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1KJlGdPY8Oi9HR2X9m2UZXHjfQPAtUFpCt2AFgC88gAA/edit?usp=sharing.

Planilha da página Palmeiras Antifascista: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1DzTy3Q-LhtNIVoM7V3garHv5jW0EseqhM3GnTG8Wxr4/edit?usp=sharing.

Planilha da página Coletivo Democracia Corinthiana: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1umnUmeY5pWITKuAyk15cvCDvRRr2JLqLhx4TTL-s3Lg/edit?usp=sharing.

## APÊNDICE B - Entrevistas

### Entrevista com Renato Daniel, membro do coletivo Palmeiras Antifascista

**Para você, qual é a importância de um grupo de torcedores se juntar em um coletivo de ideologia antifascista?**

Política e futebol era algo que não se misturava, nossa página foi uma das pioneiras neste assunto e somos um dos primeiros coletivos organizados no Brasil. A importância de existir coletivos como o nosso é a política estar onde a população está. Até em um espaço que é considerado lazer para muitos, a discussão política existe e é necessário atuar.

**Algumas pessoas, inclusive torcedores de todos os clubes, rejeitam a mescla entre futebol e política. Como responder a isso?**

Não nos importamos, não damos atenção a essas pessoas. Normalmente quem fala que política e futebol não se misturam é conversador e não quer ver transformações reais na sociedade.

**Por outro lado, o clubismo parece ser um entrave para que determinados torcedores de equipes diferentes atuem em conjunto, ainda que as pautas e demandas sejam muito parecidas. Como você avalia essa questão?**

O clubismo é algo inerente ao futebol, mas todos que participam do futebol tem amigos ou familiares torcedores de outro clube. Nosso papel é entender isso e atuar levando em consideração isso.

**A Palmeiras Antifascista é bastante ativa nas redes sociais, principalmente no Facebook. Quais os objetivos desse trabalho? É feito um planejamento estratégico sobre o posicionamento nas redes ou as pautas surgem de maneira mais espontânea? E como você avalia os resultados disso?**

Nós temos duas convicções, que o Palmeiras é a nossa vida e que a política tem um papel transformador na vida das pessoas. Quando iniciamos a nossa atuação, percebemos o quanto era distante a política de uma das identidades mais importantes da cultura popular brasileira, o futebol. Nosso trabalho nas redes sociais é mostrar que futebol também está envolto na discussão política e que é necessário discutir sobre isso para mudar o que chamamos hoje de futebol capitalista, que exclui a população abastada deste fenômeno popular. Outra atuação necessária é o resgate da memória, muitas pessoas não têm acesso à verdadeira história do nosso

povo. Um povo sem memória é um povo sem identidade e sem possibilidade de construção de uma transformação social. Atualmente somos muito atuantes no Facebook pois o Instagram, nosso principal canal de comunicação e de venda de materiais de propaganda e agitação, deletou a nossa conta no período das eleições do ano passado. Estávamos em constante campanha contra o Bolsonaro. Existe um processo sendo julgado contra Meta rolando e esperamos que tenhamos um retorno positivo, toda a argumentação está ao nosso favor, mas sabemos o poder político que esse tipo de empresa tem no judiciário

**Na grande imprensa, as torcidas antifascistas costumam ser citadas somente em momentos mais agudos e quando a repercussão é inevitável, como os protestos contra Jair Bolsonaro, apesar de esses coletivos serem anteriores ao governo do ex-presidente e de defenderem várias pautas progressistas, sendo atuantes em diversos contextos. Assim, como você avalia a cobertura da grande imprensa a respeito das torcidas antifascistas?**
No próximo ano a Palmeiras Antifascista (P16) completará 10 anos de atuação, a grande mídia só vai dar visibilidade para as nossas ações quando for do interesse dos grandes veículos de comunicação. Não nos importamos com elas. Nosso papel é construir alternativas, inclusive para o que está sendo proposto por elas. O ato das torcidas criou uma popularização do antifascismo, vamos continuar lutando por alternativas e pela superação do sistema capitalista e suas formas de opressão

**A respeito dos valores citados na pergunta acima, que estão bastante relacionados à ideologia antifascista: a grande imprensa pode ser uma aliada? De que maneira?**
A grande mídia deve ser usada quando possível, da mesma forma que usará a nossa atuação quando for do interesse dela.

**Gostaria de fazer algum outro comentário sobre o assunto? Fique à vontade para se posicionar da maneira que desejar.**
Primeiramente gostaríamos de agradecer o espaço para falarmos sobre o tema. Gostaríamos de informar, que no próximo ano vamos realizar uma festa de 10 anos da nossa história de atuação e que estão todos convidados. Nossa luta é contra a sociedade capitalista e que toda a luta que é construída hoje tem reflexo na próxima geração. Estamos construindo um novo futuro para os povos, e que apesar do inimigo parecer intocável, sabemos de suas fraquezas e que vamos nos levantar contra ele e superá-lo ideologicamente e da forma que for necessário quando chegar a hora. Gostaríamos também de lembrar que a mesma bala que está matando na Palestina

é a que mata nossa juventude nas periferias, e que devemos apoiar toda a resistência do povo palestino irrestritamente.

---

**Entrevista com Deyvid Leite, membro do Coletivo Democracia Corinthiana**

**Para você, qual é a importância de um grupo de torcedores se juntar em um coletivo de ideologia antifascista, como é o caso do Coletivo Democracia Corinthiana?**
Somos, acima de tudo, corinthianxs. Um time que tem história, desde sua fundação, de estar sempre na luta, na defesa de todas as pessoas. E, por conta disso, absorvemos essa figura de defender a todos. E ser antifascista foi uma consequência de toda a nossa luta.

**Algumas pessoas, inclusive torcedores de todos os clubes, rejeitam a mescla entre futebol e política. Como responder a isso?**
Os torcedores precisam entender que tudo é política. No nosso dia a dia, em todas as ações. E não poderia ser diferente em relação ao futebol. Mesmo sabendo que eles rejeitam esse cruzamento de futebol e política, nós sempre vamos mostrar a importância do futebol para a sociedade. E, nessa luta, mostrar que ele pode reivindicar muito mais, dentro das torcidas.

**Por outro lado, o clubismo parece ser um entrave para que determinados torcedores de equipes diferentes atuem em conjunto, ainda que as pautas e demandas sejam muito parecidas. Como você avalia essa questão?**
Isso se restringe às torcidas organizadas. Se formos discutir os coletivos de torcedores, pensamos ao inverso, se pudermos unir os coletivos de torcedores, podemos trabalhar muito mais a politização dos torcedores de futebol.

**O Coletivo Democracia Corinthiana é bastante ativo nas redes sociais, principalmente no Facebook. Quais os objetivos desse trabalho? É feito um planejamento estratégico sobre o posicionamento nas redes ou as pautas surgem de maneira mais espontânea? E como você avalia os resultados disso?**
Precisamos de engajamento para nossas ações. Não temos, nas redes sociais, um planejamento. Atuamos muito com o que acontece no dia a dia. Ou, nas efemérides, onde lembramos de datas importantes, como a Revolução Cubana, a Revolução Russa, e claro, datas relacionadas ao Corinthians.

**Na grande imprensa, as torcidas antifascistas costumam ser citadas somente em momentos mais agudos e quando a repercussão é inevitável, como os protestos contra Jair Bolsonaro, apesar de esses coletivos serem anteriores ao governo do ex-presidente e de defenderem várias pautas progressistas, sendo atuantes em diversos contextos. Assim, como você avalia a cobertura da grande imprensa a respeito das torcidas antifascistas?**
Pífia. Como dito, somos lembrados quando há um evento muito importante. Mas mesmo assim, nos fazemos ser lembrados em grandes atos, como quando levamos uma faixa para a Avenida Paulista, com a cara de demônio do Bolsonaro. A repercussão foi muito grande e saíram fotos nas redes da grande imprensa, e também da imprensa alternativa de esquerda.

**Coletivos e movimentos sociais são, algumas vezes, criticados por serem demasiadamente "utópicos" na defesa de suas bandeiras. O Coletivo Democracia Corinthiana, por exemplo, fala bastante sobre cultura de paz, um conceito que eu mesmo uso na minha tese de doutorado, além de justiça social, valores de igualdade e melhorias dentro do próprio universo futebolístico (preços dos ingressos, democratização nos clubes, transparência etc). Esses valores são mesmo utópicos?**
Quem está nas ruas e não tem uma utopia não tem um rumo. Por isso, sempre levamos para as pessoas, nossas bandeiras, como a ampliação da Neo Química Arena (já vem sendo discutido), a diminuição do valor do ingresso, para que o verdadeiro torcedor possa voltar ao estádio, e claro, um mundo com mais justiça. Não podemos ver a utopia como algo inalcançável.

**A respeito dos valores citados na pergunta acima, que estão bastante relacionados à ideologia antifascista: a grande imprensa pode ser uma aliada? De que maneira?**
A grande imprensa só se mexe se a repercussão for muito grande. Portanto, ela não é uma aliada. Trabalhamos e batalhamos muito, para que a imprensa progressista (Diário do Centro do Mundo, Fórum, Rede Democracia, Blog Da Cidadania, entre outros), se uma cada vez mais e assim, possa ser mais eficaz no trabalho de levar notícias progressistas.

**Gostaria de fazer algum outro comentário sobre o assunto? Fique à vontade para se posicionar da maneira que desejar.**
O mundo futebolístico é altamente conservador, e isso reflete bastante nos torcedores. E isso acontece muito, também, nas torcidas organizadas, que são muitas vezes ligadas a pessoas de direita, nada progressistas. E é importante ressaltar, como exemplo, que dentro do próprio

Corinthians há membros do Conselho que são extremamente conservadores, até muito agressivos. Como exemplo, uma conselheira do Corinthians foi agredida verbalmente após contestar as ações de um conselheiro vitalício. Ele disse “se ficar me enchendo o saco, bato mesmo”.  E um outro conselheiro, negro, foi xingado pelo mesmo conselheiro, que fez ofensas racistas. Não sei te dizer o desdobramento desses casos, mas o conselheiro continua lá.